
Romanos

Exposição sobre Capítulos 7:1 a 8:4

**A LEI:
SUAS FUNÇÕES E SEUS LIMITES**

D. M. Lloyd-Jones



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Caixa Postal 1287

01059-970 – São Paulo – SP

Título original:

The Law: Its Functions and Limits

Editora:

The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:

1973

Copyright:

D. M. Lloyd-Jones

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Revisão:

Antonio Poccinelli

Capa:

Sergio Luiz Menga

Permissão gentilmente concedida pela Banner of Truth Trust
para usar a sobrecapa da edição inglesa

Primeira edição em português:

2001

Impressão:

Imprensa da Fé

ÍNDICE

Prefácio	11
1	15
A correta abordagem de um capítulo controvertido – o propósito do capítulo – vista panorâmica – a relevância do ensino – três erros cometidos pelos cristãos.	
2	30
A Lei em geral, abordagem indireta – o casamento, uma figura da relação do incrédulo com a Lei – quatro motivos para a escolha dessa ilustração – a natureza da nossa morte para a Lei.	
3	48
Uma definição geral da vida cristã – uma mudança radical – as provas da vida – a centralidade de Cristo – o corpo de Cristo, crucificado e ressurrecto.	
4	64
A união com Cristo em Sua morte para a Lei – o antigo marido e o novo – lealdade ao novo marido – uma relação indissolúvel.	
5	80
O privilégio do nosso casamento – as nossas posses em Cristo – Seu amor e cuidado – fruto, o propósito da união.	

6	96
A necessidade da mudança – a vida na carne – paixões e cobiças – o poder positivo do pecado – a futilidade da moralidade.	
7	115
A completude* da mudança para todos os cristãos – nosso livramento do controle da Lei – a meta da nossa libertação – a nova escravidão – letra e espírito.	
8	131
Sete diferenças singulares entre a velha vida e a nova – o exterior e o interior – entendimento – letra e espírito – motivo – liberdade – poder – progresso rumo à glória.	
9	148
A vindicação da Lei – a “obra” preliminar da Lei – as cobiças e o pecado – o décimo mandamento e o conhecimento que Paulo tinha do pecado.	
10	162
O pecado como poder – a Lei utilizada como fulcro (como centro de interesses) – o senhor de escravos – o agravamento da ilegalidade (do desrespeito à Lei) – conclusões práticas.	
11	177
Análise da sua experiência pessoal – o pecado adormecido – a “vinda” da Lei – morre a auto-confiança – o teste da nossa reação à Lei.	
12	196
A Lei e a vida – a Lei e a morte – diagnóstico das condições morais do país – o uso pecaminoso da Lei para enganar – o obscurecimento da mente.	

* Neologismo que deliberadamente assumi a partir de 1996.

13	214
A santidade e a bondade da Lei – a exposição da gravidade maligna do pecado – a experiência de Paulo sob a convicção de pecado – a ocasião dessa experiência.	
14	232
Três interpretações dos versículos 14 e seguintes – o método indutivo – análise geral da seção – o tema continua sendo a função da Lei – mudança do tempo verbal – o sentido de “carnal”.	
15	248
A frase-chave – as implicações de “vendido sob o pecado” quanto aos diversos conceitos – versículo 15, descrição de toda a sua vida – derrota, fracasso e regeneração.	
16	263
Inferências lógicas – uma declaração ousada – uma complicada descrição da dualidade – confissão, não escusa – o pecado frustrando a Lei.	
17	278
A lei da sua experiência diária – o homem interior e os membros – uma lei diferente – várias interpretações de “cativeiro” – um angustiado grito de derrota.	
18	293
Uma interjeição de louvor – consideração geral da passagem – comparação com outras passagens aparentemente similares – Gálatas, capítulo 5; 1 Coríntios capítulo 9, etc., mostram vitória, não derrota.	
19	310
A descrição que Paulo faz do homem regenerado, incompatível	

com esta passagem – considerados outros escritores – algumas tentativas de conciliação – a teoria da segunda bênção – conclusão.

20 335

A conexão do capítulo 8 com o capítulo 5 – esboço do capítulo – desenvolvimento do tema enunciado no versículo primeiro.

21 349

O tema é justificação, não santificação – não mais condenação – união com Cristo, garantia da nossa glorificação final.

22 363

Questões de tradução – uma interpretação errada em termos de santificação – prova de que “a lei do pecado e da morte” faz parte da Lei de Deus – a lei do Espírito e o reinado da graça.

23 381

O gozo da segurança – o impossível da Lei – refutada a interpretação do Dr. Hodge – justiça concedida bem como imputada.

24 397

O desamparo do homem – a salvação que vem de Deus – a filiação eterna de Cristo – o segundo Homem, a garantia da nossa salvação.

25 410

A realidade da encarnação – a impecabilidade de Cristo – o nascimento virginal e “a imaculada concepção” – as debilidades da natureza humana de Cristo – a necessidade de Sua vinda como homem.

26	428
Uma oferta pelo pecado – o perfeccionismo não é ensinado aqui – a morte de Cristo e a justiça concedida – não se deve separar a justificação da santificação.	
27	443
O teor geral da vida cristã – diferentes aparências do andar na carne – a direção do Espírito – uma falsa divisão entre os cristãos – santidade e segurança.	
Apêndice	461
Testemunho puritano	

PREFÁCIO

Este volume trata do que indubitavelmente é um dos capítulos mais controvertidos da Bíblia. Seja qual for o conceito que se possa formular com base nele, inevitavelmente leva à crítica e à discordância. Isso, por sua vez, ajuda a explicar grande parte da dificuldade a seu respeito. O perigo é abordá-lo partindo de uma posição ou tradição obstinada com a determinação de defendê-la a todo custo. O preconceito é um dos maiores inimigos da verdadeira exposição.

Como eu vejo a questão, e como a explico ao longo da minha exposição, a maior causa de dificuldade é a pessoa ficar obcecada pelo chamado “homem do capítulo 7 de Romanos” e, conseqüentemente, abordar o capítulo inteiro do ponto de vista da experiência cristã. Fazer isso é não captar o tema real e o objetivo central do capítulo e o propósito da Lei dada por Deus mediante Moisés aos filhos de Israel. Este capítulo é, sem dúvida, o “locus classicus” do conceito cristão sobre a Lei, especialmente do conceito de Paulo. Esse ponto evidentemente era crucial no sentido evangelístico, no tempo do apóstolo, e também do ponto de vista da necessidade de resolver a tensão entre judeu e gentio na Igreja Primitiva. Também é vitalmente importante para o entendimento de como a Bíblia veio a existir, e quanto à razão pela qual uma igreja mormente gentílica incorporou a sua nova literatura no Velho Testamento. Recentemente notei com interesse que o Professor von Campenhausen, em sua obra *The Formation of the Christian Bible*, 1967 (A Formação da Bíblia Cristã – tradução inglesa publicada por A & C Black, Londres, 1972), chega ao ponto de dizer que a

Bíblia jamais seria possível, não fosse o conceito da Lei aqui ensinado pelo apóstolo Paulo.

Fiquei muito animado também com uma resenha publicada no *Westminster Theological Journal* (Jornal Teológico de Westminster) de um livro escrito pelo professor H. N. Ridderbos, da Universidade de Kampen, Holanda, que me deu a idéia de que o professor Ridderbos tem o mesmo conceito que eu tenho. Eu tinha resolvido esperar que a tradução inglesa dessa obra, feita pelo Dr. J. R. de Witt, fosse publicada para que eu pudesse citá-la, mas, como vi algumas folhas das provas, pela bondade do Dr. De Witt, confirmou-se em mim a impressão que me fora dada pela resenha da edição original holandesa.

Mais uma vez não me desculpo pela repetição. O texto a exige – deve ser dado pleno peso a cada declaração, e nada deve ser omitido ou considerado por alto no interesse de uma teoria. Faço um pedido aos meus leitores: se a tese que vou defender não os convencer, peço que suspendam o julgamento final até que seja publicado o próximo volume, especialmente enquanto não lerem a exposição do capítulo 8 naquele volume.

Decidi incluir neste volume os versículos 1 a 4 do capítulo 8 porque, embora o versículo primeiro desse capítulo comece uma nova seção, os quatro versículos iniciais me parecem primariamente um sumário do argumento anterior, e, portanto, lançam muita luz sobre ele.

A exposição mostrará claramente que o tema deste volume não é um simples e fascinante problema teológico ou intelectual, e sim, uma questão de vital importância para a experiência cristã e para a saúde, o bem-estar e o vigor da Igreja. Terminar a leitura de Romanos, capítulo 7, numa condição deprimida é não entendê-lo; ir a ele como um meio de obter consolo em tal estado de depressão, ou como uma justificativa para esse estado, é perverter o ensino do apóstolo, como eu o entendo.

Rogo, pois, que se faça uma leitura paciente e cuidadosa; e espero que, sob a bênção de Deus, este volume liberte muitos

do “espírito de escravidão para outra vez estarmos em temor”, levando-os a terem uma experiência com “o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai”.

Estes sermões foram pregados nas noites de sexta-feira na Capela de Westminster, Londres, durante o período de abril de 1959 a fevereiro de 1960, havendo um intervalo durante os meses de verão de 1959.

Como aconteceu com os volumes anteriores, devo muito à Sra. E. Burney, ao Sr. S. M. Houghton e aos editores, por seu bondoso e gracioso auxílio. Eles de modo algum são responsáveis pela conceituação apresentada. Como sempre, minha esposa foi o melhor crítico construtivo quando estes sermões estavam sendo pregados, e me deu grande incentivo durante o trabalho de prepará-los para sua publicação.

Setembro de 1973

D. M. Lloyd-Jones

1

“Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo em que vive?”

– Romanos 7:1

Este capítulo 7 é um dos famosos capítulos da Epístola aos Romanos, e, na verdade, da Bíblia toda. Qualquer pessoa que tenha algum conhecimento da doutrina e da teologia cristãs terá falado e discutido muitas vezes sobre este capítulo. Talvez nenhum outro capítulo tenha sido mais vezes causa de discussão, debate e argumentação. É por isso que muitas pessoas o conhecem melhor do que o capítulo 6, mas, se eu fosse compelido a comparar estes dois capítulos um com o outro, eu diria que o capítulo 6 é mais importante que o capítulo 7. Entretanto isso não importa.

Muitos estão familiarizados com este capítulo 7 por causa da troca de argumentos que geralmente se dá com relação à parte final, que vai do versículo 13 ao fim do capítulo. O grande ponto de discussão é quanto ao que exatamente Paulo está dizendo ali. Estaria ele se descrevendo como era então, ou como fora no passado? Seria a descrição de um homem anterior à sua conversão, ou posterior? Esse é o assunto da grande argumentação.

Permitam-me dizer agora, logo no início, que terei bem pouca coisa a dizer sobre isso, porque, como eu a entendo, essa não é a questão mais importante deste capítulo. Descobriremos a interpretação correta se abordarmos o capítulo todo de maneira correta. A abordagem errônea, como há pouco indiquei, é correr apressadamente através dos primeiros

versículos para chegar logo à parte final. Muitos que não conseguem entender a parte final não a entendem justamente porque nunca entenderam a primeira parte. O apóstolo Paulo tinha mente sobremodo lógica. Ele sempre caminha passo a passo. Segue-se, pois, que, em sua argumentação, é muito perigoso isolar ou extrair um ou outro versículo ou parágrafo. Por isso é muito importante, ao passarmos a considerar o ensino deste capítulo, que nos lembremos de como ele o iniciou. Como foi que ele veio a escrevê-lo? Que é que ele está tentando fazer ao escrevê-lo?

Começo, pois, lembrando a vocês a conexão, o contexto. Os capítulos 6 e 7 desta Epístola, ao que me parece – e como vimos quanto ao capítulo 6 – devem ser considerados como um parêntese. A exposição que o apóstolo faz da grande doutrina da redenção, o conteúdo de maior impacto do seu argumento, vai direto do capítulo 5, versículo 21, ao capítulo 8, versículo primeiro, ou talvez até o capítulo 8, versículo 5. Os capítulos 6 e 7 são um parêntese no qual o apóstolo afasta-se da sua rota a fim de esclarecer certas dificuldades que ele sabia que surgiriam na mente dos leitores desta sua carta em Roma, e que já tinham surgido na mente de muitos cristãos noutras igrejas. Essas dificuldades decorrem da tremenda declaração que Paulo faz no fim do capítulo 5, versículos 20 e 21. “Veio, porém, a lei”, diz ele, “para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. Essa é a declaração fundamental que encerra o argumento do capítulo 5, principalmente os versículos 12 a 19. Ali Paulo trata da nossa incorporação em Cristo e explica que agora somos para Cristo o que outrora éramos para Adão, e que, por conseguinte, o nosso futuro é certo e está garantido porque “onde o pecado abundou, superabundou a graça”, e, “assim como o pecado reinou na morte (ou, para a morte) também a graça (reinará) pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”.

O apóstolo imediatamente toma consciência do fato de que essa declaração está sujeita a grave erro de entendimento, de que na verdade já estava sendo mal entendida. No capítulo 3 ele já havia dito que estava sendo injuriado com calúnia como se estivesse dizendo certas coisas (versículo 8). Frequentemente lhe faziam injustiça falseando suas palavras dessa maneira. Também nós temos procurado lembrar-nos de que, se a nossa pregação não nos expõe a esses ataques mentirosos, a probabilidade é de que não estamos pregando realmente o evangelho. Ninguém foi tão caluniado como Martinho Lutero, que, sob a direção do Espírito Santo, redescobriu a grande verdade que levou à Reforma Protestante. Ele era constantemente exposto a toda espécie de declarações falsas, tanto com relação ao seu ensino como com relação à sua vida pessoal. Qualquer pessoa que pregue fielmente a doutrina da justificação pela fé será mal compreendida. Isso por causa do estonteante caráter dessa grande doutrina.

O apóstolo logo vê que havia a probabilidade de que lhe fossem feitas duas graves acusações. A primeira era a acusação de antinomismo, a acusação de que ele estava dizendo mais ou menos isto: “Viva como quiser, peque quanto quiser. Tudo está bem; a graça cuidará de você e cobrirá todo o seu pecado”. Ele se ocupa dessa acusação no capítulo 6: “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?” Nos primeiros capítulos sobre esse texto vimos que ele refuta completamente esse argumento. Ele faz isso nos versículos 1-13 do capítulo 6, onde afirma que o efeito da graça abundante não é o pecado, mas sim a justiça, a retidão. No entanto depois, no versículo 14, diz ele que “o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”, e aí também ele sabe que será mal compreendido e que as pessoas dirão: “Pois quê? Pecaremos porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça?” Ele refuta isso também, e de maneira terminante e incontestável no restante do capítulo 6. Ele demole essas sugestões falsas; ele prova que o efeito da graça

abundante, longe de estimular o pecado, visa à morte do pecado e leva à santidade, à justiça e à glória na presença de Deus. Na verdade, ele prova que toda a finalidade da graça é promover a santidade, porque o propósito da graça é fazer-nos santos, inculpáveis e perfeitos na presença de Deus.

Contudo ainda há outro problema do qual tratar, porque no fim do capítulo 5, versículos 20 e 21, ele não somente havia feito declarações acerca da graça, mas também se referira ao lugar e à função da Lei. Isso também, tendo sido mal compreendido, levou à segunda acusação que estava sendo movida contra o apóstolo, a saber, que a sua pregação da justificação somente pela fé e da nossa união com o Senhor Jesus Cristo parecia eliminar totalmente a Lei e toda idéia de lei, nos procedimentos de Deus para com a raça humana. Pois bem, não admira que as pessoas digam isso, porque Paulo tinha empregado uma frase um tanto audaz acerca da Lei no versículo 20 do capítulo 5. “Veio, porém, a lei”, disse ele; e nós o parafraseamos dizendo: “A lei entrou, não na linha principal, mas, por assim dizer, pelas laterais”. Paulo sabia que as pessoas de mentalidade legalista e de antecedentes judaicos estariam inclinadas a dizer: “Você não deve falar desse jeito da Lei, não deve falar da Lei como algo que corre por fora. Não seria isso menosprezar a grandeza e a glória da Lei? Não seria virtualmente sugerir que a Lei é uma coisa mais ou menos indiferente?” É porque o apóstolo sabia que a sua frase estava sujeita a ser mal compreendida que ele dedica este capítulo 7 a uma explanação e explicação do que ele quis dizer com aquela forma de expressão.

Depois, o apóstolo tinha repetido essa declaração, talvez em termos mais fortes, no versículo 14 do capítulo 6. Ao concluir o seu primeiro argumento no capítulo 6, ele tinha dito: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós”, e aqui está o seu motivo para dizer isso: “pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. Ele parece gloriar-se nesse fato. Parece que ele está dando outro golpe na Lei. Ele já a tinha

derrubado, digamos, no capítulo 5, versículo 20; agora pisa nela. Imediatamente os seus opositores pegam seus cacetes e dizem: “Certamente essas declarações são muito erradas e muito perigosas; o certo é que, se você vai ab-rogar a Lei e eliminá-la completamente, estará acabando com toda a garantia de uma santa e reta conduta e comportamento. É impossível a santificação sem a Lei. Se você tratar a Lei desse modo e se descartar dela, e ainda por cima alegrar-se por fazer isso, acaso não estará encorajando a ilegalidade, e não estará pouco menos que incitando o povo a viver pecaminosamente?” A Lei, eles acreditavam, era a grande garantia de um viver santo e da santificação. É evidente que o apóstolo precisa salvaguardar sua pessoa, bem como a verdade do evangelho, contra esse entendimento errôneo e essa acusação em particular.

Pois bem, é precisamente esse o propósito deste capítulo 7. É explicar o que ele quer dizer quando afirma que a Lei veio como que por fora, e que se regozija no fato de que não estamos “debaixo da lei, mas debaixo da graça”. Este capítulo 7 é uma exposição ou explicação expandida dessas duas declarações, ou, para dizê-lo mais positivamente, seu propósito é mostrar-nos a função e o intento da Lei dada por Deus, mediante Moisés, aos filhos de Israel.

Mas o apóstolo tem mais um objetivo em vista, a saber, mostrar que a santificação pela Lei é tão impossível como a justificação pela Lei. O tema dos quatro capítulos iniciais da Epístola é que o pecador nunca pode ser justificado pela Lei. Ele já tinha resumido isso numa grande declaração no capítulo 3, versículo 20: “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei”. Aí está a afirmação categórica. Agora, ei-lo aqui praticamente dizendo no capítulo 7: “Por isso nenhuma carne será santificada diante dele pelas obras da lei”. Como é impossível ser justificado pela Lei, é igualmente impossível ser santificado pela Lei. Como veremos mais adiante, ele se expressa fortemente, ao ponto de dizer que, não somente o homem não pode ser santificado pela Lei, mas é de

fato certo dizer que a Lei é um obstáculo para a santificação e que agrava o problema da santificação. Essa é a tese deste capítulo 7. Não somente o homem não pode ser santificado pela observância da Lei; a Lei é até um empecilho e um obstáculo para a santificação. Essa é a tese geral, a proposição fundamental que ele se dispõe a provar; devemos tê-la firme em nossa mente.

Ao passarmos a seguir o minucioso desdobramento da referida proposição, dividimos o capítulo em três partes. Em nenhum outro lugar é mais importante que olhemos panoramicamente o capítulo, antes de passarmos aos detalhes, do que nesta passagem. É fácil ficarmos confusos e perdidos nalgumas das exposições detalhadas, se deixarmos de ter em mente o que basicamente Paulo está dizendo a seus leitores. A primeira divisão consiste dos versículos 1 a 6. Temos aí uma exposição na qual o apóstolo define a nossa relação como crentes com a Lei. Ao mesmo tempo, ele mostra por que a mudança em nossa relação com a Lei é absolutamente essencial para a nossa santificação, como foi para a nossa justificação. O versículo chave nesta seção é o versículo 4; é um texto crucial. Diz ele: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo”. Por quê? “Para que sejais doutro, daquele que ressuscitou dentre os mortos.” Mas por que você deve estar unido como que matrimonialmente a Ele? Por que devo estar unido a alguém e, em particular, a Cristo? Eis a resposta – “a fim de que demos fruto para Deus”. Esse é o verdadeiro assunto, a questão de vital importância. O que interessa ao apóstolo é a produção desse fruto para Deus; e sua tese no capítulo todo é que você jamais poderá produzir fruto para Deus, enquanto estiver ligado à Lei, casado com a Lei. Há somente um modo de produzir fruto para Deus: estar casado com o Senhor Jesus Cristo. Essa é a tese de Paulo! Nos versículos 1 a 6 ele o diz em termos gerais. Como crentes, qual é a nossa relação com a Lei? Não é a que foi outrora; houve mudança. Ele nos diz como foi que isso aconteceu, e qual o propósito

disso tudo. Jamais poderíamos produzir fruto para Deus, se aquela relação não tivesse sido mudada e não tivéssemos entrado numa nova relação. Essa é a primeira parte.

A segunda parte vai do versículo 7 ao versículo 12, e é uma vindicação da Lei. “Que diremos pois?” Se aquela primeira exposição está correta, alguém irá dizer: “Muito bem, quer dizer que a Lei é pecado”. “Que diremos pois? É a lei pecado?” Eis a resposta: “De modo nenhum”; e o apóstolo prossegue na vindicação da Lei, até ao versículo 12, vindicando-a pelo que ela é e mostrando que não é a Lei que é responsável por nossa falta de fruto, porém que o problema está em nós mesmos. Nos termos em que ele tinha feito a exposição da questão na primeira parte, um leitor desatento poderia tirar aquela dedução tola e errônea e dizer: “Ora, então, havia algo de errado com a Lei, se é que ela não podia fazer-nos produzir fruto para Deus”. “Não! exclama Paulo,” a dificuldade não está na Lei; está em vocês.” Assim ele nos oferece esta grande vindicação, esta grande defesa da Lei. A Lei foi dada por Deus; portanto, o problema não pode estar na Lei; só pode estar em nós. Mais tarde ele dirá algo parecido numa grande asserção registrada no capítulo 8, versículo 3, quanto ao que “era impossível à lei”. Por que lhe era impossível? Porque “estava enferma pela carne”. A enfermidade ou fraqueza não estava na Lei, mas em nós; a Lei estava enferma “pela carne”. É isso que Paulo explica nos versículos 7-12. O capítulo 8, versículo 3, é apenas um sumário do tema sobre o qual ele argumenta aqui.

A terceira e última parte do capítulo consiste dos versículos 13-25. Nada mais é que uma explicação, de maneira prática e experimental, da exposição que ele tinha feito nas duas primeiras partes. O apóstolo quer que fiquemos bem conscientes da verdade e por isso a declara como um princípio geral; ele procura mostrar qual seria a nossa situação, se ainda estivéssemos debaixo da Lei. Ele mostra que a nossa santificação seria completamente impossível naquela condição, e, com uma palavra final, apresenta-nos a única esperança nesse

aspecto – “Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”.

Aí está, sugiro-lhes, a linha geral do conteúdo deste famoso capítulo. Noutras palavras, a tarefa do capítulo 7 é repetir e reaplicar o que ele dissera tão grandiosamente no capítulo 5, versículo 10, onde lemos: “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” – completamente salvos, salvos inteiramente, plenamente santificados e perfeitamente glorificados. Como? Na vida de Jesus Cristo. É o único meio; nenhuma outra coisa pode fazê-lo. O apóstolo repete isso aqui, no capítulo 7, versículos 24 e 25: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”.

Como indicamos anteriormente, os versículos 12 a 21 do capítulo 5 são apenas uma explicação da declaração fundamental que lemos no versículo 10 do capítulo 5. E, à medida que formos percorrendo este capítulo, veremos que Paulo repete bom número de coisas que tinha dito no capítulo 6, especialmente mais para o fim desse capítulo, onde ele introduziu a noção de produção de fruto. No versículo 21 do capítulo 6 ele pergunta: “E que fruto tínheis então das coisas de que agora vos envergonhais? Porque o fim delas é a morte. Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna. Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor”. O que ele demonstra neste capítulo 7 é que há só um meio de produzir fruto para Deus, e esse meio é estar casado com o Senhor Jesus Cristo, estar unido a Ele. Estar casado com a Lei significa “fruto para a morte”. Há somente uma maneira de produzir “fruto para Deus” e para a vida, e essa maneira é estar casado, estar unido ao Senhor Jesus Cristo. O apóstolo passa a provar isso. Ele o faz demonstrando que a Lei não pôde fazer isso, e que Cristo pode. Esse é o tema deste capítulo 7.

Ao mesmo tempo veremos que este é um capítulo

admirável em certos aspectos. É, sem dúvida, de toda as Escrituras, a mais profunda análise do pecado, como também dos meios do pecado e dos seus resultados. Não há nenhuma exposição mais profunda sobre o pecado, do que ele é e de como age, do que aquela que se encontra aqui. É de fato incomparável, nesse aspecto. É também uma vigorosa explanação a respeito da função da Lei e do lugar da Lei na vida do crente. É também a mais grandiosa exposição, de toda gama de exposições contidas nas Escrituras, sobre a impotência final da Lei no que se refere à salvação. Logo, devemos manter-nos atentos a isso. Agindo assim, veremos ainda que este capítulo é, inquestionavelmente, a mais excelente demonstração da total futilidade da posição daqueles que acham que a moralidade, sem mais nada, é suficiente. Mostra a completa futilidade em acreditar só na moralidade ou na ética, repudiando a doutrina cristã da salvação. Em nenhuma outra parte se vê uma exposição que arrase tão completamente essa posição como a do capítulo 7 de Romanos.

É, pois, um capítulo muito necessário atualmente. Somos confrontados hoje em dia por muitos que assumem uma posição muito superior como se fossem grandes intelectos, grandes homens. Não estão mais interessados na doutrina cristã. Claro que não! Eles não acreditam no miraculoso e no sobrenatural; não crêem na necessidade absoluta da uma expiação vicária, substitutiva. Jogaram fora tudo isso, porém afirmam que estão ligados à ética cristã. Aqui temos o capítulo que, de todos os capítulos, desmascara a completa futilidade dessa posição. Eles falam com soberba, simplesmente porque não conhecem este capítulo, ou não o entendem. Este constitui a refutação final e definitiva da estulta exaltação da ética e da moralidade à custa da doutrina da salvação. É uma gloriosa exposição, nesse sentido. E, finalmente, em muitos aspectos ele coloca a doutrina da nossa relação com o Senhor Jesus Cristo em sua mais elevada forma. Aqui nos é ensinado – naturalmente nos é ensinado noutras passagens também, mas aqui é

feito de maneira muito clara e franca – que estamos casados com o Senhor Jesus Cristo. Essa é a ilustração especial empregada pelo apóstolo.

Aí estão, pois, os principais temas nos quais devemos concentrar-nos. Vocês já tinham percebido a presença desses temas aqui? Ou pensavam que havia só um assunto tratado no capítulo 7 de Romanos, qual seja, a questão: seria descrição de um homem convertido ou não convertido? Estaria Paulo num estágio transitório, passando, por assim dizer, da sua situação de não convertido para a glória da sua posição descrita no capítulo 8? Não teriam vocês visto nada, senão isso? É uma tragédia que, por causa de um falso interesse intelectual e, muitas vezes, por causa de um espírito de facção, os cristãos se privem das riquezas deste grandioso capítulo. Quanto cuidado devemos ter em nosso manejo das Escrituras!

Eu me aventuro a asseverar que muitos, para não dizer a maioria, dos nossos problemas na vida cristã são ocasionados por não captarmos o ensino deste capítulo 7 da Epístola aos Romanos. Por exemplo, que conceito totalmente inadequado do pecado as pessoas têm nos dias atuais! Quão pouco se fala do pecado; como não gostam de pregar sobre assuntos ligados ao pecado! “Ah”, dizem eles, “devemos ser sempre positivos. Fale-nos da salvação. Não precisamos esquentar a cabeça com ensinamentos sobre o pecado e sobre as profundezas do pecado.” Isso explica por que muito do nosso cristianismo moderno é tão superficial! Pessoas que nunca estiveram no capítulo 7 gastam tempo discutindo sobre “passar do capítulo 7 para o capítulo 8 de Romanos”! Nunca se aperceberam das profundezas do pecado dentro delas próprias, nunca conheceram realmente o poder do pecado, sua pavorosa tirania e feiúra – esse poder que, por assim dizer, é capaz até de torcer a Lei de Deus para adequá-la ao seu próprio fim, e para anular a Lei de Deus. Que coisa terrível é o pecado!

Muitos acham que quando creram, ou quando “tomaram a sua decisão”, ou “foram à frente”, tudo estava claro, e iam

viver “felizes para sempre”. Então, pouco tempo depois, eles se vêem em certas dificuldades, e ficam sem entender, porque nunca entenderam o pecado. Precipitaram-se a um nascimento precoce e duvidoso, nunca experimentaram de fato o arrependimento. Talvez tenham ouvido de algum evangelista que não tinham necessidade de incomodar-se com o arrependimento, que isso viria mais tarde, que o fato grandioso era crer positivamente no Senhor Jesus Cristo. No entanto, eles não entenderam como nem o porquê o disse, e inevitavelmente entraram em dificuldades mais tarde. Nunca entenderam o ensino deste capítulo sobre a profundidade, ou sobre a gravidade, a torpeza, e o poder do pecado.

Mas há também alguns cristãos que estão constantemente em dificuldades acerca da Lei e acerca da sua relação com a Lei. Trataremos disso em detalhe mais adiante; no momento continuo a oferecer uma vista panorâmica. Muitos cristãos persistem em colocar-se de novo “debaixo da lei”. Geralmente isso acontece desta maneira: eles crêem no Senhor Jesus Cristo, são cristãos; mas então caem em pecado; e porque caem em pecado, começam a pensar: “Será que eu era cristão mesmo?” Ficam inseguros, duvidando da sua salvação; não somente perdem a segurança, a certeza, porém até duvidam se de fato são cristãos. Outros ficam achando a mesma coisa a respeito deles, e dizem: “Aquele homem nunca foi cristão. Se fosse cristão, nunca teria feito o que fez”. Que foi que aconteceu? Temos aí o resultado de um entendimento completamente errôneo da relação dos cristãos com a Lei. Cada vez que pecam, colocam-se de novo “debaixo da lei”, e se vêem outra vez sob condenação. O cristão nunca deve agir assim.

Estou a ponto de fazer uma afirmação que quase certamente vai ser mal entendida. Faço-a com a finalidade de explicar a passagem. Serei “blasfemado” por dizer isso, como até o próprio apóstolo Paulo foi (Romanos 3:8). Coloco a coisa nestes termos: Não importa quão gravemente, quão violentamente você peque como crente, nunca ficará de novo debaixo de condenação. Se

ficar, é porque você não entendeu a sua relação com a Lei, e se colocou pessoalmente de novo “debaixo da lei”. “Dizendo isso”, alguém contestará, “você incita as pessoas a pecarem quanto quiserem.” Nada disso! Na realidade faço exatamente o oposto; porque, se você realmente entender a verdade sobre este ponto, vai pôr todo o empenho em abster-se de pecar. Torno a dizer que, por mais que você peque, e seja qual for o tipo de pecado que cometer, nunca deverá colocar-se de novo “debaixo da lei”; nunca deverá permitir que o domine o sentimento de que outra vez está sob condenação. “Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” – é como Paulo vai resumir tudo isso no versículo primeiro do capítulo 8. Essa é a tese de impacto de todo o seu argumento.

Todavia há outra maneira pela qual os cristãos muitas vezes se colocam “debaixo da lei”. É quando não conseguem atingir o padrão que eles enxergaram no Novo Testamento para o cristão. Pois bem, este ponto é positivo; o outro era negativo. Eles lêem as diversas descrições da personalidade cristã e dizem: “Eu não sou isso; não cheguei a esse ponto”. Então, visto que não chegaram lá, começam a dizer: “Pergunto-me se afinal sou cristão; pois, se eu fosse cristão, certamente estaria vivendo daquela maneira”. E começam a pôr-se à prova à luz das Escrituras. Isso é bom e certo; entretanto, quando eles vêem que não cumprem o padrão das Escrituras, em vez de dizerem que são cristãos fracos, dizem que não são cristãos; e é aí que erram. Colocam-se de novo “debaixo da lei”. Usaram mal os testes do cristão, usaram-nos para condenar-se; estão novamente sob condenação, e isso significa estar “debaixo da lei”. Mas o cristão nunca deve ficar nessa situação. O que o apóstolo está interessado em mostrar neste capítulo é que estamos mortos para a Lei, que terminamos com ela. Estamos numa nova relação de casados, e nunca mais voltaremos à antiga. Assim, o que você faça ou deixe de fazer, nunca mais deve voltar a estar “debaixo da lei”; jamais deve dar lugar àquele sentimento de condenação. No momento em que achar que

está sob condenação, estará interpretando mal a sua relação com a Lei.

Como isso é comum na experiência de todo pastor! Muitos o procuram constantemente com relação a esses dois aspectos, principalmente quanto à participação na Ceia do Senhor. Dizem eles: “Não estou preparado para participar da Ceia, realmente não me sinto bastante bom para isso.” Isso é prova de que nunca entenderam bem esta doutrina. A resposta que se lhes deve dar é a seguinte: “Você nunca será suficientemente bom”. A Ceia do Senhor não é para pessoas suficientemente boas; é para pessoas que não estão “debaixo da lei”, e sim “debaixo da graça”; é para aqueles que estão casados com Cristo. Eles vêm à Sua festa de casamento e à Sua mesa, indignos talvez, mas isso não importa; eles vêm como estão porque estão casados com Ele. À Sua mesa é-lhes feito lembrar de novo que, embora não sejam o que deviam ser, não estão mais “sob condenação”, graças ao Seu sangue; é-lhes feito lembrar que eles estão unidos a Ele e que podem receber dEle força e poder. São justamente eles que devem comparecer. Mas, quantas vezes as pessoas entendem mal estas coisas, simplesmente porque não entendem verdadeiramente a sua relação com a Lei! Essa é, pois, *uma* ilustração do fracasso em apropriar-se da lição deste capítulo.

Há, porém, uma *segunda* causa de fracasso. Certas pessoas entendem mal o capítulo e o que acabei de dizer, e de tal maneira que ignoram totalmente a Lei; e vão direto para o antinomismo, o que é estar de fato numa terrível condição. “Ah”, dizem elas, “você está certo quando diz que o crente nunca deve pôr-se de novo debaixo de condenação – está absolutamente certo.” Contudo interpretam isso no sentido de que o que eu faço não importa, posso pecar quanto quiser; não há condenação para mim, estou a salvo, estou seguro. Isso é puro antinomismo. Dizer que não importa como você vive, nem o que você faz, é desfazer tudo o que a Lei estabelece. Essa é uma interpretação igualmente errônea e fatal deste ensino.

Temos que dar cuidadosa atenção a estas questões, e devemos definir com precisão o que Paulo quer dizer no versículo 4, onde lemos: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei”. A interpretação exata dessa declaração é ponto da maior importância. Muitos se precipitaram para o antinomismo porque não a entenderam. Há sempre estes dois extremos – a pessoa que, temerosa, coloca-se “debaixo da lei” e da sua condenação; e o tipo atrevido e descarado que faz exatamente o oposto e se faz culpado do terrível pecado chamado antinomismo. Esse é o segundo grupo de problemas.

Mas há um terceiro grupo. Muitos cristãos estão em dificuldade porque nunca entenderam plenamente a doutrina da sua união com o Senhor ressurrecto. Como eu já disse, o apóstolo expôs isso pela primeira vez no versículo 10 do capítulo 5 – “Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”. Assim como estávamos em Adão, assim também estamos agora em Cristo. Paulo explicou isso no restante do capítulo 5. A tese da argumentação toda resume-se em que é o poder de Cristo que produz o fruto. Graças a Deus que é assim! O maior feito da vida cristã é, pois, dar-nos conta da nossa união com o Senhor Jesus Cristo; de que estamos unidos a Ele como numa união matrimonial. Qual será o nosso dever? O que é que cabe ao cristão fazer? Num sentido, o cristão só tem que fazer uma coisa, a saber, ser fiel a Cristo, ser obediente a Ele, nos termos das conhecidas palavras proferidas numa cerimônia de bênção nupcial: “Esquecendo todos os demais, guarda-te somente para ele”. Esse é o compromisso assumido no casamento, o voto matrimonial. O poder é de Cristo, dEle é a única energia capaz de produzir o fruto; nosso dever é aperceber-nos da nossa relação com Ele, sermos fiéis a Ele, “guardar-nos somente para Ele”, e obedecer-Lhe implicitamente em todos os detalhes da nossa vida.

São esses os grandes temas do capítulo, e, como eu já

disse, muitos cristãos estão constantemente em dificuldade porque não os entendem. Sem estar unido a Cristo você não poderá ser cristão, como vimos repetidamente no capítulo 6. O apóstolo fez uso de diversas ilustrações para esclarecer essa verdade, e vai usar mais uma. Ele quer que isso fique perfeitamente claro. Todos os que crêem no Senhor Jesus Cristo foram inseridos “em Cristo”, em Sua morte, em Seu sepultamento, em Sua ressurreição, em Sua vida à destra de Deus. “Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor.” À medida que percorrermos o capítulo 7, veremos que, em certo sentido, o apóstolo vai simplesmente continuar falando disso. Ele dá nova forma à sua linguagem, explicando a nossa relação com a Lei, mas o argumento é essencialmente o mesmo. E, ao mesmo tempo, ele torna a apresentar-nos os princípios cardinais da fé, e, com isso, livra-nos de muitas enfermidades da alma, de muitos fracassos na vida cristã prática, e de muita infelicidade que resulta da falta de certeza da nossa segurança eterna em Cristo.

2

“Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive? Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera, se for doutro marido; mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for doutro marido. Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.” – Romanos 7:1-4

Vimos que o grande tema deste capítulo é o cristão em sua relação com a Lei, e, em particular, quanto à sua santificação. Tendo-o examinado de maneira geral, passamos agora a uma consideração mais pormenorizada do ensino. Isso nos leva à primeira parte, que vai do versículo primeiro ao versículo 16. Nessa parte o tema é particularmente a relação do cristão com a Lei – sua liberdade da Lei, e especialmente por que isso teve que acontecer para garantir a nossa santificação. Esse, repito, é o tema do capítulo todo. O apóstolo, como é seu costume, estabelece o ponto nessa primeira parte, e depois nas duas outras partes dá-nos as razões pelas quais ele o assevera aqui dessa maneira sucinta e forte. Sigamo-lo enquanto ele explica o seu argumento.

“Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que (ele) vive?” Embora, num aspecto, o sentido dessas palavras seja óbvio, há os que discutem sobre elas e que têm errado na

sua exposição de todo o capítulo por não terem entendido bem o significado preciso dessas palavras do versículo primeiro. Vamos, pois, examiná-las.

Partimos da palavra “irmãos”. “Não sabeis vós, irmãos”, diz o apóstolo. O erro comum aqui é dizer que ele está se referindo só aos judeus. É um erro porque, se você disser que aí só se faz referência aos judeus, continuará dizendo que todo o capítulo se refere somente aos judeus e à relação deles com a Lei. Mas em geral se concorda – e para mim está fora de questão – que aqui o apóstolo se refere não somente aos judeus, porém a todos quantos são cristãos. Isso não é mera questão de opinião pessoal, pois noutras passagens o próprio apóstolo nos ajuda a ver que é isso que ele quer dizer. No capítulo 9, versículo 3, quando se refere particularmente aos judeus, ele o faz desta maneira: “Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne”. Logo, na ausência dessa qualificação, estamos segura e plenamente justificados em dizer que “irmãos” aqui não é uma referência só aos judeus, mas aos judeus e gentios que foram convertidos e que se tornaram cristãos. Encontramos a mesma coisa no versículo 4 da passagem que estamos estudando: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro”. Essa é uma clara referência a todos quantos são cristãos.

A próxima palavra que nos cabe considerar é a palavra “lei”. “Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que (ele) vive?” Que lei será essa? Aqueles que já se extraviaram com relação à palavra “irmãos”, erram também acerca desta. Dizem eles que esta é uma referência apenas à Lei nos termos em que foi dada por meio de Moisés aos filhos de Israel, que se refere tão-somente à Lei Mosaica. Alguns vão mais longe e dizem que só se refere à parte cerimonial daquela Lei, e a nada mais. Seria completamente inútil gastar tempo refutando essas falsas explicações. Simplesmente chamo a atenção para elas.

Toda a argumentação apresentada pelo apóstolo seguramente exclui por completo esse tipo de interpretação da palavra “lei”. É patente que o apóstolo aqui está se referindo à lei em geral, à lei universal. Ele está afirmando algo que se aplica legitimamente a toda a sociedade humana. Certamente se aplica à Lei Mosaica, mas não somente à Lei Mosaica. É um princípio geral que é válido para a lei em geral e para a relação dos homens e das mulheres com a lei em toda parte.

Devo dar ênfase à palavra “domínio” porque o apóstolo vai fazer uso dela. “Não sabeis vós, irmãos, que a lei tem domínio sobre o homem.” A palavra “domínio” significa “exercer senhorio sobre”, “ter autoridade sobre”, “ser senhor sobre alguém”. Diz o apóstolo Paulo que a lei “exerce senhorio” sobre nós durante todo o tempo em que vivermos.

Isso nos leva à frase final – “por todo o tempo que (ele) vive”. Simplesmente significa que a lei se aplica a nós enquanto vivermos. Ninguém poderá se livrar da lei enquanto viver. Enquanto um homem viver neste país, estará sujeito às leis deste país. Todavia isso leva a mais outra declaração, que a lei só se aplica a ele enquanto ele viver. A partir do momento em que ele morre, a lei não pode tocar mais nele. Você não pode levar um morto às barras do tribunal e processá-lo; a lei não poderá fazer nada a respeito de um morto. No momento em que um homem morre, a lei não o pode tocar; ele terminou com a lei. Enquanto está vivo, está “debaixo” da lei, está debaixo do seu domínio; porém no momento em que ele morre, a lei já não pode dizer-lhe coisa alguma; seus artigos e decretos são nulos e vãos com relação a ele.

O apóstolo está fazendo uma declaração geral. Diz ele que isso é sabido por todo aquele que tem algum conhecimento da lei, que é matéria do conhecimento dos cidadãos de qualquer país. É isso que Paulo quer dizer com a afirmação entre parênteses: “Pois que falo aos que sabem a lei”. Então, a proposição é que, enquanto vivermos, todos e cada um de nós estamos sujeitos à lei da terra na qual vivemos; mas, a partir

do momento em que morreremos, a lei dessa terra não terá mais nada a ver conosco, nem terá mais nada para nos dizer.

É dessa maneira que o apóstolo começa a sua argumentação. Devo assinalar que, obviamente, ele gosta dessa maneira de argumentar. Percorrendo as Epístolas de Paulo, vocês não somente aprenderão doutrina, teologia e verdade espiritual, mas também, se as lerem com atenção, aprenderão muito sobre outras coisas. Uma delas, em particular, é como argumentar, como debater, como apresentar uma causa e levá-la adiante. Ele era um mestre nessa arte. Aqui ele faz algo que já o vimos fazer. Seu método é o que chamo “estratégia da abordagem indireta”. Ele nunca vai diretamente ao ponto; sempre começa partindo de uma base mais ampla. Ele firma uma proposição sobre a qual todos estarão de acordo, que todos poderão aceitar, algo óbvio. Nunca se esqueçam disso quando estiverem envolvidos numa discussão. Se vocês puderem encontrar alguns princípios que provavelmente o seu oponente aceitará, que ele deverá aceitar, se for uma pessoa razoável, comecem partindo desses princípios. Não saltem imediatamente para a questão específica; aborde-a de maneira geral. Lancem primeiro um alicerce, e depois construam a sua argumentação sobre ele.

Pois bem, é isso que o apóstolo faz aqui. Diz ele, praticamente: “Ora, todos nós estaremos de acordo em que, quanto à lei da terra, de qualquer terra, esta é a situação...”. Ele tinha utilizado precisamente o mesmo método no versículo 16 do capítulo 6. Ali, encarando a objeção, “Pois quê? Pecaremos porque não estamos mais debaixo da lei, mas debaixo da graça?”, ele responde imediatamente: “De modo nenhum”. Entretanto depois ele continua a tratar disso da seguinte maneira: “Não sabeis vós?” É a mesma espécie de argumento que temos na passagem que estamos estudando, um apelo ao conhecimento geral: “Naturalmente”, diz ele noutras palavras, “vocês sabem muito bem, todos concordam com isto, que a quem vocês se apresentarem como servos para lhe obedecerem, são servos daquele a quem obedecem”. Essa

é a proposição geral que ele passa a explicar em detalhe. Ele adota exatamente o mesmo processo aqui. Noutras palavras, se vocês quiserem convencer pessoas e ajudá-las, não devem ter muita pressa. Lancem um bom fundamento para o seu argumento. Carreguem as pessoas, levando-as com vocês, se possível. Firmem proposições gerais, truísmos, antes de chegarem às suas proposições particulares, específicas. Que personalidade fascinante a do apóstolo Paulo!

Tendo assim estabelecido uma proposição geral acerca de toda lei nos versículos dois e três, ele toma um exemplo particular de uma lei e como ela funciona. Ele vai do geral para o particular. Explica o princípio geral no caso específico do casamento e da relação matrimonial. Aqui devo assinalar algo que é fácil deixar passar sem notar. O apóstolo toma como líquido e certo, como nos tinha dito no versículo primeiro, que todos sabem disso e que todos concordam com isso. Mas, se Paulo vivesse nos dias de hoje, receio que ele ficaria em dúvida se poderia tomar isso como líquido e certo, e – que lástima! – mesmo entre os cristãos. Contudo, o apóstolo toma como coisa líquida e certa o acordo geral sobre toda a questão da relação de marido e mulher, de esposa e esposo.

Como será que ele vai fazer para usar esse argumento ou essa ilustração? Antes de responder a essa pergunta, permitam-me fazer outra: por que o apóstolo teria escolhido a ilustração do casamento em particular? Ele sempre tem uma boa razão para o seu procedimento; não costuma tomar simplesmente a primeira idéia que lhe ocorra. Ele escolheu essa ilustração em particular porque ela irá servir a seu propósito em certos aspectos de um modo não possível a qualquer outra ilustração. Como, então, a ilustração acerca do casamento e da relação matrimonial serve de maneira especial para expor efetivamente o argumento do apóstolo? A primeira resposta é que ela salienta com muita clareza, talvez mais claramente do que qualquer outra coisa, a relação da humanidade com a Lei de Deus por natureza, e antes de sermos regenerados e de sermos colocados

debaixo da graça. Devemos lembrar-nos de que o ponto fundamental que o apóstolo está provando é que “o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça” (capítulo 6, versículo 14).

A ilustração do casamento assinala com muita clareza a relação que subsiste entre o homem como ele é em pecado e a Lei de Deus. Sobre esse assunto o apóstolo diz coisas que naquele tempo todo o mundo aceitava, as quais, lamentavelmente, não são mais universalmente aceitas. Qual a relação entre uma mulher e seu marido? A expressão empregada por ele é que ela é “casada”. Que quer dizer casamento? A própria expressão empregada pelo apóstolo, expressão empregada normalmente, em si e por si sugere uma espécie de subordinação. (Cf. Almeida, Edição Revista e Corrigida.) Sua frase no capítulo 6, versículo 14, tinha sido: “Não estais debaixo da lei”. A própria palavra traduzida pelo termo “casada” traz consigo a idéia de estar sob autoridade. O interesse de Paulo por esse assunto é tanto que ele emprega uma variedade de expressões. “A mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei.” “Ligada” dá a mesma idéia de subordinação. Na verdade, ambos os termos dão prosseguimento à idéia que está implícita na palavra “domínio”, que ocorre no versículo primeiro. Todos esses termos empregados por ele sugerem a mesma coisa – “domínio”, “casada”, “ligada”. Estão em contraste, claro, com a palavra “livre” (“livre da lei”), que ocorre nos versículos 2 e 3.

Essa é a idéia que o apóstolo visa transmitir por meio dessa ilustração. A mulher casada está sob a autoridade do seu marido; está sob o seu poder e a sua direção. O próprio termo sugere isso, e todos os outros termos circundantes dão ênfase a isso. E isso é absolutamente essencial ao argumento do apóstolo, porque ele está comparando o marido com a lei. A relação do incrédulo com a lei é igual à da mulher com o marido. A afirmação é de que, enquanto o marido viver, a mulher está debaixo da autoridade, do poder e da direção do marido.

Não havia nada que se parecesse com um movimento feminino quando o apóstolo escreveu essas palavras! Seja qual for o nosso pensamento a respeito, é mais que claro que o feminismo e o movimento feminista são completamente antibíblicos. Seu ensino nega um dos princípios cardinais e básicos da Bíblia. Entretanto, pode-se ver que é comum entre os cristãos, e que até invadiu os círculos mais firmemente evangélicos. Trato esse ponto, abreviadamente, pelo suporte que dá ao argumento do apóstolo. Os protagonistas do feminismo acham que estão exaltando as mulheres, mas, na verdade não é isso que estão fazendo. O homem e a mulher são diferentes, foram destinados a ser diferentes, e a mulher verdadeiramente cristã sempre reconhece isso. Agora, é um completo erro dizer que isso é mera opinião e ensino do apóstolo Paulo. O apóstolo Paulo ensina o que a Bíblia inteira ensina; ele pôs o assunto dessa forma porque o seu pensamento era governado pelas Escrituras.

Vejam, por exemplo, Gênesis 3:16, onde Deus diz a Eva: “O teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”. Deus fala dessa maneira a Eva porque ela foi a primeira culpada da transgressão, foi a primeira a cair em pecado. E o pronunciamento de Deus percorre toda a história da humanidade: “O teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”. Tanto na passagem que estamos estudando como no capítulo 5 da Epístola aos Efésios, o apóstolo deixa isso perfeitamente claro. “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja” (Efésios 5:22,23; vers. 22-33). É uma verdadeira tragédia que, em reação contra a mentalidade do período vitoriano – que estou pronto a concordar que muitas vezes era completamente errônea, pois naquele tempo muitos maridos faziam mau uso das Escrituras para favorecer a sua tirania – o pêndulo acabou pendendo tão demasiadamente para o outro extremo que levou à negação das Escrituras. O marido é a cabeça da mulher e da família. Essa é a ordenação de Deus,

e Paulo a compara com a relação de Cristo e Sua Igreja. Assim a mulher é exortada a sujeitar-se, porque o marido é sua cabeça, como Cristo é a Cabeça da Igreja. O marido cristão deve saber honrar sua esposa, como o apóstolo passa a dizer. Ele não domina como tirano a sua esposa. Dá-lhe o lugar que lhe cabe e a trata com respeito. Essa é a relação ideal, verdadeira e cristã; nunca, porém, à custa do que está estabelecido com tanta clareza no Velho Testamento, e também no Novo – que o marido é a cabeça da mulher. Na passagem em foco o apóstolo afirma que isso é do conhecimento de todos, e que todos concordam com isso. Essa é a posição de toda a humanidade por natureza. Toda a raça humana está sob a Lei de Deus.

Haverá também aqueles que perguntam se os gentios, que nunca receberam a Lei de Deus mediante Moisés, estavam também debaixo dessa Lei. Mas o apóstolo tinha tratado desse ponto de maneira cabal no capítulo 2 desta Epístola, onde ele afirma que eles tinham a “lei escrita em seus corações”. Aquele capítulo estabelece que toda a humanidade está debaixo da Lei de Deus. Deus tornou explícita, objetiva e clara a Sua vontade no caso dos judeus, dando-lhes a Lei por intermédio de Moisés; mas impera a Lei universal de Deus para toda a humanidade, e toda a humanidade está por natureza debaixo da Lei. Vimos também como ele explica, no capítulo 5, que mesmo de Adão a Moisés, antes de ser promulgada a Lei para os judeus por meio de Moisés, existia a Lei de Deus, porém ainda não tinha sido definida daquela maneira especial. Todos estão debaixo da Lei de Deus; por isso “a morte reinou desde Adão até Moisés”. Essa é a primeira razão para o uso dessa ilustração em particular; a relação de casamento ajuda-nos a ver a relação universal do homem em pecado com a Lei de Deus. Assim como a esposa está sujeita a seu marido, está sob a sua autoridade, assim também toda a raça humana está sujeita à Lei de Deus.

Em segundo lugar, a ilustração assinala também o caráter impositivo da relação. Notem os termos: “A mulher que está

sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei” (ou, VA, literalmente: “A mulher que tem marido está ligada pela lei a seu marido”). O apóstolo usa o tempo verbal perfeito (em grego), o que nos dá o direito de traduzir assim esse texto: “A mulher que tem marido está permanentemente ligada pela lei a seu marido”. Ela continua ligada, está permanentemente ligada; essa é a ênfase do tempo verbal. O que naturalmente Paulo quer dizer é que, como já o tinha dito no versículo primeiro, só a morte pode romper essa relação. “E quanto ao divórcio?”, alguém perguntará. A resposta é que o divórcio foi introduzido como uma concessão, como o nosso Senhor mesmo ensina. Deus o permitiu, disse Ele, “por causa da dureza dos vossos corações” (Mateus 19:8). É uma concessão e, portanto, não afeta o argumento do apóstolo neste ponto. Ele está declarando o que Deus ordenou originariamente e que é o princípio universal presente na lei. Se a própria lei decide fazer algumas concessões por certas razões, essa é outra questão, na qual não temos necessidade de entrar. Mas o princípio que o apóstolo firma é que o casamento, como tal, é algo que não é desfeito por coisa alguma, a não ser pela morte. Contudo – e isto é o que estou ansioso por colocar em termos bem claros – a morte põe fim à relação. Veremos como o apóstolo explica isso. O casamento é uma relação permanente, cuja relação é terminada, e só pode ser terminada, pela morte. Ele escolheu essa ilustração para assinalar isso também.

Depois, em terceiro lugar, o apóstolo a escolheu para expor a idéia da possibilidade de se entrar numa nova relação. A ilustração do “escravo” que ele utilizou no capítulo anterior também serviu para isso, porque um homem podia comprar um escravo de outro. Aquela ilustração foi útil até ao ponto a que pôde chegar, mas não foi suficientemente longe. Evidentemente, a relação matrimonial tem muito maior abrangência; porque aqui não é questão de compra e venda; é questão de morte. A morte de uma das partes põe fim à relação e libera a parte sobrevivente para uma nova relação. O apóstolo está

particularmente desejoso de mostrar isso. Por isso explica a ilustração com bom número de detalhes. Observemo-lo à medida que o faz.

Ele começa a sua argumentação firmando o seu princípio universal. Depois, passando a um exemplo particular, ele diz: “Por exemplo, uma mulher que se casou está ligada pela lei ao seu marido enquanto este viver”. Depois ele começa a explicar – “Mas, morto o marido, está livre da lei do marido”. Essa relação, que parecia tão duradoura, de repente é terminada pela morte, e assim a mulher é “liberada”, “fica livre”, e se encontra numa diferente situação. Querendo esclarecer melhor isso para nós, Paulo dedica ainda todo o versículo 3 para mais ampla explicação. “De sorte que”, diz ele, “vivendo o marido, será chamada adúltera, se for doutro marido.” Não há dúvida sobre isso. Quem conhece alguma coisa das leis sobre o casamento está de acordo quanto a isso. Se essa mulher se juntar a outro homem, será uma adúltera. Por quê? Porque o seu marido ainda vive. “Mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for doutro marido.”

O apóstolo deu essa explicação para podermos entender que tudo o que aconteceu conosco no Senhor Jesus Cristo não é contravenção contrária à Lei. Não é pôr de lado a Lei, é um “cumprimento da Lei”. Veremos isso mais pormenorizadamente quando chegarmos ao versículo 14. Aqui está esta mulher, diz a ilustração, que estava casada com seu primeiro marido. Ela agora está casada com outro homem, entretanto não quebrou a lei. A morte do primeiro marido pôs fim ao primeiro contrato, e ela está livre; portanto, embora ela esteja casada com outro homem, não se pode dizer que ela é adúltera. Ela tem direito de casar-se novamente; não há nada de errado nisso. O que ela fez é legal e certo; a lei está sendo respeitada porque a morte do primeiro marido a liberou. O interesse do apóstolo é mostrar a maneira pela qual podemos passar de uma relação espiritual com Deus para outra – “Não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. A ilustração mostra como isso

acontece, e é de fato uma esplêndida ilustração.

A seguir, em quarto lugar, creio que o apóstolo escolheu esta ilustração em particular porque ela explica como nenhuma outra coisa pode explicar o objetivo desta relação. O objetivo da relação, ele no-lo diz no versículo 4, é “a fim de que demos fruto para Deus”. Esse é o superior propósito do casamento. Não é gratificar a luxúria; é encher a terra, como Deus disse logo no princípio ao homem. Em Gênesis, capítulo primeiro, versículo 28, lemos: “E Deus os abençoou (o homem e a mulher), e Deus lhes disse: frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra”. Esse é, pois, o propósito original do casamento.

Todos estes pontos, que estão implícitos nesta ilustração, são essenciais para o argumento do apóstolo sobre a relação dos homens e mulheres com a lei. Dou especial ênfase ao meu quarto ponto, porque o que Paulo está interessado em provar é que”, enquanto estivermos “casados com a lei”, nunca poderemos “dar fruto para Deus” Só quando estivermos casados com o Senhor Jesus Cristo é que isso se tornará possível. Logo, é preciso que seja dissolvida a primeira relação, e que entremos na segunda relação.

Para explicar isso ainda melhor, consideremos a palavra “livre”, no versículo 2. “Morto o marido, está *livre* da lei do marido.” Essa é uma palavra muito interessante. Numa diferente tradução nós a encontramos antes, no versículo 6 do capítulo 6, onde lemos: “Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja *desfeito*”. (VA: “*destruído*”.) É exatamente a mesma palavra grega aqui traduzida por “livre”. E a interpretamos no sentido de “ser tornado sem efeito”, “ser tornado nulo e vão”. Mas aqui tornamos a encontrar a palavra, e é traduzida pelo termo “livre” ou “libertada”. Devemos captar a plena significação desta palavra. Realmente significa “abolir”, “tornar ou tornar-se sem efeito”, “reduzir a nada”, “pôr fora”, “tornar vão”. Até onde a preocupação é com a lei que a mantinha presa ao marido, ela “foi posta fora”, no sentido de que foi declarada livre, foi

liberada. A velha relação tornou-se nula e vã. O sentido dado pelo apóstolo é bem claro.

Noutras palavras, o que o apóstolo se dispõe a provar quanto a nós é que é necessário que sejamos liberados do poder e do domínio da Lei, se quisermos produzir fruto para Deus, e que isso só pode ser realizado por morte. Só a morte pode romper essa relação. Se a relação não for desfeita pela morte, não será um rompimento legal, será uma associação adúlterina. Assim o apóstolo passa a mostrar que o que nos aconteceu no Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle não transgride a Lei, mas, antes, cumpre-a. Todavia não basta sermos cortados, separados, da antiga relação; antes de podermos dar fruto para Deus, é preciso que sejamos postos em união numa nova relação, e que todo o processo respeite a Lei e esteja em plena conformidade com a Lei. Por isso Paulo se deu ao trabalho de explicar os detalhes no versículo 3: “De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera, se for doutro marido; mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for doutro marido”. Ele diz isso para mostrar a maneira pela qual Deus efetuou a nossa salvação. É outro modo de dizer o que ele tinha dito magnificamente no capítulo 3, versículo 26, acerca da justificação – “Para que Deus seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”. Deus é sempre justo, e o que Ele faz é sempre justo. “Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma”, diz ele no fim daquele capítulo 3; “antes estabelecemos a lei”, confirmamos a lei. Claro! É essencial que enxerguemos essa verdade neste ponto.

Em seguida, tendo explicado a sua ilustração, o apóstolo passa a fazer a aplicação dela no versículo 4. Ele agora vai aplicar a ilustração sobre a relação matrimonial a todos os crentes, aos que estão “em Cristo Jesus”. Chegamos aqui a outros grandes e monumentais versículos de Paulo, uma daquelas suas extraordinárias declarações que a cada passo encontramos, uma declaração que nos propicia uma das mais perfeitas definições do que significa ser cristão. Temos aqui o

evangelho em resumo. Em poucas palavras a essência da fé cristã e da posição cristã é resumida para nós.

Antes de examinarmos em detalhe, devemos encarar algo que denomino dificuldade mecânica. Alguns comentadores têm dito que o apóstolo não soube usar bem a sua ilustração, ou, se soube, abandonou-a e se confundiu. Eles pensam e dizem isso porque, na superfície, a coisa fica aparentemente confusa quando ele aplica a ilustração. O apóstolo parece oscilar de um ponto a outro, em seu centro de referência. O que ele tinha dito até aqui é que a situação de todos nós é, por natureza, que somos para a Lei o que a mulher é para o seu marido; que se o marido morre, a mulher está liberada para casar-se com outro homem. Assim, quando ele chega à aplicação, poderíamos esperar que ele dissesse algo como o seguinte: "Agora a situação é que a Lei morreu, e estamos livres". Mas, em vez disso, ele diz: "Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei". Por isso os comentaristas se vêem em dificuldades. Antes, foi o marido que morreu; agora, quem morreu foi a mulher. Por que o apóstolo usa essa ilustração, clamam eles, se vai distorcê-la dessa maneira? Não poderia ele pensar numa ilustração melhor? Depois eles tentam explicar isso, querendo defender o apóstolo, e dizem: "Talvez ele estivesse querendo dizer que nós estávamos casados, não com a lei, mas com o "velho homem". No entanto, dizer isso não pode estar certo! Dessa maneira eles procuram tirar o apóstolo da sua dificuldade. Mas não existe nenhuma real dificuldade. Nenhuma ilustração é perfeita, e nenhuma ilustração deve ser forçada em todos os seus detalhes. O apóstolo está interessado em esclarecer um grande princípio, e a sua ilustração, parece-me, faz isso com perfeição. Tudo o que ele está preocupado em mostrar é que só a morte pode terminar a antiga relação. E, no que se refere à Lei, não importa qual das partes morre.

O apóstolo oscila em seu quadro de referência por uma só razão, a saber, que ele não podia dizer que a Lei tinha morrido, porque a Lei não morreu. A Lei continua viva. Concorde que

a idéia de estarmos casados com a Lei é em si uma coisa estranha; porém explica tão bem aqueles outros aspectos que esbocei que me parece uma ilustração magistral. A Lei ainda existe, e assim Paulo não pode dizer que a Lei morreu. Mas o importante é que, por causa de uma morte que se deu, não estamos mais “ligados à lei”, não mais estamos “debaixo do domínio da lei”; estamos livres da obrigação desse primeiro casamento. Noutras palavras, a nossa relação antiga com a Lei terminou; e, como veremos, terminou por causa da ocorrência de uma morte. É isso que o apóstolo está interessado em salientar.

Mais uma observação deve ser feita a fim de tornar clara a base para uma exposição positiva deste extraordinário versículo 4. Paulo irá dizer que estamos “mortos para a lei pelo corpo de Cristo”. Permitam-me esclarecer esta questão quanto à maneira pela qual se pode dizer que o cristão está “morto para a lei”, porque isso também tem sido gravemente mal entendido. Há quem diga que significa que o cristão não tem absolutamente nada a ver com a Lei, que nunca precisa pensar nela novamente, nunca mais precisa lê-la e nunca mais precisa se preocupar com ela, nem sequer no mais diminuto ponto. Digo sem hesitar que isso é um grave erro. Em que sentido, então, o cristão está morto para a Lei? Tomo a liberdade de lembrá-los de que neste contexto a Lei é a Lei moral de Deus, as exigências morais de Deus à humanidade. Temos um perfeito sumário dela nos Dez Mandamentos. Nesta passagem Paulo não está falando da lei cerimonial, não está dizendo que todos os que crêem no evangelho não precisam mais fazer suas ofertas queimadas e oferecer os seus sacrifícios. Ele está se dirigindo aos gentios bem como aos judeus, como já notamos no versículo primeiro. Ele está falando sobre a Lei moral de Deus, sobre as exigências morais que Deus impõe à humanidade; e o que ele diz é que estamos mortos para essa Lei. Mas somente no sentido de que não estamos mais “debaixo da lei”. Essa é a frase empregada no capítulo 6, versículo 14: “O pecado não terá

domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”.

Não estamos mais “debaixo” dela como aliança de obras. Não estamos mais na situação de tentar salvar-nos, justificar-nos, santificar-nos e habilitar-nos a nós mesmos para podermos comparecer à presença de Deus pela observância da Lei. Essa *era* a nossa situação; essa continua sendo a situação comum a toda a humanidade. Deus disse particularmente aos judeus, por intermédio de Moisés: “Faze isso, e viverás”, o que significa: se guardares esta Lei, serás justificado. Quando, no princípio, Deus tornou conhecida a Sua Lei, Ele disse a toda a raça humana que, se os homens a cumprissem, Sua justiça seria satisfeita. É isso que quer dizer estar “debaixo da lei”; significa Lei como meio ou método pelo qual poderíamos salvar-nos a nós mesmos, estar justificados diante de Deus e estar santificados na presença de Deus. A glória do evangelho cristão é que não estamos mais nessa situação; agora estamos “debaixo da graça”. Não mais temos que tentar justificar a nós mesmos pelas obras da Lei, ou pela conformidade à Lei. “O fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê”, como Paulo dirá mais adiante, no capítulo 10, versículo 4. É nesse sentido, e somente nesse, que estamos mortos para a Lei. Não significa, nem por um momento, que não devemos interessar-nos pela Lei moral de Deus e suas exigências. Jamais se deve entender que, porque somos cristãos, podemos dizer: “Ah, já não nos interessa o que diz a Lei”. Essa é uma forma assaz perigosa de antinomismo, e está em completa contradição com o claro ensino das Escrituras. A verdade é que todo o propósito da salvação é capacitar-nos a cumprir a Lei de Deus.

Ambos os Testamentos são enfáticos quanto a esta questão. Vejam, por exemplo, o que nos é dito em Hebreus, capítulo 8, na citação de Jeremias, capítulo 31, concernente à grande característica da nova aliança feita por Deus com os crentes em Cristo Jesus. Disse Deus: “Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração”. “Não conforme o concerto

que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito... Mas este é o concerto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (versículos 32 e 33). Essa é a nova aliança. Essa é a aliança sob a qual como cristãos nós estamos, e na qual nos regozijamos. Vemos a mesma verdade no capítulo 10 da mesma Epístola, onde a afirmação é atribuída ao nosso Senhor. “Então disse: eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade” (versículo 9). Foi para isso que Ele veio ao mundo – para fazer a vontade de Deus. Sim, e para habilitar-nos a fazê-la!

Diz o apóstolo Pedro em sua Primeira Epístola: “Andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação” (1:17). Por quê? Porque Deus disse: “Sede santos, porque eu sou santo”. Como devo ser santo? Leiam os Dez Mandamentos e descobrirão a resposta. Disse o nosso Senhor: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir...” “Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus” (Mateus 5:17-19). Similarmente, vejam Efésios, capítulo 6, versículos 1 e 2. Ali Paulo escreve às famílias cristãs, e eis o que ele diz: “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa”. E a promessa é: “Para que se prolonguem os teus dias na terra”. O cristão jamais deverá dizer adeus à Lei. Graças a Deus, não estamos mais “debaixo” dela como meio de salvação; porém temos o dever de cumpri-la, de respeitá-la e de praticá-la em nosso viver diário. Tiago diz em sua Epístola: “Se cumprirdes, conforme a Escritura, a lei real: amarás a teu próximo como a ti mesmo, bem fazeis” (Tiago 2:8).

Pois bem, todo este ensino está no capítulo que estamos estudando. Observem como Paulo elogia a Lei. Diz ele: “A lei

é santa, e o mandamento santo, justo e bom”. Não despeçam a Lei, não digam que vocês não têm nada com a Lei. A Lei de Deus é perfeita, e nós temos que cumpri-la. Não estamos “debaixo” dela, não há condenação; ela não é o caminho da salvação; mas isso não significa que ela não nos interessa em nada.

Observem: no próximo capítulo da nossa Epístola temos uma prova ainda mais decisiva. Vejam o que o apóstolo diz no versículo 3 do capítulo 8: “O que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne”. Com que propósito? “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito” (VA e ARA: “segundo o Espírito”). Paulo não está se referindo à morte de Cristo por nossos pecados; ele está dizendo que o objetivo da salvação é habilitar-nos a cumprir a justiça da Lei. Finalmente, considerem o que ele diz nesta Epístola, no capítulo 13, versículos 8-10: “A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: não adulterarás; não matarás; não furtarás; não darás falso testemunho; não cobiçarás” – notem que ele está citando os Dez Mandamentos – “e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da lei é o amor”. É dessa maneira que os cristãos devem amar! Portanto, como cristãos, jamais devemos dizer tola e pessimamente: “Não tenho absolutamente nada a ver com a Lei; você nunca deve apregoar os Dez Mandamentos, eu estou debaixo da graça, terminei com a Lei”. O apóstolo Paulo pregou os Dez Mandamentos aos santos, aos cristãos de Roma, e os Dez Mandamentos são tão aplicáveis a nós hoje como foram para eles. Eles continuam sendo uma maravilhosa apresentação da classe de vida que eu e vocês devemos viver. Cuidado com o antinomismo. Num sentido,

Cristo veio, morreu por nós e ressuscitou para que fôssemos capacitados a viver de acordo com a Lei, e, dessa maneira, dar fruto para Deus. É para fazermos isso que estamos ligados a Ele, como que casados com Ele, achados nEle, incorporados nEle. E o Seu poder, operando em nós e por meio de nós, habilita-nos a cumprir a justiça da Lei. Tendo esclarecido esse ponto, agora estamos livres para passar a uma exposição positiva da grande e libertadora declaração do versículo 4.

3

“Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.”

– Romanos 7:4

Neste versículo chegamos à aplicação do que o apóstolo tinha dito nos três primeiros versículos, e principalmente à aplicação da ilustração concernente ao casamento, que ele está utilizando para explicar a nossa relação com a Lei e a nossa posição diante de Deus no Senhor e Salvador Jesus Cristo e por meio dEle. Quanto a mim, acho que este é um dos versículos nos quais o apóstolo se deleita em dar um sumário completo da vida cristã em geral. Ele nunca parece contentar-se em expor apenas uma parte da verdade. Ele se gloriava tanto na verdade que tinha prazer em reafirmá-la vez após vez. Temos aqui, então, por assim dizer, o evangelho num pequeno estojo. É uma das grandes e fundamentais definições do que significa ser cristão; e, ao mesmo tempo, e necessariamente, mostra-nos o caráter profundo da vida cristã. Por isso vale a pena dedicar-lhe tempo para concentrar nele a nossa total atenção, e deixar que ele nos fale. Uma importante causa de problemas, e uma das principais explicações do estado atual da Igreja em geral, é a nossa incapacidade ou negligência no sentido de não captarmos plenamente o caráter profundo da vida cristã. Passamos o tempo todo a defini-la, a refletir nela e a falar sobre ela em termos que ficamos desesperadamente longe do que nos é ensinado aqui, e não somente aqui, mas em toda parte do Novo Testamento. A superficialidade é uma das

grandes maldições que podem sobrevir ao cristão. Temos nossas definições tacanhas, assumimos alguns aspectos da vida cristã, e não alcançamos as suas profundezas, a sua verdadeira grandeza e profundidade e largueza.

Sigamos, pois, o apóstolo na exposição que ele faz desta gloriosa verdade. Há um sentido em que é certo dizer que o que ele diz neste versículo é realmente o que já nos tinha dito no capítulo 6, versículo 11, onde lemos: “Assim também vós, considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor”. Ele tinha dito também, no versículo 17 daquele capítulo: “Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues”. Contudo, como o apóstolo repete isso, nós também devemos repeti-lo, pois veremos que há ênfases especiais que ele assinala aqui e que não tinha mostrado exatamente da mesma maneira naqueles anteriores sumários da verdade.*

Notemos primeiro que neste versículo o apóstolo nos oferece uma descrição e definição geral da vida cristã. Aí está para nós, à tona d’água. Ela de pronto nos diz que ser cristão é uma vida inteiramente nova. O apóstolo fala em termos de estarmos “mortos” e “vivos”. Ser cristão não é nada menos que isso. Envolve morrer e reviver. Logo, a diferença que existe entre o cristão e o não cristão é, obviamente, uma diferença radical, não meramente algo superficial. Tornar-se cristão não é apenas modificar um pouco a vida que você levava, ou ajustá-la ligeiramente, ou torná-la um pouco melhor, ou “dar-lhe uma escovada”, por assim dizer. Muitos são os que concebem

* Não posso deixar de chamar a atenção do leitor para o fato de que, nesses parágrafos iniciais, Lloyd-Jones praticamente não faz diferença entre *vida cristã*, *ensino* ou *doutrina cristã*, e *a verdade*. O que me faz lembrar que entre o povo simples das nossas igrejas era comum (hoje, menos comum) as pessoas chamarem a disciplina cristã de doutrina. Alguns líderes ridicularizavam isso. Deveriam? Nota do tradutor.

a vida cristã nesses termos. Tornar-se cristão, acham eles, significa mormente que você pára de fazer certas coisas e começa a fazer outras. Ocorre um ligeiro ajustamento em sua vida, uma leve modificação, algumas coisas são eliminadas, outras acrescentadas; há algum melhoramento, você passa a ter uma vida melhor. Naturalmente, tudo isso é verdade, mas isso somente não é cristianismo. Seja qual for a nossa definição do cristianismo, terá que incluir esta idéia de morte e nova vida – nada menos que isso. Noutras palavras, ser cristão é passar pela transformação mais profunda que se pode conhecer. É por isso que o Novo Testamento, ao falar sobre como alguém se torna cristão, emprega expressões como “Necessário vos é nascer de novo”, “nova criação”, “nova criatura”. Nada menos que regeneração. Naturalmente, a geração é fundamental; é produção de vida e de um ser. Tornar-se cristão envolve regeneração, e o ato espiritual supera em muito o natural. Por isso aqui, e logo na superfície, somos levados a aperceber-nos de que ser cristão não é algo de somenos, e que a diferença entre o cristão e o não cristão não é superficial. É a maior diferença possível entre dois seres humanos. Não é outra coisa, senão a diferença entre a vida e a morte. É por isso que eu digo que o maior problema da maioria de nós na Igreja atual é que o nosso conceito da vida cristã é pequeno demais. Parece que perdemos a idéia de que ela envolve um processo tão radical e uma mudança tão profunda quanto se possa conceber. Essa é a primeira verdade.

A segunda é que o homem que se tornou cristão está numa relação inteiramente nova. É isso que particularmente o apóstolo acentua aqui. Ser cristão significa que você agora está numa relação completamente nova com Deus. Antes, a sua relação com Deus era por meio da Lei; agora, é por meio do Senhor Jesus Cristo. Que mudança! A minha situação é totalmente diferente; a minha situação, a posição na qual me acho perante Deus, é completamente diferente do que era. Aqui, de novo, há algo que ressalta o caráter profundo da vida

cristã. Por isso, quando falarmos sobre a vida cristã, devemos sempre incluir este pensamento: houve uma completa mudança em nossa relação com Deus. Estávamos “debaixo da lei”; agora estamos “debaixo da graça”.

A terceira verdade é que, como cristãos, temos um novo propósito na vida, um propósito inteiramente novo, qual seja: “dar fruto para Deus”. O não cristão desconhece esse propósito; ele vive para si, dá fruto para si. Vive para satisfazer a si próprio; está centralizado em si mesmo, é inteiramente egocêntrico. Não importa quão bondoso um homem pareça ser; se não é cristão, é sempre egocêntrico. Orgulha-se da sua moralidade, orgulha-se de não ser igual aos outros, olha para eles com desdém. O tempo todo está procurando agradar a si mesmo, chegar ao seu próprio padrão, confiar em seus próprios esforços, em seu empenho pessoal. Gira em torno de si mesmo. Mas quem se tornou cristão tem um propósito inteiramente novo, que consiste em “dar fruto para Deus”. Esses termos são básicos para uma definição do que significa ser cristão.

A quarta verdade geral que se vê logo na superfície é que o cristão é alguém que foi suprido de uma capacidade inteiramente nova, de novo poder, de nova energia. Aconteceram com ele certas coisas, para ele poder “dar fruto para Deus”. Ele não podia fazer isso; agora pode. Uma nova capacidade, um novo poder entrou na vida desse homem.

Aí estão, como digo, quatro verdades que se vêem logo na superfície deste versículo e que sempre são válidas, para todo cristão. Portanto, se quisermos saber com certeza se somos cristãos ou não, temos esses quatro testes (um exame completo), que podemos aplicar a nós mesmos. Você pode dizer com toda a sinceridade: “Não sou a pessoa que eu era; nasci de novo; sou uma pessoa diferente”? Essa é a primeira coisa – a nova vida. Não significa necessariamente que a evidência disso é sempre muito forte e poderosa. Você pode ser um “bebê em Cristo”, mas, mesmo um bebê tem vida. O bebê não é como a pessoa adulta, forte e crescida, porém tem

vida. Por conseguinte, a questão é: estaríamos nós cientes do fato de que há esta “nova vida” em nós? Não é se nós fizemos alguma coisa, mas se aconteceu conosco alguma coisa que nos faz ficar surpresos e admirados com nós mesmos pelo fato de que há algo que é real e certo a nosso respeito e que antes não era.

Para animá-los e fortalecê-los – principalmente aos que talvez se sintam fracos e em dúvida sobre a sua situação – permitam que eu lhes sugira alguns testes simples. Quais serão os testes da “vida”? Aqui vão alguns deles: o apóstolo Pedro escreve: “Desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo” (1 Pedro 2:2). Coloco isso diante de vocês da seguinte maneira: vocês gostam das reuniões públicas para adoração? Isso não é verdade a respeito do homem natural, daquele que não é cristão. Os homens e as mulheres do mundo acham essas reuniões o cúmulo da “chateação”; eles não entendem nada do que ali se diz. “Que é isso tudo?”, perguntam eles, “Que significa isso? Que é que isso tem a ver comigo?” E nunca mais querem saber disso. Acaso a exposição da verdade na pregação exerce atração sobre você? Você gosta? Sente prazer? Gostaria de saber mais a respeito? Se você pode responder “sim” a essas perguntas, então tem evidência razoavelmente presumível de que você tem nova vida. Pode ser que você não passe de um “bebê”, mas, graças a Deus, você nasceu de novo, está “em Cristo”.

Não se deixe levar por aqueles que querem aplicar a um bebê o teste próprio para o cristão amadurecido, adulto, plenamente desenvolvido. “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Coríntios 2:14; VA: “O homem natural não recebe...”). Portanto, se você “recebe” essas coisas, embora talvez ainda esteja levando uma vida indigna, você “nasceu de novo”. “O homem natural, ou “a inclinação da carne é

inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser” (Romanos 8:7). Se você pode dizer sinceramente que o seu desejo é conhecer a Deus e servi-LO, você é filho de Deus. Pode ter imperfeições, não o estou desculpando – mas você precisa entender bem isto. Se, por causa dos seus fracassos e falhas, é levado a achar, como eu já disse, que não é cristão, sua condição é tal que você terá que voltar ao princípio. Por isso eu digo, não deixe que nenhum legalista o faça duvidar da sua posição. O bebê recém-nascido deseja “leite”, “o genuíno leite da palavra” (VA), para que por ele possa ir crescendo; ele se interessa pelas coisas espirituais. Seu entendimento pode ser pequenino e bastante imaturo; mas se ele tem ainda que seja um simples reflexo da luz, e se deseja receber mais – se ele se sente atraído pela verdade e gosta de estar no meio do povo de Deus – então se aplica a ele esta declaração: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 João 3:14). Aí estão alguns dos testes que podemos aplicar a nós mesmos. A asserção do apóstolo é que você não pode ser cristão sem que haja morte e novo nascimento – “vida”.

Passemos então a aplicar os outros testes, exatamente da mesma maneira. Você pode dizer sincera e verdadeiramente que quando pensa em Deus e quando O busca, não faz mais isso com o escravizador receio que sentia antes, mas que no seu íntimo tem alguma consciência de que Deus é seu Pai e de que Ele o ama? Sua certeza pode não ser muito definida, porém ao menos sente essa diferença? Você está ciente de que, por mais incompleta que seja, há uma diferença, houve uma mudança fundamental em sua relação com Deus? Antes, você comparecia perante Ele como um criminoso condenado. Você acha que agora pode ir à presença dEle como um filho que se sente muitíssimo envergonhado de si próprio? Está cômico de que agora você ofende mais o amor do que esta ou aquela lei? Você se dá conta desta relação filial, que deve ter tomado o lugar da antiga relação legal?

Vejam agora um terceiro teste. Você pode dizer honesta e verdadeiramente que tem um novo propósito em sua vida, e que, por mais indignamente que o esteja executando, o seu real propósito é servir a Deus? Seu interesse nisso é de uma nova maneira, não mais daquela antiga maneira mecânica e presa à Lei, mas desta maneira vívida e vital, por causa da sua nova relação e do seu amor a Deus, por mais fraco e imperfeito que este possa ser? Agora você é governado por um novo propósito quando encara a vida e as suas responsabilidades neste mundo? Enfrentando essas perguntas você ficará sabendo exatamente qual é a sua posição, a sua situação. O perigo que se corre constantemente nessa questão é pular para os detalhes. Mantenha estes grandes princípios. Se você está ciente de um novo propósito central em sua vida, digo que você é filho de Deus.

E teria você experimentado uma nova habilidade, um novo poder? Você pode ser muito fraco, pode haver muita falha em sua experiência, mas pode você dizer: “Muito bem, mesmo assim como estou, tenho consciência de que existe algo em mim, algo que está agindo em mim, e que antes não existia”? Pode ser uma coisa fortemente negativa, uma simples reação contra o pecado, um crescente desgosto com o pecado, na verdade nada mais, talvez, do que um crescente desejo de libertar-se do pecado. Isso, no entanto, é um indício deste novo poder, desta nova capacidade, desta nova energia que é dada a todos os cristãos verdadeiros.

Estou deliberadamente colocando as provas da nova vida em seu nível mais baixo; faço isso porque se vê com muita frequência que os “bebês em Cristo” são prejudicados e levados a tropeçar e a tornar-se miseravelmente infelizes por legalistas que assumem a posição de juizes quando não estão em condições de pronunciar julgamento, e que não têm suficiente entendimento para ver que existe esta diferença essencial de natureza, que é de primordial importância. É coisa muito grave levar bebês em Cristo ao desânimo; devemos animá-los e

ajudá-los. “Ah”, alguém dirá, “mas você os está animando a se tornarem antinomistas.” Não é assim. Se vocês realmente os levarem a reconhecer que são bebês em Cristo, isso, mais que qualquer outra coisa, estimulará o crescimento deles e lhes dará o desejo de em tudo agradar a Deus. Leiam as Epístolas do Novo Testamento e verão que é desse modo que os bebês são constantemente tratados. Certamente podemos repreendê-los; mas o que nunca devemos fazer é desanimá-los. É um grave pecado sugestioná-los com a idéia de que não estão vivos, porque são apenas bebês. Essa atitude resulta simplesmente de um entendimento errado das Escrituras.

Essa é, pois, a verdade geral acerca do cristão, verdade presente neste versículo. Indiquei algumas das coisas que precisam estar em evidência. Seja qual for o grau ou o nível, é preciso que estejam presentes. E, caso estejam, a pessoa em foco é cristã.

Se são essas as marcas que caracterizam o cristão, como pode alguém tornar-se cristão? Como é possível alguém conseguir a posição e condição que venho descrevendo? Também disso o apóstolo trata com muita clareza. A primeira coisa que ele diz, como faz em toda parte em seus escritos, é que isso ocorre total e inteiramente em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e por meio dEle – “pelo corpo de Cristo”. Sem Ele não há cristianismo. A salvação é e está nEle; nEle somente; e é e está nEle do princípio ao fim, sem pôr nem tirar. Deixem-me dizê-lo da seguinte maneira: quando vocês conversarem com pessoas cuja posição se sente que é questionável, a primeira coisa que devem fazer é fazê-las falar. Induzam-nas a falarem o que pensam do cristianismo, o que elas acham que o cristianismo é; e se elas se consideram cristãs, façam com que elas exponham por que se consideram cristãs. Estimulem-nas a falar nessa direção, e, quando o fizerem, concentrem-se numa só coisa – o nome do Senhor Jesus Cristo apareceu, ou não, ou quanto? Vocês verão muito freqüentemente que as pessoas

falam demoradamente sem sequer mencionar o Seu nome. O teste que sempre achei crucial é perguntar a uma pessoa em questão: “Se você morresse esta noite e comparecesse diante de Deus, o que diria? Em que se firmaria? Qual seria a sua situação?” Façam essa pergunta e verão que muitas vezes as pessoas respondem sem mencionar o nome do Senhor Jesus Cristo.

Há só uma coisa que se pode dizer a tais pessoas: não são cristãs. “O cristianismo é Cristo.” Ele é central, Ele é vital, Ele é tudo em todos. Não importa quão virtuosa seja uma vida, quão altamente moral pareça ser, se não for totalmente dependente do Senhor Jesus Cristo e do que Ele fez, não é cristianismo. Pode ser ética ou moralidade, pode ser alguma outra religião, mas não é cristianismo. Pode-se ter religião sem cristianismo. Pode-se ter ética sem cristianismo. Mas o que torna cristão o cristianismo é a centralidade, é a importância crucial do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Daí, qualquer alegação que se faça, se não estiver diretamente relacionada com Ele e não Lhe der glória, com isso prova-se imediatamente que o que se alegou não é cristão. Não permita Deus que alguém esteja vacilando sobre este ponto. É uma verdadeira negação do cristianismo você pensar que é cristão simplesmente porque nasceu num dado país, ou porque foi batizado ou crismado na infância, ou porque foi batizado quando adulto, ou porque foi recebido por um ministro, em consulta com seus pais, como membro de igreja em sua adolescência. Se essa é sua idéia de como se torna cristão, precisa retornar ao princípio do princípio. Se a sua posição não depende inteiramente da bendita Pessoa do Senhor Jesus Cristo, absolutamente não é cristianismo; é um embuste, é uma farsa. Notem que não estou dizendo isso em termos de como vocês vivem, mas em termos da sua relação com Cristo.

A primeira coisa que o apóstolo diz, e, repito, o diz em toda parte, é que o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo deve

necessariamente estar bem no centro; Ele deve necessariamente ser o foco centralizador de tudo. Entretanto essa é uma declaração geral e, antes de esclarecer como alguém pode se tornar cristão, temos que particularizar isso. O apóstolo passa a fazer isso de imediato. Ele separa, uma por uma, as coisas que, no Senhor Jesus Cristo, são essenciais para a nossa salvação. Quais são? Naturalmente aqui entramos de novo na esfera da doutrina. Tratemos de entender bem isto: precisamos saber como somos salvos. As Escrituras do Novo Testamento nos foram dadas para ensinar-nos como podemos ser salvos. É, pois, um erro alguém dizer: “Sou cristão, mas não sei dizer como e por quê. Não entendo nada dessas doutrinas e de teologia; sou uma pessoa simples”. O cristão não deve falar desse modo. O cristão deve saber como foi salvo; e precisamente este versículo de fato nos diz tudo o que é essencial. Não basta dizer simplesmente: “Sim, eu creio no Senhor Jesus Cristo”. Precisamos saber o que nós cremos acerca do Senhor Jesus Cristo, o que especificamente cremos a respeito dEle.

O apóstolo nos leva a ver o que devemos crer. Tornamo-nos cristãos primariamente por causa de certas coisas que aconteceram com Cristo. “Que é que você quer dizer com isso?”, alguém perguntará. Estou me referindo à Sua morte, como faz o apóstolo. “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo.” Aí está a primeira doutrina particular. Como o Senhor Jesus Cristo me salva? Seria simplesmente por Sua encarnação? Não! Devo crer em Sua encarnação, claro, porque aqui me é dito algo sobre o Seu “corpo”. “Deus é espírito”, e Cristo é a Segunda Pessoa da Deidade santa e bendita; mas, como Jesus de Nazaré, Ele tem corpo, foi encarnado. Devo crer nisso. Devo crer em Sua vinda do céu à terra, devo crer que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”. Mas, de acordo com Paulo, esse não é o fato crucial. Ele não me salva tão-somente por Sua encarnação; tampouco me salva por Seu ensino. Ele nos ensinou o Sermão do Monte. O Sermão do Monte me salva? Certamente que não;

ele me condena. Logo, Ele não me salva por Seu ensino. Ele não veio a este mundo apenas para dizer: “É assim que vocês devem viver. Façam isso e serão cristãos, e Deus os receberá e os perdoará”. Não! Ele não me salvou por Seu ensino. Também por Seu exemplo.

São essas as coisas comumente ensinadas, não são? A encarnação – o ensino – o exemplo. Um prêmio pelo nosso esforço – um incentivo, e por aí afora. Não! diz o apóstolo; o crucial é Sua morte. “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei”. Por que “também”? Porque Cristo foi morto para a Lei. O apóstolo está falando da morte de Cristo. Poderia ter empregado diversas palavras aqui para apresentar o fato da morte; porém deliberadamente escolheu, para referir-se à “morte”, a expressão mais violenta que ele poderia encontrar. Por que fez isso? Para lembrar-nos a violenta morte que o Filho de Deus sofreu na cruz do Calvário. A crucificação era uma forma cruel, uma forma violenta de morte. Ele não “morreu” simplesmente; foi posto para morrer. Paulo escolheu essa expressão porque ela salienta que Lhe foi dada morte violenta, pois o apóstolo sabia quão propensos nós somos a esquecer isso, ou a fugir desse fato. Ele até introduz a palavra “corpo”; “fostes mortos para a lei pelo corpo de Cristo” (VA). Ele nos lembra o fato completo. Não somos salvos por uma idéia, mas por algo que foi feito com o Senhor Jesus Cristo em Seu corpo, quando Ele morreu na cruz do Calvário. Somos salvos por fatos e eventos históricos, por coisas que aconteceram com o Senhor Jesus Cristo.

Que foi que aconteceu? Que é que ocorreu quando o Senhor Jesus Cristo estava morrendo na cruz? O apóstolo deixa claro que, qualquer outra coisa que houvesse e que pudesse estar incluída, algo aconteceu que tinha direta relação com a Lei. “Também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo.” Noutras palavras, aqui damos de frente com a grande doutrina da expiação. Nesta parte, como já vimos, o apóstolo está mais que tudo interessado numa questão prática, a saber,

a nossa santificação. Mas ele não pode tratar da santificação sem falar da doutrina da expiação.

Deixem-me fazer uma pergunta. Por que o Filho de Deus morreu na cruz? Por que o Senhor Jesus Cristo disse que, se quisesse, poderia convocar mais de “doze legiões de anjos” para O levarem para o céu e assim evitar a morte? Por que não a evitou? Por que morreu? O versículo que estamos estudando dá-nos uma resposta completa. Já a encontramos no capítulo 3, naquela vital parte que começa no versículo 24, porém aqui ela torna a aparecer. Por que Cristo morreu? Por causa da Lei. Qualquer idéia sobre a morte de Cristo que não seja específica e primariamente expressa em termos da Lei de Deus, é uma falsa interpretação da Sua morte. Refiro-me naturalmente ao conceito segundo o qual a morte de Cristo foi um “acidente”, foi mero resultado da inveja e da crueldade dos escribas e fariseus, que não era parte vital do processo de salvação, mas foi a suprema tragédia da história, ou talvez seja apenas a morte de um pacifista. A mesma observação aplica-se ao conceito sentimental sobre a Sua morte, o qual afirma que Ele estava apenas mostrando o amor de Deus.

Eu rejeito todas essas explicações da morte de Cristo porque elas não se nos apresentam em termos da Sua relação com a Lei. Há só uma razão pela qual o Filho de Deus morreu na cruz do Calvário – a Lei de Deus. O apóstolo diz isso quando escreve aos gálatas, no capítulo 4, versículo 4: “Mas”, diz ele, “vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” – sim, “nascido sob a lei”. Para quê? “Para remir os que estavam debaixo da lei”. Esse foi o Seu propósito. Ele veio para remir-nos da Lei, para “remir” os que estavam “debaixo da lei”.

Essa é a chave para tudo o que Ele fez, especialmente para a Sua morte na cruz. Todavia vocês poderão perguntar: “Como é que isso funciona?” Respondo: a Lei não pode ser ignorada, não pode ser posta de lado. A Lei é a Lei de Deus e, portanto, é imutável. Tudo o que Deus faz é justo. Foi Deus que

promulgou a Lei, e Ele não pode voltar atrás; caso contrário, estaria negando a Si mesmo. Toda ação de Deus é justa, reta e santa; e a Lei de Deus exige que a punição pelo pecado seja a morte. Foi Deus que produziu a Lei, e também foi Ele que disse: “A alma que pecar, essa morrerá” (Ezequiel 18:20; cf. Deuteronômio 24:16). Eis aí, pois, a exigência da Lei, a qual é uma expressão do caráter de Deus. Não é algo à parte de Deus, é o próprio Deus manifestando-Se, revelando o Seu caráter. Era o que Ele estava fazendo quando deu a Lei no Monte Sinai. “A alma que pecar, essa morrerá.”

Portanto, aí está o problema. Todos pecamos, todos estamos sob a condenação da Lei, e isso envolve morte. Mas o Senhor Jesus Cristo veio ao mundo para livrar-nos da condenação da Lei; e foi assim que Ele fez: primeiro colocou-Se debaixo da Lei – “nascido de mulher, nascido sob a lei”. Ele não tinha necessidade de estar “sob a lei”; era sem pecado, nasceu santo; mas Ele Se colocou sob a Lei. Foi por isso que pediu a João Batista que O batizasse; estava Se identificando com os pecadores, conosco. Ele cumpriu a Lei, respeitou-a, honrou-a em cada detalhe. Foi ao templo e fez tudo o que as pessoas que estavam sob a Lei deviam fazer. Por que fez tudo isso? Porque veio para agir como nosso representante, para agir em nosso favor. Ele Se colocou em nossa situação, tomou o nosso lugar. Em Sua vida Ele prestou perfeita obediência positiva à Lei de Deus.

Mas só isso não poderia salvar-nos. Todos pecamos; os nossos pecados nos condenam, da mesma forma como os pecados daqueles que pecaram antes de Cristo vir ao mundo os condenavam. Que é que pode ser feito a respeito? Vimos a resposta no capítulo 3, versículos 25, 26 e 27. Ei-la: Ele levou sobre Si os nossos pecados. Pedro, em sua Primeira Epístola, capítulo 2, versículo 24, diz isso uma vez por todas, nestes termos: “Levando ele mesmo em seu corpo” – aí está de novo a mesma palavra – “em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver

para a justiça”. Ele morreu em consequência de haver levado sobre Si a punição que a Lei impõe aos nossos pecados. Era o único meio pelo qual poderíamos ser libertados. Digo com reverência que Deus não pode soltar as travas da Sua Lei, não pode brincar com a Sua Lei. Deus não pode fechar os olhos para o pecado e fingir que não o viu. Deus é amor. Apesar disso, não pode dizer simplesmente: “Eu lhe perdôo tudo”, porque isso significaria que Ele deixou de ser justo. Não, diz o apóstolo Paulo em Romanos, capítulo 3, versículo 26: Deus é, e só pode ser, “justo e (ao mesmo tempo) justificador daquele que tem fé em Jesus”. É assim que Deus salva os homens, dentro da Lei e com justiça. Ele o faz “pelo corpo de Cristo”. “Também vós estais mortos para a lei pelo (por meio do) corpo de Cristo.”

Se isso não tivesse acontecido com o Senhor Jesus Cristo, não haveria cristianismo, não haveria perdão ou salvação para ninguém. Mas Ele foi entregue por nossos pecados, como nos é dito no último versículo do capítulo 4 da Epístola aos Romanos. Assim, quando lhe perguntarem como uma pessoa se torna cristã, não comece falando de si próprio e do que você fez; nem fique só falando da Pessoa do nosso Senhor, do Seu ensino e do Seu exemplo. Diga primeiro que uma pessoa se torna cristã unicamente porque, num dado ponto da história, “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei”. Diga-lhe, depois, que Ele viveu uma vida perfeita, uma vida de obediência à Lei de Deus, e que respeitou e honrou essa Lei em todos os aspectos. Todavia Ele não ficou só nisso; Ele Se colocou “sob” a punição da Lei, sob o seu aspecto penal; levou sobre Si os nossos pecados; Deus os lançou sobre Ele; então a Lei proferiu o seu julgamento, a sua sentença, e Ele foi ferido e morto. Sofreu a morte que nós deveríamos sofrer; morreu “por nossos pecados”. A salvação torna-se possível para nós mediante Seu corpo partido, Seu sangue vertido. A Lei exigiu essa satisfação judicial, e Ele a prestou plenamente. Esse é o primeiro absoluto essencial.

Mas não paramos aí; o apóstolo menciona mais uma verdade essencial. “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro (marido).” Depois dessa declaração talvez vocês esperassem que o apóstolo dissesse: “o Senhor Jesus Cristo”. Entretanto o que ele de fato diz é isto: “para que sejais doutro (marido), daquele que ressuscitou dentre os mortos”. Essa é mais uma coisa que tinha que acontecer. Enquanto pensa na vinda do Filho de Deus a este mundo e em Seu regresso ao céu, o apóstolo parece dizer: “Do ponto de vista da salvação, estas são as duas coisas cruciais – a morte e a ressurreição. “Daquela que ressuscitou dentre os mortos.”

Clareza neste ponto é de vital importância. O apóstolo está se referindo à ressurreição física, literal do Senhor Jesus Cristo, do túmulo. Ele não está pensando nalgum fenômeno espírita, como alguns modernistas que se arrogam o papel de mestres; o apóstolo se refere à ressurreição física, literal. Ele está falando literalmente sobre o corpo físico. O corpo que ressuscitou foi o corpo que tinha sido crucificado e sepultado. Foi transformado, é evidente, mas era o mesmo corpo. Ele ressurgiu no corpo; lá ficou um túmulo vazio. Ressurreição! É isso que o apóstolo quer dizer. Ele está repetindo o que já nos tinha dito no último versículo do capítulo 4, onde lemos: “O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação. Isso também é essencial. Por isso o apóstolo tem o cuidado de acrescentá-lo. Ele está asseverando que era essencial para a nossa salvação que, em acréscimo à morte do Senhor Jesus Cristo, Ele ressuscitasse dentre os mortos e do túmulo, que aparecesse entre os homens, subisse ao céu e passasse a estar, neste momento, na presença de Deus, assentado à Sua mão direita e intercedendo por nós e em nosso favor.

Por que isso é essencial à salvação? A resposta definitiva é que essa é a prova final de que o que Ele fez pela Sua vida e morte é suficiente, que Ele respondeu à derradeira exigência da Lei, e a cumpriu, que Ele venceu o último inimigo, a morte.

Esse último inimigo tinha que ser vencido para que pudéssemos ser plenamente salvos. E Ele fez isso, pois ressuscitou. Era preciso que Ele ressuscitasse também para dar-nos nova vida e para que pudéssemos viver por Ele, nEle e firmados nEle. Era preciso que ressuscitasse para apresentar-nos a Deus. Só a morte não realiza essa obra. Ela faz a expiação e fornece a necessária oferta; mas, além disso, eu preciso ser apresentado a Deus. É Cristo quem o faz. Ele morreu “para levar-nos a Deus”, diz o apóstolo Pedro (1 Pedro 3:18). A ressurreição de Cristo também garante que a nossa salvação final e definitiva será total e completa, que o nosso corpo também ressuscitará, será glorificado e será inteiramente libertado do pecado em todas as suas manifestações e em todas as suas formas.

Como uma pessoa se torna cristã? Como me será possível ter e mostrar as quatro características do cristão acima anotadas? Graças a Deus, esta é a primeira parte da resposta – é possível graças a algo que aconteceu com o Filho de Deus! Não partiu de mim. O que aconteceu comigo aconteceu por causa do que aconteceu com Ele. Adiante trataremos disso. Mas o que nos faz cristãos é o fato de que Ele morreu no madeiro, Seu corpo foi partido a nosso favor, Seu sangue foi derramado. Mas Ele ressuscitou, e vive sempre para interceder por nós (Hebreus 7:25); Sua presença à mão direita de Deus é a garantia da nossa final e completa salvação.

Assim o evangelho sempre nos deixa olhando para Jesus, com os olhos postos nEle. São esses os eventos, os fatos, os acontecimentos históricos absolutamente essenciais à nossa salvação. Não somos salvos pelo ensino, não somos salvos por idéias; somos salvos pelo fato de que o Filho eterno de Deus veio a este mundo, teve um corpo literal, físico, nasceu da virgem Maria, morreu na cruz, foi enterrado num túmulo, venceu a morte, rompendo os seus grilhões, ressurgiu triunfante, subiu ao céu, e agora está sentado à mão direita de Deus. “Graças a Deus, pois, pelo seu dom inefável” (2 Coríntios 9:15).

4

“Assim, meus irmãos, também estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.”

– Romanos 7:4

Continuamos o nosso estudo desta notável definição do cristão e da maneira pela qual uma pessoa se torna possuidora dessa vida. Vimos que isso só pôde acontecer, primeiro, como resultado de algo que aconteceu com o Senhor Jesus Cristo, e, muito especialmente, a Sua morte. Foi pela “morte do seu corpo” que nos veio esta bênção. Mas também vimos que o apóstolo teve o cuidado de ir adiante e de acrescentar que Cristo “ressuscitou dentre os mortos” e que Ele “vive sempre” e para sempre. A nossa posição baseia-se totalmente nesses fatos; e qualquer desejo que tenhamos de passar por eles apressadamente, é mau sinal. O cristão que não se deleita sempre em retornar e considerar o nosso Senhor e tudo o que Ele fez, como Ele veio, morreu e ressuscitou, está confessando que há alguma coisa seriamente errada com ele. Jamais devemos cessar de maravilhar-nos ante o fato de que de tal maneira Deus amou o mundo que enviou Seu Filho unigênito da maneira como o fez, e de que o Filho Se sujeitou ao que Se sujeitou, sofreu, morreu e ressuscitou. Mesmo aqui, onde o apóstolo está primariamente preocupado com a nossa relação com a Lei e com a nossa santificação, ele introduz esses fatos, e nós devemos fazer sempre o mesmo. Um cristianismo subjetivo e sentimental, que nalguma medida deixa de ver estes grandes fatos objetivos, já é gravemente defeituoso. Esse tem sido o principal

problema da Igreja Cristã durante este século em particular.*

Passemos agora ao segundo fator, pois, assim como certas coisas tiveram que acontecer com Cristo antes de podermos ter esta vida, assim também, exatamente da mesma maneira, algo teve que acontecer conosco, como a seguir veremos. É algo absolutamente essencial, pelo que o apóstolo lhe dá grande ênfase. Temos examinado os grandes fatos concernentes a Cristo; mas, qual é a minha relação com eles? É apenas uma questão de crer, de aceitar essas proposições, de acreditar nessas declarações relativas aos fatos concernentes ao Filho de Deus? Ou seria isso, e mais a determinação de segui-LO, imitá-LO e tentar viver a vida que Ele viveu? Isso nos torna cristãos? A resposta é que não. Você pode ter uma crença intelectual, pode aceitar com sua mente a posição ortodoxa, e ainda não ser cristão. Pode viver uma vida virtuosa, pode imitar a Cristo, e ainda não ser cristão. Essas atitudes são essenciais, mas não são suficientes; algo terá que acontecer em acréscimo. O apóstolo nos ensina, mais uma vez, que, como cristãos, estamos unidos ao Senhor Jesus Cristo. “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo.” Já examinamos esta doutrina, a qual o apóstolo introduziu no capítulo 5, versículo 10. Ele a explica em detalhe desde o versículo 12 daquele capítulo e, no capítulo 6, principalmente nos versículos 1-7. Está implícita no restante do capítulo 6.

Assim como estávamos ligados a Adão, agora estamos ligados ao Senhor Jesus Cristo. Essa é a doutrina. Diz o apóstolo que, uma vez que isso é verdade a nosso respeito, “também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo”. Essa é outra declaração da doutrina que ele tinha explicado em detalhe no começo do capítulo 6, versículo 3. “Não sabeis”, diz ele, “que todos quanto fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos

* Século 20

mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição.” Aqui, no versículo 4 do capítulo 7, Paulo está realmente dizendo isso mais uma vez; mas ele o faz a fim de salientar um ponto adicional. O que ele tinha estabelecido no capítulo 6 é que nós morremos com o Senhor Jesus Cristo e nEle, para o pecado e para a morte. Agora ele está interessado em mostrar que também morremos da mesma maneira para a Lei. Esse é o ponto específico que ele demonstra neste capítulo.

Observem como ele o diz. A Versão Autorizada é de fato fraca neste ponto, e leva a um entendimento errôneo. “Portanto, meus irmãos”, diz ela, “vós também vos tornastes mortos para a lei”. Uma melhor tradução seria: “Fostes feitos mortos para a lei”. Alguns até dizem que deveria ser traduzido assim: “Vós fostes levados à morte relativamente à lei”. Vocês não “se tornaram mortos”, vocês foram “feitos mortos”. Novamente devo salientar que o apóstolo deliberadamente emprega um tempo verbal em particular; e ainda é – como vimos várias vezes no capítulo 6 – o aoristo, que, não somente expressa uma ação final, porém também uma ação realizada uma vez por todas. Não é um processo em seguimento; é uma ação definida, e uma ação realizada uma vez e para sempre; não pode ser repetida, é absolutamente final. “Portanto, meus irmãos, vós também fostes feitos mortos para a lei, pelo corpo de Cristo.” Ora, essa é apenas outra maneira de dizer que nós morremos com Ele. Apesar disso ter ficado claro no capítulo 6, há os que ainda tropeçam nisso. Daí o apóstolo o repetir, e nós devemos fazer isso também. A situação do cristão é que ele morreu com o Senhor Jesus Cristo uma vez, uma vez por todas, uma vez e para sempre. Quando? Quando Ele morreu na cruz, quando Ele morreu naquele corpo que havia assumido. Quando Ele morreu na cruz, nós, que somos cristãos, morremos com Ele. Isso não é algo que pode suceder conosco subsequente;

ninguém pode ser cristão sem ter morrido com Ele. Há muitos que dizem: “Ah, sim, Ele morreu ali; e nós somos justificados por aquele evento. Agora nós temos que morrer também” – como se a nossa morte fosse algo subsequente. Isso é completamente antibíblico. Nós já morremos ali com Ele, uma vez por todas. Essa verdade diz respeito a todos quantos são cristãos.

Portanto, o que o apóstolo está dizendo é que quando nós morremos com Ele na cruz, estávamos morrendo para a Lei tanto como para o pecado e para a morte. “Sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele; pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado” – uma vez por todas – “mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado.” Sim, e também no mesmo contexto mostrando a nossa libertação da morte – “mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor”. Logo, a doutrina consiste em que, quando o nosso Senhor estava morrendo na cruz, estava morrendo para a Lei – não somente para o pecado e para a morte, mas também para a Lei.

“Como será isso possível?” perguntará alguém. Desta maneira: a Epístola aos Gálatas, capítulo 4, versículo 4, diz-nos que “Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei”. Esse é um fato espantosamente admirável. Para remir-nos o Filho de Deus nasceu “sob a lei”. Não significa que Ele foi pecador – absolutamente não. Ele nunca pecou; mas Ele esteve sujeito à Lei. “Nascido sob a lei” significa que Ele Se colocou debaixo da Lei e Se fez sujeito a ela, como nós. Ele prestou perfeita obediência à Lei em Sua vida. Cumpriu todos os seus preceitos; nunca falhou em nada. E, em Sua morte na cruz, Ele recebeu a punição que a Lei impõe ao pecado sobre todos aqueles a favor dos quais Ele morreu. Foi a Lei que exigiu a Sua morte; a Lei fez tudo o que pôde com Ele; porém Ele ressuscitou, provando que tinha terminado com a Lei. No momento em

que ressuscitou, já não estava “debaixo da lei”. Por isso o apóstolo salienta, e continua salientando, a Sua ressurreição. A ressurreição é a declaração de que a Lei foi completamente cumprida e satisfeita, que Ele terminou com ela, que Ele não está mais sob a Lei. Ele só estava “sob a lei” enquanto estava neste mundo. Agora não está mais “sob a lei”; Ele agora, na glória, reina acima e além da Lei; essa é a posição que Ele ocupa. Por conseguinte, Ele terminou completamente com a Lei, e nunca mais estará debaixo dela. Ela já não tem exigências que Lhe possa fazer. Todas as exigências que Lhe poderia fazer, ela fez; e Ele as satisfaz todas, cada uma delas. Logo, Ele terminou com a Lei para sempre.

O que o apóstolo está afirmando na passagem em foco é que a mesma coisa é também verdade a nosso respeito, a respeito de nós, que somos cristãos, graças à nossa união com Ele, porque fomos batizados em Sua morte, e morremos com Ele. Ele morreu para a Lei; nós também! “Portanto, meus irmãos, vós fostes feitos mortos para a lei pelo corpo de Cristo.” Esta é uma das mais gloriosas e mais libertadoras verdades que jamais podemos captar. É tão importante que este mesmo apóstolo a repete freqüentemente. Há uma perfeita repetição dessa mesma verdade na Epístola aos Gálatas, capítulo 2, versículo 19, onde ele diz: “Pela lei estou morto para a lei, para viver para Deus”. Essa é exatamente a mesma declaração que ele faz neste versículo 4 deste capítulo 7 da Epístola aos Romanos. Eis o que ele quer dizer: a Lei, impondo a sua pena completa ao Senhor Jesus Cristo em Sua morte, com isso nos liberta, a nós cristãos, das suas reivindicações penais. “Pela lei” estou morto para a Lei. Noutras palavras, a Lei, levando Cristo à morte e fazendo as suas exigências a Ele na qualidade de meu Representante – e tendo Ele cumprido completamente essas exigências – a própria Lei me libertou da Lei. Ela não tem mais exigências que me possa fazer. Com o que ela fez com Cristo, ela mesma nos livra. “Pela lei estou morto para a lei, para viver para Deus.” Essa é a gloriosa afirmação que o

apóstolo faz aqui concernente à nossa posição em Cristo Jesus. Pelo corpo de Cristo crucificado no Calvário, sou feito morto para a Lei. A Lei não tem nada para me dizer. Até onde interessa à Lei, é como se eu realmente não estivesse vivo.

Expliquemos isso. O cristão está morto para a Lei, portanto, nos seguintes aspectos: ele não é alguém que foi meramente perdoado. Naturalmente que foi, porém há na salvação muito mais que isso. Primeiro, estávamos “ligados à Lei”, éramos “da Lei” ou estávamos “casados” com ela; não estamos mais. Pela morte saímos desse casamento; o contrato não tem mais nenhuma força, mais nenhuma existência legal. Segundo, podemos dizer que não estamos mais debaixo do poder governamental da Lei. Tomamos tempo para explicar a ilustração e analogia da mulher casada e seu marido, mostrando que ela está sob o poder de governo e sob o domínio daquele marido. Assim era a nossa relação com a Lei, mas não é mais. Estávamos sob o domínio, o reinado e o poder governamental da Lei, mas não estamos mais nessa situação. Não é esse o poder que domina sobre nós agora; estamos casados com outro Marido. A Lei não é mais a maior força ou poder em nossa vida. O apóstolo irá desenvolver isto em grande detalhe no restante do capítulo; aqui simplesmente o menciono como um princípio. Antes de nos tornarmos cristãos, a Lei é a força ou o poder em nossa vida. A que isso leva, veremos mais tarde. Mas no momento em que nos tornamos cristãos, a Lei deixa de ser a principal força ou poder operante em nós. E então, em terceiro lugar, a Lei não pode mais condenar-nos. Este é, de todos, um dos fatos mais gloriosos. Não deve ser mantido isoladamente; porém é de vital importância. A Lei já fez tudo o que podia fazer com aqueles de nós que estamos em Cristo Jesus, incluindo a nossa condenação e a nossa punição. O apóstolo irá asseverar isso no versículo primeiro do capítulo 8: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. A Lei não pode apontar o dedo para nós, não pode acusar-nos, não pode condenar-nos. O fato é que, como cristãos,

estamos inteiramente fora da jurisdição da Lei. Fomos feitos mortos para ela; estamos na situação que Paulo já ilustrou com a sua analogia concernente ao casamento.

Quase nem preciso dizer que a compreensão disso tudo é essencial para a verdadeira certeza da salvação, e para a real liberdade na vida cristã. Foi porque ficaram confusos sobre esse ponto que os gálatas se mudaram para outra posição, o que tornou necessário que o apóstolo lhes escrevesse em termos verdadeiramente severos. Você não poderá ter verdadeiro senso de liberdade e de segurança na vida cristã, enquanto não compreender que está completamente morto para a Lei. Não devemos ter medo de ser chamados antinomistas por sustentarmos essa doutrina. O apóstolo foi acusado desse erro, mas continua a afirmar a doutrina. Diz ele que nós não estamos mais “debaixo da lei” porque fomos feitos mortos para a Lei. A violenta morte que sofremos com Cristo pôs fim à nossa relação com a Lei uma vez e para sempre.

*Os terrores da Lei e de Deus o terror
Nada podem fazer-me nem pôr em mim culpa;
A obediência e o sangue do meu Salvador
Minhas transgressões todas para sempre ocultam.*
– Toplady

Amados irmãos, vocês conhecem essa verdade? Aperceberam-se do seu valor? Regozijam-se nela? Compreendem que, nesse sentido, vocês não têm mais nada com a Lei? Que ela não tem jurisdição sobre vocês? Que a Lei não é mais o poder sob o qual vocês vivem?

Observemos, então, a declaração categórica do apóstolo. Por que tem ele tanto interesse em salientar isso e em dizer que não estamos mais “casados com a lei”? Respondo: porque isso não é somente essencial para a nossa justificação; a sua tese global é que é igualmente essencial para a nossa santificação. E ele prossegue intentando desenvolver essa verdade.

Precisamos compreender que terminamos com a Lei naquela relação; de outro modo, diz ele, a nossa santificação corre perigo.

Vejam como ele faz para provar a sua asserção. Aqui vão os passos: primeiro, estamos unidos ao Senhor Jesus Cristo. Segundo, morremos com Ele, e fomos “feitos mortos” para a Lei” como resultado dessa morte. Vem depois o terceiro elemento, que é positivo, a saber, que estamos casados com o Senhor Jesus Cristo. “Portanto, meus irmãos, vós também fostes feitos mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que vos casásseis com outro, com aquele que ressuscitou dos mortos.” O apóstolo deixa de lado um passo em sua declaração aqui feita; mas ele a havia feito tão completamente no capítulo 6 que parece achar desnecessário repeti-la em detalhe neste ponto. Notem que ele diz que “morremos com Cristo” e então passa imediatamente a dizer que nos casamos com Ele. No entanto, algo deve ter acontecido nesse ínterim; a saber, que ressuscitamos com Ele – “plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição” (capítulo 6, versículo 5). Não continuamos mortos; já ressuscitamos com Cristo. Estamos vivos, e, estando, vivos estamos agora na posição de casados com o Senhor Jesus Cristo. Paulo ressalta a morte porque, obviamente, você não poderá estar casado com o Senhor Jesus Cristo se ainda estiver casado com a Lei. Seria adultério, diz ele; é contra a Lei e está sob condenação divina. “De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera, se for doutro marido.”

Portanto, se havemos de casar-nos com o Senhor Jesus Cristo, o nosso casamento com a Lei terá que ser dissolvido, e o único modo de fazê-lo, diz o apóstolo, é pela morte. Daí o seu grande interesse em dizer que nós já morremos para a Lei. Estamos fora daquela relação de casamento porque morremos com o Senhor Jesus Cristo; é essencial à nova relação que a antiga seja primeiro desfeita e terminada. É por isso que, neste versículo 4, em muitos sentidos a expressão mais importante é

a singela locução “para que”: “Portanto, meus irmãos, vós também fostes feitos mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que (a fim de que) vos casásseis com outro, com aquele que ressuscitou dos mortos para que (a fim de que)...”. Tudo se dá “a fim de que” alguma coisa aconteça. Assim se explica o grande plano de redenção. Quando o contemplamos, não podemos senão maravilhar-nos ante a sua glória, ante o seu caráter estupendo. Já morremos para a Lei, e não estamos mais casados com ela, a fim de podermos considerar-nos pessoas que fizeram um segundo casamento – com o Senhor Jesus Cristo.

Há um ponto que devo salientar de passagem. O apóstolo tinha grande respeito pela Lei. “Não sabeis vós, irmãos”, diz ele no versículo primeiro, “(pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive?” Jamais o apóstolo faz pouco caso da Lei, jamais a deprecia. Mais adiante ele dirá algumas coisas grandiosas acerca da Lei, no versículo 12: “E assim a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom”. Quem fala com menosprezo da Lei simplesmente mostra que é um cristão defeituoso ou ignorante. Se a idéia que vocês têm do cristianismo é de que ele é algo que “dispensa” ou que “faz pouco caso” da Lei, vocês nunca o entenderam. O apóstolo era muito sensível sobre este ponto. Os judeus estavam constantemente apresentando uma acusação contra ele; na verdade foi por isso que ele escreveu este capítulo. Eles diziam: “Este homem está acabando com a Lei; ele a está dispensando e a está ridicularizando”. Mas o apóstolo se ressentia disso e refuta a acusação. Já no último versículo do capítulo 3 ele nos havia dito o seguinte: “Anulamos, pois, a lei pela fé?” E a sua resposta foi: “De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei”. O que ele quer dizer é que tudo o que Deus faz é legal, está sempre dentro da Lei. Deus nunca infringe a Sua Lei; Ele nunca dá apoio a nenhuma quebra da Lei.

A salvação em Cristo não quebranta a Lei. Como diz o

apóstolo, ela “estabelece a lei”; e este versículo nos mostra como isso acontece. Foi por esse caminho que a sua ilustração entrou. Casamento não é brincadeira, diz ele. Uma mulher que se junta a outro homem enquanto o seu marido está vivo, é uma “adúltera”. Está quebrando e violando a Lei. Mas, se o seu marido morrer e ela se casar com outro homem, já não será adúltera. Por quê? Porque esta segunda união é legal, está dentro da Lei. Ela não está mais presa ao primeiro marido e, portanto, está livre para casar-se a segunda vez. O segundo casamento é legal, está dentro da Lei. Essa é a tese de Paulo, e ele a defende porque está interessado em mostrar que o nosso casamento com o Senhor Jesus Cristo é absolutamente legal e justo. No entanto vocês só poderão entender isso direito se entenderem direito a morte de Cristo na cruz. Se disserem que a morte de Cristo foi tão-somente uma demonstração maravilhosa do amor de Deus, ou apenas uma manifestação da crueldade dos homens, ou se defenderem uma das outras noções sentimentais concernentes à morte na cruz, não haverá Lei envolvida nisso. Mas toda a argumentação do apóstolo é no sentido de que Deus nos liberou daquele antigo marido, a Lei, de maneira legal. A morte de Cristo é uma transação legal. Na cruz Ele recebeu a penalidade justa e completa exigida pela Lei. Se vocês não virem a Lei sendo respeitada e honrada na cruz do Calvário, vocês nunca viram o verdadeiro significado da morte de Cristo: ela é essencialmente um ato pelo qual a Lei recebe a honra que lhe é devida. Tudo o que Deus faz é justo, santo e reto, e visto que a Lei foi respeitada dessa maneira, agora estamos livres para casar-nos com o Senhor Jesus Cristo.

Devemos entender muito bem o aspecto “legal”. Nunca devemos dar a impressão de que, no que se refere à nossa salvação, a Lei é posta de lado e que, de certa forma, Deus diz: “Vou facilitar a coisa para você”. Essa é uma representação falsa e antibíblica do cristianismo. A verdadeira doutrina respeita a Lei porque se trata da Lei de Deus, uma expressão do Seu caráter eterno e santo. Muito do que é chamado “cristianismo”

não é ético e é quase imoral. Nós não “anulamos a lei pela fé, antes estabelecemos a lei”. Não permita Deus que sequer tentemos fazer outra coisa. Contudo, além disso, cada um de nós, cristãos, está casado com o Senhor Jesus Cristo. Quais são as conseqüências disso? Deixem-me começar partindo de um importante elemento negativo. Na condição de casado com Cristo, você nunca deve permitir-se sentir como se sentia enquanto estava “sob a lei” e casado com a Lei. Se você, estando casado com Cristo, se sentir como se sentia quando era doutro marido, estará sendo desleal para com o seu segundo marido, isto é, para com o Senhor Jesus Cristo. Você alguma vez pensou em si mesmo e em sua vida nestes termos? Você ainda teme a Lei? Se teme, está sendo desleal para com o seu novo marido, porque significa que ainda teme o primeiro. Isso é um grande insulto ao novo marido. Você não deve temer o seu antigo marido, a Lei. Ele não existe mais; é um grave ato de deslealdade para com o novo marido, que requer todo o seu pensamento, toda a sua atenção e a plenitude da sua vida.

Pior ainda é se sentir condenado pela Lei. Desejo acentuar isso. O cristão que continua a sentir a condenação da Lei é como a esposa que ainda sente medo do seu primeiro marido, de quem ela foi separada pela morte. Você jamais deve voltar a estar “debaixo da lei”. Você deve realmente aprender a dizer: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. “Mas”, você dirá, “eu me sinto um fracasso, eu me sinto tão pecador, tão indigno!” Pode ser – muitas vezes eu me sinto assim também, porém nunca me permitirei voltar a estar debaixo de condenação. Posso ser indigno do meu novo marido, mas não significa voltar a estar casado com o antigo. É absurdo, é confusão, é impossível. Seja o que for que você sinta acerca de si próprio, e seja o que for que você saiba que é verdade a seu respeito, “agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Nenhuma! Você não deve pensar de si mesmo e da sua vida daquela maneira; agora você deve pensar nisso como sua falta de fidelidade para com o novo

marido. Deve pensar em termos de Cristo, e nunca mais em termos da Lei, ou, do contrário, estará contradizendo o que você diz crer.

Você afirma que foi separado legalmente do primeiro marido e, todavia, está se colocando de novo naquela antiga relação com ele. De fato, não hesito em ir longe ao ponto de dizer que o cristão não tem direito de sentir-se acabrunhado e infeliz. Se você é um cristão que se sente acabrunhado e infeliz é porque não entendeu esta doutrina. Você não se despertou e não se levantou espiritual e mentalmente; você não olhou para o seu novo marido, não sorriu para Ele apesar de você ser o que é, e não O viu sorrir para você, apesar de você ser o que é! Como cristãos, não temos o direito de sentir-nos acabrunhados, melancólicos e infelizes. Alternativamente, vejamos a questão desta maneira: o cristão não tem o direito de ter medo da morte e do Juízo. Se nos demos conta de que fomos “feitos mortos para a lei”, que direito temos de temer a morte? O que temos para temer no Juízo? Todos nós deveríamos começar a sentir-nos como Augustus Toplady, cujas palavras já citei –

*Os terrores da Lei e de Deus o terror
Nada podem fazer-me nem pôr em mim culpa.*

“Que temeridade!” exclama alguém. Não; é fé, nada senão simples fé. É a aceitação da verdade de Deus, é crer em Deus em vez de crer no diabo ou em meus próprios sentimentos. Não é por causa de algo que haja em mim, não é por causa de algo que eu tenha feito. Só posso usar essas palavras, única e inteiramente por causa da minha relação com Jesus Cristo. Aí estão, pois, algumas negativas, e é nosso dever aplicá-las; quando você se vir ou se achar acabrunhado ou dominado por um senso de condenação, ou temeroso, ou com medo da morte, deve falar consigo e dizer: “Isso está errado, estou sendo desleal para com o meu novo marido!” “Para que sejais doutro, daquele que ressuscitou dentre os mortos.” Reitero: essas são

algumas das conseqüências negativas deste casamento.

Mas passemos a considerar algumas conseqüências positivas, pois estas são admiráveis e extraordinárias. Não hesito em asseverar que estou prestes a dizer coisas que são as mais magníficas que um ser humano jamais poderia proferir. Estou a ponto de dizer a vocês algumas das coisas mais maravilhosas e mais misteriosas que um ser humano jamais poderia ouvir. Qual é a natureza desta união, da nossa união com o Senhor Jesus Cristo, com quem estamos casados? É uma união real, uma união completa. Afortunadamente, o apóstolo Paulo expôs esta verdade para nós com muita clareza em sua Epístola aos Efésios, no capítulo 5, começando no versículo 25: “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela”. Mas vamos principalmente ao versículo 29: “Nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja; porque somos membros do seu corpo”. E então: “Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério: digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja”. Em que sentido eu me relaciono com Cristo como casado com Ele? Somos “uma carne”. Que é que significa isso? – perguntará alguém. Eis a resposta do apóstolo: “Grande é este mistério” – e se era um mistério para o apóstolo, certamente é um mistério para mim e para vocês, mas é verdade.

A união em que consiste o casamento é algo misterioso, porém os dois são feitos “uma carne”. É isso que faz do casamento um casamento; há esta unidade vital. E nisso consiste a minha relação com Cristo! “Uma carne”; “membros do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos” (VA). Não existe relação mais íntima que essa; e essa é a nossa relação com o Senhor Jesus Cristo. Que vergonha para nós, cristãos, que não vivemos à luz destas coisas, que não vivemos na glória destas coisas! Que vergonha para nós, que não vivemos perpetuamente a regozijar-nos na contemplação e na percepção destas coisas!

Que vergonha para nós, por nossos queixumes, lamúrias e gemidos, por nossos temores e por nossas dúvidas – nós que somos “uma carne” com o Filho de Deus! É um “grande mistério”, mas gloriosamente verdadeiro.

A segunda coisa acerca desta união é que significa que devemos estar inteiramente sujeitos a Ele. A nossa vida costumava ser controlada pelo primeiro marido, a Lei. A Lei determinava e controlava tudo o que nós fazíamos. A nossa posição agora é que estamos sujeitos ao Senhor Jesus Cristo. Assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim a mulher deve estar sujeita ao seu marido, argumenta o apóstolo. Devemos dizer estas coisas a nós mesmos. Quando você se levantar amanhã cedo, diga a si mesmo: eu sou a esposa do Senhor Jesus Cristo. Assumo a posição de esposa, sujeito-me a Ele, deixo que Ele me guie, que me conduza, que me controle em todas as coisas. Essa é a relação, e a percepção disso transformará toda a sua perspectiva e o seu dia. Pense numa nova noiva entrando na nova relação. Ela deixou seu pai e sua mãe, e se uniu a este homem. Todo o seu pensamento agora é novo. Uma mulher que se casa pela segunda vez faz o mesmo. Esquece o primeiro marido a fim de se tornar fiel e leal ao segundo. Ela põe isso na mente. Não deve mais pensar como antes; deve pensar de uma nova maneira. Essa é a segunda característica desta união.

Isso nos leva à terceira, que é o caráter permanente da relação. O apóstolo deu-se a muito trabalho para salientar isso. Todavia, há pessoas que dizem tolamente que não acreditam na permanência desta relação e argumentam violentamente contra. Mas o apóstolo diz: “Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei)”, que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que (ele) vive?” Nada pode terminar isso, a não ser a morte. Depois, para deixar bem claro o ponto, ele diz: “A mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; porém, morto o marido, está livre da lei do marido”. Nada, senão a morte, põe fim a essa

relação – “por todo o tempo que (ele) viver”. Essa é a ilustração utilizada por ele, e devemos aplicá-la a nós mesmos, como estando casados com o Senhor Jesus Cristo.

Por quanto tempo vou estar casado com Ele? Só até eu cair em pecado? Minha queda em pecado significaria a minha saída dessa relação, para casar novamente com Ele e cair, casar e cair, repetidamente? Que completo absurdo! Não. Procuremos compreender que a relação é de acordo com a Lei e que é duradoura. Estou casado com Ele, e permaneceré casado com Ele até que um de nós morra; mas nem um nem outro de nós pode mais morrer! Diz o apóstolo no capítulo 6, versículo 9: “Sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre: a morte não mais terá domínio sobre ele”. Ele não pode morrer mais. Aí está o meu Marido; Ele não pode morrer, e eu estou ligado a Ele.

Mas o apóstolo também nos fez lembrar que nós igualmente não podemos morrer. Nós terminamos com a morte porque terminamos com a Lei, que, só ela, tem poder para prescrever a morte: “O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei” (1 Coríntios 15:56). É a Lei que exige morte; logo, como eu estou morto para a Lei, estou morto para a morte – assim, não posso morrer. O Marido não pode morrer, e, como Ele é “a morte da morte e a destruição do inferno”, a esposa não pode morrer. É um casamento indissolúvel; durará através das incontáveis eras da eternidade.

A Lei é um poder majestoso e tremendo; nada senão a morte pode pôr fim às proclamações dos seus juízos e mandamentos e às suas prescrições. Mas, na posição em que agora nos encontramos, estamos acima e além da Lei e da morte – estamos casados com Cristo para sempre. Por isso o apóstolo diz no fim do capítulo 8, quando ele resume toda essa verdade: “Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá” – poderá o quê? – “separar do amor

de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”. Estamos casados com Cristo eternamente; Ele nunca nos abandonará; pertencemos a Ele para todo o sempre.

*Do meu Senhor que agora me ama tanto,
Que força irá minha alma separar?
A vida? a morte? a terra? o inferno? os anjos?
Não! Eu dEle sou, agora e para sempre!*

Essa é a natureza da união. No próximo capítulo consideraremos os privilégios dessa união.

5

“Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.”

– Romanos 7:4

Tendo examinado algumas das conseqüências do fato de estarmos unidos ao Senhor Jesus Cristo pelo casamento, voltamo-nos agora para os privilégios dessa união. A própria natureza da união a torna uma das mais sublimes comparações que até este grande apóstolo jamais usou, e não há nada que seja tão fortalecedor para a fé, nada tão reconfortante, e em especial nada tão estimulante para a santificação, como compreender esta verdade particular. O nosso Senhor, na grande oração sacerdotal registrada em João, capítulo 17, eleva a petição: “Santifica-os na verdade”, e depois acrescenta: “a tua palavra é a verdade”. O meio utilizado para a nossa santificação é a verdade, a Palavra. Não há nenhum aspecto da verdade que seja tão estimulante para a santificação como esta particular descrição do cristão como alguém que está “comprometido”, está “casado” com o Senhor Jesus Cristo, especialmente quando nos apercebemos dos privilégios que passam a ser nossos, pelo fato de sermos cristãos. Todo cristão está casado com Cristo. Você não pode ser cristão sem estar nessa posição. Nunca estamos desligados. Ou estamos casados com a Lei, ou estamos casados com Cristo. Os privilégios pertencem a todos quantos são cristãos.

O primeiro privilégio é que o nome dEle passa a ser o nosso nome. Quando uma mulher se casa, renuncia a seu nome

e assume o do marido. Esse é um dos fatos elementares relacionados com o casamento. Dizem as Escrituras que essa é a posição do cristão – o nome de Cristo vem a ser o nosso nome; Seu nome é posto em nós. Somos chamados “crist(o)ãos”. Somos de Cristo, somos pessoas pertencentes a Ele, pessoas que mudaram de nome. Em sua antecipação desse fato, o Salmo 45 lembra-nos que deixamos o nosso lar e os nossos pais, e que, juntando-nos a Ele, a velha natureza não serve mais para nós. Esse é um pensamento que impossibilita a descrição e que ninguém é capaz de manejar adequadamente. É-nos dito que o Seu nome é “o nome que está acima de todo nome” (Filipenses 2:9, ARA). Não há nome, no céu ou na terra, que lhe seja comparável. “Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra.” E esse se torna o nosso nome! Não há título nem dignidade que possam jamais vir ao ser humano e que sejam maiores e mais grandiosos que o nome de Cristo e a Sua dignidade. Você se interessa por honrarias? Você se interessa por títulos? Você se interessa por nomes? Bem, aqui está a mais alta categoria, o nome que está acima de todo nome; e, uma vez que estamos casados com Cristo, esse é o nosso nome.

Há alguma coisa que se possa comparar com o fato de alguém ser cristão? Cubramo-nos de vergonha, povo cristão, por estarmos sempre nos desculpando, em fuga, por sempre temermos que as pessoas saibam que somos cristãos (de fato, não só de nome), por nos deixarmos atrair sempre pela “soberba da vida”! Muitos dos nossos problemas provêm do fato de que não compreendemos a nossa posição e os nossos privilégios. Há um sentido em que os cristãos deveriam ser o povo mais orgulhoso do mundo. Digo “num sentido”, porque o cristão não é orgulhoso; porém deveria orgulhar-se do seu nome, deveria orgulhar-se da sua posição. Diz-nos o apóstolo que devemos gloriar-nos no Senhor – “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1 Coríntios 1:31). Quer dizer: “gabe-se no Senhor”. As pessoas do mundo têm orgulho do seu nome, têm

orgulho do nome de família, têm orgulho dos seus títulos, têm orgulho da dignidade que estas coisas trazem consigo – e eu e vocês deveríamos ser assim! “Filhos do celeste Rei, peregrinando, cantai com doce prazer!” Caminhemos por este mundo, marchemos através dele cientes da dignidade, do privilégio, da magnificência e da glória do nome que nos foi dado. Quem não estiver entendendo bem isso, faça esta petição:

*Teu novo nome escreve em meu coração,
Teu novo e melhor nome de amor.*

Mas o novo nome *está* em nós. O que naturalmente o escritor do hino estava procurando era poder vê-lo claramente, poder ter plena consciência disso. Isso aconteceu como uma transação legal, como já salientamos. Não é primariamente uma questão de experiência – a experiência é a percepção do fato. Já aconteceu, Deus o fez dentro da Lei. Foi feita uma verdadeira união, e os documentos foram assinados nos livros próprios, nos registros do céu; e não há poder no céu ou na terra que possa questionar o casamento ou dissolvê-lo! Apercebamo-nos disso e andemos através deste mundo sempre lembrados dele.

Isso nos leva ao segundo privilégio. Não somente compartilmos o Seu nome, mas também a Sua posição. Com isso quero dizer o que o apóstolo diz aos coríntios no capítulo primeiro da sua Primeira Epístola, versículo 30, onde ele declara: “Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”. É de estontear essa idéia de que a Sua justiça foi posta em nós. Esse é o ensino concernente à justificação pela fé que vimos tão claramente nos primeiros capítulos desta Epístola; lembremo-nos, porém, de que é desta maneira que ela nos vem. Devido estarmos casados com Cristo, a Sua sabedoria, a Sua justiça, a Sua santificação e a Sua redenção são nossas, e estamos “completos nele”. É a Sua “veste de justiça” que é

posta em nós. Não a nossa justiça; é a Sua justiça que nos é “imputada”, e gradativamente nos é infundida.

Esse assunto é sumamente prático. O diabo vem, como costuma vir, e aponta para nós a nossa indignidade, as nossas falhas e os nossos pecados. Ele nos faz olhar para o nosso íntimo e nos deprime. Muitas vezes ele tem sucesso por causa da nossa insensatez e da nossa ignorância. Ora, há somente um meio para contrapor-nos a isso; é o seguinte: compreender que, devido estarmos casados com Cristo, a Sua posição é também a nossa. Levantamo-nos na presença de Deus vestidos com a Sua justiça. Estamos unidos a Ele, que foi feito por Deus estas coisas, de modo que estamos na presença de Deus, não olhando para nós mesmos, e sim para Cristo e para o que Deus fez que Cristo Se tornasse por nós e para nós. Essa é a cura, é o antídoto, para toda forma de depressão que ocorra na vida espiritual – a percepção de que é a nossa relação com Ele que importa, e que é o próprio Deus que nos habilita a ter esta posição.

*Sê meu escudo e esconderijo,
Pois a Têu lado, protegido,
Posso encarar meu feroz Acusador
E dizer-lhe que Tu morreste, ó meu Senhor!*

Mas então, graças a esta relação, também compartilhamos e gozamos alguns dos Seus privilégios. É o que acontece com uma esposa; quaisquer que sejam os privilégios que o marido goza, ela goza. Quais são esses privilégios? Vejamos alguns deles. Escrevendo aos efésios, no capítulo 2, versículo 6, este apóstolo nos lembra que estamos, neste momento, sentados “nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”. Ele não pára depois de dizer que Deus “nos vivificou juntamente com Cristo” e que “nos ressuscitou juntamente com ele”, mas continua e afirma que Ele “nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”. Nunca devemos perder de vista o fato de que temos este glorioso privilégio, precisamente aqui e agora.

Não é uma referência a algo futuro. Por causa da nossa relação com Cristo, já estamos sentados com Ele nos lugares celestiais. Foi isso que levou Augustus Toplady a dizer:

*Mais felizes, porém, não mais seguros
Os espíritos em glória estão no céu.*

Todavia temos aqui outro fato maravilhoso. Por causa da nossa relação com Ele, gozamos o privilégio do acesso a Seu Pai. Temos este acesso porque somos a noiva já nubente do Seu Filho. Não há maior privilégio do que ter o direito de entrada e de acesso à presença do Pai celestial. É o que as Escrituras nos ensinam. Somos “aceitos no amado”. Desenvolvam isso, pensem nisso, usem a sua imaginação. Pensem nisso trazendo-o para a prática na vida humana como nós a conhecemos, principalmente se acontece que o pai é uma grande personalidade, uma personalidade distinguida e augusta, em cuja presença normalmente ficaríamos nervosos e hesitaríamos em pedir entrevista, e hesitaríamos mais ainda em solicitar ou pedir algum favor. Mas nós somos a noiva, a esposa do Filho unigênito, do ternamente amado Filho do celeste Pai; por isso podemos estar sempre seguros de que Ele nunca nos recusará coisa alguma que seja para o nosso bem. Ele nos recusará as coisas perniciosas, porque nos ama, porque somos a noiva do Seu Filho, entretanto nunca nos recusará o que for bom para nós. Vá ter com Ele com confiança – “aceitos no amado”. Você tem direito de entrada e de acesso ao Pai por causa da sua relação com o Filho.

Outra coisa deveras maravilhosa, e que temos a tendência de esquecer, é que todo cristão tem e deve gozar o privilégio do serviço dos anjos. Notemos nos Evangelhos que, em determinados pontos e em determinadas ocasiões da vida do nosso Senhor na terra, vieram anjos e O serviram, fortalecendo-O e ajudando-O. Devido estarmos casados com Ele, isso é igualmente verdade a nosso respeito. Isso não é fantasia minha;

vemos isso exposto explicitamente na Epístola aos Hebreus, no capítulo primeiro, versículos 13 e 14: “E a qual dos anjos disse jamais: assenta-te à minha destra até que ponha a teus inimigos por escabelo de teus pés?” Deus nunca disse tais palavras a um anjo, diz o autor dessa Epístola; só as disse ao Filho. Nunca disse isso a anjos porque – “Não são porventura todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?” Isso se refere a todo cristão. Os anjos são enviados para ministrar a todos os que são herdeiros da salvação porque estes são “co-herdeiros com Cristo”. De fato o Senhor tinha dito a mesma coisa, como se vê em Mateus 18:10: “Eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre vêem a face de meu Pai que está nos céus”.

Encontramos também grande conforto, ensinado na parábola do rico e Lázaro em Lucas, capítulo 16, de saber que seremos levados “pelos anjos para o seio de Abraão”, quando morrermos. Devido sermos cristãos, os anjos de Deus estão a nosso serviço; eles são “espíritos ministradores” enviados por Deus para servirem e ministrarem a mim e a vocês. Embora não estejamos conscientes disso, eles estão exercendo o seu ministério. Estamos cercados deles, são invisíveis, mas estão aí, e ministram a nosso favor porque pertencemos a Cristo, porque estamos casados com Ele e, por isso, somos “herdeiros da salvação”. Lamentavelmente, nós negligenciamos e esquecemos o serviço dos anjos; mas, se alguma vez você se sentir só e aflito, sem saber o que fazer e a quem recorrer, lembre-se de que o seu Pai celeste, o Pai do Senhor Jesus Cristo, enviou anjos para ministrar a seu favor, como fez com Ele nas horas das Suas maiores crises e da Sua maior agonia.

Devemos compreender também que vem o dia em que “reinaremos com ele”. É quase incrível. Aqui neste mundo, como cristãos, se é que merecemos este nome, geralmente somos desprezados, ridicularizados e ignorados; o mundo passa por nós como se fôssemos (clones de) João Ninguém. O mundo fala dos seus grandes privilégios, das suas honorabilidades e

das suas honras, das suas possessões e da sua pompa. Mas nós somos as pessoas que sabem algo sobre os reais e duradouros privilégios e honorabilidades. Em 1 Coríntios, capítulo 6, versículos 2 e 3, diz o apóstolo: “Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?” E mais adiante: “Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos?” Isso se refere a nós! Fomos destinados a gozar este privilégio por causa da nossa relação com o Filho de Deus. Estamos casados com o Filho, reinaremos com Ele e julgaremos o mundo; julgaremos até os anjos. Somos elevados a uma posição superior até à posição ocupada pelos anjos, por causa da nossa relação com o Filho.

Aí estão, pois, alguns dos privilégios; há muitos outros. Devemos examinar agora as posses que são nossas por sermos casados com Cristo. Temos aqui, de novo, algo que o apóstolo diz em muitas passagens. Uma, em particular, resume tudo isso muito bem. É a que diz: “Tudo é vosso” (1 Coríntios 3:21-23). Não há como dizer mais que isso. O apóstolo estava escrevendo para aqueles tolos cristãos coríntios que se gloriam nos homens e viviam em luta partidária. Essa atitude deles causou espanto ao apóstolo. “Portanto ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso; seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, seja o presente, seja o futuro, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus.” “Tudo é vosso” graças a esse relacionamento com o Senhor Jesus Cristo. Somos “co-herdeiros com Ele” – essa é a posição de uma esposa. “Bem-aventurados os mansos”, diz o nosso Senhor, “porque eles herdarão a terra.” Todas as coisas! “Tudo é vosso”, a vida, a morte, tudo! Na Epístola aos Hebreus também vemos isso exposto maravilhosamente, no capítulo 2, versículo 5: “Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos”. A quem, então, Ele sujeitou o mundo? “A nós”, diz o autor de Hebreus; não aos anjos. Eles são somente servos, nossos servos, “espíritos ministradores” a nosso serviço. “O mundo futuro, de que falamos”, não é para ser posto em sujeição a eles, mas a nós; a herança é nossa. Essa é a herança

futura que aguardamos e contemplamos como “herdeiros de Deus, e co-herdeiros com Cristo”; a herança nos pertence porque estamos casados com o Filho de Deus, o Herdeiro do universo inteiro.

Devemos ainda compreender que, como casados com o Senhor Jesus Cristo, estamos em condições de conhecer o Seu amor como ninguém mais o pode conhecer. É à sua noiva que o noivo revela e manifesta o Seu amor. “Vós, maridos”, diz o apóstolo Paulo, “amai vossas mulheres.” Como? “como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela.” É assim que os maridos devem amar suas esposas. Essas palavras nos dão alguma indicação do Seu amor por nós como cristãos. É Seu amor peculiar, íntimo; é uma manifestação dos Seus sentimentos, do Seu afeto, que Ele não mostra a mais ninguém. Esse é o peculiar tesouro e privilégio da noiva. Povo cristão, vivemos como vivemos porque não conhecemos as nossas Escrituras; é porque ignoramos estas Escrituras que muitas vezes vivemos como mendigos, em vez de percebermos que estamos casados com o Príncipe. A manifestação do Seu amor! Que é que nós sabemos sobre isso? Um hino lembra-nos que,

*O amor de Jesus, o que é –
Só os Seus amados o sabem.*

O mundo nada sabe sobre isso! Não pode saber. Nunca o sentiu; tampouco o pode sentir. O que o mundo conhecerá é “a ira do Cordeiro”. Vocês conhecem o amor de Cristo? Ele prometeu mostrá-lo. “Eu me manifestarei a vós.” (Cf. João 14:21 e contexto.) Ele não Se manifesta a ninguém, exceto à Sua noiva.

Ele tem falado com você? Ele tem dito a você: “Qual o lírio entre os espinhos, tal é a minha amiga entre as filhas”? Alguma vez Ele sussurrou para você: “O meu amado é Meu”? (Cantares 2:2,16). Leia Cantares de Salomão e veja como o esposo expressa o seu sentimento à sua esposa, ao seu amor. Quão ligeiramente passamos por essas grandes declarações

para podermos ficar com as nossas discussões sobre nossas queridas idéias e teorias! Num sentido, o objetivo pelo qual você é cristão é conhecer o amor de Jesus Cristo, Seu amor pessoal por você; ver que Ele pode falar-lhe com linguagem inconfundível que ama você, que Se entregou por você, que tem amado você com “amor eterno”. Isso Ele faz por intermédio do Espírito Santo; Ele “sela” todas as declarações que lhe faz por meio do Espírito. “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito” (Romanos 8:16). Ele fala diretamente com você. Você crê nisso porque está na Palavra; mas há mais que isso; Ele lhe fala diretamente como quem conta um grande segredo. O Espírito concede manifestações do Filho de Deus aos que Lhe pertencem, aos Seus amados, àqueles por quem Ele de boa vontade morreu e Se entregou.

Que é que nós sabemos dessas notificações secretas? Leiam as biografias dos santos através dos séculos e verão que todos eles tinham conhecimento disso. Todos os Seus santos têm a experiência de senti-LO vir falar com eles e de que Ele os ama, de ouvi-LO falar-lhes que os ama. Ele os abraça e os cinge e os faz saber, mais certamente do que qualquer outra coisa que possam saber, que Ele os ama com toda a intensidade do Seu Ser divino. É devido estarmos casados com Ele que Ele faz isso. “O amor de Jesus, o que é – só os Seus amados o sabem.” Mas, como “Seu amado”, você “o sabe” como deveria saber? Você Lhe dá oportunidade para que Ele lhe fale? Você põe tudo de lado para contemplar Sua face e ouvi-LO? Ou será que, quando Ele vem até você, você está ocupado com outras coisas? Ou será que, como a esposa retratada no capítulo 5 de Cantares de Salomão, você foi para o quarto, despiu-se, deitou-se, e quando O ouviu bater à porta, disse a Ele: “Já despi a minha túnica, hei de vesti-la outra vez? Já lavei os pés, tornarei a sujá-los?” (ARA). Então, de repente, você percebe quão tolo foi, levanta-se, vai abrir a porta. Mas Ele Se foi e não deixou nada, senão o cheiro de mirra que se desprendera de Seus dedos, e você fica sem saber o que fazer; então sai a procurá-LO.

Se você quiser saber o “que é” o amor de Jesus, dê-Lhe oportunidades para que Ele lhe conte. Ele Se manifestará a você nas Escrituras, e falará com você. Dê-Lhe tempo, lugar e ocasião. Ponha de lado as outras coisas, e diga às outras pessoas: “Não posso fazer o que me pedem; tenho outro compromisso. Sei que Ele vai chegar logo e eu vou esperá-LO”. Você O busca, você espera por Ele, você O aceita, você Lhe dá oportunidades para que Ele fale com você e deixa que Ele o faça saber do Seu amor por você? Estamos casados com Ele. Sabemos o que a Lei nos dizia na vida que tínhamos anteriormente. Não havia dúvida sobre isso – suas ameaças, suas condenações. Nós as ouvíamos, nós as conhecíamos e dávamos atenção a elas. Contudo não estamos mais casados com a Lei, e não precisamos dar-lhe ouvidos. Dê as costas para a Lei e ouça a Cristo. Olhe-O no rosto e ouça o que Ele tem para lhe dizer sobre o Seu amor por você.

Depois, e como resultado disso, há o Seu cuidado e a Sua proteção. Escrevendo aos efésios, no capítulo 5, versículo 29, o apóstolo diz a eles: “Nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja”. Todo marido sabe dessas coisas; mas multipliquem isso pelo infinito, e teremos alguma idéia do cuidado do Senhor Jesus Cristo por todo cristão, que com Ele está casado. Ele Se antecipa ao nosso pensamento, Ele planeja por nós, Ele nos protege. É Ele que ordena aos Seus anjos que olhem por nós, nos protejam e nos guardem. Não há nada que Ele não faça por nós; Ele sabe todas as coisas a nosso respeito e conhece os perigos da nossa situação. Por certo tempo Ele está separado de nós, no sentido físico, mas está cuidando de nós e nos protegendo. Judas, em sua Epístola, faz-nos lembrar que Ele é suficientemente poderoso para “nos guardar de tropeçar”. Estamos andando e vivendo num mundo repleto de obstáculos e de armadilhas que nos fazem cair e perder o rumo. No entanto Ele “é poderoso para vos guardar de tropeçar”. Temos aí uma manifestação do Seu cuidado e da Sua proteção. Ele nos

certifica de que temos bastante alimento, e providencia para que tenhamos suprimentos do Espírito; tudo quanto necessitamos. Em sua Segunda Epístola, no capítulo primeiro, diz Pedro que “tudo o que diz respeito à vida e à piedade” foi providenciado para nós por Sua virtude e por Seu poder. Não temos do que nos queixar, não temos desculpa para fracasso, Ele nos deu tudo o de que precisamos ou venhamos a precisar enquanto estivermos passando por este mundo. Tudo foi providenciado para nós como resultado do cuidado e proteção que Ele dedica à Sua noiva.

A última coisa que desejo anotar sob este título é o que Cristo deseja e qual é o Seu propósito quanto a nós. Permitam-me voltar àquela grande declaração que se lê na Epístola de Judas: “Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória”. As metáforas falham, não são muito adequadas. Mas o que essa passagem nos diz é que, por assim dizer, Ele tem grande orgulho de nós, e que o Seu grande desejo e propósito é apresentar Sua noiva a Seu Pai. Pode-se tomar a declaração de Judas como uma descrição pictórica de um noivo levando para casa a sua noiva e mostrando-a orgulhosamente à sua família. Nessa hora Cristo já nos terá tornado irrepreensíveis, e por isso fará essa apresentação com “imensa alegria” (VA), com “exultação” (ARA). Ou, para variar um pouco a figura, levo vocês ao livro do Apocalipse, onde a mesma coisa é realmente exposta, no capítulo 19, versículos 6-9. Diz o referido texto:

“E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: aleluia: pois já o Senhor Deus Todo-poderoso reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou”. (Isto se refere à Igreja toda.) “E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiça dos santos. E disse-me: escreve: bem-aventurados

aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: estas são as verdadeiras palavras de Deus”. Estamos casados com Ele agora, porém ainda sem concretização plena; na ocasião descrita no texto acima teremos plena realização do glorioso fato. Quando chegar a hora desta grande festa de casamento e a noiva estiver pronta, ataviada e preparada, tudo será perfeito. Tudo isso se refere a nós, cristãos, que já estamos casados com Ele. Finalmente acontecerá essa grande consumação.

Aí temos algumas das deduções que tiramos com relação aos privilégios que são nossos por causa da nossa união com o Senhor Jesus Cristo.

Passamos em seguida a outro aspecto do assunto. Se esses são os privilégios da união, qual será o propósito da mesma? É o que o apóstolo tem particularmente em mente neste versículo 4. Todas as coisas mencionadas por nós estão ali, e devemos extraí-las. Pode haver algum pedante que diga: “Afinal de contas, Paulo, neste versículo 4, só está interessado nos propósitos da união. Assim, por que você examinou todas aquelas outras coisas?” Estou tentado a dizer que duvido que tal pessoa seja cristã. Quando você está estudando as Escrituras e encontra uma comparação que está sendo utilizada, extraia as suas conseqüências. Nunca diga: “Farei isso quando chegar a alguma outra passagem”; talvez você nunca chegue a outra passagem. Como aqui o texto nos descreve como casados com Cristo, retire todas as conseqüências. Certamente, busque-as também algures nas Escrituras, e junte-as todas. Procurem, todos vocês, lembrar-se delas.

Mas agora passemos ao propósito da união, e certamente era isso que estava mais marcadamente no pensamento do apóstolo, por causa do argumento do qual ele se ocupa neste ponto. Diz-nos ele que o propósito desta união é assim expreso: “a fim de que demos fruto para Deus”. “Fruto” aí tem o sentido de filhos, o fruto do casamento, a prole, os filhos que nascem.

Vocês estão casados, diz ele, “a fim de que dêem fruto para Deus”.

Notem, negativamente, que este nosso casamento, esta união entre nós e o Filho de Deus, nunca deve ser considerada unicamente do nosso ponto de vista. É justamente aí que erramos e conseqüentemente perdemos muito. Iniciamos com nós mesmos e terminamos com nós mesmos, e perguntamos: “Que é que eu tiro disso?” Uma evangelização superficial freqüentemente leva as pessoas a agirem assim; tende a apresentar o Senhor Jesus Cristo tão-somente como uma agência de bênçãos para nós. Essa modalidade de evangelização vê a coisa às avessas. Qual é o objetivo deste casamento com o Filho de Deus? Não é somente obter perdão; não é meramente que eu tenha segurança. É um pobre tipo de noiva a que se casa apenas para poder ter segurança. Uma mulher desse tipo diz: “Não vou ter que trabalhar mais, meu futuro está garantido, estarei sendo cuidada quando envelhecer”. Todos nós desprezamos essa atitude, essa visão mercenária do casamento, mesmo no nível humano. Mas, que dizer das pessoas que crêem no Senhor Jesus Cristo pelas mesmas razões? Graças a Deus nos é dado o perdão e nos é garantida a segurança; porém não se deve entrar no casamento só para ter essas bênçãos; o motivo não deve ser esse. Tampouco o motivo deve ser a felicidade, ou a alegria; tampouco deve ser a possibilidade de receber ajuda, de ter alguém com quem compartilhar os problemas, alguém que esteja sempre à mão para ajudar-nos. Também o motivo não deve ser apenas a obtenção da cura do corpo, ou ter experiências. Tenho mencionado maravilhosas experiências do amor de Cristo, mas você não deve casar-se apenas por tais experiências. Nem ainda o nosso motivo dominante deve ser a obtenção de vitória sobre certos pecados particulares que nos aborrecem.

Acaso não é essa a abordagem de muitos? Alguma coisa os abateu. Eles estão tentando fazer o melhor que podem, mas só falham; e a sua única preocupação é: “Como vou me livrar

deste pecado particular?” Eles encontram pessoas que lhes dizem: “Venha comigo a uma reunião, creia na mensagem que vai ouvir, e você será libertado. Você receberá ajuda e ficará livre desse pecado; ele será retirado de você”. É isso que eles querem, e, tendo conseguido isso, acham que tudo está bem. Mas, ah, como não conseguem perceber! Nem se conscientizam do que eles perdem! Tudo o que eles queriam era livrar-se de um determinado pecado. Não dedicaram nenhum pensamento a conhecer Cristo e Seu amor, e todas estas maravilhosas bênçãos; estão interessados somente em si mesmos e em seus problemas. Sua abordagem é puramente subjetiva; ignoram o que seja deixar-se a si mesmos esquecidos diante do Seu amor e da Sua presença. Graças a Deus, todas estas bênçãos nos vêm por causa deste casamento, e são todas reais. Mas o que estou salientando é que elas não constituem o propósito supremo, o objetivo primário da salvação, e não devem ser o nosso motivo e o nosso principal interesse. Não me agradam títulos como *O Segredo de uma Vida Cristã Feliz* (The Christian's Secret of a Happy Life). Deveria ser: *A Vida do Cristão em Cristo como Sua Esposa*. A felicidade é um subproduto; nunca deve ser colocada no centro dos interesses. Nenhuma dessas coisas deve ser colocada no centro. As pessoas que escrevem livros com títulos que ressaltam primariamente a felicidade, muitas vezes terminam a vida na miséria e na infelicidade. A autora do livro intitulado *O Segredo de uma Vida Cristã Feliz* passou os últimos anos da sua vida numa grande infelicidade. Não me surpreende. Se você puser a felicidade em primeiro lugar, provavelmente a perderá. Você pensa que a tem; você pode ter temporariamente um tipo de felicidade, mas não a manterá por muito tempo. Não é a felicidade que importa; o que importa é o nosso Senhor e a nossa relação com Ele; tudo mais é subproduto.

Qual será, então, o verdadeiro propósito do casamento? Deixem que primeiro o diga nos termos em que o apóstolo o coloca em Efésios 5:25 e nos versículos subseqüentes: “Vós,

maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”. Todavia não há como melhorar a maneira como o apóstolo o expressa neste capítulo 7 de Romanos: “a fim de que demos fruto” – produzir fruto, ter progênie – “para Deus”. Qual é o fruto? O fruto é a santidade. Que é santidade? Santidade é viver para a glória de Deus e para o louvor de Deus. Santidade não é sentimento, não é emoção. Santidade é uma vida vivida para a glória de Deus e para o Seu eterno louvor. O fruto é, “o fruto do Espírito – amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gálatas 5:22). Estamos casados com Cristo para podermos dar esse tipo de fruto.

Permitam-me expressá-lo clara e francamente. O apóstolo ensina na passagem que estamos estudando que era essencial que nos casássemos com Cristo; porque, enquanto não nos casássemos, não poderíamos jamais dar este fruto. Estávamos casados com a Lei, mas a Lei era impotente; não pôde procriar filhos (não pôde produzir fruto) de nós. Entretanto agora estamos casados com Aquele que tem energia, virilidade e potência para produzir filhos até de nós. É o Seu poder que importa. O apóstolo diz isso explicitamente no versículo 3 do capítulo 8: “Porquanto, o que era impossível à lei”, diz ele, “visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado” o fez. Que fez Ele? Tornou possível “que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito”. (VA e ARA: “...segundo o Espírito”). Aí está o real propósito do casamento; necessitamos de Alguém cuja semente seja tão poderosa que nos possa impregnar de tal maneira com a Sua santa natureza que venha a produzir santidade mesmo em nós. É por isso que estamos casados com Ele, “a fim de que demos fruto para Deus”. Seu poder é tão grande, Seu vigor é tão

potente, que até de nós Ele pode ter esta progênie de santidade.

É esse, pois, o argumento do apóstolo. Diz ele praticamente o seguinte: vocês tiveram que ser liberados do seu casamento com a Lei antes de poderem produzir o fruto. Tiveram que morrer para aquela Lei, para que o antigo casamento fosse dissolvido, a fim de que vocês pudessem ser unidos em casamento com este poderoso e divino Ser que pode produzir o fruto em vocês. E ele afirma que isso aconteceu. O objetivo central da salvação é a santidade. Eu não hesitaria em asseverar que é pecado dizer que o crente pode deter-se na justificação, ainda que temporariamente, ou dizer que o homem pode ser justificado sem ser santificado. É impossível. Jesus Cristo “para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1 Coríntios 1:30). Você não pode deter-se na justificação; estas coisas nunca devem ser separadas. Todo o objetivo, todo o movimento da salvação é no sentido de fazer-nos santos. Assim, no momento em que somos unidos a Ele, o processo começa a funcionar. No momento em que se dá o casamento, e que se realiza a união, no momento em que os dois se tornam “uma carne”, o poder de Cristo começa a agir. Por vezes o fruto poderá parecer muito pequeno e fraco, enfermo e marasmático; é, porém a vida de Deus na alma, e é, contudo, verdade que somos “participantes da natureza divina”, e já estamos dando algum fruto, que é “santidade ao Senhor” (Êxodo 39:30).

Graças a Deus por Romanos 7:4! “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.” Paulo se regozijava nisso, e nós também devemos regozijar-nos. Vocês estão se regozijando?

6

“Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte. Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.” – Romanos 7;5,6*

Estes dois versículos andam juntos e constituem uma só declaração. No versículo 5 temos a metade negativa da declaração; no versículo 6, a metade positiva. É óbvio que aqui, nesta declaração, o apóstolo está dando uma explicação de algo que ele já tinha dito. O versículo 5 começa com a palavra “Porque”. Isso logo nos faz saber que ele está para dar uma explicação, e esta é do que ele tinha acabado de dizer no versículo 4. Ele vai explicar por que o casamento com Cristo ali mencionado era uma necessidade absoluta, e por que era necessário, anteriormente a isso, que os laços do nosso casamento com a Lei fossem dissolvidos. Esta declaração, nestes dois versículos, é muito importante por esta razão – o restante deste capítulo 7, do versículo 7 ao fim, e na verdade até ao versículo 4 do capítulo 8, nada é senão um desenvolvimento da declaração destes versículos 5 e 6. Evidentemente estamos tratando de uma declaração vital e deveras crucial. Aqui o apóstolo nos diz de modo geral por que nós tínhamos que morrer para o nosso casamento com a Lei e casar-nos com

* Somente este verbo tomado da edição atualizada de Almeida. Nota do tradutor.

Cristo. Ele expõe isso em termos gerais. Depois, a partir do versículo 7, ele passa a considerar as objeções levantadas contra essa declaração, e, além disso, ele explica o que diz aqui em grande detalhe, com a finalidade de estabelecer em definitivo a sua declaração e comprová-la além de toda dúvida. Esse é o seu método, como já vimos tantas vezes. Ele faz uma declaração; depois a toma e a explica minuciosamente, e por fim a resume em conclusão.

Torno a afirmar que esta declaração dos versículos 5 e 6 é a chave para o entendimento do conteúdo global deste capítulo 7 desta Epístola. É essencial para que se possa entender o argumento do apóstolo. Há muitos que ficam confusos e perdidos neste capítulo 7. É impossível acompanhar a argumentação do apóstolo em seus pormenores, a menos que tenhamos clara em nossa mente a proposição que ele firma aqui.

Em segundo lugar, esta declaração é absolutamente essencial para que se possa entender a doutrina do apóstolo concernente à Lei. Naturalmente é esse o tema central desta Epístola, como o é da Epístola aos Gálatas. A doutrina da justificação pela fé é sempre tratada dessa maneira. Aqui temos a declaração central e clássica relativa a essa matéria.

Depois, em terceiro lugar, o entendimento desta declaração é absolutamente essencial à plena doutrina da salvação, e, neste contexto particular, à doutrina da santificação. O apóstolo já tinha tratado da Lei na questão da justificação; aqui ele está interessado na Lei em relação à santificação. Mas é certo dizer, repito, que temos aqui ensino vitalmente importante relacionado com a doutrina completa da salvação.

Vejamos primeiro as expressões que concretamente o apóstolo emprega. A primeira é “na carne”. “Porque”, diz ele, quando estávamos na carne certas coisas nos diziam respeito. Que quer ele dizer quando se refere ao fato de que no passado estávamos “na carne”? Aqui vemos pela primeira vez nesta Epístola o emprego do termo “carne” neste sentido particular.

A expressão encontra-se freqüentemente nas Epístolas deste apóstolo. Nós a veremos repetidamente de agora em diante nesta Epístola; vemo-la também na Epístola aos Gálatas. Tem havido muita discussão sobre o significado desta expressão, “a carne”. Escolas conflitantes de teologia surgiram simplesmente por causa das diferentes interpretações desta expressão. Ela é, portanto, uma das importantes expressões a respeito das quais devemos ter claro entendimento.

Nas Escrituras esta expressão tem sido empregada de várias maneiras diferentes. É em parte por isso que se formou confusão. O próprio Paulo, quando passou a desenvolver este assunto específico, foi embaraçado pelas limitações da linguagem. A mesma dificuldade é um fator constante na exposição da verdade cristã. A nossa terminologia, a nossa linguagem, é limitada, de modo que a mesma palavra pode ser empregada de várias maneiras diferentes e pode ter vários significados diferentes. Às vezes a palavra “carne” é empregada nas Escrituras para referir-se a toda a humanidade. “Toda a carne verá a salvação de Deus” (Lucas 3:6), e também: “Toda a carne é como a erva, e toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor” (1 Pedro 1:24; Isaías 40:6,7). Nestes exemplos “carne” significa simplesmente toda a humanidade. Esse é um sentido possível.

Mas noutras ocasiões a palavra “carne” é empregada no sentido de “corpo”. Na grande declaração registrada em Gálatas 2:20, por exemplo, o apóstolo diz: “Eu já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim”. Ali, obviamente, Paulo está utilizando a palavra “carne” no sentido de “corpo”, a parte corpórea ou física do nosso ser.

Noutros lugares “a carne” significa evidentemente “a parte sensual da nossa natureza”. Vê-se isso, por exemplo, em Gálatas 5:17: “A carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro: para que não façais o que

quereis”. Ali Paulo não está falando do corpo, e sim da parte sensual do nosso ser, obviamente uma coisa que continua presente no crente. Esse é um terceiro uso possível.

A questão que se levanta aqui é se a palavra “carne”, em seu emprego em nosso versículo, deve ser explicada de uma das maneiras acima indicadas. Sugiro-lhes que não. Aqui o apóstolo não está se referindo a toda a humanidade, mas em particular ao povo cristão. Ele não está fazendo uma declaração geral acerca da humanidade toda; ele está dizendo que anteriormente havia algo que era verdade a respeito dos cristãos e que agora não é mais. Também é óbvio que ele não está se referindo ao corpo, porque, quando escreveu, ainda estava no corpo; mas ele diz: “quando estávamos na carne”. Como os cristãos não estão mais “na carne”, isso evidentemente não se refere ao corpo; logo, temos que excluir esse sentido. Da mesma forma chegamos à conclusão, como veremos mais adiante, que a terceira explicação possível, a saber, que se trata da parte sensual do nosso ser e da nossa natureza, também deve ser excluída.

Qual será, então, a conotação particular dessa frase do versículo 5? Sustento que aqui nós temos o que, afinal de contas, é o uso mais comum desta expressão particular. O próprio contexto certamente explica o que ela significa. Significa o oposto da vida “no Espírito”. Estávamos “na carne”, porém não estamos mais. Qual será, então, o nosso estado atual? Estamos “no Espírito”. Anteriormente estávamos na esfera da carne, ao passo que agora estamos na esfera do Espírito. Veremos isso explicado mais plenamente no capítulo 8, do versículo 4 em diante: “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito”. E o apóstolo continua: “Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito” (VA). Também no versículo 8 desse capítulo: “Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne,

mas no Espírito” (versículo 9). Afirmo, pois, que o sentido óbvio de “na carne” é o oposto de estar “no Espírito”. “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (8:9). Isso estabelece claramente o sentido aqui; estar “na carne” é a antítese de estar “no Espírito”.

Vê-se, pois, que essa expressão é muito importante, é uma definição muito importante. Talvez a mais explícita declaração sobre este assunto deva achar-se no diálogo do nosso Senhor com Nicodemos, registrado no capítulo 3 do Evangelho Segundo João, principalmente no versículo 6, onde lemos: “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito”. O nosso Senhor estava dizendo a Nicodemos que ele precisava “nascer de novo”. Nicodemos não conseguia entender a questão simplesmente porque “O que é nascido da carne é carne”. “Todas as suas perguntas não têm razão de ser”, diz praticamente o nosso Senhor a Nicodemos; “você está tentando, em sua condição carnal – “na carne” – com a sua mente natural, entender o assunto do qual estou falando. Todavia não consegue porque “o que é nascido da carne é carne”. O assunto sobre o qual estou falando é espiritual.” E assim Ele prossegue e diz: “Não te maravilhes de te ter dito: necessário vos é nascer de novo” Podemos dizer, então, que estar “na carne” é ser uma pessoa não regenerada. É o estado natural do homem em pecado, um estado no qual o pecado tem domínio sobre ele. Significa que o princípio maligno do pecado está controlando a totalidade da sua vida. Significa que ele tem natureza corrupta – o homem não regenerado, em pecado e sob o domínio do pecado – e é corrompido no centro do seu ser.

Uma alternativa para a expressão “na carne” é o termo “carnal”. Há muita confusão também concernente ao termo “carnal”. Ele figura proeminentemente nos vários aspectos da doutrina da santificação. Um ensino popular e comum diz-nos que o homem por natureza é não regenerado; depois ele se converte e se torna tão-somente “carnal”; depois ele tem

mais uma experiência e se torna “espiritual”. No entanto, certamente o capítulo 8 desta Epístola deixa bem claro que esse é um uso errôneo do termo “carnal”. Considerem novamente as palavras – “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne” – as coisas pelas quais eles se interessam – “mas os que são segundo o Espírito (inclinam-se) para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne” – e isso é o mesmo que ser “segundo a carne”, o que leva o homem a inclinar-se para as coisas da carne – “a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz”. Os opostos são “espiritual” e “carnal”, “espiritual” e “carne”. “Carnal” e “inclinação da carne” são idênticos a estar “na carne”, são sinônimos, porque, como o apóstolo continua dizendo, “a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser”. Obviamente, isso não pode referir-se ao cristão; seguir a “inclinação da carne” significa não ser regenerado. Paulo continua: “Portanto, os que estão na carne” – noutras palavras, os que são “carnais” e que estão sujeitos à “inclinação da carne” – “não podem agradar a Deus”. Mas os cristãos não estão “na carne”, não são “carnais”; eles estão “no Espírito”, se é que o Espírito de Deus habita neles.

“Ah, sim”, dirá alguém, “isso parece claro; mas, que dizer de 1 Coríntios, capítulo 3, onde o apóstolo começa dizendo: “E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo”? E depois, no versículo 3: “Porque ainda sois carnis: pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnis, e não andais segundo os homens?” Que dizer disso?” Há só uma coisa para dizer sobre isso. É evidente que o apóstolo está ensinando àqueles coríntios que, devido estarem fazendo certas coisas, estavam se comportando como se ainda fossem carnis. O fato é que não vemos tudo clara e perfeitamente logo depois de sermos convertidos. Não mais estamos “na carne”, não mais

somos “carnais”; já estamos “no Espírito”; entretanto o nosso entendimento é defeituoso, e aqueles coríntios ainda pensavam em certas questões particulares como se ainda não fossem regenerados. Paulo estava simplesmente dizendo aos coríntios que eles ainda estavam se portando da velha maneira. A definição básica de “carnal” é a que temos no capítulo 8 desta Epístola, e devemos explicar 1 Coríntios, capítulo 3, em termos de Romanos, capítulo 8, e não o contrário. Em Romanos, capítulo 8, o apóstolo emprega os termos reciprocamente, e a definição básica só pode ser essa. Tendo isso em mente, vemos que a declaração feita aos coríntios resolve-se muito simplesmente. Paulo está dizendo: “Vocês são meninos, são bebês, e, posto que são bebês, nesta questão vocês pensam como costumavam pensar”.

É esse, pois, evidentemente, o sentido de “na carne” no versículo que estamos estudando. Mas certamente essa expressão tem outro sentido também; pois o apóstolo não contrasta somente estar “na carne” com estar “no Espírito”, e sim também contrasta estar “debaixo da lei” com estar “no Espírito”. Parte da resposta quanto ao sentido de “carne” no versículo 5 é dada no versículo 6: “Mas agora estamos livres da lei”. Estávamos “debaixo da lei”, mas fomos libertados dela. Contudo, quando estávamos “debaixo da lei” estávamos “na carne”. Por conseguinte, a expressão tem duplo sentido: estar “na carne” também significa estar “debaixo da lei”. O apóstolo emprega o termo “carne” exatamente no mesmo sentido em Gálatas 3:3 – “Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?” O problema desses gálatas é que eles tinham dado ouvidos aos falsos mestres judaizantes que diziam: “Crer no evangelho está certo, mas isso não faz de vocês cristãos de verdade; vocês precisam também ser circuncidados, precisam cumprir certas partes da Lei”. “Não”, replica Paulo, “tendo começado no Espírito, agora vão aperfeiçoar-se na carne?” (VA) “Na carne” aí claramente significa ir de volta aos antigos regulamentos e regras que havia

sob a Lei. O termo “carne” tem o duplo sentido de não estar “no Espírito” e, positivamente, de estar “debaixo da lei”.

Há uma claríssima exposição de tudo isso em Filipenses 3:3, onde novamente o apóstolo está tratando desta questão dos judaizantes. Diz ele: “A circuncisão somos nós”. Os filipenses não tinham por que dar ouvidos aos mestres que os estavam tentando compelir a se deixarem circuncidar. “A circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne.” Que será que ele quer dizer aí com a expressão “na carne”? Certamente as mesmas duas idéias que encontramos no versículo 5 deste capítulo 7 da Epístola aos Romanos! Diz ele: Não temos nada daquela autoconfiança que tínhamos quando estávamos na carne – confiança no nascimento, na raça, na tribo, confiança em boas obras religiosas sob a Lei. “Segundo a justiça que há na lei, irrepreensível.” Tudo isso significa “confiar na carne”, confiar em que pela guarda da Lei posso me justificar diante de Deus. Similarmente, neste versículo 5 o apóstolo está salientando ambos os sentidos da expressão “na carne”: quando estávamos na carne, não estávamos “no Espírito”, e estávamos “debaixo da lei”.

Além disso, diz ele que essa é uma verdade universal a respeito da humanidade em seu estado não regenerado. Por mais boa gente que as pessoas sejam, por mais alta que seja a sua moralidade, por mais religiosas que sejam, se não estão “no Espírito”, estão “na carne”; e, ao mesmo tempo, como vimos quando comentamos o versículo 4, estão “debaixo da lei”. Há somente duas posições possíveis: todos os seres humanos deste mundo neste momento estão numa destas duas condições – ou estão “na carne e debaixo da lei”, ou “no Espírito e debaixo da graça”. O apóstolo já tinha exposto esta verdade no versículo 14 do capítulo 6: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. Esses termos devem ser tomados juntos. Se entendermos “carne” neste versículo no sentido de corpo, e

como se referindo aos pecados do corpo somente, poremos em confusão todo o argumento, porque há pessoas que não são culpadas de flagrantes pecados do corpo e, portanto, elas poderiam dizer que não estão “na carne”. Mas estão! O irregenerado mais altamente moral do mundo está “na carne”.

Um versículo que mostra perfeitamente esta distinção acha-se na Epístola aos Efésios, capítulo 2, versículo 3, onde o apóstolo emprega a palavra “carne” em dois sentidos diferentes. “Entre os quais também todos nós antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos”. O segundo uso de “carne” aí, onde o apóstolo fala em termos de fazer “a vontade da carne e dos pensamentos”, refere-se à parte sensual da nossa natureza. Entretanto “carne” no primeiro caso, onde ele fala dos “desejos da nossa carne”, deve ser entendido num sentido mais geral. “Os desejos da carne” podem ser subdivididos em “desejos da parte sensual da natureza” e “desejos da mente”. Temos então aí uma boa ilustração da diferença entre os dois sentidos específicos do termo.

Para resumir este ponto: estávamos “na carne”, diz o apóstolo, não éramos regenerados, éramos dominados por um princípio maligno de pecado; e, ao mesmo tempo, estávamos sob o “domínio da lei”; pois “a força do pecado é a lei”, como ele diz aos coríntios (1 Coríntios 15:56). A realidade na qual devemos gloriar-nos na qualidade de cristãos é que, embora tenhamos estado “na carne”, graças a Deus não estamos mais nesse estado. Agora estamos “no Espírito”, estamos “debaixo da graça”, fomos transferidos para uma esfera inteiramente nova. Basta isso, quanto à primeira expressão?

A segunda é “os impulsos do pecado” (VA). Significa paixões (ARC), afetos, “afetos e desejos pecaminosos”. “Quando estávamos na carne”, diz o apóstolo, “estas paixões, estes desejos, estes afetos pecaminosos... estavam dentro de nós.” Jamais houve um ser humano, desde a Queda, em quem não houvesse estes “impulsos”, estas “paixões” de

pecados. Isso é consequência da Queda. Aqui, uma vez mais, devo lembrar-lhes uma distinção muito importante. Quando Paulo fala sobre as paixões ou os “impulsos” do pecado, ele não se refere simplesmente ao nosso corpo natural em si mesmo. Muitos cristãos têm perdido o rumo neste ponto. O apóstolo, escrevendo por exemplo a Timóteo, na Primeira Epístola, capítulo 4, diz o seguinte: “Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios; pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência; proibindo o casamento, e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis, e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças” (versículos 1-3). Eis aí pessoas que se diziam ultra-espirituais; afirmavam que eram tão espirituais que nunca podiam nem pensar em casar-se, pois consideravam pecaminoso o sexo por ser um apetite corporal. Pela mesma razão não comiam carne. Mas o apóstolo condena essa atitude; e deve ser totalmente condenada sempre. Todos os apetites naturais foram criados por Deus e nos foram dados por Deus. Esse é o ensino apostólico a respeito, como é também o ensino da Bíblia, de capa a capa; portanto, quanto a nós, se considerarmos os apetites naturais em si mesmos pecaminosos, estaremos cometendo um grave erro.

Essa verdade precisa ser salientada constantemente. Vejam, por exemplo, a igreja católica romana, com o seu chamado “celibato clerical”, ou “sacerdócio celibatário”. Por que os seus sacerdotes não se casam? É certo que estão errados neste ponto. Esse é um falso ascetismo, o qual considera o corpo e os seus apetites como necessariamente pecaminosos. É uma clara negação do ensino escriturístico, e revela um gravíssimo erro de entendimento. Não há nada de errado com os apetites naturais em si mesmos. Deus os colocou no homem com a finalidade de procriação, para encher o mundo de seres humanos; e todos os demais instintos – o desejo de

comida, de sociedade, e assim por diante – são dons de Deus para o bem-estar do homem e para o seu prazer de viver neste mundo.

Que será, então, que Paulo quer dizer com “as paixões dos pecados”? Ele se refere aos apetites naturais que, embora bons em si mesmos, adquiriram uma tendência má em consequência da Queda e do pecado. Deus fez o homem com certos apetites naturais; e, antes de cair, o homem os manteve sob controle; havia equilíbrio na vida do homem. Mas, no momento em que o homem pecou, o equilíbrio foi transtornado; e, em vez de o homem controlar os seus apetites, os apetites passaram a controlá-lo. Esse é o ensino de Paulo; e é o que é tão evidente no mundo de hoje. Os apetites naturais fazem parte do homem; porém nunca houve o propósito de que fossem “notícias de primeira página” nos jornais. O sexo foi criado por Deus; não, porém, como vocês o vêem exibido com alarde nos seus jornais. O sexo passou a ser o fator dominante e controlador da vida. Hoje o homem vive para comer e para satisfazer o sexo. É aí onde o homem erra. Estas coisas são legítimas e boas enquanto são mantidas sob controle, e enquanto são governadas e controladas pelo intelecto, pelo entendimento, por um senso de retidão e por nossa relação com Deus; enquanto são utilizadas para a glória de Deus. No entanto quando o homem inverte essa ordem e é dominado por estes “impulsos”, “paixões” e “desejos”, está num estado pecaminoso, está “na carne”. Uma expressão empregada nas Escrituras para dizer a mesma coisa é “apetite desordenado” (Colossenses 3.5); no momento em que os apetites se tornam “desordenados” tornam-se pecaminosos. Podemos parafrasear a expressão “as paixões dos pecados” dizendo: “os sentimentos que nos predispõem para a prática de pecados”. É o que significa – todo e qualquer sentimento que você tenha, que o induza, que o predisponha e o concite a cometer um ato de pecado.

Vejamos agora a próxima expressão da declaração do apóstolo – “os impulsos, as paixões dos pecados, que são pela

lei". Em muitos aspectos esta é uma das declarações mais extraordinárias que este apóstolo fez; não das mais gloriosas, mas das mais extraordinárias, especialmente por proceder de alguém que havia sido o fariseu dos fariseus, o hebreu dos hebreus,* um especialista na Lei. Ele fala sobre "as paixões dos pecados, que são pela lei". Entendamos bem a palavra "pela"; ela significa "por meio da" – "por meio da lei". Estaria Paulo dizendo que foi a Lei que criou as "paixões dos pecados"? Não! Ele não está falando da origem dessas paixões. Ele está dizendo que a Lei "agita-as", estimula-as, num sentido "inflama-as". Estes "impulsos de pecados" estão em todos nós em consequência da Queda; mas a Lei os aciona, como nos diz aqui o apóstolo: "Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros".

A palavra "operar", no sentido em que é empregada aqui, é muito interessante porque traz consigo a noção de "operar poderosamente". Vocês a verão empregada também na Epístola aos Efésios, onde Paulo escreve: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados. Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora *opera* nos filhos da desobediência" (2:1,2). É a mesma palavra. Este espírito maligno, apesar de não o vermos, controlava a nossa vida. Este "espírito de iniquidade" "opera". E aqui Paulo afirma que "as paixões dos pecados" operam exatamente da mesma maneira na pessoa não regenerada. Vejam outra ilustração do uso dessa palavra como se acha em Filipenses 2:12,13: "Operai a vossa salvação com temor e tremor", diz o apóstolo, "porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade". O que Deus opera poderosamente. Não Lhe é possível operar doutro modo.

* Hebreu legítimo, de raça pura. *Hebreu da gema*, diríamos hoje no Brasil. Nota do tradutor.

“Deus é o que opera”, quem opera é Deus. Quando ele diz: “Operai a vossa salvação”, não emprega a mesma palavra, mas uma muito mais fraca, porque nesse caso quem “opera” somos nós. Todavia quando ele diz que “Deus opera”, emprega esta palavra poderosa.

Mas essa palavra tem outro sentido também, a saber, expressa operação ou ação interior. A descrição que Paulo faz do homem em pecado é a de uma condição não regenerada, do homem em quem estes afetos e apetites de pecado operam interna e poderosamente. Quanta verdade há nisso! E ele afirma que essas paixões operam “em nossos membros”. Definimos o sentido dessa expressão várias vezes no capítulo 6. Vimo-la nos versículos 12 e 13: “Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal... nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade...”. Definimos “membros” no sentido de faculdades, o conjunto total das nossas faculdades – mente, imaginação, interesse, todas as coisas pelas quais o homem se expressa e expressa a sua personalidade. É isso que o termo “membros” significa. Portanto, o que o apóstolo quer dizer é que estes sentimentos pecaminosos e cobiçosos estavam operando dentro de nós e operando em nossos poderes naturais e em nossos modos naturais de expressão, “para darem fruto para a morte”. Lembremo-nos de que essa atividade não se limitava às nossas ações externas. Quisera Deus que fosse assim! Os “membros” incluem, como eu disse, a mente e a imaginação, bem como o corpo. O homem pode pecar em pensamento e na imaginação, como também no corpo. O nosso Senhor estabeleceu isso uma vez por todas em Mateus 5:28, onde lemos: “Qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela”. Estes “impulsos”, estas “paixões dos pecados”, estavam operando em nós e pondo em ação os nossos membros. Pecamos na mente, na imaginação, no coração, no corpo.

Qual foi o resultado disso? Diz o apóstolo Paulo que foi

“fruto para a morte”. Notem o contraste. No fim do versículo 4 diz ele que estamos casados com Cristo para darmos “fruto para Deus”; mas na velha vida passamos o nosso tempo produzindo “fruto para a morte”. No momento a “morte” é personificada com o fim de acentuar isso. É, naturalmente, a verdade pura e simples que todas as ações pecaminosas levam sempre e somente à morte. Isso é o que há de terrível quanto à vida de pecado; é uma vida caracterizada pela morte. É por isso que, num hino, Philip Doddridge pergunta: “Quem reclamaria em ser liberto das cinzas?” “Cinzas”! A vida do homem do mundo, a vida pecaminosa, leva às “cinzas”. Ela se extingue, e nada resta no fim senão as cinzas; os restos, as ruínas de uma vida – a morte! O autor da Epístola aos Hebreus expressa isso claramente. Ele contrasta “o sangue dos touros e bodes, e a cinza duma novilha” com “o sangue de Cristo”; e no capítulo 9, versículo 14, ele diz: “Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo? Todas as ações pecaminosas são mortas, e não levam a nada senão à morte. Todos aqueles que não são regenerados, que não estão “no Espírito”, apenas existem e usam as suas faculdades de um modo que só leva à morte, à morte moral, à morte da alma. Eles vão se embrutecendo cada vez mais, vão se entorpecendo mais e mais, e tudo o que de bom existe neles vai se extinguindo paulatinamente. Acabam como um navio que virou sucata ou como montes de cinzas – a morte moral! Sim, e a morte espiritual! Todas estas atividades significam a morte do espírito.

Quando o homem se rebelou e pecou contra Deus, morreu espiritualmente, sofreu a morte espiritual. “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados” – espiritualmente mortos. Todas as obras de um “morto” são obras mortas. Mas um estado de pecado leva também à morte física. Estou simplesmente recapitulando o que vimos no capítulo 6, versículo 23: “O salário do pecado é a morte” – a morte física

inclusive. O homem jamais teria morrido se não tivesse pecado. Não havia o propósito de que ele morresse; foi o pecado que causou a sua morte física.

E, finalmente, e mais grave que tudo, há a “segunda morte” (Apocalipse 20:6). Todos aqueles que não estão “no Espírito”, que estão fora de Cristo, que morrem “na carne”, não só morrerão fisicamente, mas também serão consignados a uma “segunda morte”, que continuará por toda a eternidade. Aqueles que estão em Cristo, que estão “no Espírito”, nunca experimentarão “a segunda morte”, que significa a definitiva e eterna separação de Deus e da Sua gloriosa vida e presença.

Temos examinado os diversos termos e expressões empregados pelo apóstolo. Permitam-me resumir a doutrina. Que é que este versículo nos ensina? Primeiro, ensina-nos a verdade concernente à terrível natureza do pecado. Que coisa terrível é o pecado! Que terrível poder! O conceito moderno, popular, psicológico é que o pecado é apenas negativo, que é apenas “a ausência de boas qualidades”. Os psicólogos populares não gostam do termo “pecado”, não acreditam nele. Dizem eles que o pecado não é positivo, que o homem não é positivamente pecador; que o pecado é tão-somente a ausência de certas boas qualidades. Não, replica Paulo, “os impulsos” do pecado, “as paixões” do pecado, existem. Outros psicólogos, possuidores de maior discernimento e de maior compreensão, falam acerca de compulsões ou impulsos existentes dentro de nós. O homem natural é completamente destituído de poder nas garras desses impulsos. Eles o controlam, o dominam, o “impelem”, o “impulsionam”. O apóstolo diz, na realidade, que eles são tão poderosos que até têm, por assim dizem a capacidade de frustrar a Lei de Deus. O poder do pecado no homem não regenerado é tão forte que a Lei de Deus não o pode livrar. Na verdade faz o oposto, diz o apóstolo; a Lei “desperta o pecado”, “intensifica” as paixões, os impulsos e os apetites. Faz com que estas coisas “operem nos membros” mais

do que o faziam anteriormente. Paulo irá desdobrar isso em grande detalhe do versículo 7 em diante; mas aqui ele o expõe em princípio. Não há nada que seja mais fatal que deixar de compreender o terrível poder do pecado. Depois de Deus, o pecado é o maior poder que existe. É tão poderoso que nem mesmo a Lei de Deus consegue libertar-nos dele.

A segunda lição que aprendemos deste versículo é o limitado escopo e valor do ensino da moralidade. Há muito ensino moral hoje em dia, e tudo indica que vamos tê-lo cada vez mais. As autoridades vão reformar as prisões e vão tratar os presos psicologicamente. Tal programa baseia-se na incapacidade de compreender a verdade acerca do pecado, e de entender Romanos 7:5. Eles acreditam realmente que é possível resolver os problemas dos crimes e da delinquência juvenil, e pôr em cheque todos os pecados que estão se multiplicando tão rapidamente, apenas abolindo as punições, falando amavelmente, persuadindo as pessoas e procurando animá-las. O espantoso é que continuam dizendo essas coisas apesar de tudo o que é patentemente óbvio na sociedade atual.

Eles aboliram em grande parte as punições nas escolas – naturalmente, e estamos vendo as conseqüências. No círculo familiar os castigos foram quase totalmente abolidos, e estamos vendo as conseqüências disso também. Estamos testemunhando um crescente desrespeito à lei. Mas as autoridades não acreditam nos fatos; elas vão multiplicar os aspectos educacionais da vida nas prisões, etc. Elas acreditam que, se formos amáveis, os condenados reagirão positivamente. Entretanto eles não podem reagir positivamente, porque “os impulsos dos pecados” são demasiado poderosos para a vontade do homem e seus sistemas. Os mais ternos apelos de um pai ou mãe ou esposa ou filhos não são suficientes; o poder do pecado é maior que todos eles; contudo, as autoridades continuam confiando nesse tipo de coisa. Ensinar moralidade, falando em termos gerais, é pura perda de tempo. O melhor que isso pode fazer é

intimidar certa gente medrosa contra alguns pecados particulares; não conseguirá nada mais que isso. Não pode mudar o coração, não pode mudar os desejos, não pode mudar o homem.

Mas a situação é pior ainda. Conforme o ensino do apóstolo na passagem em foco, ensinar moralidade pode ser positivamente um perigo; pois isso tende a inflamar as paixões; incentiva-as, estimula-as. “Todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os contaminados e infiéis; antes o seu entendimento e (a sua) consciência estão contaminados” (Tito 1:15). Conheci muitos homens que disseram que leram certos livros porque achavam que eles poderiam ajudá-los e fortalecê-los na luta, na luta moral. Muitos deles foram suficientemente sinceros para admitir e confessar que aqueles livros lhes causaram grande dano. Uma vez um ministro de religião me disse que o livro que lhe tinha feito o maior mal em sua vida pessoal foi um livro intitulado *The Mastery of Sex* (“O Domínio Sobre o Sexo”). Evitem tais livros, pois fazem mais mal que bem. A razão é que “os impulsos” ou “as paixões dos pecados” são de fato inflamadas até pela Lei de Deus. A própria Lei que as proíbe incentiva-nos a pô-las em prática, porque nós somos impuros. Logo, o ensino da moralidade pode ser positivamente um perigo. Quando ensinam as crianças sobre o sexo e as advertem contra as conseqüências de certas práticas, o que fazem é iniciá-las em todo esse assunto. Naturalmente, elas vão gostar muito disso, a sua curiosidade vai ser ativada, e elas desejarão ler mais a respeito. Isso lhes fará grande mal.

Tenho feito uma asseveração forte; porém estou disposto a afirmar que a atitude vitoriana para com o sexo, na prática real e concreta, teve mais sucesso que o método atual. Não estou interessado em defender vitorianismo, mas em expor as Escrituras; e pelas Escrituras se vê que o ensino moral, em si e por si, pode ser perigoso. Se todos nós fôssemos puros e inocentes, seria um método seguro; mas por natureza não somos puros, somos impuros. Estes “impulsos”, estas “paixões

dos pecados” aí estão, e, quanto mais as pessoas falam sobre estas coisas, mais estimulam um errôneo interesse e maus desejos. A maneira de vencer o pecado não é ensinar moralidade, é pregar o evangelho.

O terceiro princípio que nos é ensinado aqui refere-se à real função da Lei, em particular a Lei de Moisés. Nunca foi seu propósito salvar-nos. Deus não deu a Lei aos filhos de Israel para que por ela se salvassem. Foi a sua interpretação errada dela que os levou a pensar isso. Ela não poderia salvar ninguém, porque o que ela faz é intensificar “as paixões dos pecados”. Por que será, então, que a Lei foi dada afinal? Como vimos no fim do capítulo 5, “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse”. Ela foi dada para definir o pecado, para expô-lo em sua real natureza, e para mostrar a necessidade humana de um Salvador. Os judeus, particularmente os fariseus, tinham seguido um curso completamente errado neste ponto. Deus nunca teve a intenção de que a Lei fosse um método de salvação; ela foi dada simplesmente para mostrar “a extraordinária gravidade do pecado”.

Isso nos leva à derradeira lição. Este versículo, de maneira a mais admirável, e, talvez, do lado negativo, mais poderosamente do que qualquer outro versículo de todas as Escrituras, mostra a completa, a absoluta necessidade que os pecadores têm do Senhor Jesus Cristo e Sua obra redentora. Vocês enxergam isso? Tendo visto a profundidade e a gravidade do pecado, e a completa incapacidade da Lei de libertar dele o pecador – na verdade tendo visto o fato de que a Lei até o agrava, e de que nem a dádiva da Lei de Deus pode salvar o homem – perguntamos: que é então que pode salvar o homem? Há somente uma resposta. É o Senhor Jesus Cristo e a obra perfeita que Ele realizou a nosso favor. Foi porque a humanidade inteira estava “na carne”, e porque “as paixões dos pecados, que são pela lei”, operaram poderosamente dentro de nós, em nossos membros, para produzirmos “fruto para a morte”, que o Filho de Deus deixou as mansões palacianas do

céu e nasceu como um bebê em Belém, prestou perfeita obediência à Lei, levou os nossos pecados em Seu corpo no madeiro, foi morto e sepultado, e ressurgiu. Foi por isso que Ele veio. Era preciso que Ele viesse; não havia outro meio. Este versículo prova isso. A condição do homem era tal que nenhuma outra coisa e ninguém mais poderiam salvá-lo. “É mister que Tu salves, e Tu somente” – e, graças a Deus, Ele o faz! Ele nos liberta da “carne” e nos insere no “Espírito”, e o Espírito em nós; e com isso ficamos unidos a Ele e à força do Seu poder, que é maior até do que “as paixões dos pecados”. Graças a Deus por tão grandiosa salvação, que nos dá tão grande libertação!

7

“Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.” – Romanos 7:6

Este versículo é a segunda metade da declaração feita pelo apóstolo nestes dois versículos, 5 e 6. Já consideramos o lado negativo no versículo 5, e agora vamos para o lado positivo neste versículo 6. É, num sentido, uma repetição da metade positiva do versículo 4, que diz: “para que sejais doutro, daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus”. Mas o apóstolo nunca repete simplesmente uma declaração; ele sempre lhe acrescenta algo, uma ênfase mais; e veremos que é o que ele faz neste caso particular.

Aqui, mais uma vez, temos uma daquelas grandes declarações em que o apóstolo parece deleitar-se, em que ele expõe a essência do evangelho cristão. Ele tinha acabado de fazer isso no versículo 4, mas torna a fazê-lo; ele se regozijava em fazer tal coisa. É também uma daquelas declarações nas quais Paulo nos dá uma definição do que é o cristão. Há muitas coisas que se pode dizer acerca do cristão; ou, é possível dizer uma coisa sobre ele de muitas maneiras diferentes. O que foi dito por último, acima, é o que o apóstolo faz aqui.

Ele começa com duas palavras gloriosas: “Mas agora”. Se a expressão “Mas agora” não mexe com você, peço licença para questionar se você é mesmo cristão. “Mas agora” introduz toda a mensagem cristã. Já a encontramos no versículo 22 do capítulo anterior. Paulo vinha dizendo: “Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça. E que fruto tínheis então

das coisas de que agora vos envergonhais? Porque o fim delas é a morte”. “*Mas agora...*”. Há outro glorioso exemplo disso no capítulo 3, versículo 21. O apóstolo estivera laborando em seu grande argumento desde o versículo 18 do capítulo primeiro e o tinha concluído no versículo 20 do capítulo 3, dizendo: “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado”. Essas palavras explicam o desamparo da situação em que estamos por natureza. Seria o fim? Absolutamente não! “*Mas agora* se manifestou sem a lei (independentemente da lei) a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas.” É assim que todo cristão, homem ou mulher, deve pensar a respeito de si mesmo. Essa é a nossa vida, a nossa posição. “Éramos...” “*Mas agora.*” Assim, no versículo 5 da passagem em foco nós temos: “Quando estávamos na carne”. Mas, graças a Deus, não estamos mais na carne – “*Mas agora*”, versículo 6. Esse, digo eu, é o teste pelo qual vemos se somos cristãos ou não. Posso dizer: “Eu estava...”, “*Mas agora*”? Isso nos diz tudo.

Iremos desenvolver isso, porém neste ponto dou ênfase ao fato de que somos levados a lembrar-nos da completude da mudança. Ou você é cristão ou não é; você não pode ser parcialmente cristão. Ou você está “morto” ou está “vivo”, ou você “nasceu” ou “não nasceu”. Fazer-se cristão não é um processo gradual; não há nada de indeterminado nisso; ou somos cristãos ou não. “Éramos”, “Somos”; “Estávamos”, “*Mas agora.*” É uma mudança completa, algo que, como Paulo vai lembrar-nos, é inteiramente novo.

A outra questão que desejo ressaltar neste estágio é a seguinte: o que o apóstolo expõe aqui diz respeito a todos os cristãos. Ele não está falando apenas de alguns cristãos: está falando de todos os cristãos, sem exceção. Não está falando de certos cristãos que receberam alguma “segunda bênção”, a qual, por isso, os coloca numa categoria superior; o que ele está dizendo é verdade concernente a todos os cristãos. Anteriormente nós estávamos – como toda a humanidade

estava – “na carne”. “*Mas agora*” fomos libertados, estamos livres. Vale dizer, todos quantos são cristãos, cada cristão individual. Você não pode ser cristão sem que essa verdade lhe diga respeito.

O tremendo significado dessa verdade veremos cada vez mais conforme prosseguirmos na exposição da Epístola. Há um sentido em que o capítulo 8 não é nada mais, nada menos que uma exposição deste versículo 6 do capítulo 7. Disso decorre que é essencial e vital que entendamos claramente o que Paulo diz aqui. O capítulo 8 não se refere apenas a alguns cristãos, mas a todos os cristãos e a cada um deles. Há muitos que afirmam que o cristão que estava “no capítulo 7” deixa esse capítulo e passa por alto o capítulo 8. Mas todo cristão está “no” capítulo 8, como todo cristão está neste versículo 6 do capítulo 7.

Qual será, então, a verdade acerca do cristão? A primeira coisa que o apóstolo diz é que “estamos livres” (VA: “fomos” ou “estamos libertados”). Uma tradução melhor é: “temos sido libertados”, ou: “fomos libertados”. É algo que aconteceu uma vez por todas; “fomos libertados da lei”. A palavra aí empregada é muito forte. Alguns a traduzem por “desobrigados”, “postos em liberdade”, “feitos livres”. Já não estamos debaixo da Lei; demos baixa definitiva dela, como quando um homem dá baixa do exército. Usando essa comparação, podemos dizer que esse homem pode passar sem nenhum temor perto de qualquer oficial tirânico. Este não tem mais nenhuma autoridade sobre ele; está tudo terminado com ele. Tendo dado baixa, o homem pode rir na cara do oficial autoritário e dizer-lhe: você não tem mais nenhuma autoridade sobre mim!

Diz o apóstolo que nós demos baixa da Lei. Na realidade, eu não precisava procurar ilustração, pois já vimos uma no versículo 2 deste capítulo. “A mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver”, diz o apóstolo, “está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido.” A palavra traduzida por “está livre” é a mesma no grego; tem o

mesmo sentido de “estar desobrigado”, “ser posto livre de”. Noutras palavras, Paulo ainda está explicando a sua ilustração da mulher que fora casada com um homem e que agora está casada com outro. Ela foi separada do primeiro marido pela morte, e agora está ligada a outro. O que ele está ressaltando é que ela está absolutamente livre do controle, do domínio, do poder e da autoridade daquele primeiro marido. Já nos foi dito no versículo 4 que isso aconteceu por causa da morte do Senhor Jesus Cristo em Seu corpo na cruz, e que, devido estarmos unidos a Ele, morremos com Ele. Foi desse modo que ficamos desobrigados e livres do antigo casamento, daquele velho contrato.

Em que sentido o cristão foi libertado da Lei? O apóstolo repete isso, e nós devemos repeti-lo, embora já o tenhamos dito várias vezes. O cristão está livre da condenação da Lei. Paulo dirá isso outra vez no versículo primeiro do capítulo 8: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Também estamos livres da incapacidade da Lei para justificar-nos. De um modo ou de outro, todos nós estávamos tentando justificar-nos pela Lei, “pelas obras”. Estamos livres dessa miséria. A Lei, que nos mantinha ligados a si, não pôde justificar-nos, como já nos tinha sido dito no versículo 20 do capítulo 3. Fomos libertados disso.

Mas aqui o ponto com o qual o apóstolo está mais preocupado é que fomos libertados da incapacidade da Lei para santificar-nos. Enquanto estávamos sob a Lei, nunca pudemos ser santificados. A Lei tanto não pode santificar-nos como não pode justificar-nos. Enquanto estávamos obrigados a ela, não podíamos unir-nos Àquele que tanto pode santificar-nos como justificar-nos. Nós não tínhamos liberdade; contudo agora fomos libertados. Agora existe a possibilidade de santificação. Se tão-somente eu pudesse escapar das garras daquele marido, por assim dizer, e unir-me a outro, haveria esperança para mim. Não havia esperança enquanto eu estava debaixo da Lei; mas agora fui posto em liberdade. Estou livre da minha incapa-

cidade de experimentar a santificação. É isso que o apóstolo está particularmente interessado em salientar.

No entanto, ele está particularmente interessado também em acentuar mais uma coisa, na qual havia tocado no versículo 5 e que eu já expliquei, a saber, a ação da Lei pela qual ela intensifica e inflama os nossos pecados. “*Mas agora*”, diz o apóstolo, vocês foram postos em liberdade desse feito agravante da Lei de Deus sobre a nossa natureza pecaminosa.

Essa é uma afirmação muito forte; entretanto é do apóstolo. É seu principal argumento neste ponto. Fomos libertados desta tendência da Lei para agravar o nosso problema. É a afirmação do versículo 6: “Mas agora, estamos livres da lei”. Segue-se depois uma explicação: “pois morremos para aquilo em que estávamos retidos”. A tradução da Versão Autorizada, que diz, “...da lei que, estando morta, nela estávamos retidos”, é sumamente infeliz. Não há nada que se possa dizer em seu favor. Este é um dos raros casos em que os tradutores de 1611 realmente fizeram uma coisa que não se justifica. Não somente os originais estão contra eles, mas também todo o paralelismo e o argumento completo do capítulo indicam que eles estão errados. Há acordo geral sobre isso. A tradução não deve ser: “...que, estando morta, nela estávamos retidos”, mas sim: “tendo nós morrido para aquilo em que estávamos retidos” (praticamente o que diz Almeida). Fomos nós que morremos. Considerem o paralelo no versículo 4: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei”. Dava a impressão de que a ilustração dos versículos 2 e 3 o levaria a dizer que a Lei, nosso primeiro marido, tinha morrido; todavia deliberadamente ele não diz isso. Ele diz: “também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo”; e ele está realmente dizendo a mesma coisa aqui. Agora estamos livres da Lei, “tendo nós morrido para aquilo em que estávamos retidos”, sendo que “aquilo” é a Lei. No fim o sentido acaba sendo pouco mais ou menos o mesmo, porque, se nós morremos para a Lei, no que se refere a nós a Lei está morta. Mas na verdade a Lei não está

morta; por isso Paulo tomou todo o cuidado na declaração que fez. Nós é que morremos para a Lei, na qual estávamos retidos. E isso evita ter que dizer que a Lei está morta – uma coisa que as Escrituras nunca dizem. Há, porém, pessoas que têm usado esse linguajar e com isso têm ficado envolvidas em lamentáveis heresias e em conseqüente dificuldade em sua vida e em suas atitudes.

Entretanto, observem o termo empregado pelo apóstolo: “estávamos “retidos” pela Lei, éramos “dominados” por ela. É a mesma palavra empregada por ele no versículo primeiro – “Não sabeis vós, irmãos, que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que (ele) vive?” – onde “tem domínio” corresponde ao “retidos” do versículo 6. Gostemos ou não, essa era a situação. Todo homem, enquanto ainda não for cristão, está em escravidão sob a Lei; está “retido” por ela, está dominado por ela, está casado com ela, ela o controla e governa todas as suas atividades. Mas, diz o apóstolo, isso não nos diz respeito; fomos libertados, estamos mortos para aquilo que anteriormente exercia esse domínio, esse tirânico poder e efeito sobre nós.

Por que o apóstolo se regozija nisso tudo? Por que lhe dá essa felicidade dizer “*Mas agora*”? A resposta acha-se nas palavras que vêm a seguir – para que, a fim de que. “A fim de que sirvamos em novidade do espírito.” Dou a tradução correta (que na VA fica um tanto ambígua). Há algumas versões – por exemplo, a Versão Padrão Revista (inglesa) – que preferem traduzir essa frase por “de modo que sirvamos”. Todavia não é isso que o apóstolo está interessado em dizer. É certo dizer que nós de fato servimos, porém o apóstolo está mais interessado em salientar o objetivo, a intenção e o propósito deste servir.

Chegamos então aqui ao ponto nevrálgico e central do argumento do apóstolo; é nisso que ele está realmente interessado. O grande, o grandioso objetivo da salvação é a nossa santificação, o nos tornarmos santos. A vinda do Filho de Deus

a este mundo, e tudo o que Ele fez enquanto esteve aqui, Sua morte na cruz, Seu sepultamento, Sua ressurreição, Sua ascensão e o envio do Espírito Santo, tudo isso foi feito com um grande fim e objetivo, qual seja, “que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade” ou “em amor” (Efésios 1:4). Esse é o supremo propósito da salvação. Não é somente o perdão. Nunca devemos parar aí. Não é somente a justificação. Jamais devemos parar aí. Na verdade, não podemos. Deus realizou tudo o que realizou com o fim de conduzir-nos à santidade – “Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1 Tessalonicenses 4:3).

Portanto, nada é tão errado como o que estava sendo dito pelos críticos do apóstolo Paulo. “Ah”, diziam eles, “esta pregação é perigosa; ele diz apenas que tudo o que você precisa fazer é crer no Senhor Jesus Cristo. Realmente isso significa que devemos continuar no pecado para que a graça seja abundante.” E assim eles perguntavam: “Pois quê? Pecaremos porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça?” “Esse ensino é terrível”, diziam eles, “isso vai levar ao caos, vai levar à completa falência da moralidade e da lei; é um ensino imoral, um ensino errado. Onde vai parar a Lei, e onde entra o viver reto?”

O apóstolo responde às acusações deles nesta passagem, como também o tinha feito no capítulo 6. A salvação tramita do pecado para a santidade. É, pois, completamente errado dizer que a pregação da doutrina da graça leva ao pecado, porque todo o propósito é mostrar-nos que o fim e objetivo de Deus ao fazer tudo o que Ele fez por nós por intermédio do Seu amado Filho, pelo Espírito Santo, é santificar-nos e fazer-nos “santos e irrepreensíveis diante dele”. Ao mesmo tempo, também é certo dizer que não há nada que seja tão errado e que negue tanto a verdade, como o antinomismo. Essa é a situação daqueles que têm tanto interesse pela doutrina que nunca se preocupam com a sua prática. Contanto que entendam bem a doutrina, não se importam com o seu modo de viver.

São essas pessoas que pensam na salvação só teoricamente, e nunca a põem em prática, e nunca se disciplinam a si mesmas. Esse antinomismo é sempre o maior inimigo das doutrinas da graça. É uma fria e completa negação delas, porque todo o objetivo da doutrina, todo o propósito da salvação, é libertar-nos do pecado, como o apóstolo irá mostrar.

Consideremos o argumento de Paulo da seguinte maneira: diz ele que nada poderia habilitar-nos a “dar fruto para Deus”, exceto o fato de sermos libertados da Lei e do seu domínio e de sermos unidos a Cristo. Os defensores da Lei na verdade estavam respondendo a si mesmos e se contradizendo. Eles se opunham à pregação do apóstolo sobre a justificação pela fé somente, pela preocupação que tinham pela moralidade e pela reta conduta. Os defensores da “moralidade” ainda fazem aquela acusação contra a pregação bíblica do evangelho. Mas eles levam ao fracasso o seu próprio fim, como o apóstolo prova. Seu argumento é que, se você realmente se preocupa com a moralidade e com o bom comportamento, então, quanto mais cedo crer no evangelho, melhor; porque, enquanto o homem está debaixo da Lei, não somente pode não resistir à tentação para pecar, porém o seu próprio conhecimento agravará a situação. Enquanto ele estiver debaixo do domínio da Lei, pecará cada vez mais, a ofensa será mais abundante. A Lei, ou o seu ensino moral, inflamará as suas paixões; isso atuará em seus membros e ele ficará cada vez pior. A própria Lei que lhe diz que não faça uma coisa o obriga a fazê-la! Assim, se você estiver interessado na moralidade, na conduta e no comportamento, diz o apóstolo, quanto mais depressa você ficar livre das garras da Lei, melhor. Isso, diz ele, é a glória do plano cristão de salvação. “*Mas agora*” entra em cena uma justiça que vem de Deus, manifestou-se um plano de salvação, e isso pode libertar-nos realmente. Já não estamos ligados àquilo que agrava a situação; agora estamos livres daquilo e estamos unidos a outro e maior Poder.

Contudo, devemos examinar mais uma vez as palavras

“para que”, “a fim de que”. “A fim de que” – o quê? “Para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra”. Notem o verbo “servir”, que já encontramos antes. No capítulo 6 foi preciso que nos lembrássemos de que nas Epístolas o termo “servos” sempre significa “escravos”. Por exemplo, no versículo 16: “Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos (escravos) para lhe obedecer, sois servos (escravos) daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus que, tendo sido servos (escravos) do pecado, obedecestes de coração à forma de (sã) doutrina”. Depois, no versículo 20: “Porque, quando éreis servos (escravos) do pecado, estáveis livres da justiça” e no versículo 22: “Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos (escravos) de Deus”. Aqui Paulo retoma essa expressão. Isso aconteceu conosco, diz ele, para que sirvamos em novidade de espírito”. “Servir” é “fazer trabalho escravo”. Paulo regozijava-se em apresentar-se como “escravo de Jesus Cristo” – servir a Quem é perfeita liberdade. Não há nada tão maravilhoso como ser escravo de tal Amo e Senhor. O objetivo da nossa libertação da Lei e do seu domínio é que “prestemos serviço escravo em novidade de espírito, e não na velhice da letra”. Essa é apenas outra maneira de dizer o que ele dissera no versículo 4, “para que sejais doutro, daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus”. Mas observem atentamente o sentido extra, pois Paulo está levando o argumento um passo, ou um estágio à frente, em relação ao que havia feito antes.

Chegamos agora ao ponto vital no qual o apóstolo vai dar ênfase ao caráter diferente do serviço, da nova “escravidão” em que vive o cristão. Ele a contrasta com a velha maneira de viver, e devemos entender que aqui ele está contrastando a vida do cristão, do homem em Cristo, com a vida do melhor tipo possível de homem que leva a sério a moral, estando “debaixo da lei” e “na carne”. Devemos manter em mente esse contraste. Naquele tempo existiam, como existem hoje, homens que lêem

a Lei Moral e dizem: “Isso está certo, isso é bom; vou viver dessa maneira; vou tentar pôr em prática esse código”. E fazem o máximo que podem, com a energia da sua carne. O apóstolo contrasta esse tipo de homem com o que foi tornado cristão. Naturalmente, o interesse dele é mostrar as diferenças, os chocantes contrastes.

Primeiro, o apóstolo nos mostra as diferenças gerais entre esses dois tipos de homem, e depois, em maior detalhe, as diferenças particulares. A primeira diferença ampla é entre novo e velho. Ele diz: “em novidade de espírito, e não na velhice da letra”. Aqui estão também duas grandes palavras do Novo Testamento – “velho” e “novo”. Mais uma vez ele não se refreia na ênfase ao tremendo contraste, à completa e total diferença entre a vida cristã e a vida não cristã. Isso não é peculiar a este apóstolo; é o ensino do Novo Testamento em toda parte. Volto-me de novo, em busca de uma ilustração, para as palavras que o nosso Senhor disse a Nicodemos. Nicodemos achava que o cristianismo era algo que você deveria acrescentar ao que você já tinha. Evidentemente, foi com base nisso que ele procurou ter a entrevista. “Rabi”, disse ele, “bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus: porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele.” Entretanto não lhe foi permitido continuar. É óbvio que ele estava prestes a acrescentar: “Agora, eu sou mestre em Israel, e sei muito mais que o povo, mas Tu sabes muito mais do que eu, e tens maior poder; que devo fazer para chegar ao ponto em que estás, como posso conseguir esse extra?” De repente o nosso Senhor o atalha, lendo a mente dele. Já nos foi dito no fim do capítulo 2 do Evangelho Segundo João que Ele não tinha necessidade de que ninguém Lhe dissesse o que havia no homem, porque “ele bem sabia o que havia no homem”; e leu Nicodemos como se este fosse um livro aberto. Por isso lhe disse: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus – não pode nem sequer ter um vislumbre dele; é necessário que ele nasça “de cima”. Não é

questão de se acrescentar algo; é regeneração, é um novo nascimento, é literalmente começar *de novo*.^{*} “Velho” e “Novo”. A velha condição de morte – a nova vida.

Ou vejam outra maneira pela qual o nosso Senhor expõe a questão. As pessoas não O entendiam. Vieram ter com Ele e Lhe disseram: “Não te entendemos bem; os discípulos de João Batista jejuam muitas vezes, mas não parece que os teus jejuam. Tu pretendes ser maior que João, tu te colocas como o Mestre; mas o que se vê é que te comportas de maneira completamente diferente de João”. Respondeu-lhes Jesus: “Não se põe vinho novo em odres velhos” (Mateus 9:14-17). Esta realidade é inteiramente nova. Não se trata apenas de uma marca superior ou melhor do que a que se usava antes; é absolutamente nova. Para vinho novo só odres novos servem. Ou é como uma peça de roupa. Não se remenda um tecido velho com tecido novo; pois o novo romperá o velho e tornará pior o rasgo. Não é questão de passar gradativamente daquilo para isto; é “velho – novo”.

Ou vejam como este apóstolo expõe o mesmo ponto na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 5, versículo 16. Diz ele: “Daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne”. Antes ele conhecia os homens “segundo a carne”, mas já não é assim. Como pregador do evangelho, como emissário e embaixador de Cristo, como alguém que pregava porque “o amor de Cristo o constrangia”, ele não conhece mais os homens “segundo a carne”, daquela velha maneira. “Ainda que”, diz ele, “tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já o não conhecemos deste modo.” E, no versículo 17, ele continua a dizer: “Se alguém está em Cristo” – isto é, se é cristão – “nova criatura é (uma nova criação): as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”. Pois bem, é precisamente isso que ele está dizendo aqui em Romanos, capítulo 7. De novo digo que, se você não se comove com isso, não pode

^{*} Em latim no original. Nota do tradutor.

ser cristão. Não mais o “velho”, mas o “novo”! “Não na velhice da letra, mas em novidade de espírito.”

Vejam, porém, o segundo contraste, o contraste entre a Lei e o espírito. “Para que sejamos escravos em novidade de vida, e não na velhice da letra.” Ora, que quer dizer “a letra”? Aqui há de novo um ponto interessante. O que o apóstolo escreveu realmente não foi a “letra”, e sim “o escrito”, “o que está escrito”. Naturalmente ele está se referindo à Lei Moral escrita, dada por meio de Moisés aos filhos de Israel. Eles se referiam a ela como “o que está escrito”, porque Deus a tinha escrito em tábuas de pedra, que entregou a Moisés. Essa era a formulação explícita, em forma escrita, da Lei que originariamente Deus tinha dado ao homem e a qual o apóstolo Paulo nos fizera lembrar no capítulo 2, onde ele declara que a lei foi “escrita nos corações” de todos os homens, mesmo dos gentios, que nunca tinham conhecido a Lei de Moisés (Romanos 2:14,15). Na Lei de Moisés isso foi deixado explícito, reduzido que foi à escrita. Deus o escreveu para que ficasse claro e simples. Agora, diz o apóstolo, cabe-nos servir, não segundo, não de acordo com aquela maneira que exigia conformidade com o que estava escrito. Essa era a situação “debaixo da lei”. Não estamos mais nessa situação; essa era a velha situação. Qual será a nova? É “em novidade de espírito”. A “nova” é uma vida vivida “no Espírito”, não “debaixo da lei”.

Surge aqui outra questão de tradução. O texto não significa simplesmente que agora estamos tentando guardar a Lei com um novo espírito. Isso não explica o verdadeiro contraste. Paulo quer dizer que agora estamos vivendo na esfera e no domínio do Espírito Santo de Deus, e não vivendo debaixo da Lei. Significa viver no poder do Espírito Santo, sob o Seu poder. O nome “Espírito” deveria ser redigido com inicial maiúscula* – “para que sirvamos em novidade de Espírito” –

* Assim na NVI (Nova Versão Internacional). Nota do tradutor.

o Espírito Santo, o Espírito de Deus – “e não na velhice do escrito”. Aqui o apóstolo introduz o Espírito Santo. A última vez que ele tinha mencionado o Espírito Santo foi no versículo 5 do capítulo 5. Lembro-lhes mais uma vez que todo o capítulo 8 é tão-somente uma exposição deste versículo 6 deste capítulo 7. O capítulo 8 visa descrever esta “vida no Espírito”. Começa no versículo 2: “Porque a lei do Espírito* de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”. Ali Paulo retoma o que diz aqui neste versículo 6 do capítulo 7, para poder explicá-lo e desenvolvê-lo. Os versículos 7-25 deste capítulo 7 são uma digressão na qual ele trata de objeções e dificuldades, e, tendo feito isso, retoma no capítulo 8 precisamente aquilo que está dizendo aqui. Noutras palavras, a vida cristã é uma vida inteiramente nova, possibilitada porque o Espírito Santo de Deus habita em nós como resultado da nossa união e do nosso casamento com o Senhor Jesus Cristo. A vida cristã é essencialmente uma vida no Espírito; e, portanto, inteiramente diferente da velha vida, que era vivida “na carne” e “debaixo da lei”.

Há várias declarações nesse sentido no Novo Testamento. Vejam, por exemplo, o que o apóstolo diz em 2 Coríntios, capítulo 3, versículos 5 e 6. Ele está falando sobre si mesmo e sobre o seu ministério. Diz ele: “Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros dum novo testamento” (ou, “de uma nova aliança”). Somos ministros de uma nova aliança. Mas ele não se contenta em dizer isso apenas positivamente; precisa dizê-lo também negativamente – “capazes de ser ministros de uma nova aliança, não da letra” – novamente não do que está escrito – “mas do Espírito, porque a letra mata, e o Espírito vivifica”. “Sou ministro do Novo Testamento, da Nova Aliança”, diz ele.

* Assim na VA (inglesa), na ARA e na NVI. Nota do tradutor.

O que ele está dizendo é que o seu ministério não é “do escrito”, “do que está escrito”; é “do Espírito”, do Espírito do Deus vivo, ao qual ele se havia referido no versículo 3 desse capítulo. Na verdade, toda a vida cristã é “vida no Espírito”.

Já citei o versículo 2 do capítulo 8: “A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”. Essa verdade diz respeito a todo cristão; tudo o que ele faz é feito “no Espírito”. Vejam também os versículos 5 e 6 do capítulo 8. Diz o apóstolo: “Os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne” – é nas coisas da carne que eles pensam, é isso que eles entendem e é nisso que estão interessados – “mas os que são segundo o Espírito (inclinam-se) para as coisas do Espírito”. O cristão tem uma nova maneira de pensar e se interessa por novas coisas – não as velhas coisas, mas as novas – e estas, espirituais. A diferença entre o cristão e o incrédulo é absoluta; eles nem sequer pensam do mesmo modo. “Porque”, prossegue Paulo, “a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz”. E o cristão serve e adora a Deus de uma nova maneira, como o nosso Senhor explicou à mulher samaritana (capítulo 4 do Evangelho Segundo João). Ela estava preocupada com a questão sobre se a adoração a Deus deveria ser “neste monte” ou em Jerusalém. Essa era a grande questão – onde a gente deve adorar? Como se deve adorar? Continua sendo a mesma coisa hoje em dia – vestes (togas, paramentos), e como se deve orar – de pé ou de joelhos? Essa era a idéia que a mulher fazia da adoração e da oração. Mas o nosso Senhor lhe disse: “Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade”. Essa é a questão de absoluta importância.

Paulo diz o mesmo que o seu Senhor e Mestre em Filipenses 3:3 – “A circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito”. Não temos altares, não temos sinais, crucifixos e outras pretensas ajudas; “servimos” ou “adoramos a Deus no Espírito”. Não pomos a nossa ênfase em edifícios especiais; podemos usar qualquer edifício, ou podemos ser-

vir igualmente bem a Deus sem edifício algum. Adoramos a Deus “no Espírito”, não como no templo de outrora. Já não há ofertas queimadas e sacrifícios: tudo isso acabou. “Adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne.” O culto que agora prestamos é inteiramente diferente.

A nossa oração também é diferente. Judas, versículo 20, fala em “orar no Espírito Santo”. Em 1 Coríntios 14:15 lemos: “Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento”. Há uma oração puramente espiritual que nem sempre encontra palavras para expressar-se. “O mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis” (Romanos 8:26). No versículo 4 do capítulo 8 desta Epístola Paulo diz: “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito” (ou, “segundo o Espírito”). E ele faz esta exortação aos gálatas, no capítulo 5, versículo 16: “Andai no Espírito, e não cumprireis os desejos da carne” (VA). A vida cristã é um completo contraste com a velha vida não regenerada, mesmo em sua melhor expressão. É a diferença entre a nova e a velha, entre a vida no Espírito de Deus e a vida sob a Lei, dominada pela Lei. Graças a Deus, podemos dizer: “*Mas agora*”. Não somos mais o que éramos; fomos libertados da Lei, que nos tiranizava e nos mantinha oprimos, e agora estamos livres para servir como escravos desta nova maneira, no poder do Espírito de Deus, e na esfera do Espírito. Não é mais “na velhice da letra”, do “escrito”. Todos os cristãos deveriam regozijar-se neste “*Mas agora*”. Quando você se examina a si mesmo, você se reconhece como uma “nova criatura”, você vê que tudo está mudado, que “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”? Seria nova a luz do sol? Seriam novas as flores, as aves, todas as coisas da natureza? Você vê nelas algo da glória de Deus que não via antes? Você pode dizer:

*Vive algo em cada cor ou tom
Que os olhos sem Cristo nunca vêem?*

Graças a Deus por este governo que o Seu Santo Espírito exerce sobre a mente, os afetos, a vontade, de fato, sobre o homem completo e total. A vida cristã é uma vida no Espírito Santo.

8

“Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.” – Romanos 7:6

Continuamos a considerar este versículo 6, que funciona como um eixo vital para o entendimento da argumentação do apóstolo neste capítulo, particularmente no ponto ao qual chegamos. O apóstolo dá aqui o que podemos descrever como a sua resposta final à crítica constantemente feita contra a sua pregação, a saber, que ela depreciava a Lei e só podia levar à imoralidade e ao antinomismo. Ele havia tratado principalmente da acusação de antinomismo no capítulo 6, e aqui, neste capítulo, ele se ocupa especificamente da questão da relação do cristão com a Lei. Seu interesse é mostrar que a Lei, como também toda e qualquer tentativa de basear a vida somente na Lei, em vez de ajudar-nos a viver de fato a vida piedosa, é um obstáculo. Ele estabeleceu isso no versículo 5. Mas agora, diz ele, estamos em condições de viver a vida piedosa porque terminamos com aquilo que nos mantinha derrubados e que agravava o nosso problema; entramos numa vida inteiramente nova. No momento, estamos, pois, considerando o contraste que o apóstolo traça entre esta nova vida e a velha vida, e até aqui só tratamos das diferenças gerais.

Chegamos agora às diferenças particulares, que devem ser examinadas pormenorizadamente. Isto não é algo meramente teórico; é essencialmente prático, porque a acusação feita contra ele era de natureza prática, algo como o seguinte: “Ah”, eles diziam, “essa pregação da graça, essa pregação da justificação

pela fé, soa maravilhosamente bem e agrada os ouvintes, é claro, mas a questão é: a que leva na prática? Essa é a prova; de que jeito ela é na vida diária comum e na maneira de viver?”

O apóstolo estava preparado para enfrentá-los no próprio terreno deles, e para mostrar que é por que isto, e unicamente isto, leva à vida prática e diária da santidade, que ele o prega, e se gloria em pregá-lo. O grande contraste entre a velha realidade e a nova é que não mais servimos como “escravos” “na velhice do que está escrito, mas na novidade do Espírito”. O apóstolo considera essa distinção muito importante, na verdade vital; e essa distinção é ressaltada freqüentemente no Novo Testamento. Vimo-la no capítulo 3 da Segunda Epístola do apóstolo Paulo aos Coríntios. Vê-se também na Epístola aos Hebreus, capítulo 8, onde o escritor traça um contraste entre a velha aliança que Deus tinha feito com os filhos de Israel mediante Moisés, e a nova aliança por Ele feita mediante Jesus Cristo.

Temos então aqui um versículo crucial, vitalmente importante na argumentação do apóstolo nesta parte, e, na verdade, vitalmente importante para toda a sua exposição da salvação cristã nesta Epístola. Como sugeri, o conteúdo do restante deste capítulo é apenas uma digressão feita para tratar das dificuldades surgidas na mente de certas pessoas. Mas o versículo 6 é a declaração deveras importante, crucial.

Consideradas em detalhe, quais são as diferenças existentes entre a vida vivida “no Espírito” e a velha maneira de viver “conforme o escrito”, “debaixo da lei” e “na carne”? Primeiro, existe a diferença entre a relação externa e a interna com a Lei de Deus; noutras palavras, com a moralidade. Esta diferença é bem descrita no versículo 3 do capítulo 3 da Segunda Epístola aos Coríntios, onde Paulo diz: “Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo”. Antes era, pode-se dizer, algo escrito “com tinta”, mas não é mais assim; agora é algo escrito com o Espírito. No entanto, além disso, “não em

tábuas de pedra” – isto é, uma coisa externa em relação a você. Bem, onde é escrito agora? “Nas tábuas de carne do coração.” A velha lei estava fora do homem e era escrita em pedras, escrita com tinta, uma coisa que você via com os olhos físicos. A situação não é mais essa. Agora está gravada, escrita e implantada nas tábuas de carne do coração, no próprio centro da personalidade, nos recessos mais profundos do nosso ser. Agora não ficamos olhando para uma coisa que está fora de nós, estamos considerando algo que já está dentro de nós como um princípio. A Epístola aos Hebreus expõe isso no capítulo 8. O autor cita o que Jeremias tinha dito no capítulo 31 da sua profecia. Deus declara que vai fazer uma nova aliança com o povo – “Não segundo o concerto que fiz com seus pais”, mas “um novo concerto”, uma nova aliança. Quais são as características da nova aliança? “Porei as minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei.” Antes, Ele tinha posto as leis em tábuas de pedra que entregou a Moisés, e Moisés passou ao povo. Mas na nova aliança Ele porá as Suas leis “no seu entendimento” e as escreverá “em seu coração”.

Aqui encontramos uma distinção fundamental entre as duas alianças, entre as duas maneiras de viver. Antes de alguém tornar-se cristão, ele tenta conformar-se a um padrão, a um modelo externo em relação a ele; porém ser cristão significa que o padrão está dentro do seu ser. Naturalmente, em certo sentido ele ainda está fora, mas o fato importante é que agora está dentro também. Você o lê na Palavra, mas também está em sua mente e em seu coração. Você não está só olhando para algo exterior, você tem também consciência do que está dentro. Você não precisa ser persuadido a olhar para aquilo que está do lado de fora de você; agora há um poder em seu interior chamando a sua atenção para isso, um princípio operando no centro da sua personalidade. A mesma verdade é exposta na Epístola aos Filipenses, capítulo 2, versículo 13: “Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós (dentro de vós) tanto o querer como o efetuar,

segundo a sua boa vontade”. O apóstolo regozija-se em que morremos para a Lei, e em que fomos libertados da Lei que antes nos retinha, porque agora podemos servir “em novidade do Espírito, não na velhice do que está escrito”. Está dentro de nós, em nossa mente e em nosso coração.

Segundo – e o primeiro ponto leva necessariamente a este – esta nova vida no Espírito significa que agora temos um entendimento que antes não tínhamos. Refiro-me a um entendimento da Lei e do seu propósito, e de tudo o que diz respeito a ela na economia de Deus. Qual era o problema dos que viviam sob a antiga dispensação? Diz o apóstolo, em 2 Coríntios, capítulo 3, que “o véu está posto sobre o coração deles” (versículos 13-16). Esse é o problema dos que se acham “debaixo da lei”, dos que estão “na carne”. Semana após semana, diz o apóstolo, ouvem a leitura da Lei de Moisés; mas eles não a entendem porque há um véu sobre o seu coração; sua mente está cega. Assim, embora a estudem e a considerem importante, e embora os seus mestres passem a vida inteira expondo-a, fazendo comentários sobre ela e formando as suas tradições sobre as quais vemos tantas referências nos Evangelhos, eles ainda ignoram o real significado da Lei, e lhes falta o verdadeiro entendimento. “Mas”, diz o apóstolo, “quando se converterem ao Senhor, então o véu se tirará”, o véu será tirado, e eles começarão a entender. O problema daquele que não é cristão é que lhe falta um fundamental entendimento desta nova vida que Deus quer que vivamos; ele não enxerga por que alguém deve vivê-la, nem qual é o propósito dessa nova vida. Ele não tem nenhuma concepção concernente ao propósito de Deus com relação ao homem; ele nada sabe do grande esquema, plano e propósito de salvação. Aqueles judeus liam o Velho Testamento e, todavia, não enxergavam nada disso. E acontecia isso porque interpretavam mal a Lei e pensavam que, se tão-somente executassem certas ordens como as entendessem, agradariam a Deus. Eles nunca enxergaram o real sentido e propósito da Lei. Nunca perceberam que a Lei

era para ser “o nosso mestre-escola para conduzir-nos a Cristo”. Nunca viram que a sua função era expor o caráter “excessivamente maligno” do pecado; nunca entenderam que “pela lei vem o conhecimento do pecado”. Achavam que podiam justificar-se pela Lei. Havia um véu sobre o coração deles; a mente deles não podia funcionar bem. Essa era a situação deles, sob “a velhice do que está escrito”. Mas no momento em que o homem se volta para o Senhor, o véu é retirado, e ele enxerga e entende; toda a sua posição passa por uma verdadeira revolução.

A terceira coisa é que agora o homem começa a ver a vital distinção entre observar a mera “letra” da Lei e estar interessado no “espírito” da Lei. Essa é uma grande distinção. Ela explica todo o problema dos fariseus, dos escribas e dos doutores da lei. Eles só estavam interessados na “letra” da lei, nunca entenderam que o que essencialmente importa na Lei é o espírito ali envolvido. O supremo comentário sobre essa questão é o Sermão do Monte, principalmente o capítulo 5 do Evangelho Segundo Mateus. A parte que vai do versículo 17 ao fim do capítulo é quase inteiramente dedicada a um desmascaramento dessa falsa atitude dos judeus e dos seus mestres para com a Lei de Deus. Eles ensinavam e criam que, se você não matar literalmente um homem, no sentido físico, você não é culpado de homicídio. Entretanto o nosso Senhor mostra com muita clareza que isso é só observar a letra, ao passo que a incumbência da Lei é com o espírito. Se você disser, “Raca”, a seu irmão, ou, “Louco”, será culpado de assassinato. Ele dá a mesma explicação quanto ao adultério e a outras questões, tais como andar uma segunda milha, e deixar a capa. Em última instância, é questão de amor, diz Ele. “Amai os vossos inimigos.” Aqueles judeus nunca entenderam esse princípio; eles sempre consideraram estas questões em termos da letra externa somente, e nunca se deram conta de que, com relação à Lei, o essencial é o princípio, o espírito, que diz respeito à verdadeira obediência.

Aqui e ali o apóstolo admite que anteriormente tudo isso era verdade a respeito dele, como fez, por exemplo, neste mesmo capítulo, versículos 8 e 9. Diz ele no versículo 9: “Eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri”. Ele diz virtualmente a mesma coisa em Filipenses, capítulo 3, naquele fragmento de autobiografia que se vê nos versículos 4 a 8. O que ele nunca tinha captado e compreendido é que a Lei diz: “Não cobiçarás”. Não basta você refrear-se e não praticar certas coisas; a questão é: você as deseja? Você peca em sua imaginação, em sua mente e em seu coração? Você as “cobiça”? Aos olhos de Deus a concupiscência – o desejo dessas coisas – é pecado. “Deus vê o coração.” O nosso Senhor disse aos fariseus, como está registrado em Lucas 16:15: “Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações, porque, o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação”. Deus lê o coração e se interessa por ele. Aconteceu que aquelas pessoas procuraram o nosso Senhor um dia e Lhe perguntaram: “Qual é o grande mandamento da lei?” Eles pensavam que iam apanhá-lo com essa pergunta concernente às suas 613 regras e regulamentos. Mas Ele desmascarou a completa ignorância e cegueira deles respondendo: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:37-39). “O cumprimento da lei é o amor” (Romanos 13:10). A Lei não é meramente uma coleção de regras e regulamentos; não é mera questão de letra; é o espírito que conta primordialmente.

Os judeus nunca tinham enxergado isso. Todavia no momento em que o homem entra na esfera do Espírito, imediatamente o vê, e percebe que toda a sua anterior moralidade não passa de “trapo da imundícia” (Isaías 64:6), “estercor”, refugio. Aquela velha justiça da qual ele costumava gabar-se tanto, agora não tem valor nenhum. Uma vez que ele percebe

o caráter espiritual da Lei, o caráter positivo dela, passa a ver a natureza superficial, mecânica e desesperadora da sua anterior retidão externa. A realização externa e superficial ainda deixa um poço cheio de iniquidade; ele agora aprende que isso não tem valor nenhum perante Deus. Mas é somente o homem que está “no Espírito” que vê isso. A tragédia do moralista, do homem meramente “bom”, é que a sua cegueira inata permanece, como aconteceu com tantos mestres judeus. Contudo, no momento em que o homem entra na esfera do Espírito, vê que está completamente condenado e se vê forçado a buscar a sua salvação no Senhor Jesus Cristo.

O quarto ponto de diferença entre o homem que vive esta nova vida “no Espírito” e o homem que anteriormente vivia “no que está escrito”, “debaixo da lei” e “na carne”, é que aquele que tem nova vida tem um fator inteiramente novo em sua vida, um novo motivo para o seu viver íntegro e reto. O motivo antigo era o medo de Deus. Ele procurava cumprir a Lei porque tinha medo de Deus. É a essência da sabedoria procurar agradar a Deus; a autopreservação e o interesse próprio ditam esse curso de ação. Há muitos hoje em dia que procuram viver uma vida virtuosa simplesmente porque temem o inferno, temem a Deus e o Juízo. “Se tão-somente Deus e o reino espiritual pudessem ser descartados com segurança, “se tão-somente” alguém pudesse provar que a morte do homem é o seu fim*, vocês veriam uma diferença na conduta deles. Eles levam uma vida de temor; a autopreservação e o interesse próprio são os valores supremos para eles. Mas, mesmo em sua melhor e mais elevada expressão, mesmo quando o medo como motivo não é

* Em meados do século XX, um rico inglês ofereceu vultosa recompensa em libras a quem o tranqüilizasse provando que o inferno não existe. Naquela época havia um jornal evangélico mensal intitulado *O Arauto*, se bem me lembro, criado e dirigido pelo Rev. Mário Barbosa, em Varginha, MG. Em todos os números saía no jornal a desesperada proposta daquele materialista inglês. Nota do tradutor.

tão proeminente, como se dá com muitos intelectuais assim chamados hoje – as pessoas que dizem que não se interessam pelo dogma cristão, pela doutrina cristã, mas estão muito interessados na moralidade pela moralidade – qual é o seu motivo? A satisfação própria. Elas desejam manter o seu próprio padrão, querem satisfazer a sua própria concepção do código moral, querem viver em boas relações com elas mesmas.

Recentemente uma dessas pessoas disse o seguinte: “A moralidade é a responsabilidade do homem por si próprio”. Isso é auto-satisfação; e esse era a principal dificuldade com os judeus. Diz o apóstolo no capítulo 10 desta Epístola, versículo 3: “Não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus”. Diz ele mais: “Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento” (versículo 2). Eles trabalhavam muito, tentavam produzir justiça, mas, diz o apóstolo, é “a sua própria justiça”. Eles se orgulhavam dela; eles estavam muito contentes consigo, como o apóstolo diz em Filipenses, capítulo 3: “Segundo a justiça que há na lei, irrepreensível”. Quanto orgulho ele sentia da sua justiça e da sua observância da Lei, que ele entendia mal! Diz ele aos gálatas que na questão de zelo pela Lei, ele “excedia” a muitos, sendo “extremamente zeloso”. Ele procurava agradar a si mesmo e por sua justiça própria se sentia plenamente gratificado. É sempre assim com o fariseu.

O nosso Senhor nos deixou uma descrição gráfica disso tudo em Lucas, capítulo 18, em Sua parábola dos dois homens que subiram ao templo para orar. Um deles era um publicano, o outro, um fariseu. O fariseu, diz Ele, foi direto para a frente e disse: “Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo”. Esse homem era o máximo da auto-satisfação! Ele não pediu perdão, nem ajuda, nem poder; ele se confinava a si mesmo, sentindo-se suficiente e satisfeito

consigo mesmo. O seu motivo consistia unicamente em agradar-se a si próprio. Essa é a característica da velha vida vivida “segundo a lei” e “na carne”.

Mas, que diferença quando se chega a esta nova vida “no Espírito”! Como cristãos, o nosso anseio é viver esta vida piedosa, esta vida santa, porque temos dentro de nós o desejo de agradar a Deus e de agradar ao Senhor Jesus Cristo; e também porque ansiamos por expressar a nossa gratidão e o nosso louvor. Vivemos a vida cristã, não porque continuamos com medo do inferno, nem para agradar a nós mesmos, nem para atingir um padrão pessoal nosso, nem para mostrar o contraste com outros que são flagrantes pecadores e completos fracassos. Não estamos primariamente interessados em autopreservação, porque sabemos que fomos salvos e que seremos guardados e preservados até “o dia de Cristo”. Vivemo-la porque sabemos que esse é o modo de mostrar o nosso amor a Deus, a nossa gratidão, a nossa ação de graças, por tudo quanto Ele fez por nós.

O apóstolo expressa eloqüentemente essa verdade na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 5, versículos 14,15: “Porque o amor de Cristo nos constrange”, diz ele, “julgando nós assim: que, se um morreu por todos, logo todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”. Essas palavras fornecem o argumento do cristão. Este diz: “Eu estava morto, e Cristo morreu por mim para que eu tivesse vida. Teria Ele morrido para que eu continuasse a viver por mim mesmo como antes? Não, mas para que eu vivesse por Ele e para Ele, sendo que Ele Se entregou por mim e ressuscitou dentre os mortos”. Nem mesmo ser santo é o motivo para o viver cristão; é agradar a Deus e glorificar o Seu Nome. “O fim principal do homem é glorificar a Deus”; e cristão é o homem que tem compreendido essa elevada vocação. O incrédulo nada sabe disso; vive para a sua própria glória. A primeira coisa que verdadeiramente diz respeito ao cristão é

que ele agora vive para Deus e para a glória de Deus, não para si e sua glória. O seu grande motivo é agradar a Deus que, em Seu infinito amor, misericórdia, compaixão e bondade, enviou Seu Filho unigênito a este mundo, e para morrer por nós!

*Amor tão admirável e divino,
Requer minha alma e vida, todo o meu ser!*

É desse modo que o Novo Testamento prega a santidade; esse é o único motivo legítimo para sermos santos. Não devemos ir a uma “reunião de santidade” ou “de santificação” porque temos um problema ou algo de que queremos ficar livres. Devemos desejar livrar-nos do nosso “ego”. E, como pregadores, não devemos apelar para que as pessoas venham à frente para “receber” algo, mas, antes, devemos confrontá-las com a exigência do Cristo crucificado e morto, que deu Sua vida, cujo corpo foi partido, cujo sangue foi derramado, para que pudéssemos ser resgatados, redimidos e tornados filhos de Deus. O motivo deve ser amor, gratidão, louvor, ação de graças Àquele que Se entregou por nós. Cristão é o homem que tem um motivo completa e inteiramente novo; é o amor a Deus e o desejo de exaltar a Sua incomparável graça.

A quinta consequência decorre diretamente dessa. Este homem, com este novo entendimento e este novo motivo, vive sua vida num espírito inteiramente novo. Na velha vida, como o apóstolo nos lembra no próximo capítulo, versículo 15, ele era retido por um “espírito de escravidão”. “Porque”, diz ele, “não recebestes o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.” “O espírito de escravidão”! Aquela velha vida, aquela vida “debaixo da lei”, é uma dolorosa escravidão, uma escravidão do pior tipo, um fardo pesado. Todo homem que vive “debaixo da lei” sempre tem um sentimento de desamparo e desespero. Ele vive nesse espírito; está sempre sob tensão, pressão e aperto. Ah, a escravidão daquela velha

vida “debaixo da lei” e “na carne”! “Mas agora” estamos vivendo com um espírito inteiramente novo, e estamos realizando a nossa obra “no Espírito, e não na velhice da letra”. Não deve haver nenhuma escravidão na vida cristã. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça.” O incrédulo não tem “fome e sede de justiça”; ele está tentando viver uma vida moralmente boa porque tem medo de Deus, e tem medo de Deus porque não quer sofrer, e por causa do seu orgulho. No entanto, com o cristão é inteiramente diferente. Você não pode ser cristão sem que se possa dizer verdadeiramente a seu respeito que você tem “fome e sede de justiça”. Os cristãos são “bem-aventurados”, felizes, e “eles serão fartos”.

O apóstolo João, em sua Primeira Epístola, capítulo 5, diz: “E os seus mandamentos não são pesados”. Os mandamentos de Deus eram muito pesados para o homem antes dele convertido; eram um fardo. Pedro explicou ao Concílio de Jerusalém (Atos, capítulo 15) que eles eram “um jugo” que ninguém podia suportar. Mas João diz que para o cristão “os seus mandamentos não são pesados”. É assim, em parte, que sabemos que somos cristãos; nós agora amamos os Seus mandamentos, eles não são mais uma carga, não são mais uma tarefa terrível. Agora o nosso grande desejo é viver desta maneira, de modo que não é mais uma forma pesada de viver, não é mais a contragosto. A isso Paulo acrescenta, em 2 Coríntios 3:17 – “Ora, o Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade”. Outra tradução diz: “Onde o Espírito é Senhor, aí há liberdade”. Quando você está na esfera do Espírito, há liberdade. Não há liberdade “debaixo da lei”; o feitor o está vigiando, e você está com medo. Essa foi a experiência de Lutero como monge, antes da sua conversão, jejuando e suando em sua cela. Mas quando é regenerado e entra na esfera do Espírito, “há liberdade”. Você é libertado dos grilhões daquilo “em que estava retido”; está morto para a Lei, é um homem livre e capaz de usar os seus poderes. “Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.”

Pense no encorajamento desfrutado pelo cristão. Não havia encorajamento naquela velha vida; por isso éramos dominados pelo desânimo. Mas tudo ficou maravilhosamente diferente. Começa com a consciência de que os pecados foram perdoados. Deus disse que na Nova Aliança faria assim com os Seus: "...lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados" (Jeremias 31:34). Nada exerce tanto poder de libertação como saber que todos os seus pecados passados estão perdoados; na verdade, que todos os seus pecados futuros também estão perdoados. É o pensamento mais libertador que se pode ter. Se você está preocupado com o perdão, e com sua posição e sua situação diante de Deus, você está necessariamente deprimido; e nesse estado de depressão satanás leva vantagem sobre você, e você afundará mais ainda. Não há nada mais maravilhoso que saber que os nossos pecados estão perdoados – e nós sabemos disso! "Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus."

Entretanto, em segundo lugar, e resumindo o que estivemos dizendo desde que começamos a estudar o capítulo 6, estamos mortos para o pecado, estamos mortos para a Lei, estamos mortos para a "morte". No capítulo 6, versículos 9-11, nos é feito lembrar que "havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre: a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado, mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus". O que é verdade a respeito de Cristo o é a nosso respeito. Ele morreu uma vez por todas; nunca mais morrerá; "a morte não tem mais domínio sobre ele" (VA). E não tem domínio sobre nós. Isso faz parte da liberdade dos filhos de Deus. Como cristão, estou morto para o domínio do pecado, estou morto para o domínio da Lei, estou morto até para o domínio da morte. Como cristão, vou simplesmente "cair no sono"; estou em Cristo e, portanto, nunca morrerei, jamais experimentarei a "segunda morte". Estou fora do domínio do pecado, da Lei e

da morte. Esse é o novo espírito em que vive o cristão; essa é a liberdade que os filhos de Deus gozam.

Deus nos disse também – faz parte da Nova Aliança – “Serei Deus para eles, e eles serão povo para mim”. Disse mais: “Habituarei neles e andarei com eles, e serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”. Pode existir alguma coisa mais maravilhosa que isso? Na manhã da Batalha de Trafalgar, (o almirante) Nelson disse: “A Inglaterra espera que cada homem cumpra hoje o seu dever”. Que motivo, que encorajamento! Mas Deus nos diz: “Eu sou o Deus de vocês, e vocês são o Meu povo. Lembrem-se disso e vivam à luz disso”. Poderia o cristão ter maior encorajamento?

Deus, porém, nos fala ainda do Seu grande propósito a nosso respeito, e de tudo o que Ele planejou e estabeleceu como propósito para nós. “Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação”. Já encontramos isso em sua máxima expressão no capítulo 5, versículo 10: “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”. Ele nos inseriu na vida do Seu Filho, e, se estamos na vida do Seu Filho, tudo mais é certo, seguro e garantido. Seremos salvos completamente, inteiramente; nada poderá deter isso. E agora pensem em nossa relação com o Senhor Jesus Cristo. Permitam-me lembrá-los do que nos é dito no versículo 4 deste capítulo, que o Senhor Jesus Cristo é o nosso marido: “Para que pudéssemos casar-nos com outro, com aquele que ressuscitou dentre os mortos” –

*“Jesus, meu Esposo, Pastor e Amigo...
Meu Senhor, minha Vida, meu Caminho, meu Fim...”*

Ele é tudo, Ele é “Tudo em todos”. Que encorajamento! O homem “na carne” não conhece nada disso.

Depois pensem na “esperança da glória” e na certeza de que chegaremos lá. “Sendo pois justificados pela fé, temos paz

com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Romanos 5:1,2). Não há encorajamento que supere esse! “E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 João 3:3). É desse modo que o novo homem, o cristão, vive sua vida “no Espírito”. Ele encara todos os problemas com um novo espírito de liberdade, regozijo, esperança, ações de graças e louvor.

Isso me leva à sexta grande diferença que existe entre o novo e o velho homem – a nova capacidade e o novo poder que o novo homem tem e do qual está ciente. Na velha vida o homem era deixado entregue a si mesmo. “O que era impossível à lei”, diz o apóstolo Paulo no versículo 3 do próximo capítulo, “visto como estava enferma pela carne”. Deus outorgou os Dez Mandamentos e disse – como traduzimos livremente o capítulo 10, versículo 5, desta Epístola – “Se os cumprirem, e continuarem a cumpri-los, vocês se salvarão por fazer isso”. Mas, “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”; “não há um justo, nem um sequer”. O homem, deixado entregue a si mesmo, não pode cumprir a Lei; ele é fraco demais. Todavia, que dizer deste novo homem “no Espírito”? Ele tem nova vida; ele é “participante da natureza divina”, ele recebeu nova vida em Cristo, ele nasceu de novo, do Espírito. Lembrem-se das palavras de Paulo registradas em 2 Coríntios, capítulo 3, versículo 6 – “a letra mata, mas o Espírito vivifica”. É do que precisamos – vida, vigor e poder. Não somente isso; o Espírito continua a agir dentro de nós. Voltemos mais uma vez a Filipenses, capítulo 2, versículos 12 e 13: “Operai a vossa salvação com temor e tremor”. Como posso fazer isso? Por que se impõe tal tarefa sobre mim? É impossível fazer isso. Os patriarcas falharam, os filhos de Israel falharam. Mas eis as palavras: “Operai a vossa salvação com temor e tremor”. Como se pode fazer isso? “Porque Deus é o que opera em vós.” Ele está operando em nós “tanto o querer como o efetuar, segundo

a sua boa vontade”. Como resultado da presença do Espírito dentro de nós, e da nova natureza na qual Ele opera, somos capazes de fazer coisas que antes eram inimagináveis.

No próximo capítulo desta Epístola, versículo 13, Paulo diz: “Se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”. Peça a um homem que não tem dentro de si o Espírito, que mortifique as obras do corpo. Para descobrir o resultado, basta ler as biografias de muitos dos “santos católicos”, assim chamados, e de outros que nunca enxergaram a verdade da “justificação pela fé somente”, e que se segregaram da sociedade, usaram camisas de pêlo de camelo e em muitos casos quase morreram de fome. Tentavam “mortificar as obras do corpo”, e quanto mais tentavam mais conscientes ficavam do seu fracasso. Vocês podem “sair do mundo”, mas levam consigo as obras do corpo, em sua mente e em sua imaginação. Vocês não conseguirão livrar-se das obras do corpo dessa maneira; porém, “pelo Espírito” conseguirão, porque recebem novo poder. Diz o apóstolo a Timóteo, na Segunda Epístola, capítulo primeiro, versículo 7: “Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação”. Poder, amor, disciplina. Ou, como ele já dissera no capítulo 6, versículo 14, desta Epístola: “O pecado não terá domínio sobre vós”. João diz a mesma coisa em sua Primeira Epístola, capítulo 4, versículo 4: “Maior é o que está em vós do que o que está no mundo”. Daí, não se deixem apavorar pelo diabo, apesar de ser ele um poderoso inimigo. Não fiquem aterrorizados, não se alarmem; agora vocês têm poder, vocês têm forças, vocês estão “no Espírito”; a vida “no Espírito” lhes traz todas estas bênçãos.

E assim chegamos à sétima distinção, que salienta o resultado totalmente diferente destas duas vidas, e o faz destas duas maneiras inteiramente diferentes: “Quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte.” Em 2 Coríntios 3:6 Paulo diz: “A letra mata”. Sempre mata. Aquela

velha vida é uma vida de constante luta e de constante fracasso, de constante derrota. E vai ficando cada vez mais difícil. Conforme vocês vão ficando mais velhos, verão esvair-se os seus poderes, e o diabo parecerá ficar mais forte. As suas condições físicas levarão a novas tentações e pecados; isso irá piorando cada vez mais; vocês vão ficando cada vez menos capazes de resistir, e se sentirão total e completamente vazios de esperança. É uma espécie de morte em vida. Mas, que dizer desta nova vida no Espírito? Vamos a 2 Coríntios 3:18. O apóstolo já tinha dito: “O Senhor é aquele Espírito, e onde o Espírito é Senhor, aí há liberdade”.* E então, louvado seja Deus, ele acrescenta: “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, nos transformamos de glória em glória na mesma imagem (em Sua imagem), como pelo Espírito do Senhor”. Citei a tradução que se encontra na Versão Autorizada, porém aqui temos uma melhor – “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, estamos sendo transformados”. Não somos nós que estamos fazendo isso; isso nos está sendo feito. À medida que contemplamos como num espelho a glória do Senhor – à medida que vamos vivendo esta vida “no Espírito”, com este novo entendimento, discernimento, motivo, amor e poder, e tudo isso é tão real – à medida que vamos vivendo e praticando isso tudo, estamos sendo “transformados à imagem do amado Filho de Deus”, e “de glória em glória”. É uma vida progressiva; vai ficando cada vez melhor e cada vez mais elevada. Vamos ficando cada vez mais parecidos com o bendito Filho de Deus. Não acreditem naqueles que dizem que o cristão à beira do túmulo está na mesma condição em que estava no princípio. Ele está “sendo transformado de glória em glória”, indo de um grau de glória a outro, e assim continua, progressivamente.

* Na tradução anteriormente mencionada e aqui adotada pelo autor. Nota do tradutor.

*Sendo nós transformados de glória em glória, ó Pai,
Até quando no céu nosso lugar tomarmos
E ante o Senhor as nossas coroas lançarmos,
Com encanto, louvor e amor nossa alma vai.*

Esta é a verdade. Mesmo nesta vida podemos dizer: “Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo” (Filipenses 1:6). Se você está nas mãos deste grande Oleiro; se Deus, por intermédio de Seu Filho, e por Seu Espírito, começou a boa obra em você, Ele nunca desistirá dela, nunca a deixará incompleta; Ele a completará até àquele grande Dia, como Efésios 5:27 no-lo recorda tão gloriosamente, quando estaremos “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santos e irrepreensíveis”. Em face destas coisas, que diremos? Em minha maneira de sentir, só há uma coisa apropriada que se pode dizer. Digamo-la com Judas: “Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória, ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém”.

9

“Que diremos pois? É a lei pecado? De modo nenhum: mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conhecera a concupiscência, se a lei não dissesse: não cobiçaras.”

—Romanos 7:7

A história da interpretação deste capítulo, principalmente deste ponto até o fim, é sumamente interessante e fascinante. Como tenho sugerido, creio que grande parte das divergências deve-se unicamente ao fato de que são muitos os que não deixam ser guiados pelo contexto, mas vêm direto a este capítulo, isoladamente, e em especial a esta seção, e, fazendo isso, perdem o rumo.

Desejo, pois, lembrar-lhes mais uma vez o conteúdo global; e, para fazer isso, devo voltar ao fim do capítulo 5. Como nunca me canso de repetir, a chave para o entendimento dos capítulos 6 e 7 desta Epístola é o capítulo 5. Se não entendermos bem o capítulo 5, não teremos possibilidade nenhuma de entender os capítulos 6 e 7; e, ao meu ver, estes dois capítulos formam um parêntese com duas partes, uma o capítulo 6, e a outra o capítulo 7. O apóstolo introduziu este parêntese por causa do que ele tinha dito no fim do capítulo 5, principalmente nos versículos 20 e 21, onde lemos: “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. Realmente é esse versículo 20 que nos dá a chave. Tendo o apóstolo descrito como o crente está “em Cristo” – estava em Adão, mas agora está em

Cristo – e o que forçosamente acontece com ele porque ele está “em Cristo”, de repente percebe que muitos poderiam dizer: “Mas, certamente isso é pôr a Lei de lado, o que significa que não haverá nenhum padrão ou cânon para a conduta e para o comportamento. É sempre a Lei que garante a santidade; porém, ao que parece, o seu ensino varre para um lado a Lei e, dessa forma, não fica nada que salvasse o viver santo”.

Por isso o apóstolo se ocupa dessa dificuldade. No capítulo 6, como vimos amplamente, ele toma a questão do aspecto moral e trata disso em termos de, “Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?”

Aqui, no capítulo 7, ele trata da outra questão, a saber, o lugar da Lei. No capítulo 5, versículo 20, ele havia notificado que “A Lei entrou lateralmente”, por assim dizer. Depois, no capítulo 6, versículo 14, fizera a mesma afirmação: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”; e dá a impressão de que ele se regozija pelo fato do cristão não estar “debaixo da lei”. Contudo ele percebe que havia pessoas que iriam interpretar mal aquelas duas afirmações como se significassem que o evangelho dispensa totalmente a Lei e a torna sem valor e sem razão de ser.

É deste assunto que o apóstolo se ocupa neste capítulo 7. É o capítulo dos capítulos quanto à Lei e sua função, e a relação do cristão com a Lei. É vitalmente importante que entendamos bem esta singular relação; por isso o apóstolo a expõe no corpo deste capítulo, e mostra passo a passo que a santificação pela Lei é tão impossível quanto a justificação pela Lei. Em seus quatro capítulos iniciais o apóstolo prova que “nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei” (Romanos 3:20); agora ele está igualmente interessado em mostrar que ninguém pode ser santificado pela Lei ou por estar “debaixo da lei”.

Esse é o tema geral do capítulo inteiro; mas ele o divide em três partes principais. A primeira é composta pelos versículos 1-6, da qual já tratamos. Nessa parte temos uma declaração

geral, feita para mostrar que, como cristãos, estamos numa relação inteiramente nova com a Lei, e que isso é essencial para que “demos fruto para Deus”, servindo a Deus “em novidade do Espírito, e não na velhice da letra”.

Agora vamos passar à segunda parte. É melhor considerá-la como indo do versículo 7 ao versículo 12. Depois o versículo 13 resume essa parte e também serve de ponto de transição para a terceira parte, que começa no versículo 14 e vai até o fim do capítulo. Nos versículos 7 a 12 o propósito do apóstolo é vindicar a Lei, a Lei em si mesma, a Lei como tal; e provar que a Lei nunca deve ser responsabilizada por nosso insucesso em cumpri-la. É uma vindicação do caráter da Lei. Ele a absolve completamente de toda acusação de envolvimento em nossa culpa. O versículo 13, como eu disse, é uma espécie de resumo desse argumento e uma introdução à próxima parte, composta dos versículos 14 a 25. Nesses versículos ele faz uma demonstração prática, e do ponto de vista experimental, do que estivera dizendo na segunda parte. Transparece claramente que ele achava isso necessário, para mostrar que a Lei não somente falha em libertar-nos, mas de fato agrava o nosso problema. Ele termina mostrando que, embora a Lei nos deixe num estado de completo desamparo, há todavia uma esperança. Daí o brado triunfal: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”.

Recapitulando: a primeira parte, versículos 1-6, realmente diz tudo; e o que Paulo faz nas outras duas partes é meramente elaborar o que dissera ali. Tudo o que ele faz na primeira parte, como já vimos, é dizer que não estamos mais “debaixo da lei”, mas estamos unidos a Cristo, de modo que agora podemos “servir em novidade do Espírito, e não na velhice da letra”. Estas duas partes, de 7 a 13 e de 14 a 25, nada mais são que um empenho em explicar em detalhe e em demonstrar aquela argumentação, bem como uma defesa dela contra algum possível mal-entendido.

O que o apóstolo continua fazendo, num sentido final, é

estabelecer o que ele tinha dito nos dois versículos iniciais do capítulo 5: “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”. O homem justificado é um homem que está a salvo, está seguro; sua posição é certa. Paulo afirma isso mais uma vez no versículo 10 desse capítulo 5: “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”. Ele o repete de novo no versículo 21: “Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. A graça vai ser vitoriosa, nada a poderá deter; e nada é mais importante que entendermos claramente que a nossa salvação é inteiramente no Senhor Jesus Cristo e dEle vem. Não devemos introduzir a Lei novamente; se o fizermos, arruinaremos tudo. Assim o apóstolo toma tempo neste parêntese para aclarar a situação toda, e para definir a posição do cristão quanto à sua relação com a Lei.

Agora estamos preparados para dar início ao nosso estudo sobre esta segunda parte, que começa no versículo 7, onde lemos: “Que diremos pois? É a lei pecado?” O apóstolo tinha feito certas afirmações a respeito da Lei, e imagina alguém dizendo: “Bem, só uma conclusão se pode tirar do que você vem dizendo, e é que a Lei, a Lei dada por intermédio de Moises, é uma coisa má, é em si mesma algo ruim”. Ele parece imaginar o seu oponente dizendo mais: “Você já tinha feito duas afirmações que me inquietaram. Você já tinha insultado a Lei dizendo que ela “entrou lateralmente”, (“de lado”, “pelos flancos” *); e depois você tinha se gloriado no

* De “*fianco*”, dizíamos em minha adolescência, em referência a uma jogada (no futebol) ou a uma ação qualquer que vinha de maneira esquiva ou por um ângulo inesperado. Nem sabíamos que a palavra é italiana, significando lado, flanco. Nota do tradutor.

fato de que não estamos “debaixo da lei, mas debaixo da graça”. Entretanto agora você foi mais longe. Você disse no versículo 5: “Quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei” – agravados, produzidos pela Lei – “operavam em nossos membros para darem fruto para a morte”. Não seria certo que você está dizendo, então, que a Lei é pecado? Você se regozija no fato de que não estamos “debaixo da lei” exatamente da mesma maneira como se regozija de que não estamos “debaixo do pecado”. Logo, pecado e lei só podem ser sinônimos; não há diferença nenhuma entre eles. A Lei é má, pecaminosa, nociva, é algo que só leva à nossa morte. Seria isso que você está dizendo?”

De imediato o apóstolo responde com a sua famosa fórmula, traduzida na Versão Autorizada (inglesa) por “Não permita Deus” (Almeida: “De modo nenhum”), mas que deveria ser traduzida por: “Longe esteja dos nossos pensamentos”, “Nem imaginem”! Que essa idéia nunca entre na cabeça de ninguém, diz ele. Ele já tinha utilizado a mesma fórmula no capítulo 6, e antes disso, no capítulo 3. Disse ele no início do capítulo 6: “Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum”. Aqui ele diz de novo que isso é uma coisa que ninguém deveria conceber jamais. Ele diz virtualmente o seguinte: “Como há alguns que pensam essas coisas, devemos investigar, devemos examinar isso, porque, se de fato vocês fazem essa conclusão do que eu tenho dito sobre a Lei, a verdade é que vocês entenderam o meu ensino de maneira totalmente errada”. Por isso ele introduz um parêntese subsidiário – um parêntese dentro de um parêntese – para esclarecer isso.

Estou enfatizando este ponto por esta razão: nesta parte, e na que vem em seguida, o apóstolo defende a sua causa em termos pessoais. É isso que tem causado todo tipo de argumento e de disputa. Tem-se pressuposto que o principal propósito deste capítulo é relatar a sua experiência. Conforme penso, não é esse o caso, absolutamente. Ele nunca teria escrito o que

temos nos versículos 7 a 25, não fosse a probabilidade de haver um entendimento errôneo do que ele disse nos versículos 1 a 6, na verdade, do que ele já tinha dito no fim do capítulo 5. Noutras palavras, o objetivo do apóstolo neste capítulo não é contar a sua experiência, mas tornar claro o seu ensino sobre a relação do cristão com a Lei, e mostrar que a Lei nunca pode santificar-nos, como tampouco pode justificar-nos.

Portanto ele diz “De modo nenhum” à sugestão de que “a lei é pecado”; o que significa tão-somente que o oponente entendeu mal o alcance do seu ensino. No entanto ele não fica só numa simples afirmação geral. Continua “Não” (VA) – “isso não somente não está certo, porém, muito ao contrário”. Essa é a ênfase da expressão acrescentada. Ao contrário, diz o apóstolo, a situação não é meramente que eu não estou ensinando o que o seu questionamento sugere; estou ensinando exatamente o oposto.

De que maneira o ensino do apóstolo era justamente o oposto da afirmação de que “a lei é pecado”? Ele dá duas respostas. A primeira é: “Eu não conheci o pecado senão pela lei”. Para entender essa resposta é essencial que mais uma vez comecemos com uma declaração negativa, porque essa sentença tem sido e pode ser mal entendida. Obviamente o apóstolo não está dizendo que antes não tinha consciência da realidade do pecado, do fato de que ele tinha pecado e que outros tinham pecado. Ele não pode ter desejado dizer isso, porque existem muitos não cristãos que estão bem cientes de que certas coisas são erradas e que dizem que certas coisas são pecaminosas. Há uma espécie de conhecimento geral do pecado em todas as pessoas, de modo que não há nenhuma possibilidade do apóstolo ter dito que, sem a Lei, ele não tinha nenhum conhecimento do pecado. O que ele quis dizer é que ele não tinha ciência da real natureza do pecado enquanto a Lei não tornou isso claro para ele. Foi a Lei, diz ele, que o levou a um correto entendimento da realidade essencial do caráter, da natureza e da significação do pecado. Pois bem, em muitos aspectos isso

é apenas repetir o que ele tinha dito no capítulo 3, versículo 20, onde lemos: “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele (diante de Deus) pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado”. Ele está dizendo a mesma coisa aqui. É unicamente a Lei de Deus que de fato nos dá uma correta concepção do verdadeiro caráter e natureza do pecado.

Essa é uma tremenda proposição. A real dificuldade com os não regenerados é que eles não sabem nem entendem a verdade acerca do pecado. Eles têm o seu código moral, acreditam que algumas coisas são certas e que algumas outras coisas são erradas; mas isso não é entender o pecado. No momento em que um homem entende a verdadeira natureza e caráter do pecado, ele passa a preocupar-se com a sua alma e busca um Salvador. Portanto, o problema das pessoas que não estão procurando um Salvador e a salvação é que elas não entendem a verdadeira natureza do pecado. A peculiar função da Lei é levar esse entendimento à mente e à consciência do homem. É por isso que os grandes pregadores evangélicos de há trezentos anos, no tempo dos puritanos, e de há duzentos anos, no tempo de Whitefield e outros, sempre se engajaram no que eles chamavam “obra da lei”, como uma ação preliminar. Em sua pregação do evangelho eles geralmente começavam com uma apresentação da Lei. Eles sabiam que o homem não entenderia a salvação, se não entendesse a natureza do pecado*. Por isso expunham a Lei de Deus, mostrando a sua relevância, e por meio dela levavam os homens e as

* Esse método, que é o método bíblico, apostólico, sempre sofreu os efeitos da pressão dos que querem ser mais “bonzinhos” que a Bíblia, “mais realistas que o rei”. Um claro exemplo disso é que os manuscritos que foram adotados por muitas versões acrescentam ao texto de Efésios 1:1 a frase “vos vivificou”, que na realidade consta no versículo 5: “nos vivificou”. Chamei a atenção da Comissão de Tradução da Nova Versão Internacional (NVI), que tive a honra de presidir desde o princípio dos seus trabalhos (janeiro de 1990) até o fim (31 de janeiro de 2000). Em Efésios 2:1 diz a NVI: “Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados”. Nota do tradutor.

mulheres a um entendimento do que o pecado realmente significa para Deus. Pois nada senão a Lei faz isso, diz o apóstolo. “Sem a lei” ele não tinha nenhum real conhecimento do pecado. “Eu não conheci o pecado” – eu nunca teria descoberto o que o pecado realmente significa – “não fosse pela lei.” Essa é a primeira afirmação do apóstolo.

Mas ele faz uma segunda afirmação, que ilustra a primeira. “Eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: “Não cobiçarás.” Aqui o “porque” introduz uma ilustração. Diz o apóstolo: “Posso esclarecer para vocês o que eu quero dizer quando afirmo que sem a lei eu nunca teria conhecido o real caráter do pecado. Por exemplo, eu nunca teria conhecido o significado da concupiscência, se a lei não tivesse dito: não cobiçarás”.

Aqui há também uma declaração vitalmente importante. Qual é o sentido de “concupiscência”? Significa “cobiça”; é o mesmo termo que aparece no versículo 8. “O pecado, tomando ocasião pelo mandamento, operou em mim toda a concupiscência”. O termo significa “desejo de algo proibido”. Devemos ser cuidadosos com a palavra grega traduzida por concupiscência. Na verdade ela significa pura e simplesmente “desejo”, “forte desejo”. Certamente vocês se lembram do que o nosso Senhor disse aos discípulos: “Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça” (Lucas 22:15). A palavra empregada ali é realmente a mesma que aqui foi traduzida por “concupiscência”. Portanto, a palavra, em si, é neutra, mas o contexto sempre mostra claramente se deve ser entendida no sentido neutro, ou num mau sentido, ou num bom sentido. A palavra “concupiscência” é sempre empregada em mau sentido. Significa um desejo ardente de alguma coisa proibida por Deus. Assim o apóstolo está dizendo: “Eu nunca saberia o que significa a concupiscência, se não fosse a lei, que diz: “não cobiçarás, Não terás desejo dessa maneira”.

Quanto ao sentido da expressão “a lei” aqui, sem dúvida

Paulo se refere aos Dez Mandamentos, registrados no capítulo 20 do livro de Êxodo, particularmente ao décimo mandamento, que diz: “Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo”. Vocês devem ter notado a diferença entre o décimo mandamento e os outros. Os outros dizem: “Não matarás; não adulterarás; não furtarás; não darás falso testemunho”. Mas aqui ocorre uma mudança – “Não cobiçarás”. De imediato nos é apresentada a distinção entre uma ação externa e uma ação que se dá no íntimo do homem, em seu ser interior. Todavia não exageremos nisso, porque a idéia de cobiça está implícita nos outros mandamentos também.

O apóstolo está realmente dizendo duas coisas distintas. A primeira é: “Eu não teria sabido que a concupiscência em si é pecado, se a lei não me tivesse ensinado isso”. Essa era uma verdade com referência ao apóstolo, antes da sua conversão, como era verdade quanto a todos os fariseus. Eles só pensavam no pecado em termos de atos externos. Desde que a pessoa não praticasse um mau ato, não era culpado de cometer pecado. Um mau desejo, diziam eles, não é pecado; só passa a ser pecado quando a pessoa pratica o que deseja, executa o seu desejo; mas o desejo em si não é pecaminoso. Por isso o apóstolo diz, em primeiro lugar, que ele jamais teria compreendido que os desejos, a cobiça, a concupiscência, os maus pensamentos e imaginações, constituem pecado, se a Lei não lhe tivesse dado iluminação, esclarecimento.

O nosso Senhor empenhou-Se muito em deixar isso bem claro para os judeus, principalmente para os fariseus, no Sermão do Monte. No Evangelho Segundo Mateus, capítulo 5, do versículo 21 ao fim do capítulo, Ele trata especificamente deste importante assunto. Os fariseus estavam ensinando enganosamente as pessoas a pensarem que enquanto você não matar de fato uma pessoa, não pesará sobre você a culpa

de assassinato. Entretanto o nosso Senhor lhes mostra que se você disser: “Raca”, se você disser a seu irmão: “Louco”, já então será culpado de homicídio em seu coração com respeito àquela pessoa. E Ele diz a mesma coisa acerca da questão do adultério. Eles diziam que enquanto a pessoa não praticasse o ato de adultério, não seria culpada desse pecado. Mas a isso Cristo respondeu: “Se você olhar para uma mulher desejando-a, já terá cometido adultério com ela em seu coração, e, portanto, você será culpado de adultério”. Eles não tinham conhecimento disso; não entendiam o real significado da concupiscência. Não se davam conta de que a concupiscência é em si pecaminosa; por isso o Senhor lhes ofereceu essas ilustrações, para mostrar-lhes que a concepção fundamental que eles tinham da Lei era errada, que a Lei é essencialmente espiritual, que a Lei está interessada no que diz respeito ao coração do homem.

Noutra ocasião, quando Lhe perguntaram algo sobre a Lei, Ele disse que o primeiro, o grande mandamento da Lei é: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:37-39). A Lei é isso, não apenas dizimar a hortelã, o endro e o cominho, e todos os mínimos detalhes e minúcias. A Lei é espiritual, diz Cristo, e está interessada no coração do homem e em sua atitude fundamental para com Deus. Esse é o sentido da Lei. Pois bem, diz o apóstolo, foi só quando eu realmente entendi o significado da Lei, que eu passei a entender a verdade sobre a concupiscência. Passei a ver que cobiçar é tão repreensível como praticar, que um desejo é tão condenável como o ato. Ele nunca tinha enxergado essa verdade antes. Foi a Lei, o verdadeiro entendimento da Lei, que abriu os olhos dele para esta questão de concupiscência e cobiça.

O apóstolo, contudo, faz uma segunda afirmação a respeito da matéria em questão: “Eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: não cobiçarás”. O que ele quis dizer em

segundo lugar é o seguinte: “Eu nunca tinha entendido o poder da concupiscência e do desejo dentro de mim, enquanto não fui realmente esclarecido por um verdadeiro entendimento da lei”. Vejam a palavra “conhecer”. Notem que ele emprega o verbo “conhecer” duas vezes – ao menos aqui, na Versão Autorizada (e também em Almeida) – “Eu não *conheci* o pecado senão pela lei; porque eu não *conheceria* a concupiscência, se a lei não dissesse...”. Aqui ocorre duas vezes; como também na maioria das outras traduções. No entanto, o fato mesmo é que o apóstolo empregou uma palavra diferente na segunda vez, e muito me admiro de que os tradutores não se tenham concentrado nisso. Ele não emprega a mesma palavra, no grego, nos dois lugares. O segundo “conhecer” é muito mais forte que o primeiro. Quer dizer “conhecer absolutamente”; quer dizer “conhecer como resultado de reflexão e experiência”. O primeiro indica uma espécie de apreensão ou percepção. Diz o apóstolo: “Realmente eu nunca teria captado o significado do pecado senão pela lei”; mas depois acrescenta: “Eu nunca teria entendido nem vindo a sentir nas profundezas do meu ser, nem a ter pleno entendimento e plena experiência do sentido da concupiscência, e do papel que a concupiscência desempenha na vida do homem, se a lei não tivesse dito: não cobiçarás”. Noutras palavras, a Lei não somente levava Paulo a ver que a concupiscência é pecado, mas também o levava a enxergar o terrível poder da concupiscência em sua própria vida. Ele certamente inclui esse segundo significado bem como o primeiro. Portanto, a Lei lhe prestou esse grande serviço. Ele nos mostrará isso mais detalhadamente nos versículos subseqüentes, porém aqui o expressa de modo geral. Praticamente ele diz o seguinte: realmente eu não tinha um verdadeiro entendimento do pecado, até que a Lei me esclareceu. Eu não notava o poder e a posição da concupiscência em minha vida, até quando este mandamento me pegou, e de repente comecei a entender a verdade acerca de mim mesmo.

Notem então o argumento do apóstolo. Vocês não devem

dizer que “a lei é pecado”, diz ele, porque foi a Lei que me levou a ver o sentido do pecado e a minha própria condição pecaminosa em consequência do poder da concupiscência dentro de mim. “De modo nenhum”, diz o apóstolo; que ninguém pense que eu estou ensinando que a Lei é pecaminosa ou má; estou dizendo exatamente o oposto. Não me entendam mal, diz ele praticamente; o fato de eu dizer que a Lei não pode santificar ninguém não significa que estou afirmando que a Lei é inútil. O fato de eu ter dito que a Lei “agrava” o pecado não significa que a Lei é pecaminosa. Não; vou mostrar-lhes que a causa disso tudo é este princípio pecaminoso; a Lei mesma é excelente, e dou graças a Deus por ela. Eu nunca teria conhecido, nunca teria um verdadeiro entendimento e uma verdadeira percepção do pecado, se não fosse a Lei. E, principalmente, eu nunca teria entendido nada da concupiscência e do lugar da concupiscência em minha vida, se este mandamento não viesse convencer-me. Esse é o argumento do apóstolo no versículo 7. É óbvio que ele não terminou a explicação da sua atitude para com a Lei; este é apenas o começo do assunto. Ele vai continuar a expô-lo minuciosamente.

Mas, antes de passarmos às explicações adicionais de Paulo, assinalemos e sublinhemos esta grande lição. Em nossa mente estaria claro que desejar uma coisa má é pecar? Estaríamos nós, como em sua vida pregressa estivera o apóstolo, na posição de pensar que, enquanto não concretizarmos um mau desejo, não seremos culpados de pecado? Muitos são os que ensinam esse erro. Por exemplo, o ensino católico-romano é que, pelo fato de ser batizada pela igreja, a pessoa está purificada do pecado original, que não há mais pecado habitando nela. Depois, logicamente, vão adiante e ensinam que a concupiscência (o mau desejo) não é pecado; somente os atos praticados constituem pecado. Isso é uma parte do erro que envolve geral e globalmente o ensino dessa igreja a respeito da salvação.

Entretanto, esse ensino errôneo não se limita aos romanistas; há certas escolas perfeccionistas de pensamento cujo ensino é precisamente o mesmo. Refiro-me àqueles que acreditam na erradicação do pecado e que se vêem na obrigação de explicar a dificuldade concernente aos maus pensamentos e aos maus desejos. Como sucede com os romanistas, eles não consideram os desejos íntimos como pecado, e dessa maneira tentam fundamentar a sua posição na qual defendem a santificação completa. Mas o ensino do apóstolo, aqui e noutras passagens, é absolutamente claro, como igualmente claro é o ensino pessoal do Senhor Jesus Cristo. Desejar pecar é pecar. Você pode pecar em sua imaginação, em seu pensamento. Isso é igualmente pecado, como o ato, diz o nosso Senhor.

Evidentemente, há diferenças nas conseqüências, porém para Deus um e outro constituem igualmente pecado. As aludidas palavras do nosso Senhor são: “Já em seu coração cometeu adultério com ela”; e: “Deus vê o coração”. O nosso Senhor disse aos fariseus: “Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações, porque, o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação” (Lucas 16:15). Vocês, fariseus, que se põem de pé nas esquinas e nas praças, e dizem: olhem para nós. Nós nunca cometemos homicídio, nunca cometemos adultério. Deus vê o coração de vocês, e Ele sabe que o coração de vocês está manchado, cheio de pecado. Vocês não têm feito essas coisas em termos de atos, porém as têm feito em seu coração, em seus pensamentos e em sua imaginação, e isso para Deus é abominação.

Este ensino é obviamente crucial. É parte essencial da exposição feita pelo apóstolo da doutrina da salvação; e é na proporção em que entendemos isso que poderemos seguir o seu argumento no restante deste capítulo em particular. O que despertou o apóstolo para ver a sua necessidade de um Salvador proveniente do céu foi esta questão de concupiscência. Aí ele se tornou convicto; mas isto só aconteceu quando viu o

verdadeiro caráter da Lei como espiritual. Com isso ele viu a verdadeira natureza do pecado. Noutras palavras, não há melhor maneira de testar o nosso entendimento da doutrina cristã da salvação do que examinar o nosso entendimento da verdadeira natureza do pecado, principalmente no que se refere à questão da concupiscência.

É essencial que saibamos com clareza qual é o cenário e o contexto do argumento do apóstolo aqui, porque, se não conseguirmos ter isso em mente, inevitavelmente nos extraviaremos quando chegarmos aos últimos versículos e ao seu ensino detalhado. O grande princípio é que Paulo está mostrando que a Lei não é pecado. Graças a Deus que não é! Graças a Deus, a Lei fez e faz o que foi destinada a fazer. Ela levou o apóstolo a conhecer o pecado, especialmente em termos de cobiça. Queira Deus que todos nós possamos juntar-nos a ele na declaração da mesma coisa, e na oferta de louvor e ação de graças a Deus por Sua santa Lei, e por Sua obra em nós e sobre nós.

10

“Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, operou em mim toda a concupiscência; porquanto sem a lei estava morto o pecado.” – Romanos 7:8

Aqui, neste versículo 8, o apóstolo dá mais um passo em seu argumento. Ele tinha feito a sua declaração positiva fundamental acerca do caráter da Lei e sobre o que ela faz; então, havendo feito isso, vai adiante. “Eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: não cobiçarás. Mas”, e aqui vem a explicação; e é uma explicação muito profunda. Por que a Lei teve esse efeito de agravar o pecado e a concupiscência em nossos membros? Ah, sim, a resposta é que isso se deve à natureza e ao caráter do pecado. O problema surge, não por causa da Lei, porém por causa do pecado. Então, que é que leva o pecado a fazer isso? Eis a resposta – “O pecado, tomando ocasião pelo mandamento, operou em mim toda a concupiscência”.

Que significa isso? Talvez a melhor maneira de abordar este versículo 8 seja tomar as diversas expressões, uma por uma, começando com a palavra “pecado”. Com a palavra “pecado” Paulo não se refere meramente a atos pecaminosos; ele fala do pecado como um princípio e poder que age na natureza humana.

Vamos à próxima expressão. “O pecado”, diz ele, “tomando ocasião”. Temos aqui uma expressão sumamente fascinante. Veremos que ele torna a empregá-la no versículo 11: “Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento”. A raiz da palavra aqui traduzida por “tomando ocasião” significa “dar

início de um lugar”. É uma palavra empregada para descrever o lugar de onde se inicia uma viagem, um ponto de partida. “O pecado, tendo um ponto de partida no mandamento.” Mas também se pode pensar nela em termos de operações militares, e, nesse sentido, refere-se a uma base na qual são feitos os preparativos, as tropas recebem treinamento e são reunidas a artilharia e todos os armamentos, e da qual o exército parte em sua campanha. Temos assim: “O pecado, fazendo uso do mandamento como uma base de operações”. Ou, na verdade, pode-se usar ainda outra idéia; e alguns tradutores a adotaram. É uma idéia muito interessante e pitoresca, e talvez explique melhor o sentido do que as outras duas. “O pecado, usando a lei como um fulcro.” O sentido de fulcro, neste contexto, é de ponto de apoio. Se você se defronta com o problema de mover um grande peso – uma pedra ou algum objeto similar – você verá que pelos meios comuns não conseguirá removê-lo. Então trata de conseguir uma longa barra, quanto mais comprida melhor. Depois pega um toro de madeira ou alguma coisa sólida na qual a barra possa apoiar-se firmemente e a coloca perto do objeto que você quer remover. Depois coloca uma ponta da barra embaixo do objeto e, pressionando na outra ponta e usando o cepo de madeira como um fulcro, será capaz de levantar e mover o pesado objeto que você quer remover. A palavra aqui traduzida por “tomando ocasião” era muitas vezes empregada nesse sentido. Podemos, pois, fazer a seguinte tradução: “O pecado, usando a lei como fulcro, pôde mover a nossa resistência e produzir o resultado que desejava produzir”. Isso ajuda maravilhosamente a entender a idéia que o apóstolo tinha em mente.

Aqui não há dúvida de que o apóstolo está se referindo em particular ao décimo mandamento, com a sua idéia de não cobiçar – “Não cobiçarás”. Pois bem, diz ele, o que aconteceu foi que o pecado tomou este mandamento sobre a cobiça, que proíbe cobiçar, e o usou como um fulcro, ou como uma base de operações militares. Para fazer o quê? “Para fazer acontecer

algo em mim.” O pecado “operou” em mim. A palavra “operou” é também muito interessante e importante; é uma palavra de muita força. Significa “trabalhar” ou “agir poderosamente”, ou “levar a uma firme conclusão”, “realizar” ou “completar algo”. Não se refere a uma simples tentativa, mas a algo que tem sucesso; trata-se de uma operação que vai até o fim, até se completar. Logo, podemos traduzi-la assim: “O pecado, tomando ocasião pelo mandamento, operou poderosamente em mim”; “operou vigorosamente em mim”; “realmente produziu um resultado final em mim neste aspecto”. É importante dar à palavra “operou” todo o peso que ela tem.

Que foi que o pecado produziu em mim? Ele operou em mim “toda a concupiscência”. Que é concupiscência? A mesma palavra, utilizada no versículo anterior, foi ali traduzida por “luxúria” pela Versão Autorizada, que ali diz: “Pois, eu não teria conhecido o pecado senão pela lei, porque eu não teria conhecido a luxúria, se a lei não tivesse dito: não cobiçarás”. Concupiscência significa luxúria, ou desejo, particularmente no mau sentido. Significa o estado do coração, e da pessoa, em que os maus desejos, a luxúria e as paixões estão no comando.

Há duas declarações no livro de Gênesis que expressam isso tão perfeitamente que não é preciso nada mais que citá-las. A primeira está em Gênesis 6:5, a descrição de como viviam as pessoas antes do Dilúvio. Sobre a multiplicação da maldade do homem, diz-nos a referida passagem que “toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente”. Essa era a característica do homem no período antediluviano. Isso é concupiscência! Os homens eram dominados e consumidos pela luxúria, pelas paixões, pelos desejos. Depois, há uma segunda descrição em Gênesis 8:21, que realmente diz a mesma coisa. “A imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice.” Isso é concupiscência! O íntimo do ser humano acha-se num estado em que é dominado por estes desejos luxuriosos, maus, impuros e

indignos. Assim, o que o apóstolo diz é que o pecado, usando o mandamento como fulcro, como ponto de apoio, operou poderosamente nele para produzir todo tipo de luxúria e maus desejos. “Concupiscência”! Ele escreve deliberadamente, e diz: “todo tipo de”; e é assim que devemos interpretar suas palavras; não devemos diluir o argumento. Diz ele: o que parecia era que eu estava cheio desse tipo de coisa, de todos os tipos concebíveis. Todas as espécies de maus desejos e de luxúria estavam dentro da minha mente e do meu coração; eu parecia nada mais nada menos que uma massa de corrupção e de maus pensamentos, maus desejos e más imaginações; o que eu parecia era uma tremenda lixeira de iniquidade. Foi isso que o pecado fez pelo uso da Lei. Desse modo, resumimos a declaração apostólica dizendo que o pecado utilizou a Lei como uma base para produzir tal efeito. A própria proibição feita pela Lei deu ao pecado justamente a oportunidade que ele desejava; despertou-o, na verdade deu-lhe uma coisa com que funcionar como que apoiado num fulcro, e conseguiu movê-la dessa maneira terrível e aterradora.

Até aqui vimos a declaração geral do apóstolo. Mas vamos examiná-la. A primeira coisa que ela nos diz é algo sobre a natureza e o caráter do pecado. Como vocês definem o pecado? Qual é a sua noção dele? É óbvio que não podemos dizer que o pecado é meramente algo negativo. Há muitos que o consideram e o descrevem desse modo. A doutrina bíblica do pecado é muito impopular atualmente. Há os que dizem que a antiga noção de pecado deveria ser descartada, que ela fez muito mal, que levava as pessoas a se condenarem e a se sentirem sem esperança e pessimistas. Dizem eles que o termo pecado nem deveria ser utilizado, que é negativo demais, que é psicologicamente mau para nós porque produz pessoas tristes. Lembro-me de que uma vez eu li um sermão de um conhecido pregador “liberal”. A maior parte do sermão era um ataque ao grande hino de Charles Wesley, “Jesus, Amigo de minha alma”, e particularmente à estrofe que diz:

*Justo e santo é Teu nome,
Eu sou todo iniquidade;
Cheio de pecado eu sou,
Tu és cheio de graça e verdade.*

Ele abominou essas palavras. Achava o hino uma desgraça, que deveria ser eliminado do hinário e que nunca mais deveria ser entoado. Procurou ridicularizá-lo dizendo que quando alguém se candidata a um emprego não vai dizer ao seu empregador em perspectiva: “Vil e cheio de pecado eu sou” (literalmente). A resposta a isso é, naturalmente, muito simples. O tal candidato não diz isso ao empregador potencial porque sabe que a mesma condição pecaminosa é verdade acerca do empregador também. Mas quando nos defrontamos com Deus, a situação é inteiramente diferente. A que ridícula posição as pessoas baixam quando negam a verdade das Escrituras, a doutrina bíblica!

Todavia essa é a atitude comum hoje. Muitos dizem que não devemos falar do pecado propriamente dito; o que devemos dizer é que gostaríamos de ver na pessoa algo que não há nela. Noutras palavras, não devemos dizer a uma pessoa que ela é má; devemos dizer que ela não é uma boa pessoa. Não devemos dizer a um homem que ele é positivamente mau; o que devemos dizer é que ele ainda não se desenvolveu quanto poderia ter se desenvolvido. O conceito é puramente negativo; consiste meramente em notar a ausência de certas qualidades, ou, se estas existem, dizer que precisam ser trazidas à luz; porém devemos parar de dizer que as pessoas são positivamente más e – para repetir o termo do original de Charles Wesley – “vis”. O que se chama pecado, se quisermos usar essas palavras, é uma coisa inteiramente negativa, mera privação, pode-se dizer, e não uma coisa essencialmente positiva.

Está claro e patente que isso é algo que o apóstolo rejeitaria *in toto* – totalmente, porque toda a sua tese depende disto: que o pecado é uma força positiva que pode usar a alavanca, pode

pressionar na ponta de uma barra e usar o fulcro, o ponto de apoio. Vocês não conseguirão remover pesos com negativas. Não conseguirão levantar pesos com uma simples e mera ausência de algo. Não; o conceito global, o quadro todo, a própria fraseologia empregada pelo apóstolo visa expor a idéia de que o pecado é positivo. E não somente positivo, mas também poderoso ao extremo. É uma coisa que pode “tomar ocasião”, que pode ter “uma base de operações”, que pode usar “um fulcro”, que pode mover grandes pesos e obstáculos – o pecado pode agir, pode operar poderosamente.

E, claro, ao dizer isso aqui, dessa maneira pitoresca, o apóstolo está simplesmente repetindo o que já dissera antes nesta Epístola com outra linguagem. No capítulo 5, versículo 21, ele diz: “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado *reinou* na morte...”. O pecado é uma coisa tão poderosa que pode “reinar”; é um monarca com tremendo poder. É um império. Depois Paulo diz a mesma coisa no capítulo 6, versículo 14, com as palavras: “Porque o pecado não terá *domínio* sobre vós”. Ele tem domínio sobre todos os demais. Todos os incrédulos estão sob o domínio do pecado. Entretanto, há pessoas que afirmam que o pecado é apenas uma fase negativa, tão-somente a ausência de boas qualidades. É positivo, declara Paulo; é tão poderoso que pode mover os homens e jogá-los longe. Ele pôs por terra os patriarcas. Mais adiante o apóstolo usa um linguajar mais forte ainda, no capítulo 6, versículos 16 e 17. Diz ele: “Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos (escravos) para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedecéis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues”. O pecado é um *senhor de escravos*, é o pecado que exerce controle absoluto sobre as pessoas.

Não há nada que seja tão estranho ao ensino bíblico como

essa noção de que o pecado é inteiramente negativo. Vou mais longe. Querem ver como o pecado é forte? Bem, Paulo no-lo diz aqui. O pecado é tão poderoso que até pode usar a santa Lei de Deus para os seus próprios fins. Não sei de maior estimativa de força e poder do que essa. Deus outorgou a Sua santa Lei por intermédio de Moisés. Ah, sim, diz o apóstolo Paulo, mas o pecado era forte; tão forte que até usou a santa Lei de Deus como fulcro, como ponto de apoio, para que os seus propósitos se realizassem. E teve sucesso. Ele operou poderosamente, realizou e completou o que desejava fazer. Nem mesmo a santa Lei de Deus pôde resisti-lo. Tal é a medida do caráter positivo do pecado, e da força do pecado. Talvez não haja doutrina que seja mais importante que esta, no sentido prático, para a vida deste país e do mundo na presente hora.

Como é, então, que o pecado usa a Lei? De que maneira o pecado usa a Lei como fulcro, como base de operações, como ponto de partida? Eis a primeira parte da resposta: ele o faz despertando o elemento de rebelião que existe em nós. Todos nós nascemos rebeldes, nascemos com um antagonismo para com Deus dentro de nós. Esse é um postulado fundamental da Bíblia. Alguém o contestará? Se alguém o fizer, a réplica acha-se no próximo capítulo – capítulo 8, versículo 7: “Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser”. Ele não diz apenas que ocasionalmente fazemos coisas que Deus nos disse que não fizéssemos. “A mente carnal” (VA) – e isso é o pecado no controle – “é inimizade contra Deus.” No entanto muitos homens modernos dizem – já me disseram isso muitas vezes – “Eu sempre cri em Deus, e sempre procurei adorar a Deus”. Mas o Deus adorado por eles não é Deus, porém uma ficção da imaginação deles. Dizem as Escrituras que a inclinação da carne, a mente carnal, a mente natural, é inimizade contra Deus. O apóstolo repete a mesma afirmação com palavras diferentes na Epístola aos Efésios, capítulos 4 e

5, e noutros lugares, com expressões como “sendo inimigos”, e “alienados em vossa mente pelas obras ímpias”.

O que acontece é o seguinte: a Lei vem e se dirige a um homem, e logo o antagonismo a Deus, que é inato nele e que lhe é natural, o espírito de rebelião, é despertado e intensificado, e o desejo de realização pessoal entra em cena. Isso porque o homem “em pecado” deseja ser autônomo; não está disposto a inclinar-se diante de ninguém. Ele se satisfaz consigo mesmo, ele se basta, ele é independente; e por isso recebe mal qualquer idéia referente à Lei. É por isso que muita gente diz que não crê em Deus. Não querem saber da idéia de que existe alguém diante de quem devem dobrar os joelhos. São homens – são homens do presente século, homens que se firmam em seus próprios pés! Eles se gabam da sua capacidade, da sua sabedoria, do seu conhecimento. O homem natural odeia a idéia de que existe alguém, mesmo Deus, diante de quem deva inclinar-se e a quem deva submeter-se. Ele não vai ser um suplicante diante de ninguém, ele quer viver a sua própria vida, e a seu modo. Por que não? E assim ele diz que toda a noção a respeito de Deus nada mais é que uma projeção da idéia vitoriana de pai. É isso que as pessoas inteligentes, os psicólogos e outros estão dizendo. O pai vitoriano, o severo pai vitoriano, reprimia os seus filhos, dava-lhes ordens, e a sua palavra era lei. Seus filhos tinham que fazer o que ele dizia. Dizem aqueles tais que muitos têm projetado isso ao infinito e afirmam que isso é Deus. Naturalmente isso é puramente psicológico! Ao dizerem isso tudo, é evidente que estão mostrando esta inimizade, este ódio a Deus, este espírito de rebelião que é inato em nós. Assim a grande característica de uma época como esta, que não crê em Deus, é o repúdio à lei, a aversão pela disciplina e pela ordem em todos os aspectos. Hoje em dia as pessoas têm arraigada aversão pela lei, pelas sanções e pela punição. Já quase chegamos ao estado em que não se acredita em punir ninguém; o assassino torna-se pouco menos que um herói que atrai a simpatia pública. O prisioneiro consegue mais simpatia que a

sua vítima. Dessa maneira, toda a idéia de certo e errado está desaparecendo rapidamente da mente humana.

Na essência, o pecado é ilegalidade (anomia, repúdio à lei). É a arraigada objeção a qualquer lei, a qualquer ordem, a qualquer proibição, a qualquer noção de ira e de punição. Isso se revela de infindáveis maneiras. Não há mais disciplina no lar e na escola. As crianças não devem ser punidas, por pior que tenha sido o seu comportamento. Se forem punidas, os pais logo serão intimados a uma entrevista com o coordenador do ensino ou com o professor, que protestará contra a disciplina que os pais aplicaram. Disseram-me que na cidade de Nova York a coisa chegou ao ponto de ninguém mais ser reprovado nos exames na escola; todos passam automaticamente. E isso por esta razão: os professores, os coordenadores e todos os demais temem as conseqüências físicas para eles próprios, se reprovarem um aluno ou um candidato. Está sendo programada para breve uma pesquisa sobre todo o problema destes adolescentes, destes delinqüentes juvenis, na cidade de Nova York, que estão tomando a lei em suas mãos. Essa atitude para com tudo o que cheire a disciplina e a punição é um dos extremos deste repúdio à lei. No momento em que o homem natural ouve falar da Lei, reage contra ela e a recebe mal. O que já acontecia foi agravado. E o pecado é a causa fundamental. O pecado já estava presente; vem a Lei com a sua proibição, e o pecado a usa como fulcro e pressiona para baixo a alavanca, resultando em que passa a existir mais pecado que antes. Desse modo a Lei agrava a situação, por causa deste espírito de ilegalidade existente em nós, e ela de fato nos incita a pecar. Essa é a condição de todos quantos nascem neste mundo, desde a queda do homem.

Mas há outra maneira pela qual ele age. Quando a Lei nos vem com força, principalmente quando dá esta ênfase a não cobiçar e a não se deixar dominar pela luxúria, o homem em pecado reage também de outra maneira. Diz ele: "Isso vai indo longe demais, é injusto; estou disposto a concordar que há certas

coisas que eu não devo fazer e que, se as faço, estou errado. Isso é questão de atos, e o homem é responsável por seus atos. Todavia agora você vem me dizer que a Lei ordena: “Não cobiçarás”, que eu nem sequer posso ter desejo; que se eu tiver dentro de mim um anseio por estas coisas, uma inclinação por elas, mesmo que não me envolva com elas na prática, serei culpado de pecado”. Aqui eu estou falando, é claro, de algo que vem do coração, e não de tentações provenientes de fora. Estou falando do caso do homem que gosta de pecar em sua mente, em sua imaginação e em seu coração, mas que acha que, devido não ter cometido um ato externo de pecado, tudo está bem com ele. Quando a Lei vem e diz ao homem: “Não cobiçarás”, e lhe diz que cobiçar é pecado, há uma reação imediata. Ele diz: “Isso, agora, é ir longe demais, é um padrão impossível, e para mim é injusto. Enquanto fica nos atos e ações é razoável, mas se vai examinar os meus pensamentos e as minhas imaginações mais íntimas, ora! É uma situação simplesmente impossível. Oponho-me a isso. Quero ter uma vida moralmente boa, porém a minha vida interna é só minha, e nenhuma autoridade externa se mete ali”. Ele odeia a idéia de que os pensamentos mais íntimos do ser humano estão abertos para Deus, e que os maus pensamentos são tão repreensíveis para Ele como os atos e feitos externos. E assim, quando a Lei entra dessa maneira, o pecado a utiliza como fulcro, como ponto de apoio, e agrava a situação. Faz com que o homem se irrite, fique aborrecido e se julgue tratado de maneira inconveniente e injusta; e, nessas condições, ele vai pecar muito mais do que nunca antes.

Depois vem uma terceira maneira de agir do pecado; e esta, do ponto de vista prático, é uma das mais importantes. “O pecado (usando a lei como fulcro) operou em mim todo tipo de concupiscência.” Como? Pondo idéias em minha cabeça, idéias que antes não estavam ali. A Lei vem e me diz que não faça uma determinada coisa; entretanto, fazendo isso, ela me faz pensar nessa coisa. Antes eu não pensava nela, mas

agora começo a pensar. E, começando a pensar, começo a gostar da idéia; a coisa me atrai. Acende-se assim a luxúria, eu quero fazer isso, e passo a fazê-lo. A Lei, ao dizer-me que não o faça, introduziu-o em minha mente; a Lei me apresentou essa idéia. E não somente isso, mas também essa ação da Lei me leva a ter pensamentos e idéias acerca das quais eu era completamente ignorante. Posso estar lendo um livro que fala sobre certas coisas, por exemplo, sobre certas horríveis perversões das quais eu nunca tinha ouvido falar e que nunca me incomodaram, ou mesmo nunca me tentaram, porque eu não tinha ciência da sua existência. No entanto, agora eu leio um livro que me adverte contra essas coisas, e no momento em que começo a ler, algo se desperta dentro de mim e a minha curiosidade é provocada. Eu me pergunto: “Por que será que as pessoas fazem isso? Deve ser agradável e muito cativante”. A minha curiosidade então começa a funcionar e eu me vejo praticando aquilo. Faço tudo aquilo em minha imaginação, e gosto. É assim que o pecado age.

A declaração clássica a respeito disso tudo acha-se na Epístola a Tito, capítulo primeiro, versículo 15: “Todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os contaminados e infiéis; antes o seu entendimento e consciência estão contaminados”. Se a sua mente estiver contaminada, tudo o que entrar nela ficará contaminado e retorcido. Nada permanecerá puro; a mente passará a ver as coisas por um certo ângulo, e essas coisas serão coloridas pelas lentes do seu coração impuro. Para os contaminados, a pureza não é pura; no momento em que entram em contato, torna-se impura – “Mas até a sua mente e a sua consciência estão contaminados” (VA).

O argumento de Paulo aqui consiste em que, uma vez que isso é verdade a meu respeito, uma vez que é verdade a respeito de todos os homens que nascem neste mundo desde a Queda, a pura Lei de Deus, vindo com as suas proibições, suas restrições e seus mandamentos, inflama as nossas paixões, desperta dentro de nós o desejo de fazer justamente as coisas

proibidas, e nos faz ver coisas que não conhecíamos. Qual será a conseqüência disso? Leva-nos a produzir “fruto para a morte”. Noutras palavras, aqui o apóstolo nos está dando uma explicação do que tinha dito no versículo 5. A Lei de Deus não é pecado; é a própria pureza. Mas ela nos revela a natureza do pecado, ajuda-nos a ver que cobiçar é pecado. Que acontece, então? Ah, a terrível verdade acerca do homem, como ele é por natureza, é que esta coisa poderosa chamada pecado é capaz de usar até a pura Lei de Deus como fulcro para produzir todo o mal em mim. O pecado lhe fornece uma base de operações, o inimigo “invade como uma enchente”, e eu acabo sendo pior do que era. Essa é a explicação, diz o apóstolo.

Apliquemos agora este ensino, e tiremos algum auxílio prático do que Paulo está dizendo aqui. Primeiro, se não entendermos bem a natureza do pecado, realmente nunca entenderemos o ensino da Bíblia. Todo o ensino bíblico concernente à salvação está baseado num claro entendimento do que o pecado é realmente. Não há esperança de que entendamos qualquer coisa sem isso. Nunca veremos por que temos que morrer para a Lei, se não entendermos a natureza do pecado. Nunca veremos por que o Filho de Deus teve que vir a este mundo e morrer; nunca veremos a necessidade da regeneração e do novo nascimento. É por essa falta de entendimento que muitos pensam que podem “decidir-se” por Cristo nas condições em que eles estão. Como podem, se a verdade é esta? Isso controla tudo. A maioria dos nossos problemas hoje é causada por não captarmos e não entendermos esta doutrina bíblica sobre o pecado. Neste versículo que estamos estudando nos é dada uma visão, uma exposição dessa doutrina como dificilmente vocês encontrarão noutra parte com igual clareza. Aí está esse terrível poder que pode até usar a Lei de Deus como fulcro, como ponto de apoio, para conseguir os seus nefandos fins.

Em segundo lugar, o que o apóstolo disse sobre o pecado e sobre a maneira pela qual ele usa a Lei como fulcro, prova

completamente a sua dupla afirmação. A primeira parte é que ninguém jamais pode ser santificado pela Lei nem mediante a Lei. Como pode o homem ser santificado pela Lei, quando o pecado reina nele e até pode usar a Lei como fulcro? A segunda parte da sua afirmação foi que o homem nunca poderá ser santificado, enquanto a sua velha relação com a Lei não for abolida. É preciso que ele morra para a Lei e se case com Outro, antes de poder ser santificado; e isso também ele prova. Enquanto o pecado estiver presente, tudo o que a Lei faz é fornecer um ponto de apoio para piorar as coisas. Então, como poderemos ser santificados, enquanto estivermos “debaixo da lei”? O apóstolo reduz ao absurdo a coisa toda. Ele prova a sua afirmação; e o faz num duplo sentido.

Permitam que agora eu tire mais duas deduções e lições gerais e práticas. Vocês sabem de alguma coisa que, à luz deste ensino, seja mais perigosa que as idéias correntes sobre ensinar sexo e moralidade? Estamos constantemente sendo exortados por todo tipo de gente a dar instrução sobre sexo e moralidade às nossas crianças. O que se diz em geral é que o grande problema do passado foi que as pessoas se omitiam de fazer isso; faziam do sexo um fantasma ou um demônio. Era um tabu, algo que nem mencionar se podia, e sempre mantido às ocultas; e a consequência foi, dizem, que todos os nossos antepassados eram uma verdadeira massa de complexos e de repressões, e todos eram psicologicamente enfermos! Todos os que viveram até a presente geração eram mais ou menos psicopatas, porque nunca encararam o sexo de maneira aberta, corajosa e franca. Isso não é saudável, dizem, e o que se deve fazer é expor o assunto e falar sobre ele às crianças. Recentemente vi um homem fazer esta concessão aos pais e mães – que talvez fosse melhor não falarem com seus filhos sobre isso, mas conseguir que um tio ou algum parente o fizesse, ou um amigo, ou um estranho. O importante é que é preciso fazê-lo; e, se tão-somente falarmos com as crianças sobre o sexo e as pusermos ao par dos fatos da vida, o

problema moral estará resolvido.

Quanta ignorância! Não só da natureza humana, mas também do pecado! Não conseguem enxergar que o que estão fazendo é simplesmente iniciar as crianças em algo que as levará a pecar. Falam com elas sobre o sexo e, quanto mais falam, mais despertam nelas uma curiosidade mórbida. “Para os puros, todas as coisas são puras”; mas nós não somos puros por natureza. As nossas crianças não são puras; nós não somos puros; e “para os contaminados nada é puro”. Quando nos dermos conta do poder do pecado e descobrirmos que ele pode até usar a Lei de Deus como fulcro para criar luxúria e desejos, porque a mente e o coração são impuros, compreenderemos que esse ensino moderno é pernicioso e cheio de perigo.

Finalmente, digo-lhes que este versículo é, em si, suficiente para mostrar a completa e final futilidade daquilo que está sendo dito com tanta freqüência hoje por pessoas cultas, bem intencionadas e moralmente boas. Tais pessoas nos dizem: “Ah, sim, eu fui criado na fé cristã, na religião cristã; mas, naturalmente, depois eu evoluí; tenho lido muito. Ainda estou firme na ética cristã, porém, claro, tive que dizer adeus às doutrinas”. Já me referi a isso. Pobres cegos! Pouco sabem do pecado, principalmente do poder do pecado. A ética cristã sem a doutrina cristã não vale nada; é talvez a situação mais desesperadora de todas. Pois não nos dá poder; e a nossa maior necessidade é de um poder tão grande que se contraponha a este outro poder que é capaz até de usar a santa Lei de Deus como fulcro e como base de operações. O poder de que carecemos só se obtém por meio do “precioso sangue do Cordeiro”.

*No precioso sangue do Cordeiro
Há poder que opera maravilhas.*

Se eu não soubesse que o Filho de Deus morreu por mim e por meus pecados, e não me desse nova vida; se eu não

acreditasse que estou “em Cristo” e que estou unido com Ele, de todos os homens eu seria o mais desprovido de esperança e o mais miserável. Não posso viver uma vida verdadeiramente virtuosa, nem praticar nenhuma verdadeira moralidade ou ética, com as minhas próprias forças e com o meu próprio poder, por causa deste terrível, devastador e medonho poder que se chama pecado.

Portanto, graças a Deus por este versículo 8 do capítulo 7 de Romanos, que não somente esclarece a doutrina deste particular capítulo para nós, mas também nos ajuda a entender um pouco a razão pela qual a vida atual é como é. Só aqui podemos ver por que temos este crescente problema da delinquência juvenil, do aumento dos crimes sexuais, dos crimes de assalto, roubo e violência, e por que é cada vez maior o número de homens e mulheres que se opõem à disciplina e à punição do crime. Aí temos a explicação disso tudo. O homem moderno não entende a doutrina e os ensinamentos bíblicos concernentes ao pecado. Contudo, na qualidade de cristãos, nós fomos iluminados; a luz da verdade nos leva a Cristo e a regozijar-nos por estarmos nEle, unidos com Ele, e porque não mais vivemos “na velhice da letra, mas na novidade do Espírito”.

11

“Porquanto, sem a lei estava morto o pecado. E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri.” – Romanos 7:8,9

É evidente que aqui o apóstolo está continuando o que tinha acabado de dizer. A palavra “porquanto” lembra-nos logo isso. Paulo está dando seqüência ao argumento e nos dá uma exposição e explicação adicional dele. Até aqui ele vinha estabelecendo fatos e mostrando que aquilo que ele dissera sobre a Lei nos versículos 1 a 6 deste capítulo não significa nem implica que a Lei seja pecado e algo ruim e mau.

Tendo feito aquelas declarações de fato, agora passa a analisar os fatos. Esse é muitas vezes o método do apóstolo. Ele faz uma exposição ou declaração, firma os fatos e depois passa a analisá-los. É o que ele faz aqui. É uma exposição pessoal do que uma vez fora verdade a respeito dele. É uma exposição extraordinária e muito importante por causa da terminologia empregada por ele, do modo como a coloca e das expressões que usa. Evidentemente, os seus termos requerem cuidadoso manuseio. Se forem tomados segundo o seu valor aparente, por assim dizer, e fora do contexto, facilmente poderíamos tirar conclusões totalmente opostas às que Paulo quer que tiremos. Na verdade, poderíamos tirar conclusões que nos levariam a dizer que o apóstolo se contradiz. Portanto, devemos examinar os seus termos com extraordinário cuidado.

Começemos com uma análise geral da declaração. O que Paulo está interessado em mostrar é a diferença que o que ele descreve como “vindo o mandamento” fez para ele. Primeiro,

ele nos diz qual era a situação antes da “vinda” da Lei para ele; o pecado estava morto, e ele estava vivo. Mas depois veio a Lei, e que aconteceu? Houve uma inversão total – “reviveu o pecado, e eu morri”. Essa é a declaração que estamos examinando – a situação antes de “vir” a Lei, e a situação depois da “vinda” da Lei. No período ocorrido entre as duas situações está “a vinda da lei” para o apóstolo.

A melhor maneira de abordar essa declaração é procurar ter claro em nossa mente o que ele quer dizer com a expressão “sem a lei”. “Porquanto”, diz ele, “sem a lei estava morto o pecado.” Depois ele diz: “Eu, nalgum tempo, vivia sem lei” (VA: “sem a lei”). Que é que ele quer dizer com a expressão “sem a lei”? É justamente neste ponto que devemos ser cautelosos. Obviamente ele está empregando as suas palavras de maneira relativa. Ele diz: “sem a lei estava morto o pecado”. “Quanto a mim, eu estava vivo sem a lei.” “Sem” significa “independentemente de”. Na Escócia muitas vezes é empregada a expressão “fora com”,* que vem dar na mesma. Significa “na ausência da lei”. “Na ausência da lei, o pecado está morto.” “Quanto a mim, na ausência da lei, nalgum tempo eu estava vivo.”

Mas que é que Paulo quer dizer quando afirma que houve tempo em que ele estava “sem a lei”? É óbvio que só pode ser uma declaração relativa, por esta boa razão: nunca houve tempo algum, na história da raça humana, em que ela ficou sem lei. Até no Jardim do Éden havia Lei, e desde que o homem pecou e caiu, sempre ele esteve “debaixo” dessa Lei fundamental, a Lei de Deus. O apóstolo tinha provado isso amplamente no capítulo 5. Ele tinha dito, por exemplo, que essa é a razão pela qual “a morte reinou desde Adão até Moisés”. É a única explicação possível dessa declaração. Afirmamos, pois, que nunca houve tempo em que não havia lei. Todavia, se essa é

* Em inglês, “without”, sem; a forma escocesa citada é, “out with”. Nos dois casos é composição das palavras *com* e *fora*. Nota do tradutor.

uma verdade geral, era particularmente verdade quanto aos judeus, e, assim, quanto ao próprio apóstolo Paulo. Todos os judeus nasciam sob a Lei de Moisés, e, contudo, aqui o vemos dizer que houve tempo em que ele vivia “sem a lei” e independentemente da Lei. É, pois, evidente que ele está usando esses termos de maneira relativa. Na verdade veremos que é isso que ele faz com todas as expressões que aparecem nesta declaração. O que ele está dizendo é que, no que se refere à sua experiência, ele estava vivendo sem a Lei, independentemente da Lei. Noutras palavras, a Lei realmente não estava operando nele; ele se achava virtualmente numa situação que era como se a Lei não existisse. Nunca houve tal situação, é claro, mas, até onde iam o seu conhecimento e a sua experiência em relação à Lei, a situação era essa. À medida que formos examinando as outras expressões, isso ficará muito mais claro.

Passemos à próxima expressão, que é: “Vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri”. “Vindo o mandamento”! (VA: “Quando veio o mandamento”). Mas o mandamento sempre existiu, sempre esteve ali! A Lei tinha sido dada por meio de Moisés muitos séculos antes de Paulo nascer – catorze séculos – e a lei básica e fundamental dada a toda humanidade sempre existiu, desde o princípio. Todavia, Paulo diz: “Quando veio o mandamento”. Aqui também Paulo está falando relativamente. Ele está querendo dizer que, embora existisse o mandamento, nunca tinha “vindo” para ele, nunca o tinha “apanhado”. Permitam-me oferecer-lhes uma singela ilustração do que ele quer dizer. Às vezes as pessoas procuram o pregador depois do culto, e lhe dizem: “Sabe, eu nunca tinha notado esse versículo antes”; ou pode ser que digam: “Sabe, eu já li esse versículo mais de mil vezes, e nunca o tinha enxergado”. O que essas pessoas querem dizer é que aquela proposição bíblica nunca tinha “vindo” para elas antes. Todos nós já tivemos essa experiência quando lemos a Bíblia. Você está lendo um versículo que já leu muitíssimas vezes, e que nada lhe dizia; mas, de repente, ele o “toca”, de repente ele parece

estar iluminado, e sobressai. Que foi que aconteceu? Bem, ele “veio” para você. É o que o apóstolo quer dizer com “quando veio o mandamento”. Ele sempre existiu, sempre esteve ali, como as Escrituras sempre existiram, sempre estiveram ali, porém não o tinha “prego”, não “tinha se apoderado dele”, realmente não lhe tinha falado. Não tinha vindo, por assim dizer, com poder e convicção e entendimento.

Essa é uma declaração deveras extraordinária, principalmente considerando que nos vem do apóstolo Paulo. Não somente a Lei estava sempre a confrontá-lo, mas também ele, como fariseu, era grande perito na Lei. Todo o seu treinamento fora dirigido a esse fim. Ele ensinava a Lei a outros; orgulhava-se do seu conhecimento. Mas a verdade era que ele só tinha conhecimento da “letra”, e nunca havia entendido o “espírito”. Por isso escreve tantas vezes sobre essa distinção. Vejam, por exemplo, a Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 3, onde ele contrasta letra e espírito; diz ele que toda a dificuldade com os judeus era que eles só conheciam a letra da Lei, não o seu espírito. Essa é outra maneira de dizer que a Lei não tinha “vindo” para eles; não tinha vindo com convicção, com esclarecimento, com entendimento. Era pura letra morta; nunca os tinha “achado”, nunca lhes tinha “falado” realmente, e nunca tinha penetrado neles de maneira espiritual e poderosa.

Essa é a chave do paralelismo dessa declaração. Diz ele efetivamente: “Antes da lei vir dessa forma para mim, esta era a situação”. Que situação? A primeira coisa que ele nos diz é que antes da Lei ter vindo realmente para ele, antes de o ter “apoderado” e de o ter “achado” dessa nova maneira, “o pecado estava morto”. Que significa isso? Outra vez devo dizer que temos aí uma declaração relativa. Como pôde ele dizer que o pecado estava morto, se o pecado está em todos os seres humanos? Todos nós “nascemos em pecado, fomos formados em iniquidade”. Nunca estamos sem pecado; está em nossa estrutura, em nossa constituição. Somos filhos do pecado, que está presente e ativo em todos nós. Mas, aqui, o apóstolo afirma

que houve um tempo da sua vida e da sua experiência em que o pecado estava morto. Há somente uma explicação; o que ele está realmente dizendo é que o pecado estava relativamente morto, que no concernente à sua percepção, estava morto. É o que ele pensava; era a sua experiência; era como ele entendia a situação na época. O pecado “jazia adormecido”, como alguém traduz a frase. Ele não tinha consciência do pecado; era como se o pecado estivesse morto. Algo que o nosso Senhor disse certa ocasião lança luz sobre isso: “Um homem forte, armado, guarda os seus bens em segurança” (Lucas 11:21).^{*} Temos aí uma perfeita descrição da humanidade em pecado e debaixo do domínio do diabo. Notem os termos. O diabo “guarda os seus bens em segurança”. Tudo parece estar tranqüilo; a tirania é tão grande que em certo sentido os homens não têm ciência dela; a atmosfera circundante é pacífica. Isso porque simplesmente falta ao homem a compreensão de qual é realmente a sua situação. Quando eu estava “sem a lei”, diz o apóstolo Paulo, eu era tão obtuso e vivia tão iludido que achava que o pecado estava morto. O pecado nunca morreu, o pecado nunca esteve morto, desde a queda do homem; porém, falando em termos relativos, parecia estar morto, sem vida.

Uma segunda ilustração em termos modernos também nos ajudará a entender a matéria. O apóstolo já nos tinha dito que o pecado é um poder terrível – tão poderoso que até pode usar a Lei de Deus como fulcro, como ponto de apoio, para a consecução dos seus propósitos. Diz, porém, Paulo que houve um tempo em sua vida e experiência que ele não estava cômico desse poder. Pensemos nisso em termos de um poderoso motor num automóvel. O melhor e o mais poderoso motor funciona com um mínimo de ruído quando o veículo não está em movimento; ronrona suavemente. Tem grande força, mas você

^{*} Aqui o autor simplifica o texto que, na Versão Autorizada (inglesa), diz: “Quando um homem forte, armado, guarda o seu palácio, os seus bens estão em segurança”, ou: “em paz”. Praticamente igual a Almeida. Nota do tradutor.

não têm consciência dessa força, porque o motor funciona silenciosamente; você mal o escuta. No entanto, assim que você põe o pé no acelerador, percebe a sua força. O pecado é como esse motor. Ele estava apenas ronronando suavemente, por assim dizer. Paulo não tinha consciência da existência dele e não se dava conta do seu tremendo poder. Visto que o pecado não estava agindo de maneira violenta, ele não lhe dava a mínima. No que se referia a ele, o pecado estava morto. O poder estava lá, claro, mas Paulo não tinha consciência dele – “Sem a lei o pecado estava morto”.

Vejamos agora outra parte da relativa declaração de Paulo. Ele não somente declara que naquele tempo o pecado estava morto, mas também diz: “Eu estava vivo”. Essa é a outra parte da declaração dupla – “Eu, nalgum tempo, vivia sem lei”. Naturalmente, mais uma vez temos uma declaração relativa. Todos quantos leram os três primeiros capítulos desta Epístola sabem que Paulo provou ali, fora de toda dúvida, que ninguém estava vivo, que “todos pecaram, e destituídos estão da glória de Deus”, que “não há nenhum justo, nem um sequer”, e que os judeus estavam tão sem esperança e condenados, e tão espiritualmente mortos como os gentios. Contudo, aí está ele dizendo: “nesse tempo eu vivia”. Portanto, ele não pode estar dizendo isso no sentido absoluto; tudo aqui é relativo.

A declaração que Paulo faz nos três primeiros versículos do capítulo 2 da Epístola aos Efésios prova isso. Diz ele: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados”. Mas isso não era verdade apenas a respeito dos gentios; igualmente o era a respeito dos judeus. “Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também.” Todos nós, nascidos neste mundo, nascemos espiritualmente mortos. Todavia, aqui o apóstolo está dizendo que houve tempo em que ele estava vivo, independentemente da Lei.

Evidentemente, Paulo quer dizer que, da mesma maneira

como ele achava que o pecado estava morto no que se referia a ele, achava também que ele próprio estava vivo. No momento em que ele se capacitou de que o pecado estava vivo, ele morreu; porém, enquanto não percebeu que o pecado estava vivo, ele se julgava vivo. Tudo porque ele não entendia a Lei. Por isso ele não estava ciente do poder do pecado e da verdade a respeito dele próprio. Achava que o pecado estava morto, e que ele estava vivo. Ele quer dizer que se sentia bem, sentia-se cheio de vida, cheio de vitalidade e de poder. Ele dava tapinhas de auto-apreciação em suas próprias costas, estava satisfeito consigo, estava confiante, congratulava-se consigo mesmo pela maneira maravilhosa como ele cumpria a Lei. Sentia-se cheio de vida, de vigor, de confiança, de tranquilidade e de poder; estava vivo, vibrando de vitalidade. É isso que ele está dizendo.

O apóstolo tinha dito a mesma coisa com diferentes palavras noutros lugares. Por exemplo, no capítulo 3 da Epístola aos Filipenses, num maravilhoso fragmento de autobiografia, ele diz: “Segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível”. “Irrepreensível”! Ele estava vivo; não havia nada de errado com ele. Ele era um belo espécimen de homem piedoso, religioso; era cheio de vigor e de força, no sentido moral. Ele diz precisamente a mesma coisa no capítulo primeiro da Epístola aos Gálatas, versículo 14 – “E na minha nação excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais”. Não havia homem algum que estivesse mais contente consigo mesmo, mais satisfeito consigo mesmo, mais cheio de vida e de poder. Ele era realmente um fariseu típico.

No início do capítulo 18 do Evangelho Segundo Lucas encontramos uma exposição similar na parábola do fariseu e do publicano que subiram ao templo para orar. Ninguém poderia ter sido mais cheio do tipo de vida da qual o apóstolo está falando do que o fariseu descrito ali pelo nosso Senhor. Ele começa dizendo: “Ó Deus, graças te dou”. Ele não precisa

fazer nada, senão dar graças a Deus. É um excelente sujeito, jejua duas vezes por semana, dá o dízimo dos seus bens para os pobres. Não pesa sobre ele a culpa de nenhum pecado. E como agradece a Deus que ele não é como aquele infeliz e miserável publicano que está logo ali e que tem sobre si a culpa de tantos pecados! Ele, o fariseu, não precisa pedir nada, nem perdão nem poder; e não pede nada. Quem está refulgindo de saúde, vigor e forças precisaria pedir alguma coisa? O homem é auto-suficiente, autônomo, e vive satisfeito consigo mesmo; portanto, só precisa fazer uma coisa: dar graças a Deus por ser como é. Ele está vivo – que homem maravilhoso, cheio de saúde, vigor, forças e poder!

Ou vejam o caso do jovem rico e importante e o seu encontro com o nosso Senhor. Reparem na maneira como o Senhor lidou com ele. O nosso Senhor lhe disse: “Tu sabes os mandamentos: não adulterarás; não matarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo”. E o jovem replicou: “Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade; que me falta ainda?” (Mateus 19:16-20 e paralelas). Ele estava “vivo”; tinha conhecimento de tudo o que a Lei exigia; e tinha cumprido isso tudo! Não havia problema, não havia dificuldade; ele estava “vivo”.

O apóstolo resume perfeitamente o ponto no versículo 3 do capítulo 10 desta Epístola, onde temos a última palavra acerca da pretensão dos fariseus, e do próprio apóstolo Paulo antes da sua conversão. Lemos ali: “Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus”. Esse era o problema. Eles estavam estabelecendo a sua própria justiça, e assim pensavam que estavam “vivos” e que estava tudo bem; mas não tinham noção do real significado da justiça aos olhos de Deus e nos termos em que é revelada na Lei.

Era essa, então, a situação de Paulo quando ele estava “sem a lei” – antes de vir o mandamento, o pecado estava morto, e

ele estava vivo. Ele não tinha consciência de nenhuma real dificuldade ou problema; tudo parecia inteiramente satisfatório: ele era “irrepreensível”. Mas, quando “veio” o mandamento, toda essa questão de cobiça foi iluminada, foi posta às claras. De repente ele foi preso e tomado pela percepção do caráter espiritual da Lei e de tudo o que ela diz. Deu-se uma completa inversão de perspectiva. Antes o pecado estava morto, agora surge para a vida; aquele que antes estava vivo, agora está morto. “Reviveu o pecado”, diz ele. Significa que o pecado surgiu para a vida, tomou nova vida, despertou para a ação. Em termos da nossa ilustração do poderoso motor, o pecado começou de repente a vibrar de energia e poder. A Lei tinha posto o pé no acelerador!

À primeira vista, essa declaração é mesmo surpreendente. Naturalmente nós teríamos imaginado que o efeito da vinda da Lei seria, não “reviver” o pecado, mas matá-lo; e, na verdade, em última instância, é o que ela faz. Mas na experiência faz exatamente o contrário – e o apóstolo escreve esta passagem de maneira experimental. Noutras palavras, o que acontece é que a Lei exhibe o real poder e revela a real natureza e caráter do pecado. A Lei irrita o pecado, perturba-o, e, com suas proibições, desperta-o; como eu disse, põe o pé no acelerador. Ou, para usar uma ilustração diferente, agora o apóstolo não faz uso da ilustração do fulcro para alavanca, porém, antes, de uma descrição da maneira pela qual uma resistência sempre põe em relevo um poder. Se você quiser exercitar os seus músculos, a melhor maneira é começar a levantar pesos. Há sempre uma certa porção de poder num músculo. Essa porção pode ser tão diminuta que se pode dizer que a pessoa é um fracote, não tem força nenhuma. Todavia, mesmo sendo pouco o poder, está ali; e, se você quiser desenvolvê-lo, terá que começar levantando pesos e aumentando o peso deles cada vez mais. Quanto maior for a resistência contra a qual você está agindo, mais se desenvolverão os seus músculos. Você pode conseguir o mesmo resultado fazendo pressão contra um

objeto, empurrando algo; muitos exercícios baseiam-se nesse princípio. A maneira de fazer surgir o poder é aumentar a resistência; quanto mais resistência houver, mais reservas de poder, da força inata dos músculos, serão requisitadas. Algo parecido com isso aconteceu quando a Lei “veio” para o apóstolo Paulo. Sem a “resistência” suprida pela Lei, ele não tinha ciência da força do pecado; sem essa proibição, sem esse antagonista, ele jamais conheceria o real poder do pecado dentro dele. Quando a Lei veio poderosamente e lhe disse que ele não devia desejar ou cobiçar o que ele não poderia obter de modo lícito e legítimo, de repente ele sentiu um irresistível desejo dessas coisas.

O que o apóstolo ensina aqui é fundamental para todo o ensino bíblico concernente ao pecado. Vejamos outra declaração muito semelhante a esta (Romanos 7:8,9) e que ajuda a lançar luz sobre ela. No Evangelho Segundo João, capítulo 15, versículos 22 e 24, o nosso Senhor diz: “Se eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado, mas agora não têm desculpa do seu pecado”. E: “Se eu entre eles não fizesse tais obras, quais nenhum outro tem feito, não teriam pecado; mas agora, viram-nas e me aborreceram a mim e a meu Pai”.^{*} Tomando essas palavras no valor em que se mostram de imediato, vê-se que o nosso Senhor está dizendo: “Se eu não tivesse vindo ao mundo, essas pessoas não teriam pecado”. Mas nós sabemos que todas elas eram pecadoras, que estavam todas condenadas, que todas estavam mortas “em ofensas e pecados”. Ele está de fato dizendo exatamente a mesma coisa que Paulo diz aqui, a saber, que o efeito da Sua vinda pôs à mostra os pecados. Naturalmente elas eram pecadoras antes; porém, em certo sentido, não se via que eram pecadoras; não era óbvio que elas eram pecadoras, enquanto Ele não veio. Contudo, no

^{*} A Versão Autorizada (inglesa), a de Almeida, Atualizada, a NVI, etc., usam o verbo “odiar” em vez de “aborrecer”. “Aborrecer”, no uso geral atual, desvia-se do sentido do original. Nota do tradutor.

momento em que Ele começou a falar, no momento em que Ele começou a realizar obras entre elas, obras que ninguém jamais tinha realizado nem jamais poderia realizar, então a malignidade, o despeito, o ódio e a malícia que estavam latentes nelas tornaram-se abertamente manifestos.

Quem jamais teria entendido a verdade sobre os fariseus, se o nosso Senhor não tivesse vindo e não lhes tivesse falado? Olhem para eles, isoladamente do Senhor Jesus Cristo. Qualquer pessoa se inclinaria a dizer: “Eles são muito bons homens, sua moral é maravilhosamente elevada”. O fariseu da parábola do Senhor a que nos referimos não está mentindo, está falando a verdade. Ele jejuava duas vezes por semana, dava o dízimo dos seus bens para os pobres. Assim, olhando para os fariseus, à parte do Senhor, vocês diriam: que nobres e excelentes homens! Que maravilhosos cumpridores da Lei! Só quando vêem a reação deles contra o Filho de Deus é que vocês realmente passam a conhecer os fariseus. Olhem o seu amargor, o seu ódio; vejam a sua sutileza, a sua esperteza; observem como eles cochicham entre si, como conspiram e tecem um complô, e como tentam inventar truques e montar armadilhas para fazê-los cair em suas perguntas que levam a perguntas e a mais perguntas. Quanto mal e quanto pecado havia dentro dos fariseus! Mas nós nunca saberíamos disso, se o Senhor não tivesse vindo e não tivesse falado com eles. Ele o extraiu deles, por assim dizer, Ele os convenceu de pecado; é a reação deles contra o Senhor que mostra o que eles realmente eram. Assim que eles se lançaram contra o Senhor, tudo veio à luz, de repente. Não se podia ver isso em seus rostos, em seus procedimentos e em seu comportamento. Aí está uma perfeita ilustração do que o apóstolo diz na declaração que estamos examinando. “Quando veio o mandamento”, diz ele, “e me encontrou, o pecado reassumiu a vida contra mim.”

Mas isso, por sua vez, leva a outro resultado – “Eu morri”. Este homem, que estava tão vivo, agora morre. Essa é, como eu já disse, a mesma espécie de terminologia relativa; porém é

importante que entendamos muito bem o que ele exatamente quer dizer quando afirma que morreu em consequência da vinda da Lei. Aqui ele não quer dizer primariamente que se tornou consciente da sua condenação. Isso é verdade, naturalmente; ele morreu no sentido de que ele viu que a Lei o condena perante Deus; entretanto não é essa a sua ênfase aqui. Nesta altura ele está tratando da sua causa de maneira muito mais experimental e prática. O que ele quer dizer é que agora ele é o oposto do que era quando estava “vivo”. É evidente que o paralelismo exige isso. Assim, interpretamos “eu morri” em função de “eu vivia”, ou “eu estava vivo”; o que significa que ele morreu no sentido em que lemos sobre certas personalidades da Bíblia que, quando ouviram certas coisas, isso teve um efeito aterrorizante sobre elas. Sobre Nabal, por exemplo, lemos que quando ouviu uma certa informação, “ficou como morto”, apesar de permanecer vivo fisicamente. Costumamos dizer: “Fiquei petrificado”, ou: “Isso quase me matou”. É o que Paulo quer dizer – “Fiquei como morto”.

Noutras palavras, ele se deu conta da sua fraqueza, do seu desamparo e da sua desesperança. O homem que antes estava seguro de si, sentiu-se como se estivesse morto. Não lhe ficou mais nada; a autoconfiança se fora, a satisfação própria desaparecera, a segurança em si mesmo se desvanecera por completo.

Um bom modo de expressar isso é explicar que o apóstolo quer dizer: “Fiquei pobre de espírito”, como diz a primeira bem-aventurança do Sermão do Monte (Mateus 5:3). O pobre de espírito é um homem sem vida. O homem que tem vida é aquele que é rico de espírito, de energia e de confiança. Dizemos: “Há um grande espírito nesse homem”. Mas o cristão verdadeiro torna-se “pobre de espírito”; ele diz: “Quem sou eu? e, que posso fazer?” Ele não somente é pobre de espírito; também se lamenta. Não se lamentava antes; gabava-se. Todavia agora se lamenta por causa do seu pecado; inquieta-se, fica triste. Agora ele tem tal visão da Lei que vê que nada

pode fazer; é exatamente como se estivesse morto. Ele vê a santidade de Deus e a santidade da Lei; também tem uma visão do terrível poder maligno que está dentro dele. Vê o que o pecado está fazendo nele e com ele, que o está derrubando e derrotando; e assim ele começa a achar que não pode fazer coisa nenhuma, que é fraco e moralmente impotente, que é pobre e cego, que não tem absolutamente nada. Ele vê que está completamente sem força, sem vigor, sem vida e sem poder.

É isso que o apóstolo quer dizer quando declara: “Eu morri”. No momento em que entrou esta iluminação quanto à Lei, ao seu caráter espiritual e às suas proibições, principalmente quanto à cobiça, foi isso que aconteceu. Ele passou a experimentar o terrível poder do pecado, que criou dentro dele “toda a concupiscência”, “todo tipo de cobiça”, e o deitou por terra. Ele se deu conta de que era um fraco – ele, que se jactava de ser superior a todos os seus contemporâneos, e, por decorrência, superior a eles em seu conhecimento da Lei! Agora viu que não tinha coisa alguma, e que a sua justiça não passava de “esterco”, escória, refugo. Ele estivera perto de estabelecer a sua própria justiça, mas, quando encarou a justiça de Deus, viu que não possuía nada. Foi isso, diz-nos o apóstolo, que ele compreendeu acerca de si próprio quando o mandamento “veio” realmente a ele, e o encontrou, e o rebaixou. Ficou impossibilitado de mover-se; no sentido moral e espiritual, ele caiu de costas, como no sentido físico havia caído no caminho de Damasco. Ficou absolutamente sem forças. Já nos tinha sido dada a chave para o entendimento desta expressão no capítulo 5, versículo 6, onde lemos: “Cristo, estando nós ainda fracos (VA: “sem forças”), morreu a seu tempo pelos ímpios”. Estar “sem forças” é estar como morto. Não há vida, não há vigor, não há poder; de fato, não há absolutamente nada que preste.

Aqui chegamos ao fim da declaração do apóstolo. Que terá

ele estabelecido, que terá provado? E quais são as nossas reações? As nossas conclusões encaixam-se em dois grupos. No primeiro está a particular conclusão que é essencial ao argumento do apóstolo aqui. É que ele estabeleceu mais uma vez que a Lei nunca pode justificar o homem, menos ainda santificá-lo. Foi o que ele se dispôs a provar – que ninguém jamais pode ser santificado pelas obras da Lei. Na verdade, ele está interessado em provar mais que isso. Não somente não podemos ser santificados pela Lei, mas também há somente uma esperança de podermos ser santificados, qual seja, devemos livrar-nos completamente da Lei, da mesma maneira pela qual a esposa fica livre dos laços que a ligavam ao marido que morreu. Enquanto estivermos “debaixo da lei”, ela simplesmente produzirá mais pecado em nós, e nos fará ver a nossa condição de mortos, a nossa completa frustração. Portanto, a nossa única esperança de santificação consiste em sermos libertados da Lei. Paulo provou isso mais uma vez. A Lei não pode libertar-nos; a Lei nos mata, faz de nós homens mortos, pelas razões já expostas por ele.

Essa é a conclusão pertinente ao particular argumento que Paulo está desdobrando nesta parte da Epístola. Mas devemos tirar mais algumas conclusões que serão valiosas para nós em nossa vida diária e em nosso modo de viver. Na verdade, serão de supremo valor para podermos determinar e descobrir se somos cristãos ou não. A primeira é que a nossa saúde espiritual, a nossa condição espiritual – noutras palavras, do lado negativo, a nossa pecaminosidade – nunca deverá ser julgada só em termos de atos e ações, no entanto sempre em termos das nossas reações à santidade de Deus e à Lei de Deus.

Isso, para mim, é um dos postulados fundamentais da fé cristã. Essa verdade deve ser sempre uma preliminar essencial na evangelização. O estado e as condições espirituais do homem não devem ser determinados somente em função de ações e feitos. Se fosse assim, significaria que não há nada de errado com o fariseu e que ele não precisa do evangelho. Ele jejua

duas vezes por semana, dá o dízimo dos seus bens para os pobres; jamais cometeu adultério, jamais praticou homicídio. Ele não tem necessidade de perdão. É por isso que esse tipo de bom homem, de homem de elevada moral, vai a uma reunião evangelística achando que ela não tem nenhuma mensagem para ele, e que o seu dever é orar pela conversão dos “pecadores” presentes na reunião. Não se sente culpado, porque pensa no pecado e nos pecadores em termos de atos e ações particulares. As nossas igrejas estão como estão porque há nelas muitas pessoas desse tipo, pessoas que não sabem que são pecadoras porque julgam o pecado somente em termos de atos e ações particulares.

O modo como você deve julgar e avaliar o pecado em você mesmo consiste em observar a sua reação ao ensino bíblico sobre Deus em Sua santidade, e sobre Deus como o Juiz eterno. Ou pense nisso da seguinte maneira – como você reage à verdadeira pregação da cruz? A mensagem da cruz é que todos nós estamos condenados e perdidos, e que nada senão aquela morte nos pode salvar. “Você quer dizer”, indaga muita gente de elevada moralidade, “que eu estou na mesma situação da prostituta ou do beerrão ou do assassino?” “Precisamente”, responde a mensagem da cruz; “você precisa da salvação tanto como eles.” Daí “o escândalo da cruz”. Noutras palavras, qual é a sua reação ao Senhor Jesus Cristo? É a do fariseu? O Senhor Jesus Cristo aborreceu os fariseus dizendo-lhes que tinha vindo ao mundo porque eles precisavam ser salvos como todos os outros, que só poderiam ser salvos por Sua morte a favor deles. Eles, os grandes mestres, eles, que estavam “vivos”, eles, que tinham “guardado” a Lei e que tinham feito “todas estas coisas desde a sua mocidade”, precisavam ser salvos! Por conseguinte O odiaram. É assim que se avalia o pecado.

Repito que não há nada mais desorientador do que avaliar o pecado ou as nossas condições espirituais somente em termos de ações. Estas variam muito. Voltemos à minha ilustração. Se vocês forem julgar a força de um motor de

automóvel somente pelo silêncio da máquina funcionando em ponto morto, estarão completamente errados. Não é assim que se testa um motor. O jeito será fazê-lo enfrentar uma montanha ou uma rampa que exige mudança de marcha; assim descobrirão algo da força desse motor. A medida da nossa pecaminosidade é a medida da nossa resistência à santidade de Deus, bem como aos Dez Mandamentos, à Lei Moral, ao Sermão do Monte e à Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Desse modo, e de nenhum outro, começamos a ver todo o elemento enganoso do pecado, que vamos considerar mais claramente mais adiante.

O segundo princípio é que não há entendimento mais completamente errôneo da Lei, da ética e da moralidade do que pensar que “obrigação implica capacidade”. Esse é um argumento muito conhecido. Muitos que hoje pensam isso e que rejeitam o evangelho de salvação, assim procedem por esta razão fundamental: em sua opinião, obrigação implica capacidade. Eles acreditam que jamais Deus nos mandaria fazer alguma coisa que não somos capazes de fazer. Portanto, argumentam eles, o fato de que Deus nos outorgou os Dez Mandamentos e a Lei Moral implica que somos capazes de executar e obedecer os seus ditames. E mais: eles acreditam que podem obedecê-los e que de fato os estão obedecendo. A resposta final e definitiva a essas pessoas e às suas pretensões é que a própria Lei “veio” a Paulo e lhe disse: “Não cobiçarás”; a própria Lei que o fez lembrar-se dessa obrigação foi justamente o que lhe provou que ele não podia realizá-la! “O pecado reviveu, e eu morri”, quando “veio o mandamento.”

Longe da obrigação implicar capacidade nesta esfera, a verdade é exatamente o oposto. A função da Lei não é habilitar o homem a justificar-se; é, sim, mostrar-lhe que ele não consegue fazer isso; é revelar a ele o caráter “excessivamente maligno do pecado”, como o apóstolo nos dirá logo adiante (Romanos 7:13). Entretanto esse entendimento errado da Lei e do aspecto ético do evangelho é o conceito popular hoje em

dia. O homem de boa moral diz: “Ah, sim, aí estão as exigências éticas do evangelho. Elas se dirigem a mim; muito bem, eu me levanto e as pratico. O fato de que elas vêm a mim significa que eu posso pô-las em prática”. Mas a função da Lei foi exatamente o contrário disso; foi “matar” você, foi mostrar-lhe que você não consegue cumpri-la, foi arrancar de você o seu orgulho e a sua autoconfiança, tirar a sua “vida”, fazer você perceber que é fraco, desamparado e frustrado.

A nossa próxima conclusão é que não há estado mais perigoso que aquele em que achamos que não somos pecadores e que não há pecado em nós. O apóstolo João disse isso com muita franqueza: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós”. No entanto, são muitos os que apresentam as suas pretensões – tenho encontrado não poucos deles. Estes me olham e me dizem: “Eu seria insincero se lhe dissesse que me sinto como tendo sido um pecador”. Eles realmente querem dizer o que afirmam, são inteiramente genuínos e sinceros. Dizem eles: “Você continua falando sobre o pecado, porém eu não entendo isso, eu realmente não me sinto pecador. Tenho vivido uma vida virtuosa, sempre evitei estes pecados; tenho feito todo o bem que posso. Honestamente não posso dizer que sinto que sou um pecador”. Vocês sabem por que eles pensam e falam dessa maneira? O mandamento não “veio” a eles; eles estão como o apóstolo estava, antes do mandamento “vir” a ele. Ele estava “vivo”, não tinha consciência da verdade a seu respeito.

Recentemente estive conversando com um pregador que me contou que, após o término de um culto, uma senhora o procurou e lhe disse: “Você pregou sobre as tentações, e salientou o quão terrível elas são, e o poder delas. Para ser sincera, não sei do que você está falando”. Ela era um bom membro de igreja, e uma ativa obreira na igreja. Ela disse: “Não me sinto tentada do modo como você descreveu”. Ela estava na mesma condição em que Paulo estava antes do mandamento “vir” a

ele. Ele não tinha noção desta “concupiscência” e do terrível poder que havia dentro dele; mas, quando “veio” o mandamento, ele tomou consciência disso. A Lei despertou o pecado em seu coração, e ele viu que não passava de uma massa de pecado e de coisas más, pronto para a perdição e completamente sem forças e sem poder. Que terrível condição! E nós, sabemos que somos pecadores? Sabemos algo sobre o horrível e terrível poder da tentação? Não há estado mais desesperador em que se pode estar que o daquele que não se dá conta de que é pecador, um pecador sem esperança

O princípio final pode ser expresso positivamente. O primeiro sinal da vida espiritual é a pessoa sentir que está morta! “Quando o mandamento veio, o pecado reviveu, e eu morri.” Graças a Deus! No momento em que o homem morre, justamente então surge a possibilidade de ser ressuscitado. Mas o homem que está “vivo” e firme sobre os seus pés não pode ser ressuscitado. “O pecado reviveu, e eu morri.” Se você se sentir completamente frustrado a respeito de si mesmo, no sentido espiritual, posso garantir-lhe que você está espiritualmente vivo. Isso porque você está consciente da sua esterilidade e da sua condição de morto. “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.” Os fariseus modernos são aqueles que, nas igrejas, e muitas vezes fora das igrejas também, se ofendem e se sentem mal com a pregação, que não gostam de achar-se pecadores, que lutam contra a vontade de Deus e combatem a cruz e “o sangue de Cristo”. Eles se sentem ofendidos pela mensagem do evangelho porque acham que estão “vivos” e que o pecado está “morto”. Que pavorosa ignorância! Que condição trágica!

A Lei veio para você? Chegou a você? Você entendeu o significado da cobiça? “Não cobiçarás.” Você sabe que “os pensamentos e intenções do coração” são tão importantes para Deus como as nossas ações, e que os maus desejos e imaginações são pecado? Se estão dentro de você, e se você

gosta deles e os aprova, isso é pecado, pecado horrível. Mas, acima de tudo, mantenhamos sempre diante de nós o teste central – a nossa reação à santidade e à glória e à majestade de Deus e Sua Lei, à santidade e pureza de Seu Filho, à morte na cruz e sua mensagem acerca da santidade, justiça e retidão de Deus! É alarmante, é pavoroso o fato de que existem tantas pessoas na igreja, admiradas como cristãs, e que odeiam a cruz como revelação da retidão, da justiça e da santidade de Deus, e só vêem ali amor. Essa atitude revela as trevas totais e a incredulidade em que elas estão. Simplesmente indica inteira e completa morte espiritual, cegueira espiritual. Queira Deus que, tendo examinado essas declarações, sejamos capazes de dizer com o apóstolo Paulo: “Os mandamentos “vieram”, e eu fiquei sabendo que o pecado reviveu dentro de mim, ressurgiu com poder, e eu morri”. Acaso nós “morremos”, nesse sentido? Se já morremos, verdadeiramente bem-aventurados somos.

12

“E o mandamento que era para vida, achei eu que me era para morte. Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou.” – Romanos 7:10,11

Com essas palavras o apóstolo dá continuidade à declaração tremendamente importante relativa ao caráter, à função e ao propósito da Lei. Como já vimos, este é um assunto que em todos os aspectos é essencial para um verdadeiro entendimento do evangelho; e não somente antes de nos tornarmos cristãos, porém igualmente depois, porquanto, não somente não há justificação pela Lei, porém também não há santificação pela Lei.

Nestes versículos 10 e 11 Paulo resume o que vinha dizendo em detalhe nos versículos anteriores, nos quais nos dissera que ele estava “vivo” e que o pecado estava aparentemente morto, antes da “vinda” da Lei, e que então o pecado reviveu e ele “morreu”. Ele faz isso dizendo que “o mandamento, que foi ordenado para vida, vi que era para morte” (VA).

Aqui também os termos empregados devem ser observados cuidadosamente. Vejamos primeiro a expressão “eu vi”. Paulo não quer dizer que, como resultado de um cuidadoso estudo e exame, chegou a certa conclusão. Soa como se estivesse dizendo isso, mas não está. O que ele está dizendo é que “o mandamento, que foi ordenado para vida, viu-se que, em meu caso, era para morte”. Esse é um modo melhor de traduzir a frase. Noutras palavras, o “ver” não foi resultado da sua investigação; foi uma coisa que ele descobriu como resultado da

vinda da Lei a ele, e das conseqüências que se seguiram.

Examinemos em seguida a declaração: “O mandamento que foi ordenado para vida”. Todos os atentos estudiosos das Escrituras hão de ficar logo surpresos com essas palavras, porque o apóstolo tinha dedicado os primeiros capítulos desta Epístola para provar que isso de “encontrar” vida pela Lei não existe. Por exemplo, ele resumiu o seu grande argumento no versículo 20 do capítulo 3, dizendo: “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado”. Isso quer dizer que nunca ninguém pode achar vida pela Lei, que toda a tragédia e falácia dos judeus estava em que buscavam vida pela Lei. Todavia, ele parece contradizer-se completamente ao dizer que “o mandamento foi ordenado para vida”.

Como enfrentar esse problema? Primeiro, vamos examiná-lo de maneira geral, no contexto global da interpretação bíblica. Começamos dizendo que, evidentemente, essa frase não pode ter o sentido que aparenta porque, se tivesse, envolveria o apóstolo numa confusa contradição consigo mesmo. Não somente isso, mas também, se fosse esse o sentido, ele estaria solapando tudo o que vinha dizendo e estabelecendo. Portanto, não devemos e não podemos ler superficialmente as palavras. Temos aí um bom princípio que pode ser aplicado sempre. Se o sentido aparente, o sentido que se oferece primeiro a você, é uma óbvia contradição com algum ensino claro das Escrituras, não pode ser a verdade e, portanto, você deve procurar outra explicação.

Que será, então, que as palavras significam? Claro está que significam, não que o mandamento foi dado para que as pessoas por ele obtivessem vida, mas sim que, se os homens e as mulheres tivessem cumprido o mandamento, se fosse possível alguém fazer isso, então o mandamento levaria à “vida”. Assim é porque, como Paulo está para nos dizer, o mandamento é “santo, justo e bom”. Afinal de contas, o mandamento é a mais perfeita indicação jamais dada do caminho para a santidade e

para a felicidade. Quando Deus outorgou o “mandamento”, a Lei, a Lei moral, Ele estava esboçando um modo de vida que seria agradável a Seus olhos. É o caminho da vida, e é isso que o apóstolo diz sobre o “mandamento” nesta altura. Aí está a Lei de Deus, que nos ensina o que a vida santa e feliz realmente é, a vida que agrada a Deus.

Permitam-me mostrar-lhes outras passagens bíblicas que mostram que o sentido é esse. Vejam, por exemplo, o que o apóstolo diz mais adiante, no capítulo 10, versículo 5: “Moisés descreve a justiça que é pela lei, dizendo: o homem que fizer estas coisas, viverá por elas”. Significa que quando Moisés deu a Lei, disse efetivamente ao povo: “Se vocês cumprirem esta lei, terão vida, vida eterna”. Sim, “se” cumprirem! Ou vejam Êxodo, capítulo 19, versículo 5. Falando com Moisés sobre a dádiva da Lei ao povo, Deus disse: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e um povo santo”. Mas notamos aí, de novo, o “se”. A promessa é condicional. Ou notem como é expressa no livro de Levítico, capítulo 18, versículo 5: “Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; os quais, fazendo-os o homem (ou: “os quais, se o homem os praticar”), viverá por eles”. É isso que Paulo cita em Romanos, capítulo 10, versículo 5. Ou leiam a mesma coisa também em Deuteronômio 6:25: “E será para nós justiça”, diz Moisés ao povo, “quando (ou: “se”) tivermos cuidado de fazer todos estes mandamentos perante o Senhor nosso Deus, como nos tem ordenado”. Mas temos uma autoridade ainda mais alta a favor da nossa interpretação, a saber o próprio Senhor nosso. No capítulo 10 do Evangelho Segundo Lucas há um relato de uma entrevista entre certo advogado e o nosso Senhor sobre como herdar a vida eterna. Disse o Senhor àquele homem: “Que está escrito na lei? Como lês? E, respondendo ele, disse: amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao

teu próximo como a ti mesmo”. E o Senhor lhe disse: “Respondeste bem; faze isso, e viverás”. Aí está, com a maior clareza! “O mandamento foi ordenado para vida.” Notem, porém, que, de novo, a promessa é condicionada pela realização prática – “Faze isso, e viverás”.

Contudo, há outras declarações que tratam mais diretamente do significado dessa frase. Em Gálatas 3:21 o apóstolo diz explicitamente: “Se dada fosse uma lei que pudesse vivificar, a justiça, na verdade, teria sido pela lei”. Isso só por si já é suficiente para mostrar o que o apóstolo não quer dizer com a declaração que estamos examinando.

Qual será, então, a verdade sobre a Lei? É que a Lei é a expressão perfeita do que é necessário para por esse meio obter vida. Entretanto, como Paulo nos dirá novamente no capítulo 8, versículo 3, “O que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne” – essa é a explicação! – “Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito” (VA e ARA: “segundo o Espírito”). Não tropeçamos, pois, nesta frase particular, “a lei que foi ordenada para vida”.

Isso nos leva à próxima declaração. “O mandamento que foi ordenado para vida, em meu caso se viu que levou à morte.” Não precisamos demorar-nos aqui. Num sentido já estive-mos tratando disso. É simplesmente outra maneira de dizer que foi isso que aconteceu quando o mandamento realmente “veio” a ele – “Quando veio o mandamento, o pecado reviveu, e eu morri”. Noutras palavras, o apóstolo diz que a Lei, longe de dar vida, felicidade, santidade e alegria, fez o oposto. Condenou-o, mostrou-lhe o seu fracasso pessoal e a sua natureza má, inflamou dentro dele o pecado, e, portanto, revelou a ele a sua completa desesperança, e o deixou num estado de miséria total.

Mas, porque foi que aconteceu, no caso do apóstolo, que a

Lei, que foi ordenada para vida, viu-se que foi para morte? Eis a resposta – como ele já nos dissera, e como nos dirá no próximo versículo – foi tudo por causa do pecado, e por causa do que o pecado faz com a Lei, e fez com a Lei no caso dele, como também no caso dos fariseus e dos judeus. Podemos resumir isso indicando o que ele vai dizer mais adiante, no capítulo 9, versículos 31 e 32: “Mas Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça. Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da lei; tropeçaram na pedra de tropeço”. O problema, “a pedra de tropeço”, foi que eles não fizeram o uso certo da Lei. O pecado os afetou tanto que, embora essa Lei de Deus lhes tenha sido dada, fizeram mau uso dela; usaram-na como um “caminho para a justiça”.

Em sua Primeira Epístola a Timóteo, capítulo primeiro, versículo 8, o apóstolo faz uma esclarecedora afirmação que lança luz sobre o que ele diz no texto que estamos estudando. “Sabemos, porém”, diz ele, “que a lei é boa, se alguém dela usa legitimamente.” A Lei é boa, sob a condição de que a usemos corretamente. Todavia, o fato é que, por causa do pecado, não a usamos legitimamente. E foi por isso que o apóstolo viu que, no caso dele, como ele próprio diz, o mandamento que tinha sido ordenado para vida, descobriu-se que foi para morte.

O apóstolo está dizendo virtualmente aqui o que ele diz em 1 Coríntios 15:56: “O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei”. “O aguilhão da morte”, a coisa que realmente mata é o pecado. O pecado faz com que a morte seja o que é, e o que instila poder no aguilhão é a Lei. Já estivemos considerando alguns dos meios de que se serve o pecado para fazer justamente isso. Vimos que ele aumenta a luxúria e o desejo – concupiscência – e que inflama as paixões; e que, em acréscimo, leva ao fracasso, à miséria e à condenação. Assim o apóstolo estará plenamente justificado quando chegar ao versículo 2 do capítulo 8, e resumir tudo o que disse no capítulo 7, com as palavras: “Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou”. Do quê? Da lei que agora ele descreve como

“a lei do pecado e da morte”. O mandamento, que foi ordenado para vida, tornou-se um mandamento, uma lei “do pecado e da morte”. Ela agrava o pecado, pelo que mais certamente ainda leva à morte. Ali ele de fato se refere à Lei de Deus como uma “lei do pecado e da morte”, porque é exatamente isso que ela é para toda a raça humana em consequência do pecado e da Queda.

Passemos agora ao versículo 11, que é uma explicação do versículo 10. Como Paulo é cuidadoso em seu método! “Porque” – ele lança a sua primeira declaração de maneira geral – “o mandamento que era para vida, achei eu que me era para a morte”. Mas, como? “Porque” – aí está a resposta – “Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou”. Por que o apóstolo continua a repetir as suas explicações? Por que ele continua dizendo a mesma coisa de diferentes maneiras? Posso repetir minha resposta anterior, a saber, que a doutrina bíblica do pecado é absolutamente crucial para um entendimento da doutrina bíblica da salvação. Seja o que for que pensemos, não podemos ter um reto e claro conhecimento do plano de salvação, a menos que tenhamos um reto e claro conhecimento da doutrina do pecado. Não é de admirar, pois, que o apóstolo esteja tão interessado neste princípio fundamental. Fazendo um exame retrospectivo da sua vida, ele vê que a explicação completa da sua condição pessoal estava no fato de que por muito tempo ele estivera num estado de cegueira e de ignorância acerca da Lei e do pecado, e portanto acerca de si próprio. E ele sabia que tudo indicava que essa era também a condição de alguns daqueles a quem ele estava escrevendo, e sabia que essa era ainda a situação de todos os judeus. Por isso ele se preocupa tanto em deixar isso bem claro.

Assim, diz ele mais uma vez – “Porque o pecado...”. O pecado é o problema. Ele já estivera mostrando algo do que o pecado faz. “Mas o pecado”, diz ele no versículo 8,

“tomando ocasião pelo mandamento, operou em mim toda a concupiscência.” Aqui ele diz: “Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou”. Ambas são declarações referentes ao que o pecado faz dessa maneira terrível. No entanto não é mera repetição; como veremos, há também um acréscimo ao pensamento.

Permitam que eu saliente mais uma vez a importância da repetição do apóstolo. Temos aí algo que continua sendo uma das maiores causas de dificuldade com respeito à salvação. Muitos estão fora do reino de Deus unicamente por esta razão: nunca entenderam o significado da Lei, e o que o pecado faz com a Lei. Esta continua sendo uma das pedras de tropeço mais comuns, que se interpõem entre as pessoas e a salvação. Da mesma maneira, ainda causa problema na vida cristã. Existem cristãos em cativeiro, cristãos que, em retrocesso, colocaram-se “debaixo da lei”, no que se refere à experiência, e passam a vida cristã “no raso e na miséria”, simplesmente porque nunca entenderam estas coisas. Por isso precisamos repetir o ensino. Não somente isso, porém; temos aqui a chave por excelência, a única resposta e solução para o maior problema com que se defrontam este país e o mundo atualmente, a saber, o problema moral.

Eis algo que evidencia e demonstra esse problema. Recentemente eu li num jornal o seguinte: “Os padrões de moralidade da Grã-Bretanha estão sendo fortemente atacados hoje pela Associação Nacional que procura cuidar das mulheres ex-presidiárias. A Associação critica a corrente situação na qual a desonestidade declarada pode ser considerada como a mais fina esperteza, e o vício é obviamente explorado para fins de lucro comercial”. A reportagem faz uma franca advertência no sentido de que “nenhum volume de pesquisa sobre as causas do crime, e nenhuma sugestão em prol do combate ao crime, terão probabilidade de fazer algum progresso, enquanto os padrões cristãos de moralidade permanecerem tão amplamente desconsiderados”. Vejam também uma reportagem

similarmente perturbadora feita pelo Sr. Frank C. Foster, Diretor da Divisão de Cuidados Posteriores Borstal (*Borstal After-Care Division*). O Sr. Foster declara que o ano de 1958 “marcou o 50º aniversário do sistema Borstal como uma forma legal- mente estatutária de tratamento”. Diz-nos ele que, depois de cinquenta anos, os índices de prisões foram mais altos que nunca, e ele mostra que essas prisões mais que dobraram, em relação ao que eram três anos antes. “Estou mais que convicto”, escreve o Sr. Foster, “de que os delinquentes dos quais estivemos tratando nos recentes anos apresentam problemas mais difíceis do que nunca antes. Sabemos que, em geral, eles são produtos de lares e de grupos comunitários cuja atitude é antagônica à educação, ao trabalho, à recreação, à responsabilidade social e à religião.” E acrescenta: “Não há nada de novo nisso; mas, ao que parece, estamos tratando agora com uma geração que pode ser melhor descrita como uma geração que tem um baixo limiar de estresse, e um baixo nível de tolerância das frustrações”.

A razão pela qual citei as palavras acima é que durante mais de cinquenta anos não somente tivemos o sistema Borstal, porém também a idéia que tem predominado é que podemos resolver estes problemas morais, os problemas de comportamento, pela educação, pela instrução, pela cultura e por diversos refinamentos. Dizem-nos que devemos punir cada vez menos e confiar na obra educacional. Mas as estatísticas mostram que hoje há mais delinquentes que nunca. Apesar de termos multiplicado agências e instituições com a finalidade de diminuir as transgressões, esses são os fatos puros e simples colocados diante de nós por pessoas cuja vida e trabalho consiste em lidar com estas questões. Quando aprenderão a ler e a entender o ensino deste capítulo 7 da Epístola aos Romanos? Quando as autoridades perceberão que a raiz do problema é o pecado, e ele entendido nos termos bíblicos? Aí está um dos que pertencem ao seu próprio grupo e que afirma que, num sentido, estamos desperdiçando o nosso tempo investigando

e criando comissões de pesquisa para que tentem descobrir a causa e inventar alguns novos tratamentos.

Há somente uma explicação para o estado moral da sociedade: o poder terrível que a Bíblia chama “pecado”. Os homens, com a sua inteligência e sofisticação, não acreditam mais no pecado. Estão tentando explicar toda essa questão em termos da psicologia, dizendo que o pecado é não-existente. Eles vêm alegando confiantemente que com facilidade podem preparar as pessoas e ensiná-las a se portarem de maneira decente, e que podem redimir os delinquentes. E, contudo, eles estão falhando – falhando tão gravemente que até os seus próprios funcionários estão dizendo isso em público. Não; há só uma explicação; o pecado “tomando ocasião”, fazendo até uso da Lei de Deus, para não falar do ensino moral dos homens, como uma posição vantajosa, como uma base de operações militares, como um fulcro, é a causa do problema todo. “O pecado, tomando ocasião” – Paulo reitera a frase que já tinha empregado no versículo 8.

Mas agora o apóstolo acrescenta mais uma coisa. No versículo 8 ele nos tinha dito que o pecado “operou” nele. Como vimos, ali ele estava salientando o “poder” do pecado. Demoramos quando tratamos disso porque, depois de Deus, o pecado é o maior poder do universo. Todavia aqui, no versículo 11, ele está acentuando outro elemento do pecado, o seu caráter “enganoso”. “O pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou.” Essa tradução não é suficientemente forte. Aqui o apóstolo empregou uma palavra bastante enfática. Disse ele: “O pecado, tomando ocasião pelo mandamento, enganou-me completamente”. “Pegou-me” completamente. Não ligeiramente, mas me cercou e me pegou de maneira total, enganou-me absolutamente. Esse é o sentido da palavra utilizada pelo apóstolo. Devemos compreender, pois, que o pecado não somente é terrivelmente poderoso, porém também e ao mesmo tempo é terrivelmente enganador. Como pode alguém deixar de ver isso? A Bíblia está repleta deste ensino.

Permitam-me ressaltar este ponto fazendo mais algumas citações. Não vou correr riscos, porque as pessoas estão influenciadas demais pelo que lêem e pela psicologia popular. Até mesmo cristãos parecem não mais crer na doutrina bíblica concernente ao pecado. Mas não crer nessa doutrina é, em última análise, negar a Bíblia toda. Começo com Gênesis 3:13: “E perguntou o Senhor Deus à mulher: por que fizeste isso? E disse a mulher: a serpente me enganou, e eu comi”. O primeiro versículo desse capítulo já tinha dito: “Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo”. O apóstolo Paulo, no capítulo 11, versículo 3, da Segunda Epístola aos Coríntios, toma aquela passagem e diz: “Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma forma corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo”. Também no capítulo 4, versículo 22, da Epístola aos Efésios, diz ele: “Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pela concupiscência do engano”. No capítulo 3, versículo 13, da Epístola aos Hebreus temos: “Antes exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado”. E por fim uma citação que coloca essa verdade diante de nós de maneira estonteante; refere-se ao “anticristo”. Tem havido já “muitos anticristos”, mas ainda está por vir outro, o grande anticristo. E sobre ele nos é dito que – esse é aquele “cuja vinda é segundo a eficácia de satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem” (2 Tessalonicenses 2:7-10). Não estaríamos nós testemunhando algo disso na presente hora? Não estou profetizando o fim dos séculos, mas o que digo é que estamos testemunhando algo do que foi profetizado. Nunca esse elemento caracterizado pelo “engano” foi mais manifesto do que nos dias atuais.

Essas diversas citações escriturísticas salientam o que o apóstolo diz aqui no capítulo 7 de Romanos, que o pecado não

somente é poderoso, mas também é sutil e enganoso, que ele nos ilude, nos seduz e nos desencaminha. É porque essa é a verdade a respeito do pecado que todos nós pecamos. Isso explica por que há tanto pecado no mundo. O pecado continua existindo e agindo, apesar do conhecimento que temos quanto aos seus efeitos e resultados. Os homens lêem livros que falam dos maus efeitos do álcool, mas continuam bebendo. Muitos lêem livros que mostram os péssimos efeitos de certos atos imorais e impuros, porém continuam indo atrás destas coisas. Eles têm o conhecimento, mas continuam na prática do pecado. O pecado continua, a despeito da nossa experiência de remorso, tristeza, dor e sofrimento após o termos cometido. Ainda continuamos pecando, embora todo o registro da história e das biografias aí esteja, diante dos nossos olhos, mostrando-nos as conseqüências do pecado. E, como eu já disse, apesar de todo o nosso ensino sobre a moralidade, apesar de toda a nossa psicologia e da multiplicação de instituições, agências e planos educacionais destinados a produzir homens e mulheres melhores e uma melhor maneira de viver.

A despeito de tudo isso, o pecado continua, e o pecado é abundante; e tudo porque é da sua natureza enganar-nos. “O pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou.” Como foi que ele fez isso? Como é que ele continua fazendo isso? Como o pecado usa a Lei de Deus para nos enganar? Como é que “a força do pecado está na lei”? Classifico as respostas a essas perguntas da seguinte maneira: primeiro, o pecado nos engana induzindo-nos a fazer mau uso da Lei. Tomo essa minha afirmação de Paulo, em sua Primeira Epístola a Timóteo (1:8): “A lei é boa, se alguém dela usa legitimamente”. Ah, sim, a Lei é boa, mas o pecado entra em cena e faz com que nós a usemos ilegalmente. Como previamente expliquei, uma maneira pela qual ele faz isso é que nos persuade de que nada importa, senão os atos e ações, e que os desejos, as imaginações, etc., não contam. Ele nos persuade a crermos que, se não consumarmos concretamente um ato ou um feito

mau, permaneceremos livres do pecado. Nada importa, senão as ações do homem. Enquanto eu não estiver praticando essas ações, estarei guardando a Lei e estarei justificando a mim mesmo aos olhos de Deus. “O pecado me enganou”, diz o apóstolo Paulo, e me enganou dessa maneira. Antes Paulo estava plenamente convencido de que estava realmente cumprindo a Lei, como vimos na Epístola aos Filipenses e noutras Epístolas, e de que “no tocante à justiça que há na lei, ele era irrepreensível”. Ele achava que de fato ia muito bem, que “nalgum tempo, vivia (estava vivo) sem a lei”. O pecado o tinha enganado, tomando o mandamento e dizendo: “Ah, sim, o mandamento lhe diz que, enquanto você fizer certas coisas e refrear-se e não fizer outras, você estará em paz com Deus”. E ele acreditou no engano e agiu de acordo. Nenhuma palavra sobre a cobiça, claro! E assim o pecado o enganou, levando-o a fazer mau uso da Lei.

Mas o pecado age doutro modo também. Quando caímos em pecado e a nossa consciência começa a falar-nos fortemente e a fazer-nos recordar a Lei e seus ditames, o pecado muda totalmente de tática. Agora ele vem e nos diz: “Sim, isso está certo; você pecou, você falhou; lembre-se de que a “lei de Deus é santa, justa e boa” e você a transgrediu. Você está numa situação para a qual não há esperança”. Depois, no passo seguinte, dizemos a nós mesmos: “Visto que eu fracassei e que não há esperança para mim, não adianta tentar fazer mais nada. Como eu pequei uma vez, posso igualmente tornar a pecar. E não ficarei em pior estado, porquanto já não há esperança para mim”. E assim pecamos a segunda, a terceira, a décima e a milésima vez. É assim que o pecado nos chega. Tendo nos feito ficar deprimidos, persuade-nos de que o que fizemos já não importa. Esse é mais um mau uso da Lei.

Outro método utilizado pelo pecado – e este é um dos mais terríveis – é o “antinomismo”. Fiz referência a isso anteriormente. Funciona desta maneira: pecamos e estamos cômicos de que quebramos a Lei. Então o pecado, vindo como

“um anjo de luz”, diz: “Você pecou e quebrou a Lei, mas não se preocupe. Procure compreender que “onde abundou o pecado, superabundou a graça”. Você não tem nada com que se preocupar. Quanto mais consciência você tiver do seu pecado, mais abundante será a graça e, num sentido, quanto mais você pecar, mais a graça operará em seu caso. Você é um salvo, você está “debaixo da graça”, e assim, o que você fizer não mais importa”. O antinomismo é uma das piores maldições que já têm afligido a vida da Igreja. Perturbou a Igreja Primitiva, e continua a perturbar a Igreja desde então. Os homens, tomando ao pé da letra a doutrina da justificação, e literalmente a “letra da lei”, torcem-nas para dizer que os nossos atos e ações não mais importam, porque agora estamos debaixo da graça; podemos continuar em pecado porque não mais estamos “debaixo da lei”, mas sim “debaixo da graça”. Dessa maneira o engano do pecado nos faz usar mal e manejar mal a Lei.

O pecado também nos engana criando dentro de nós um antagonismo para com a Lei; faz-nos achar que Deus é contra nós. Foi o que o diabo fez com Eva: “É assim que Deus disse?” “Pois é, Ele está contra vocês.” Sempre que a Lei começa a falar, o pecado logo entra e diz: “Sim, é justamente isso que ela diz, e isso porque Deus é o que é – um Legislador severo e insensível”.

Contudo, o pecado não fica nisso. Também nos faz sentir que a Lei é irracional em suas exigências, que ela é injusta. Ele nos faz pensar que o sentimento expresso num verso de um conhecido hino é verdadeiro. “Sempre jejuar e observar? Sempre vigiar e orar?” O pecado faz com que a Lei pareça estreita e dura, proibindo tudo o de que gostamos, e impondo sobre nós o que não apreciamos. A Lei de Deus é injusta, diz o pecado, é inviável, não é boa; exige de nós coisas que ninguém jamais pode fazer. Assim o pecado nos persuade a odiar a Lei; e por causa do nosso azedume e do nosso ódio contra a Lei, quando ela nos manda fazer alguma coisa, produz em

nós o desejo de não fazê-la.

Outra manifestação da sutileza do pecado é a maneira pela qual ele nos engana a respeito de nós mesmos. Com sutil astúcia o pecado vem e nos adula e nos elogia; faz com que tenhamos alta consideração por nós mesmos. Ele pergunta por que havemos de ficar por baixo, sob a Lei? Como o diabo perguntou a Eva: “Deus disse que você não pode comer daquele fruto?” Noutras palavras; “Por que Ele estabeleceu esse limite? Por que privou você de uma coisa desejável? Por que é preciso haver limite para o que você pode fazer? Isso é um insulto à sua natureza humana. Você foi destinada à liberdade; Deus está contra você. Afirme a sua personalidade, viva a sua vida; você pode muito bem cuidar de si mesma e de governar a sua vida”. O diabo continua fazendo isso, e nos persuade do nosso direito à liberdade e à autodeterminação. Ele convence o homem de que é autônomo, capaz de governar-se a si mesmo e de governar o seu mundo, e de que não precisa de coisa alguma alheio a si. Ah, o sutil engano disso tudo!

Outra expressão dessa sutileza é particularmente comum nos dias atuais. A Lei vem e nos proíbe certas coisas. “Sim”, diz o diabo, “e é aqui que novamente vemos que é óbvio que a Lei está contra você; porque ela lhe está dizendo que não use os poderes e faculdades que você tem interiormente. Você tem certos instintos, você tem certos impulsos e compulsões dentro de você. É óbvio que eles estão aí para um bom propósito; eles em si são bons. E então, por que não os usa?” Esse é o ensino popular hoje em dia. Dizem-nos que nunca devemos ter sentimento de culpa; que isso é vitorianismo, é biblicismo, é Velho Testamento. Jamais devemos falar em pecado, e nunca devemos ter sentimento de culpa, porque isso faz violência à nossa personalidade. Uma das mais populares manifestações da mente moderna é o culto à “expressão pessoal”, que diz: deixe que os seus instintos o governem, faça o que você gosta de fazer; dê plena expressão aos seus poderes inatos. Estes jamais devem ser reprimidos. Isso leva à doença e à infelicidade.

Muitos psiquiatras, ao tratarem dos seus clientes, de fato os incentivam a fazer o que a Bíblia proíbe. Eles lhes dizem que o problema deles se deve ao fato de que reprimiram a sua personalidade por aceitarem a doutrina bíblica do pecado. O pecado, com a sua sutileza, engana desse modo as pessoas, elogiando-as e fazendo com que elas se expressem pessoalmente e dêem expressão aos seus maus poderes inatos.

Finalmente, o pecado nos engana acerca dele próprio. Faz isso apresentando-se de maneira muito atraente. Lemos que Eva viu “que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos” e acreditou que a tornaria mais sábia, se tomasse do seu fruto (Gênesis 3:6). Que coisa extraordinária, Deus proibir comer uma fruta assim agradável, tão bem formada, belamente colorida, e tudo mais! Sem dúvida o seu gosto seria igualmente maravilhoso. A fruta mais excelente do jardim, contudo Deus a proíbe! “O pecado me enganou”, diz o apóstolo Paulo, e ainda engana todo o mundo, apresentando-se muito atraente. Tudo é feito para que a vida cristã pareça muito sem graça; mas quão maravilhoso parece o mundo! Vejam as luzes de Londres, Paris e Nova York. Vejam as multidões de sorridentes, de ridentes turistas, as belas roupas, os olhos brilhantes. Naturalmente vocês não devem perguntar como tudo isso é produzido e a que leva. Não devem fazer perguntas sobre as drogas ou o álcool que essas pessoas andam tomando, nem sobre a triste ressaca depois que voltam para casa ou no dia seguinte. Não, não! Mas, olhem para isso tudo; não parece maravilhoso? Um homem vem do interior e, observando a vida em Londres, diz: “Ora, ora, nunca vi tanta atividade! Isso é vida, é maravilhoso! Como atrai a gente! Que beleza, como é agradável de se ver, como deve ser bom!” Lê reportagens sobre essas coisas nos jornais e ouve as pessoas falando a respeito, elogiando e recomendando tudo isso. Todos dizem: “Isto é que é vida, verdadeira vida; é isto que os grandes homens, os famosos, os ilustres, realmente fazem. Que maravilha!” Tudo se vê tão cheio de atrativos, tudo parece tão sedutor, tão livre, em contraste

com a vida cristã, a vida piedosa, a vida no estilo bíblico.

Também nos engana desencorajando quaisquer pensamentos sobre as conseqüências dessa vida; ridiculariza-os. Lembra-se do que o diabo disse a Eva? “Acaso Deus disse que se vocês comerem desse fruto certamente morrerão?” Depois lhe disse: “Certamente não morrerão”. Notem o dogmatismo. No entanto, eles morreram. Mas o diabo, com o máximo dogmatismo, disse: “Certamente não morrerão”. E Pedro, em sua Segunda Epístola, lembra-nos que os que não têm Deus estão sempre dizendo a mesma coisa. “Onde está a promessa da sua vinda?” Vocês, pregadores, vivem ameaçando os seus ouvintes com retribuição, castigo e desgraça; porém vocês estão fazendo isso há séculos, e o mundo continua em pé como sempre esteve. “Onde está a promessa da sua vinda?” (2 Pedro 3:1-11). O pecado nos engana acerca dos resultados e dos fins; ele nos garante que nada de desagradável vai acontecer. O pecado odeia toda e qualquer punição, odeia a própria idéia de retribuição. O ensino popular que hoje prevalece diz que nunca se deve punir ninguém, que o propósito das prisões é só reformar e reabilitar as pessoas. Foi isso que levou ao presente caos na vida carcerária, na verdade em todos os setores da vida. Isso faz parte da sedução do pecado, do caráter enganador do pecado, o qual desestimula toda idéia de justiça e de punição; e, naturalmente, e acima de tudo, toda idéia acerca do inferno.

O inferno é inimaginável para a mente moderna. Nenhuma pessoa inteligente jamais fala em inferno. Essa idéia é ridicularizada e descartada como totalmente incompatível com um Deus de amor. É assim que o pecado fala. O pecado, como um anjo de luz, fala muito sobre o amor de Deus. Ele dirá qualquer coisa para conseguir fazer você fechar os olhos para as conseqüências das suas ações e para o fim a que levam, principalmente para a morte, a morte eterna, que é onde vão terminar.

Para verem o caráter enganoso e enganador do pecado em

seu próprio zênite, ouçam o que ele diz sobre a cruz de Cristo no Calvário. Que lástima! Quantas vezes se ouve falsa doutrina proclamada de púlpitos cristãos, assim chamados! Pregadores há que dizem: “Qual é o significado daquela morte e daquela cruz? Não é senão uma grande exibição, uma representação dramática do amor de Deus. Eles não falam sobre a expiação vicária. Não falam sobre a retidão e a justiça de Deus. Não dizem que ali Deus estava punindo o Seu Filho para que fôssemos perdoados graciosamente. Não falam sobre a propiciação. É tudo amor; não há punição. Deus é um Deus de amor; portanto, viva como quiser; no fim todos irão para o céu”. É assim que o pecado fala, segundo o seu caráter enganoso e enganador. Universalismo! Todos vão ser salvos; a humanidade não se divide em “salvos” e “perdidos”. Até da cruz de Cristo – o evento mais glorioso que o mundo já viu, onde Deus revelou a Sua justiça e retidão eterna punindo o Seu próprio Filho, nada Lhe poupando – até dessa realidade estupenda eles tiraram a glória a fim de nos enganar acerca da função da Lei e do próprio caráter de Deus. É desse modo que o pecado nos engana, mostrando-nos apenas um lado do quadro.

O pecado realiza essa obra, como diz Paulo em Efésios 4:17,18, obscurecendo o nosso entendimento. Ele impede que pensemos com clareza, e apresenta tudo falsamente; dá-nos óculos de lentes cor-de-rosa; perverte tudo, muda tudo, transforma tudo. Como Paulo diz, mesmo o diabo pode transformar-se num “anjo de luz” com toda a aparência de realidade (2 Coríntios 11:14). Assim o pecado enganou Paulo, fez uso da Lei para enganá-lo, e com ela o derribou e o matou, tirou a vida dele, e fez com que ele se visse completamente desamparado, sem esperança, ameaçado de destruição e condenado. O pecado sempre faz isso. Como diz Tiago no capítulo primeiro, versículo 15, da sua Epístola, “Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte”.

“E o mandamento que era para vida, achei eu que me era

para morte. Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele (pela Lei de Deus) me matou.”

13

“E assim a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom. Logo, tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno.” – Romanos 7:12,13

É evidente que aqui o apóstolo está resumindo e levando à conclusão o argumento desenvolvido nos versículos anteriores. Num sentido, ele expôs, até aqui, o que tinha visto na experiência. O seu real propósito é tratar da questão colocada no versículo 7: “Que diremos pois? A lei é pecado?” Ele sente a necessidade de dizer que o que havia dito previamente, em especial no versículo 5, não significa que “a lei é pecado”. À primeira vista poderia parecer isso, diz ele; mas, assim que vocês examinarem a situação, ficará claro que o problema não está na Lei, e sim no pecado e no uso que o pecado fez e faz da Lei de Deus. Ele terminou essa parte dizendo que o que o pecado realmente faz é tirar proveito do mandamento e usá-lo como base de operações, e dessa forma o tinha enganado, e em consequência disso “matou-o”.

Desse modo ele declarou o que descobrira em sua experiência. Essa é a declaração do versículo 10: “O mandamento, que foi ordenado para vida, vi que para mim, que em meu caso, foi para morte”. Esse foi o seu resumo preliminar, digamos. O versículo 11 explica como tinha acontecido isso, principalmente salientando o fator engano. E agora ele chega a uma conclusão e diz: “E assim” – à luz de tudo o que eu estive dizendo – “a lei é santa, e o mandamento santo, justo e

bom.” Noutras palavras, ele está dizendo: “Essa acusação jamais deveria ter sido proferida contra mim – que estou ensinando que a Lei é má, que a Lei é pecado – porque tudo o que venho dizendo na verdade assevera exatamente o oposto”. O que ele realmente crê acerca da Lei é que ela é “santa”, e que o mandamento é “santo, justo e bom”.

Observem que ele se refere à “lei” e ao “mandamento”. Tem havido muita discussão sobre a razão pela qual Paulo faz isso. Pessoalmente, vejo-me concordar com aqueles que dizem que ele usa essa variação para dar ênfase à sua tese. Na verdade ele está falando de toda a Lei. “O mandamento” pode muito bem significar o décimo mandamento em particular – o mandamento que diz “Não cobiçarás” – mas, por certo, é igualmente válido quanto a todos os outros mandamentos. Portanto, com efeito ele está dizendo que “a lei”, e de fato cada parte dela, cada mandamento individual e destacado em detalhe, “a lei”, geral e particular, é “santa, justa e boa”. Obviamente o apóstolo estava muito interessado em dizer isso e em deixá-lo bem claro. Afinal de contas, ele era judeu, e tinha sido educado como fariseu. Tinha passado a vida toda, como fariseu, estudando a Lei. Não somente isso; Paulo tinha um grande fardo pesando em seu coração, como ele mesmo nos diz no capítulo 9, por seus patrícios. A última coisa que ele quer fazer é ofendê-los, ou que haja algum mal-entendido, qualquer que seja, quanto ao seu conceito sobre a Lei. A Lei é a Lei de Deus, e, por essa razão, é importante que ele esclareça perfeitamente o que realmente pensa a respeito dela.

Agora, examinemos os seus termos. Diz ele que “a lei é santa”. Ser “santa” significa que ela é a antítese absoluta do pecado e do mal. A acusação levantada contra ele é que teria dito que “a lei é pecado”. Por isso ele diz: “Longe de dizer que a lei é pecado, estou dizendo exatamente o oposto, que ela é santa”. Santidade significa separação, principalmente do pecado e do mal. Assim, quando Paulo afirma que “a lei é santa”, está empregando o termo mais forte possível, para

mostrar que a Lei acha-se tão afastada do pecado e do mal quanto se possa conceber.

Ou vejam o assunto da seguinte maneira: “A lei é santa”. Claro que deve ser, não pode deixar de ser, pois é uma expressão do caráter de Deus. É função da Lei dar-nos uma revelação de Deus, do Seu ser e do Seu caráter, a fim de aprendermos o que devemos ser e vir a ser para que tenhamos comunhão com Ele. Pois bem, a declaração fundamental que a Bíblia faz em toda parte sobre Deus é que “Deus é santo”. Portanto, o mandamento, a totalidade da Lei, num sentido pode ser resumida nos seguintes termos: “Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pedro 1:16). A Lei é uma espécie de transcrição do caráter de Deus; é uma expressão perfeita do Seu desejo e da Sua vontade. A Lei é, pois, santa no sentido de que não somente nos revela o caráter de Deus e o que, por conseguinte, o nosso caráter deve ser, mas também nos prende a essa revelação. Essa é, então, a primeira expressão de Paulo, uma expressão sumamente importante, a qual devemos ter na lembrança.

Depois, em segundo lugar, Paulo declara que a Lei é “justa”. Temos aqui também algo a que devemos dar a mais diligente atenção, porque, como vimos em nosso detalhado exame desta parte, o pecado, com a sua sutileza, está sempre tentando persuadir-nos de que as exigências da Lei são injustas, não retamente boas, e, na verdade, impossíveis. Como vimos, essa é uma das maneiras pelas quais o engano do pecado se manifesta. Por isso Paulo está interessado em salientar que ele nunca tinha dito que a Lei é injusta. Seu ensino é que a Lei é absolutamente justa. Justa e reta no que exige de nós; não nos faz exigências moralmente impróprias, de modo nenhum. Não há nada que seja injusto para o homem nos Dez Mandamentos. É tudo justo, é tudo perfeitamente reto e correto. Assim, o especioso argumento que estava sendo apresentado não resiste a um exame, nem por um momento. A Lei de Deus, em todas as suas exigências, é essencialmente reta e absolutamente justa. Não somente isso; é justa noutro sentido

também. É perfeitamente justa, e está sempre justificada, no pronunciamento e na sentença que impõe a todo pecado ou transgressão, e a toda falha ou negligência em honrar as suas exigências, em cumpri-las. Nas barras do tribunal do juízo final, ninguém poderá dizer que lhe fora feita alguma exigência injusta, ou que, de algum modo, a Lei está sendo injusta ao puni-lo. A Lei foi dada, e é clara e objetiva; ela nos diz o que acontecerá se não lhe obedecermos. Portanto, se não lhe obedecermos, não devemos murmurar e queixar-nos quando a Lei nos aplicar a competente penalidade.

Isso é bem ilustrado pelo caso de Adão e Eva. Foi-lhes dada uma lei e lhes foi dito exatamente o que lhes aconteceria se a transgredissem. Depois, quando eles a transgrediram, quando eles pecaram e se rebelaram contra Deus, não tiveram nenhum direito de queixar-se quando foram expulsos do jardim; pois tinham sido advertidos de que o pecado tem tristes conseqüências. Assim, a Lei é perfeitamente justa quando impõe a sua penalidade. E a penalidade não é nem excessiva nem injusta; é estritamente justa e reta.

Isso nos leva à terceira expressão, “o mandamento é bom” — é santo, é justo, é “bom”. Sua “bondade” estende-se a todos os seus propósitos, a todos os seus objetivos, na verdade a todos os seus efeitos. A Lei é boa para os homens porque, entre outras coisas, como se vê pelo argumento do apóstolo, ela nos mostra o que é o pecado. Não faz só isso; ela nos mostra o que devemos ser, como devemos viver, como devemos conduzir-nos e comportar-nos. Tudo isso é muito bom para nós. Na verdade, é acima de tudo pela Lei que o homem pode aprender o que é bom, o que é melhor para ele. Não existe melhor vida que a vida vivida em conformidade com a Lei de Deus. Quem quer que tenha essa vida, tem o melhor tipo de vida concebível. O nosso Senhor viveu essa vida.

Com freqüência vemos no livro de Salmos que o salmista elogia a Lei de Deus; diz ele que sabe mais que os seus mestres graças à Lei de Deus; é por meio da Lei de Deus que ele tem

conhecimento e discernimento; é por conhecer, aprender e procurar cumprir a Lei de Deus que ele goza a maior felicidade e a maior alegria em sua vida. O Salmo 119 é, num sentido, dedicado unicamente a esse tema – a bondade da Lei de Deus em si e por si.

Está justificado, pois, o apóstolo, quando diz que a Lei, em cada um dos seus mandamentos, é, toda ela, boa. Nada será melhor para nós do que guardar a Lei. Assim, o apóstolo jamais deve ser acusado de ensinar que “a lei é pecado”. Sua idéia da Lei, diz ele, é que ela é “santa, justa e boa” – que ela é perfeita. “A lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma”, como nos diz o Salmo 19.

Mas Paulo ainda não deu por resolvido totalmente o problema. Há um problema subsidiário. “Logo, tornou-se-me o bom em morte?” Notem como é persistente o homem em sua oposição a Deus, à Sua Lei e aos Seus caminhos. Frequentemente encontramos isso quando lidamos com as dificuldades das pessoas. Quando parece que respondemos a uma pergunta plena e satisfatoriamente, elas dizem: “Sim, mas” – ainda há alguma coisa que as incomoda. A fertilidade da mente e da imaginação humanas para a criação de dificuldades é pouco menos que inesgotável; é deveras assombrosa. No entanto, o apóstolo é paciente e se dispõe a considerar as dificuldades uma por uma. “Logo, tornou-se-me o bom” – “Você acabou de afirmar que a lei é santa, justa e boa; e depois você vem dizer que algo que é bom foi transformado em morte para mim?” A questão surge deste modo: ele vinha salientando que a Lei o havia matado. “Vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri.” E, de novo, no versículo 11: “O pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou”. A Lei o tinha matado. O oponente vê, então, uma dificuldade – “Muito bem, concordo que você estabeleceu fora de toda dúvida que a Lei não é pecado. Entretanto você acaba de dizer outra coisa que cria uma dificuldade em minha mente. Você diz agora que a Lei o matou; você está dizendo, então, que

aquilo que é “santo, justo e bom” o matou? Como pode algo bom matar você?” Essa é mais uma questão da qual o apóstolo se ocupa no versículo 13.

Em nossa análise geral desta parte deste capítulo declaramos que este versículo 13 é um tanto difícil de situar. A questão é: ele pertence à parte que vai do versículo 7 ao 12, ou à parte subsequente? Seria a introdução da parte que vem em seguida? Muito se pode dizer a favor de ambas as posições. Em última instância, isso realmente não tem importância do ponto de vista da verdade, porém, se suas mentes gostam de ordem, vocês não podem deixar de interessar-se pelo problema. O que talvez me incline a dizer que pertence à parte seguinte é a maneira especial de Paulo expressar-se. Ele tinha começado uma parte no versículo 7 perguntando: “Que diremos pois?” Essa é sua maneira usual de introduzir uma nova divisão. Depois ele levanta uma questão: “A lei é pecado?” E responde: “De modo nenhum”. Ele havia adotado o mesmo método no início do capítulo 6: “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum”. Vê-se que ele está fazendo a mesma coisa aqui: “Logo, tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum”! De muitas maneiras, pois, ele está introduzindo uma nova divisão.

Ao mesmo tempo, é evidentemente uma continuação do que Paulo vinha dizendo. O que causa certa dificuldade é o fato de que ele afirma que a Lei é boa, mas ao mesmo tempo declara que ela se tornou em morte para ele. Parece que a solução é descrever o versículo como uma transição pertencente em parte a ambas as seções. Quando passarmos à próxima parte, mostrarei que toda ela é, num sentido, apenas um desenvolvimento e uma explicação do tema desta parte que estamos concluindo. Portanto, este versículo tem um vínculo que o liga ao versículo anterior, e um vínculo que o liga ao subsequente.

A questão é: concedendo-se que a Lei é santa, justa e boa, parece contudo que ela foi a causa da morte espiritual à qual o

apóstolo está dando a ênfase que se nota no presente contexto. Segue-se, pois, a pergunta: “Então seria a Lei a causa dessa morte?” A resposta é dada imediatamente: “De modo nenhum!” – nem se mencione isso, é inimaginável. Como explicar, então, o que ele tinha dito? Paulo responde e explica com uma proposição extraordinária, que também é difícil por esta única razão: ele deixou fora o verbo. De vez em quando o apóstolo faz esse tipo de coisa – ele não é pedante, graças a Deus. Com frequência quebra as regras da gramática; e aqui ele de fato deixou de usar o verbo, que precisa ser suprido para podermos captar o que ele quer dizer! Eis o que ele realmente está dizendo: “Não foi a Lei que me matou, e sim o pecado. Não permita Deus que alguém diga que eu estou ensinando que a Lei foi a minha morte. Não foi; não foi a Lei que me matou, foi o pecado”. Portanto, podemos traduzi-lo assim: “A causa da minha morte é o pecado”; ou: “O pecado tornou-se em morte para mim”; ou: “Permitiu-se que o pecado produzisse esse resultado mortal para mim e que levasse a ele”. Está claro e patente que é esse o sentido da declaração, e ela não pode ter outro sentido. O apóstolo está dizendo que Deus, em Sua infinita sabedoria, permitiu que o pecado fizesse isso com vistas a certos resultados. Ele já havia dito duas vezes que “o pecado, tomando ocasião pelo” – fazendo uso de, partindo dali como de uma base de operações, funcionando como um fulcro, um ponto de apoio – tinha feito isso. Agora ele declara que Deus permitiu que o pecado fizesse isso com a Lei.

Naturalmente nos deparamos aqui com um grande problema. Por que o Deus santo permitiu que o pecado fizesse isso com a Sua Lei, a qual é “santa, justa e boa”? A resposta do apóstolo é que isso foi permitido com a finalidade de que o pecado se revelasse pecado, isto é, que o pecado fosse “mostrado pelo que ele realmente é”. A dificuldade que se tem com o pecado é reconhecê-lo pelo que ele é. O pecado é enganoso, é esperto, é como o pescador que se esconde e disfarça a isca. É preciso realçar o pecado para que se possa ver que é pecado,

para que ele se “mostre”, se “revele” pecado. Portanto, o que Paulo diz é que é a Lei que faz isso. Só que o pecado não foi tão esperto como ele se julgava! É isso que a Bíblia diz em toda parte acerca do diabo e do pecado. O diabo é muito esperto e muito astuto, mas não tão esperto como pensa. Quando o diabo, por meio dos homens, causou a crucifixão e a morte do Senhor Jesus Cristo, ele pensava que estava concluindo a sua obra prima definitiva; porém, em última instância, é isso que o destrói. A mesma coisa é verdade sobre o pecado. O pecado pensou, com esperteza, que ia fazer uso da Lei, e o fez nos sentidos que vimos. Contudo, enquanto fazia isso, expunha-se (ao ridículo).

Essa, diz o apóstolo, é a primeira razão pela qual foi permitido que isso acontecesse. É desse modo que o pecado, como pecado, torna-se claro e evidente para nós. Paulo já tinha dito isso previamente, no sentido experimental, com as palavras: “Eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás”. Também foi somente quando o pecado reviveu, quando veio a Lei, que ele foi morto e se deu conta da verdade a seu respeito e a respeito do pecado. Essa é, pois, a primeira coisa.

No entanto, é feita aqui uma segunda declaração importante acerca do pecado: “A fim de que pelo mandamento (ou por meio do mandamento) o pecado se fizesse excessivamente maligno”. É somente pela Lei que o caráter excessivamente maligno do pecado é demonstrado e posto às claras. Noutras palavras, o apóstolo está interessado em mostrar, não somente o poder do pecado, como também a malignidade do pecado. Somos lerdos demais para aprender isso; é algo do qual todos nós, por natureza, sabemos pouco, se é que sabemos coisa alguma. Isso explica por que hoje as pessoas fazem oposição a esta doutrina bíblica do pecado. Elas a odeiam; na verdade, alguns inteligentes pregadores populares a ridicularizam em função da psicologia. Essa é justamente a medida da sua cegueira extrema e total. Nada é tão real e verdadeiro sobre o

pecado como a sua excessiva malignidade, e em nenhum outro lugar se vê essa excessiva malignidade de forma tão clara como justamente aqui – onde vemos que ele pode até manipular e usar esta santa, justa e boa Lei de Deus e, por meio dela, matar-nos! O pecado pode torcer, perverter e transformar num instrumento oposto a nós até mesmo a Lei de Deus, destinada a ser benéfica para nós. “Logo, tornou-se-me o bom em morte?” Não, não foi propriamente a Lei, mas foi o pecado que a manejou e a violentou, foi o pecado que a perverteu e a utilizou enganosamente e causou esse resultado. E, ao fazer isso, vemos o seu caráter diabólico, a sua completa malignidade e a sua sordidez. Não há como exagerar, por mais fortes que sejam os termos que usemos para descrevê-lo. Tudo está incluído na expressão “excessivamente maligno”. Nada pior que isso se pode dizer sobre o pecado.

Evidentemente, essa é uma declaração importante, pelo que precisamos compreendê-la, não somente porque nos mostra o caráter e a natureza excessivamente malignos do pecado, porém também porque, ao mesmo tempo, instrui-nos quanto à função e ao propósito da Lei de Deus e da dádiva da Lei. Esse é, afinal de contas, o tema fundamental que o apóstolo está tratando.

Aqui devo interferir com uma observação. O segredo para se fazer a exposição de Romanos, capítulo 7, é evitar perder-se em detalhes. Não há nenhum capítulo da Bíblia no qual seja tão fácil como neste “não ver a floresta por causa das árvores”. É, pois, essencial que continuemos a lembrar-nos do propósito fundamental do capítulo; doutra forma nos perderemos nos pormenores. Seu objetivo principal, seu tema fundamental, é examinar o lugar e a função da Lei nos procedimentos de Deus para com a raça humana. Cada detalhe deve ser considerado à luz desse propósito, e de nada mais. Começar pensando que o objetivo deste capítulo é que Paulo pretende relatar-nos a sua experiência pessoal é perder de vista a tese toda. Não é esse o propósito dele. Seu objetivo fundamental é tratar da acusação

que os judeus e outros estavam fazendo contra ele dizendo que a sua pregação significava que a Lei de Deus não somente era inútil, mas também era de fato má, que não tinha nenhuma função a desempenhar, nenhum propósito, e que seria melhor que ela nunca tivesse sido dada. Era a acusação de que a sua pregação da justificação somente pela fé, e pela graça – a salvação pela graça – estava realmente jogando fora a Lei e descartando-a inteiramente.

Aqui, neste versículo crucial, Paulo mostra a real função e o verdadeiro propósito da Lei. É mostrar “a excessiva malignidade do pecado”. Certo é que o apóstolo já tinha dito isso no capítulo 3, versículo 20, não precisamente nestes termos, porém fazendo a mesma proposição geral. Resumindo o grande argumento sobre a justificação, ele diz naquela passagem: “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado”. É a Lei que nos dá entendimento do pecado. Nunca foi seu propósito justificar o pecador. Aqui ele está repetindo essa verdade, mas também diz mais alguma coisa.

Há uma declaração paralela na Epístola aos Gálatas, no capítulo 3, em particular no versículo 19: “Logo, para que é a lei?” Paulo responde: “Foi ordenada por causa das transgressões, até que viesse a posteridade a quem a promessa tinha sido feita”. Noutras palavras, a Lei nunca foi destinada a ser um meio de salvação. O erro fundamental dos judeus consistiu em pensar que foi. Exatamente por isso se extraviaram tão lamentavelmente. O apóstolo torna a dizer a mesma coisa no capítulo 9 desta epístola, onde lemos: “Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça. Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da lei: tropeçaram na pedra de tropeço (versículos 31 e 32). Nisso consistiu todo o seu problema. Eles persistiam em pensar que Deus lhes tinha outorgado a Sua Lei para que eles pudessem salvar-se por meio dela. Mas a salvação é inteiramente pela graça. Deus tinha declarado isso nos remotos tempos do Jardim do Éden,

e ainda mais especificamente na aliança que Ele fez com Abraão. Em Gálatas, capítulo 3, Paulo afirma que o que comanda a salvação é a aliança de Deus com Abraão e sua semente, e nos lembra que ali se tinha em vista o futuro, tinha-se em vista Cristo. E ele argumenta no sentido de que a Lei, que só veio quatrocentos e trinta anos depois da aliança com Abraão, não pode anular ou afetar a aliança fundamental original. Nunca foi esse o seu propósito. Por que terá sido introduzida, afinal? Ah, responde Paulo, foi introduzida posteriormente a fim de que as pessoas vissem a sua necessidade da aliança da graça; foi introduzida por causa das “transgressões, até que viesse a posteridade a quem a promessa tinha sido feita”. Assim é que mais adiante ele diz que a Lei foi uma espécie de “aio”, (de “preceptor”, de “mestre”), “para nos conduzir a Cristo”. A Lei não salva; conduz ao Salvador. Não é um meio de salvação; seu propósito é mostrar-nos a necessidade que temos da salvação, e dar-nos alguma indicação de como ela nos vem.

O nosso entendimento deste ponto é crucial. O apóstolo nos está dizendo que devemos livrar-nos uma vez por todas da noção de que a Lei, de algum modo ou nalgum sentido, foi destinada a salvar-nos. A Lei não pode justificar-nos, a Lei não pode santificar-nos. E se vocês tentarem usá-la para um destes propósitos, estarão tentando o impossível. Aqui a ênfase particular recai na completa impossibilidade da pessoa ser santificada pela Lei. Sendo o pecado o que é, com todo o seu poder e malignidade, com toda a sua sutileza, astúcia e excessiva perversão, e sendo nós o que somos, com toda a nossa fraqueza resultante da Queda e do pecado que há em nós – realizar a nossa santificação pela Lei é uma total impossibilidade. O apóstolo vem elaborando este argumento desde o versículo 7 até o fim deste versículo 13. Mas é tão grande o seu desejo de que entendamos bem o assunto que ele não pára nem no versículo 13. No versículo 14 e até o fim do capítulo ele continua empenhado em provar precisamente este ponto.

Fará isso com uma análise psicológica e espiritual; porém continua sendo exatamente o mesmo ponto. O conteúdo do trecho que vai do versículo 14 até o fim do capítulo é o desenvolvimento elaborado desta única verdade – que o homem jamais é santificado pelas obras da Lei nem por qualquer tentativa de cumprir pessoalmente os mandamentos e os ditames da Lei.

Portanto, aqui chegamos a um ponto de transição, mas, antes de começarmos a examinar o versículo 14, devemos dedicar pensamento a uma outra questão. É preciso encará-la porque, em certo sentido, o apóstolo nos leva a encará-la. É a seguinte: de quem o apóstolo estava falando nos versículos anteriores? Por ora não vou discutir a identidade da pessoa sobre a qual Paulo fala do versículo 14 ao fim do capítulo, entretanto a identidade da pessoa da qual ele estivera falando do versículo 7 ao 13. “Mas eu não conheci o pecado”, diz ele no versículo 7, “senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse...”. E nos versículos 9 a 11: “E eu, nalgum tempo, vivia sem lei” (VA: “eu estava vivo sem a lei”), “mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que era para vida, achei eu que me era para morte; porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou”, etc. A questão é: de quem o apóstolo está falando? Há os que dizem que o apóstolo não está falando de si mesmo, mas que ele personalizou em sua pessoa o estado e a condição dos judeus. Dizem eles que quando Paulo declara: “Houve tempo em que eu estava vivo sem a lei”, ele está descrevendo a condição dos hebreus antes de Deus lhes dar a Lei por intermédio de Moisés. O mandamento veio quando Deus lhes outorgou os Dez Mandamentos e a Lei Moral. Não precisamos demorar-nos aqui, porque hoje em dia há muito poucas pessoas, se é que há alguma, que sustentam essa teoria. Se o apóstolo queria dizer isso, por que não o disse? Seria muito mais fácil. Não; ele está

clara e patentemente falando de si mesmo e da sua experiência pessoal, porque ele se expressa em termos de concupiscência. Trata-se de experiência pessoal, de algo que acontece a um indivíduo.

No entanto, surge a questão: que estágio da sua vida, que estágio da sua experiência humana o apóstolo está descrevendo? Aqui também há alguns que dizem que o apóstolo está dizendo: “Houve tempo em que eu estava vivo sem a Lei. Desde o meu nascimento até à idade de doze anos, aproximadamente, é certo que eu não sabia absolutamente nada destas coisas; mas então, aos doze anos de idade, como acontece com todos os outros meninos judeus, comecei a ser instruído sobre a Lei; e logo que me foi ministrado o ensino da Lei, comecei a entender algo sobre o pecado, e vi que eu era pecador”. Assim eles dizem que a primeira declaração de Paulo é sobre si próprio em sua infância, até à adolescência; e que depois ele descreve a sua experiência como adolescente. Imediatamente, porém, rejeito essa idéia também, e por esta boa razão: o fragmento de autobiografia que o apóstolo nos oferece no capítulo 3 da Epístola aos Filipenses a exclui completamente. No versículo 6 dessa passagem ele diz: “Segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível”. Isso não aconteceu em sua infância, nem quando era um menino pré-adolescente, nem em sua adolescência, mas na época em que ele se tornou cristão. Ele era um fariseu típico e, como todos os fariseus, estava muito contente consigo mesmo. Já interpretamos o versículo 9, “Houve tempo em que eu vivia sem a lei”, no sentido de: “Eu achava que ia indo bem, eu estava convencido de que cumpria a Lei”. Isso porque não tinha entendido nada sobre a cobiça e tinha reduzido a Lei a um certo número de ações e pecados específicos. Essa era a sua condição de adulto, como fariseu, e não se refere meramente ao período anterior à idade de doze anos. Rejeitamos, pois, essa interpretação.

Depois, há os que gostariam de fazer-nos acreditar que

Paulo aqui se refere à sua experiência após a sua conversão. Dizem eles que ninguém poderá saber o que a Lei é realmente enquanto não for regenerado e convertido. Paulo diz: “Veio o mandamento, o pecado reviveu, eu morri”. Dizem eles que isso aconteceu na conversão ou depois dela. Mas essa opinião eu também rejeito porque, nesta parte do capítulo, o apóstolo seguramente está descrevendo a condição de um homem que está “debaixo da lei”. Aí está um homem que é vítima da Lei, que está sob a Lei; tudo o que ele diz descreve um homem nessas condições.

Contudo, eu tenho um argumento mais forte ainda. Esta parte que estamos examinando – os versículos 7 a 13 – é realmente um desenvolvimento do versículo 5, que diz: “Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte”. Essa é a declaração primária, e tudo o que estivemos examinando é um desenvolvimento dela – “fruto para morte” – “me matou”. É evidente que ele está descrevendo um homem que está “debaixo da lei”. O pecado tira proveito da Lei para matá-lo. Ele está descrevendo um homem que está “na carne”; e um homem que está “na carne” não é cristão. Ele descreve o cristão no capítulo 8, versículo 9, desta maneira: “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”. Temos, pois, aqui um homem que está “na carne”, e a matéria de que o apóstolo está tratando aqui não é algo que aconteceu subsequente à conversão.

Fica-nos esta conclusão: a experiência descrita só pode ter ocorrido antes da conversão do apóstolo. Nesse caso, surge a questão: em que estágio anterior à sua conversão? Ele nos diz que ainda está “na carne”, e todos os efeitos que descreve são os que sucedem a um homem que está “na carne”; mas também nos informa que agora tem um entendimento espiritual da Lei. O mandamento realmente lhe “veio” com

poder; ele enxerga o seu caráter espiritual, ele entendeu o sentido de “Não cobiçarás”.

Portanto, é preciso que juntemos estas coisas. Como podemos fazer isso? Parece-me que há somente uma solução adequada. Eis aí um homem que está “sob convicção de pecado”, todavia ainda não entendeu a verdade acerca da salvação em Cristo Jesus. Ele está profundamente convencido de pecado, de que foi “morto”, de que está “morto”, compreende que não somente é culpado, mas também que está impossibilitado de agir e que há pecado nele; porém por enquanto ele não entende mais nada. O apóstolo está descrevendo algo que era real acerca de sua vida pregressa; está examinando o seu passado. “Eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás”. E mais: “O pecado, tomando ocasião pelo mandamento, operou em mim...”. Ele não está dizendo que o pecado ainda vai fazer isso; já o tinha feito. Tudo isso está no passado. “Eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri.” Não é que ainda ele vá morrer. Ele está olhando para o passado. Tudo isso está no passado. Ele está se examinando através de uma experiência passada.

Quando foi que isso aconteceu? O apóstolo não nos diz. Vocês lamentam a ausência desse fato? Não deveriam. Se fosse importante para nós que soubéssemos exatamente quando isso aconteceu, ele no-lo teria dito. Como continuo repetindo, Paulo não está primariamente interessado aqui em sua experiência ou em sua pessoa; ele está meramente ilustrando esta sua tremenda tese acerca do propósito e da função da Lei. Ele nos está mostrando a situação do homem que agora se vê despertado para a verdade acerca da Lei. E fica nisso; não nos diz mais nada a respeito. Quando foi? O que vou dizer a seguir é, num sentido, uma especulação; vou apenas colocar tentativamente diante de vocês algumas idéias. Há diferentes idéias, mas ninguém pode estabelecer qualquer delas. Não podemos ter

certeza porque o apóstolo preferiu nada dizer-nos sobre isso.

Teria acontecido isso com Paulo antes da sua experiência no caminho de Damasco? Qual será o sentido exato da frase em Atos, capítulo 9, versículo 5, onde o nosso Senhor, falando com Saulo de Tarso no caminho de Damasco, disse: “Duro é para ti recalcitrar contra os agulhões”; ou “dar murros contra ponta de faca”? Naturalmente, a resposta continua sendo que não sabemos. Mas não é impossível que este homem, Saulo de Tarso, já estivesse convicto de pecado. “Ah”, pode ser que vocês digam, “mas se é assim, por que ele foi para Damasco “respirando ainda ameaças e mortes” contra o Senhor Jesus Cristo e contra todos os Seus seguidores?” Homens convictos de pecado têm feito isso, em sua condição de miséria e de infelicidade. A sua justiça própria, como fariseu, o teria feito odiar este Mestre mais que todos os outros. Isso não é incompatível com o fato de estar ele sob convicção de pecado. Este é um fato interessante, do ponto de vista experimental e prático. Recebam isto como uma palavra de alento. Se estiverem preocupados com algum ente querido que gosta-riam de ver cristão e por quem estão orando, lembrem-se de que, por vezes, pouco antes de serem convertidos, os pecadores tornam-se mais violentos contra vocês e contra a verdade. Essa é uma indicação muito freqüente de que algo está para acontecer. Muitas vezes a violência é um bom sinal. Teria sido então o caso de que o apóstolo estava convicto de pecado antes de sair de viagem para Damasco? Não posso excluir essa possibilidade. Contudo não digo que creio que foi realmente isso que aconteceu.

Vejam outra possibilidade. Estaria Paulo descrevendo aqui o que lhe aconteceu entre o evento sucedido no caminho de Damasco e a visita que lhe fez Ananias, trazendo-lhe o conforto do evangelho e o batismo do Espírito Santo? Notem as coisas muito interessantes que nos são contadas na narrativa de Atos, capítulo 9. Permitam-me indicar as que considero mais importantes. Lemos no versículo 6: “E ele, tremendo e atônito,

disse: Senhor, que queres que eu faça? E disse-lhe o Senhor: levanta-te, e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer”. Noutras palavras, o Senhor realmente não lhe deu o pleno conforto da salvação ali, se é que lhe deu algum. Eis aí Saulo de Tarso repentinamente posto a tremer atônito. Foi a visão do Senhor que lhe falava e a percepção de que foi Jesus que fez aquilo. De qualquer forma, ele veio a compreender ali que ele tinha cometido um erro crasso com relação a esta Pessoa, e agora soube que esta Pessoa era o Filho de Deus.

Depois disso há outra declaração de grande interesse no versículo 9: “E estive três dias sem ver, e não comeu nem bebeu”. Não é o relato de um homem regozijando-se por sua salvação – “tremendo e atônito”, “extasiado”, “cego” fisicamente, sem comer nem beber por três dias. Depois nos é dito, no versículo 19: “E, tendo comido, ficou fortalecido”. Ele tinha se enfraquecido bastante. Um jejum de três dias não enfraquece tanto a pessoa como narrativa indica, mas posso entender que uma terrível convicção de pecado tem esse efeito. Eis aí um homem que era especialista na Lei. De repente vem sobre ele esta luz do céu, mostrando-lhe que ele estava completamente errado; sugiro, pois, que naqueles três dias ele subitamente entendeu quão completamente equivocado estava acerca da Lei. Viu o seu caráter espiritual, compreendeu o significado da cobiça. Soltou-se o inferno dentro dele, e ele viu sua morte real, seu miserável fracasso, sua total incapacidade. Todavia a vinda de Ananias foi, clara e evidentemente, um grande auxílio para ele. “Irmão Saulo”, disse Ananias, “o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo”. E assim foi. Ele não somente recuperou a visão, mas agora quer alimentar-se; come, e é fortalecido. Quanto a mim, dou-me por satisfeito em crer que esse período é suficiente para explicar tudo o que estivemos examinando nos versículos 7 a 13 deste capítulo 7 da Epístola aos Romanos.

Há só mais uma possibilidade – embora eu prefira

excluí-la – e essa é que algo dessa experiência continuou durante os três anos em que ele esteve na Arábia. Não posso aceitar isso, porque não posso conceber que um homem batizado com o Espírito Santo pudesse passar pela experiência que ele descreve nos versículos que vimos considerando. Portanto, para mim parece provável que ele está descrevendo o período entre a experiência tida no caminho de Damasco e a vinda de Ananias; porém não exclui a possibilidade de que alguma coisa tenha sucedido mesmo antes disso.

Mas essa não é a principal questão aqui. Não é a preocupação fundamental do apóstolo. Tudo o que ele está dizendo é que houve um tempo em sua vida quando ele achava que estava “vivo” – satisfeito consigo mesmo, justo por virtude própria, autoconfiante – mas que quando começou a entender o caráter, a natureza e o significado espiritual da Lei, esta o matou, “pôs a vida dele fora de combate”. Ele veio a ser como um homem morto, completamente sem esperança, total e absolutamente sem capacidade de ação. É isso que ele quer que entendamos. Quando isso aconteceu realmente não importa; no entanto que tenha acontecido é de extrema significação, como ele continuará a mostrar-nos nos restantes versículos do capítulo.

14

“Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado.” – Romanos 7:14

Neste versículo chegamos ao princípio desta parte sumamente interessante deste capítulo 7 da Epístola aos Romanos; na verdade chegamos àquilo que, sem dúvida nenhuma, é a parte mais famosa e mais bem conhecida da Epístola toda. Não há, certamente, nenhuma outra porção que com tanta freqüência tenha levado a debates e disputas, e, desafortunadamente, devemos acrescentar, a contendas e a demonstrações de um espírito muito distante daquele que é ensinado no Novo Testamento. Este é, pois, um assunto que espero que abordemos com muita cautela e, certamente, com o máximo de humildade.

A discussão sempre se centraliza em torno da questão sobre quem é este homem que o apóstolo descreve nesta parte do capítulo. Há três principais teorias. A primeira: há os que dizem que aqui o apóstolo está descrevendo um homem não regenerado, um homem que está em seu estado natural, ainda não vivificado, ainda não regenerado. A segunda teoria é que se trata de uma descrição de um homem regenerado, permanentemente e sempre em sua melhor condição; na verdade, que o apóstolo estava descrevendo a si próprio e a sua experiência ocorrida na mesma ocasião em que escreveu estas palavras particulares. A terceira teoria sustenta que temos aí um relato do homem regenerado em seus primeiros estágios, no princípio da sua vida cristã e antes de haver recebido uma “segunda bênção”, ou de haver tido uma “segunda experiência”,

o que o tiraria desse estado e o colocaria no estado da experiência descrita no capítulo 8. Noutras palavras, os adeptos dessa teoria dizem que o que temos aí é apenas um estágio preliminar e temporário da experiência do homem regenerado.

A história dessas três opiniões diferentes é interessante, e é bom que saibamos alguma coisa sobre elas, pois, apesar de qualquer outro efeito que possam produzir, espero que produzam em nós a desejada humildade a que me referi. Quem abordar esta porção bíblica sem “temor e tremor”, e sem humildade, realmente não estará apto para expor coisa alguma das Escrituras.

Geralmente se concorda que, em sua maioria, os “pais” da Igreja, durante os três primeiros séculos, consideravam estes versículos como sendo uma descrição do homem não regenerado. Esse é um simples fato da história. Houve algumas exceções, mas, falando deles como um todo, a verdade é que durante os três primeiros séculos os grandes doutores da Igreja, os “pais” pertencentes à “patrística”, assim chamados, e outros mais, adotaram a idéia de que o texto em foco é um relato descritivo do homem não regenerado. Chegamos depois à grande figura de Agostinho, de Hipona, que descrevemos como um dos maiores luminares da história da Igreja Cristã e que foi um elemento ativo durante o período que se estende de 386 a 430 d.C. O que se narra dele com relação a esta passagem é particularmente interessante. Ele começou considerando-a como uma descrição do homem não regenerado, como tinham feito os seus predecessores. Mas Agostinho era de fato um grande homem, e deu prova disso mudando de opinião sobre este ponto. Não digo que ele provou que era um grande homem por adotar a segunda interpretação. Simplesmente digo que um sinal de grandeza é que ele foi suficientemente grande para mudar de opinião. Revela mentalidade pequena e estreita quem tem medo de mudança; é sinal de grandeza a pessoa estar disposta a admitir que às vezes comete engano e que, portanto, tem que mudar de posição. Agostinho fez isso e, deixando o

ensino segundo o qual Paulo está descrevendo aqui o homem não regenerado, foi o paladino da explicação de que a exposição em apreço é sobre o homem regenerado, e o homem regenerado em seu melhor nível. Assim, Agostinho passou da primeira posição sobre este assunto para a segunda.

Os reformadores protestantes e os puritanos, e todos quantos os seguiram, quase sem exceção, adotaram a segunda exposição de Agostinho; noutras palavras, eles ensinavam que esta passagem é uma descrição do homem regenerado. Temos dois conhecidos exemplos disso em Charles Hodge e Robert Haldane, cujos comentários tenho freqüentemente recomendado e elogiado. Ambos aceitam a opinião de que esta é uma descrição do homem regenerado; e a tradição reformada da exposição bíblica em geral seguiu esse curso. Por outro lado, os que seguiram o sistema teológico diferente, comumente chamado arminianismo, em geral ensinam que esta é uma descrição do homem não regenerado – a idéia adotada pelos “pais” da “patrística”. Todavia depois, durante os últimos cem anos (a partir de meados do século XIX), surgiram outros que adotaram a terceira teoria, qual seja, a de que o texto em estudo não é uma descrição do homem regenerado e plenamente apto ou maduro, o homem regenerado em sua melhor condição durante sua vida neste mundo, e sim do homem regenerado ainda mal instruído e incompleto, o homem que ainda não chegou à posição descrita no capítulo 8 desta Epístola.

Esse resumidíssimo sumário da história da interpretação lembra-nos que devemos abordar esta questão com cuidado e, acima de tudo, com grande humildade. Nada é tão ruim e repreensível como o espírito partidário ou de facção. Seja qual for o partido a que pertencemos ou sejam quais forem as idéias que defendemos, o espírito de facção é sempre mau. A nossa grande preocupação deve ser com a verdade. Cabe-nos necessariamente defender determinados pontos de vista e aderir a algum sistema de doutrina. Não podemos evitá-lo. Aqueles que dizem que não defendem nenhum sistema particular e

que são “tão-somente bíblicos” estão simplesmente confessando que jamais entenderam realmente o ensino da Bíblia. Mas, embora nos vejamos seguindo, em geral, uma certa linha de exposição, uma particular escola de pensamento e de ensino, um particular conceito de teologia dogmática, nunca devemos permitir que isso se transforme num espírito de facção.

Embora esta seja a verdade a nosso respeito, devemos aproximar-nos de toda e qualquer declaração específica das Escrituras com mente aberta; devemos procurar descobrir o que as Escrituras estão dizendo, porque nenhum sistema é perfeito, e, nas particularidades, mesmo o melhor sistema pode ter defeitos. Nenhum sistema elaborado pelo homem é perfeito, nem o será. Por isso, conquanto sejamos dirigidos em geral por certas idéias, não significa que devemos seguir servilmente, em todos os detalhes, o que geralmente vem sendo ensinado por essa particular escola de pensamento. Devemos ser sempre honestos e sinceros, devemos buscar zelosamente “a unção do Espírito Santo”, devemos compreender que nenhum dos mestres da Igreja teve nem terá completo monopólio da verdade. Devemos dar-nos conta de que alguns pontos dos melhores sistemas podem ser um tanto defeituosos, posto que são produtos humanos. Por isso abordamos esta porção das Escrituras com grande humildade, com grande cuidado e apreensão e, além disso, sem preconceito.

Ao abordarmos este problema nos defrontamos com dois procedimentos possíveis. Um seria eu esboçar imediatamente a idéia que defendo sobre esta passagem, e depois, ao chegarmos às declarações particulares, passar a provar que essa é a idéia correta. No entanto, eu rejeitei esse modo de abordagem porque acredito que há um outro método que não somente é melhor em si mesmo, mas também é mais bíblico. É o método que vimos seguindo até aqui. É o seguinte: primeiro, vamos examinar as declarações particulares como se não tivéssemos nenhuma opinião a respeito da seção em geral; vamos tentar descobrir o que cada declaração diz e, então, tendo chegado ao

que nos pareça ser o sentido de cada parte particular, juntaremos tudo e procuraremos chegar a uma conclusão.

Esse é indubitavelmente o melhor método, o método que deve ser seguido em todo e qualquer departamento do pensamento. É sempre certo dar atenção às evidências, antes de apresentar um veredicto. É mentalmente muito pobre o juiz que parte do seu veredicto e depois passa a rejeitar tudo quanto se lhe oponha, em vez de ouvir primeiro todos os argumentos dando a cada um deles seu pleno valor. E qualquer homem comum, de intenções honestas, seguiria o procedimento que recomendo. Como cristãos, devemos estar cientes do terrível perigo do preconceito e de como tantas vezes isso tem levado ao rancor, a contendas e a um espírito faccioso e amargo, e até à crueldade e à guerra, na longa história da Igreja. Portanto, convém que nós, mais que ninguém, adotemos este segundo método. Assim é que vamos tomar esta passagem da maneira pela qual temos abordado tantas outras passagens das Escrituras. Adotaremos o método indutivo e faremos surgir uma conclusão.

Começemos, então, com uma análise geral do texto em foco, seguindo a ordem exata dos versículos:

No versículo 14 o apóstolo faz uma declaração geral acerca da posição e condição do homem descrito – seja este quem for e o que for. “Bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado.”

O versículo 15 descreve essa posição e condição demonstrada na prática e na vida diária. “Porque o que faço não o aprovo, pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço.” Essas palavras nos dizem como o homem descrito no versículo 14 se comporta.

Os versículos 16 e 17 contêm duas inferências ou deduções que podem ser extraídas a respeito deste homem e sua conduta. A primeira diz: “E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa”. Essa é uma boa dedução. Contudo há outra, a qual diz: “De maneira que agora já não sou eu que faço

isto, mas o pecado que habita em mim”.

Os versículos 18-20 dizem: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim”. Temos aí uma exposição e explicação mais completa do que foi dito no versículo 17 sobre este homem. Isso é típico do método do apóstolo, como tantas vezes temos visto.

No versículo 21 temos outra declaração geral, porém num nível algo mais profundo. Praticamente se pode dizer que Paulo está pouco menos que retomando a declaração do versículo 14; entretanto, à luz do que ele tinha acabado de dizer, faz-lhe algum acréscimo, dizendo: “Acho então esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo”. É, reitero, outra declaração geral a respeito deste homem.

Os versículos 22 e 23 expõem o que fora dito logo acima, no versículo 21. Diz o apóstolo: “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros”.

Temos no versículo 24 o grito de desespero e, ao mesmo tempo, o grito de socorro resultante da percepção de que ele está na terrível situação que esteve descrevendo: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”

O versículo 25 começa com uma exclamação de alívio. Deliberadamente eu o descrevo desse modo por motivos que surgirão mais adiante. O versículo conclui com um breve sumário da exposição feita sobre este homem em toda a extensão desta parte do capítulo. “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”, exclama o apóstolo. E conclui: “Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado”.

Vamos agora examinar mais de perto o argumento. Qual é o principal impacto desta seção? Que será que o apóstolo está realmente interessado em fazer aqui? Começemos com a palavra “Porque”, com a qual se inicia o versículo 14. Nunca essa palavra foi mais importante do que neste ponto; porquanto ela nos diz que Paulo não está introduzindo uma seção inteiramente nova aqui, não está começando um novo assunto; ele está dando continuidade ao assunto já tratado previamente. Esta parte é um desenvolvimento e uma exposição expandida e mais profunda daquilo que ele já estivera dizendo. A próxima expressão estabelece isso uma vez e para sempre. “Porque”, diz ele, “bem sabemos”. Sabemos o quê? “Que a lei é espiritual.” Noutras palavras, do versículo 14 em diante o apóstolo continua falando sobre a Lei e as suas funções, como foi o caso desde o primeiro versículo deste capítulo. O tema continua sendo esse; ele não terminou o que pretendia fazer com a Lei, não deu por encerrada a sua exposição quanto à Lei e suas funções.

Portanto, estou sugerindo que, deste versículo 14 até o fim do capítulo, Paulo continua tratando do mesmo tema dominante do qual vinha se ocupando desde o início do capítulo. Ele está respondendo à acusação levantada contra ele com respeito a seu ensino concernente à Lei. E vimos que havia duas principais acusações contra o seu ensino, e duas acusações subsidiárias. A acusação geral era que ele estava descartando completamente a Lei e dizendo que a Lei não tem nenhum valor. A essa acusação ele responde nos seis primeiros versículos. Mas, ao fazer isso, ele parece dizer duas coisas sobre a Lei às quais certas pessoas se opunham. A primeira nos é comunicada no versículo 7. “Que diremos pois? A lei é pecado?” Isso foi levantado porque no versículo 5 ele parecia ter dito que a Lei era pecado – “Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei (vitalizadas pela lei), operavam em nossos membros para darem fruto para a morte.” E vimos que do versículo 7 ao versículo 12 Paulo

estivera tratando dessa acusação e provando que a Lei não é pecado; foi o pecado que forçou, torceu e usou mal a Lei de tal maneira que ela produziu o pecado e conduziu a ele.

Mas um segundo oponente pergunta, no versículo 13: “Logo, tornou-se-me o bom em morte?” E Paulo responde imediatamente: “De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno”. Contudo, o apóstolo não se contenta com isso. É sempre assim o seu método. No versículo 7, tendo levantado a questão, “Que diremos pois? A lei é pecado?” ele replica: “De modo nenhum; mas eu não conheci o pecado senão pela lei”. Depois ele passa a expor isso nos versículos seguintes. Ele faz precisamente a mesma coisa aqui. Ele faz a pergunta: “Logo, tornou-se-me o bom em morte?” e responde imediatamente no restante do versículo 13. Todavia ele não fica nisso, ele continua a expor o ponto; e é isso que temos desde o versículo 14 até o fim do capítulo.

Ou expressemo-nos positivamente e digamos que Paulo aqui está interessado em mostrar o seu conceito real e concreto da Lei, em mostrar o que a Lei é em si mesma, o que ela foi destinada a fazer, e especialmente o que ela não foi destinada a fazer. A Lei é a Lei de Deus; ela é “santa, justa e boa”; foi destinada a fazer certas coisas, mas, de maneira igualmente clara, não foi destinada a fazer certas outras coisas, e não pode fazê-las. É por isso que ficamos “mortos para a lei” antes de poderem acontecer aquelas coisas. Sugiro-lhes que ele ainda está preocupado com aquele tema; e que o seu objetivo fundamental é, em particular, mostrar o que a Lei não pode fazer. Noutras palavras, nesta seção Paulo não está primariamente preocupado em “relatar sua experiência”; ele não se propôs a contar algo a seu próprio respeito. Ele nos está dizendo e nos apresentando o seu conceito sobre a Lei – a natureza da Lei, o que foi destinada a fazer, e o que não foi destinada a fazer, ou, os limites da Lei. Quer dizer, nesta seção ele está

particularmente refutando a acusação de que no versículo 5 ele tinha ensinado que a Lei está morta ou que produz morte. No entanto, ao mesmo tempo, ele está mostrando como é que a Lei, por causa do pecado presente no homem, vem a ser um ministro da morte. Ele já tinha mostrado isso no que se refere à acusação de que teria dito que a Lei é pecado. Diz ele que a Lei não é pecado, porém, devido ao caráter do pecado presente no homem, a Lei agrava o pecado, “motiva-o”, num sentido torna o homem em pecado, e assim manifesta a “excessiva malignidade do pecado”.

Esse é o meu parecer quanto ao sentido e ao propósito desta parte do capítulo em foco. Tomo a liberdade de oferecer a vocês uma breve prova disso nesta altura, antes de passarmos a outra coisa. Vejam o que o apóstolo diz nos versículos 2 e 3 do próximo capítulo. Versículo 2: “Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”. Aí também vemos as duas mesmas idéias. A lei, por causa do pecado que há no homem, veio a ser uma “lei do pecado”, uma lei que agrava o pecado. Também se tornou uma lei que produz “morte”, ou que leva à morte – de novo por causa do pecado. Por isso agora a denomina “lei do pecado e da morte”. Essa é a mesma Lei da qual ele vem falando desde o início do capítulo 7. Ele tinha provado isso em termos da relação entre marido e mulher. Tendo dito tudo o que disse sobre isso no capítulo 7, ele o resume no capítulo 8, versículo 2, com a frase: “a lei do pecado e da morte”. Depois, para tornar a sua tese certa e segura, ele diz nos versículos 3 e 4: “Porquanto o que era impossível à lei – é com isso que ele está preocupado – visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito”. Noutras palavras, sugiro-lhes que no capítulo 8, versículos 2, 3 e 4, ele está resumindo tudo o que tinha dito no capítulo 7. Paulo parece dizer: “Pois bem, ali eu

provei tudo para vocês; foi isso que eu fiquei falando o tempo todo; que agora “a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus” nos libertou da Lei que se havia tornado para nós uma lei do “pecado e da morte”. Acima de tudo, eu repito, a sua intenção original é provar que a Lei nunca foi dada nem para justificar-nos nem para santificar-nos, que na verdade ela se tornou um real obstáculo em ambos os aspectos, e precisamos ser soltos e libertados para então podermos ser justificados ou santificados.

Então, o meu parecer é que esse é o tema desta parte do capítulo 7. É sobre a Lei, o que ela faz, o que ela não faz, o que ela não pode fazer. O apóstolo não está falando primariamente a seu próprio respeito ou a respeito da sua experiência, porém da Lei e da verdade sobre a Lei.

Há outro ponto geral – ponto sempre abordado – de que devo me ocupar: é que no versículo que estamos estudando o apóstolo muda o tempo verbal que vinha empregando. Até aqui ele vinha falando acerca do passado. Ele tinha dito: “Eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri; e o mandamento que era para vida, achei eu que me era para morte. Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou”. Ali ele estava falando do passado, e tínhamos concordado que ele estava falando do passado. Entretanto, agora alguns dirão que de repente ele muda o tempo e diz: “Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal” – não “eu era carnal” – “vendido sob o pecado”. E continua usando o tempo presente: “Porque o que eu faço” – não “o que eu fiz” – “não o aprovo, pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço”. Tudo está, dizem eles – e o dizem corretamente – no tempo presente. Que dizer disso?

Há quem diga que isso define toda a questão, e que quando Paulo diz “eu sou” ele quer dizer “eu sou”, quando diz “faço” quer dizer “faço”, e que, de maneira suficientemente clara, ele está descrevendo sua experiência pessoal, experiência

que estava tendo na mesma ocasião em que escrevia estas palavras. Mas isso não se segue nem por um momento, e por si mesmo não prova coisa alguma. Se isso valesse como prova, nunca teria havido a grande discussão que eu descrevi, e um homem como Agostinho nunca teria mudado de posição. Esse fator de tempo verbal não estabelece a questão, e que essa questão não se pode resolver tão simplesmente assim, pode ser exposto da seguinte maneira:

Uma forma freqüentemente adotada na defesa de uma causa ou na definição de um ponto consiste em empregar o método de linguagem conhecido como “presente dramático”. Muitas vezes os pregadores fazem isso. Eu mesmo faço uso desse método com freqüência. Digo a um homem que me afirma algo: “Pois bem, se é assim, a situação em que você me deixa é esta. Estou colocando a coisa no presente – eu faço isto, eu digo aquilo. Estou dramatizando o argumento quando digo: “Pois bem, se é assim, a situação em que você me deixa é esta”; e depois eu passo a dizê-lo em termos dessa situação: “É assim que eu me vejo, se o que você diz é certo”. É uma maneira muito comum de estabelecer um ponto. Por isso temos o direito de dizer que aqui o apóstolo está colocando toda essa situação desta forma pessoal e dramática para torná-la objetiva. Ele se expressa em termos de uma pessoa e de como essa pessoa se vê e o que vê em si, à luz daquela situação em particular.

Noutras palavras, tudo o que estou dizendo no momento é que não devemos deixar-nos levar pela idéia de que a simples mudança no tempo verbal estabelece a única interpretação possível desta parte do capítulo em estudo. E permitam que eu acrescente que os grandes homens que têm assumido diferentes pontos de vista, em geral estão dispostos a conceder que o que acabei de dizer é um fato simples e conhecido, a saber, que esta personificação, esta representação dramática, é uma forma de expressão freqüentemente utilizada nas Escrituras.

Agora podemos começar a examinar a declaração do

versículo 14: “Bem sabemos que a lei é espiritual”. Não há necessidade de repetir a análise disso. Ele já tinha dito que a Lei é “santa, justa e boa”, e tinha repetido que ela é “boa”. Isso agora é algo que podemos tomar como certo e definido. “Bem sabemos que a lei é espiritual.” Ao menos aqueles para quem a Lei tinha “vindo” (para usar a frase de Paulo) sabiam disso. No momento em que a Lei “vem” dessa maneira a um homem, ele sabe que a Lei é “espiritual”. Não há necessidade de debater esse ponto. Mais uma vez, ele não está dizendo nada de novo; está apenas nos fazendo recordar o que já tinha dito. Trata-se de uma Lei que veio de Deus e, por isso, é santa, justa e boa. Deus é Espírito e, portanto, a Sua Lei é espiritual. Há, porém, um segundo significado, a saber, que a Lei não é mera “letra”. Há uma clara exposição sobre esta distinção em 2 Coríntios 3:6, onde vemos um interessante contraste entre a Lei e o espírito. Nos versículos 5 e 6 Paulo diz: “Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros dum novo testamento, não da letra, mas do espírito, porque a letra mata, e o espírito vivifica”. A Lei é espiritual nesse sentido.

O erro dos judeus foi considerar somente a letra; sua perspectiva da Lei era carnal. Esse era o “véu” que cobria o rosto deles, como o apóstolo diz mais adiante no mesmo capítulo. Contudo, na perspectiva do cristão, a Lei é espiritual – não a letra, porém o espírito; o espírito em contraste com a letra. O conceito não espiritual da Lei a considera como preocupada unicamente com ações externas. Mas, para o conceito espiritual da Lei, ela se interessa tanto pelos motivos, pelos desejos, pelas imaginações (isto é, pelos sentimentos) quanto pelas ações. “Não cobiçarás.” No instante em que o homem se dá conta de que a Lei fala nestes termos, ele passa a ter um conceito espiritual da Lei, e compreende que a Lei é espiritual. A Lei é também espiritual em sua intenção, em seu interesse em levar à vida. Paulo já tinha exposto isso claramente

no versículo 10: “O mandamento que era para vida”, ou, VA: “O mandamento que foi ordenado para vida”. Se os homens tão-somente cumprissem a Lei, ela os levaria à vida – “Faze isso, e viverás” (Lucas 10:28). Isso é uma questão espiritual. A Lei, se cumprida, leva à vida de Deus. Somos levados a lembrar-nos disso novamente aqui.

Mas, infelizmente, sabemos também de outra coisa – “Eu sou carnal, vendido sob o pecado”. Temos aqui o que em muitos aspectos pode ser considerado a declaração chave de toda esta parte do capítulo; e, como é seu costume, o apóstolo a coloca logo no início, para que possamos entender completamente o que ele diz. Eis a primeira declaração geral e fundamental. “Carnal”! Significa “pertencente à carne”. Já a encontramos diversas vezes. É uma descrição do homem como ele é por natureza, em contraste com a vida do espírito. O contraste está sempre entre “carne” e “espírito”. Significa a vida humana organizada e vivida à parte de Deus e do poder do Espírito Santo. Isso consta realmente no versículo 5: “Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte”. Temo-la de novo no versículo 6: “Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra”. Interpretamos isso no sentido de que “a velhice da letra” é característica de estar “debaixo da lei”, que é o mesmo que estar “na carne”. Quem está “na carne” está “debaixo da lei”. Assim, quando o apóstolo diz aqui: “Sou carnal”, ele não quer dizer que o que restava da carne nele era carnal; ele não está dizendo que ainda havia alguma coisa nele que era carnal; ele declara que ele próprio é carnal – “Eu sou carnal”.

Nas Escrituras o termo “carnal” é empregado principalmente de duas maneiras. A primeira é uma que eu já estive explicando, e que vocês tornarão a ver, por exemplo, no próximo capítulo, versículos 5-9. “Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são

segundo o Espírito” – notem o contraste – “para as coisas do Espírito.* Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne” – as pessoas carnis e cuja mente ou inclinação é carnal – “não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”. Esse é o uso comum do termo.

Todavia há um segundo uso do termo “carnal”. Vemo-lo na Primeira Epístola aos Coríntios, no início do capítulo 3. Notem como o apóstolo o expressa: “E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda podeis; porque ainda sois carnis: pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnis, e não andais segundo os homens? Porque, dizendo um: eu sou de Paulo; e outro: eu de Apolo: porventura não sois carnis?” Nessa passagem Paulo descreve a pessoa “carnal” como “menino”, ou “criança em Cristo”, como um cristão imaturo, um cristão a quem falta um entendimento mais completo. Diz ele: “Não pude dar a vocês a verdade mais completa que eu gostaria de dar-lhes, porque vocês ainda são carnis”. Obviamente ele quer dizer que, embora nascidos de novo e já cristãos, eles ainda são “bebês”, “crianças em Cristo”, e grande parte da maneira de pensar deles continua sendo no velho estilo. O apóstolo está dizendo, então, que eles estavam se portando como ainda “carnis”. Que outra coisa poderia significar? Eles nasceram de novo, e, portanto, estão “no Espírito”; todavia, ele afirma

* Aqui, como em seu contexto e alhures, tenho seguido a VA, a ARA e a NVI, que dizem “Espírito”, com inicial maiúscula. Nota do tradutor.

que eles são “carnais”. O apóstolo só pode estar dizendo que eles são carnis no sentido de que continuam pensando da velha maneira pela qual costumavam pensar antes de se tornarem espirituais.

Aí estão os dois únicos usos da palavra “carnal” que encontramos nas Escrituras. Acaso o primeiro uso lança luz sobre esta declaração: “Bem sabemos que a lei é espiritual, mas eu sou carnal”? Já não estaríamos em condições de extrair uma inferência? Essa declaração de maneira nenhuma pode ser sobre o apóstolo Paulo já maduro. Ele não pode dizer de si mesmo, como o apóstolo que escreveu esta Epístola aos Romanos, “Eu sou carnal”, se com o termo “carnal” se quiser dizer que significa o mesmo que no próximo capítulo, versículos 5-9. Mas também não pode ter o sentido do segundo uso, porque isso significaria que o apóstolo não passa de uma “criança em Cristo”, pois, escrevendo aos coríntios, ele não somente lhes diz que são crianças, e que ele não pode ministrar-lhes o ensino espiritual que um homem espiritual poderia oferecer-lhes, porém também diz, no capítulo 2 daquela Epístola, que há outros cristãos dos quais se pode dizer que são “espirituais”, que têm a “mente de Cristo”, e que “o que é espiritual discerne bem tudo”, etc. Existe o tipo de cristão que pode acompanhar o seu elevado ensino; os coríntios não podem, porque são “carnais”, são simples “bebês”. Está patentemente claro, pois, que o apóstolo não pode estar dizendo a respeito de si mesmo, “Eu sou carnal”, nesse sentido.

Por conseguinte, o que quer que esteja sendo ensinado aqui, podemos dizer que esta não é uma declaração acerca de um não regenerado, nem acerca de um homem plenamente desenvolvido como qualquer cristão teria possibilidade de se desenvolver nesta existência e neste mundo. O não regenerado não sabe nem pode dizer que “a lei é espiritual”; e o apóstolo que escreveu esta Epístola de maneira nenhuma pode estar nas mesmas condições dos coríntios.

“Mas eu” – quem será? É alguém que é “carnal”.

Examinem suas Bíblias em busca do sentido da palavra carnal; tentem encontrar algo que vá além ou que esteja acima daquilo que eu lhes expus, e depois procurem responder a esta pergunta: seria isso uma descrição de Paulo como ele era quando escreveu esta Epístola? Seria uma descrição de um cristão tão amadurecido quanto é possível um cristão amadurecer e se desenvolver enquanto vive neste mundo? Por ora não vou além deste ponto. Essa é uma declaração preliminar e uma declaração chave. Não devemos passar por ela apressadamente. “Eu sou carnal.” Essa não é a única coisa que diz respeito a este “eu”; há algo mais que iremos considerar – “vendido sob o pecado”. Certamente já nos certificamos de que não existe uma resposta leve ou fácil para o problema proposto por esta parte do capítulo em foco. Devemos prosseguir cautelosa e reverentemente, dando a cada palavra e a cada declaração o seu pleno valor e, acima de tudo, isentos do desejo de asseverar o nosso ponto de vista particular ou pessoal. Devemos buscar a iluminação e a “unção do Santo”, porquanto a questão de que estamos tratando transcende os limites da destreza intelectual e da perícia gramatical.

15

“Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço não o aprovo, pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço.”

– Romanos 7:14,15

Ao prosseguirmos no estudo desta parte difícil, muito discutida e controvertida do capítulo 7 desta Epístola, devemos cingir os lombos da nossa mente e fazer um real esforço para entender. Não devemos desistir por ser difícil o assunto. Depois vocês verão lhes acontecer o que é a experiência de quase todos os novatos nos estudos. Quando os estudantes ouvem preleções sobre dado assunto, às vezes sentem, nas primeiras ocasiões, não somente que não sabem nada do que está sendo dito, mas que provavelmente nunca vão conseguir entendê-lo. Há só uma coisa que se pode fazer em tal situação: continuar ouvindo. Se continuar ouvindo, começará a ver que você está se aprofundando e sendo infiltrado mais do que havia imaginado, e um dia acordará e dirá: “Ah, agora vejo do que se trata; estou começando a entender”. Não seja impaciente consigo mesmo quando estiver estudando uma passagem difícil das Escrituras; continue, mantenha-se firme, lendo ou ouvindo; e de repente verá que não somente você sabe muito mais do que pensava ou sabia, mas será capaz de acompanhar e de entender o que se está estudando. De vez em quando é preciso dizer coisas como estas, porque o diabo está sempre pronto a dizer-nos: “Isto ou aquilo de nada vale para você, você não vai conseguir acompanhar esse estudo, deixe isso com os teólogos”. Não lhe dê ouvidos; diga-lhe: “Eu pertenço à família cristã e tenho a

intenção de ouvir e ler isso até entendê-lo”. Faça isso, e não somente derrotará o inimigo, como também logo verá que tem algum entendimento.

Como já vimos, o apóstolo começa com uma proposição geral: “Bem sabemos que a lei é espiritual”. Pois bem, se a Lei é espiritual, onde está o problema? Que é que está errado? Por que as coisas são como são? E ele responde a essa questão na segunda metade do versículo 14. O problema é que “eu sou carnal”. Mas não sou somente carnal; também fui “vendido sob o pecado”. Eis aí a nova frase, uma declaração sumamente notável. Quanto posso saber, todos os comentadores estão de acordo em que essa é a declaração que constitui a sua maior dificuldade, a que eles acham mais difícil de explicar. Naturalmente, depois eles passam a tentar explicá-la. Seja qual for a opinião que você tenha sobre esta passagem, verá que não é fácil situá-la num ou noutro ponto.

Isso é um grande consolo para todos nós. Qualquer que seja a sua opinião sobre esta parte do capítulo, há nela declarações singulares que porão você em dificuldade, e aí surge o perigo, a tendência de torcer só um pouco as coisas, ou modificá-las, para ajustá-las. Temos que evitar isso. No entanto a dificuldade é de todos. Os que adotam a idéia de que temos aí uma descrição do homem regenerado em seu melhor nível, até morrer, têm um particular problema com a frase “vendido sob o pecado”. Todos concordam que essa é uma expressão muito forte. Significa “vendido” ou “entregue à escravidão”. Não há dúvida acerca do sentido. “Vendido sob o pecado” significa que eu fui “vendido a uma condição de escravidão ao pecado”, que eu sou “um escravo” do pecado. O pecado é o senhor e eu sou o escravo. Esse é o claro significado das palavras que de fato Paulo empregou. Ele não está dizendo que nós nos vendemos a essa escravidão; o que ele afirma é que estamos nessa condição de escravidão. Aqui ele não está interessado em argumentar sobre como chegamos a essa situação. Ele já tinha explicado esse ponto no capítulo 5, versículos 12 a 21.

Mas aqui ele apenas faz a afirmação de que somos escravos do pecado, vendidos como escravos no mercado para a condição de subordinados ao governo do pecado.

Outra coisa que devemos observar sobre essa declaração é que ela se aplica ao homem, ao homem integral, e não apenas a uma parte do homem que o apóstolo está descrevendo, seja ele quem for. Ele não está dizendo: “A lei é espiritual, porém uma parte de mim é carnal, uma parte de mim é escrava do pecado”. O que ele diz é: “Eu sou carnal, vendido sob o pecado”. Não há nada aqui que dê a idéia de que ele só está se referindo à parte pecaminosa do seu ser, ou à velha natureza que ainda resta nele. É uma declaração feita acerca do homem como um todo. Esse é um ponto muito importante, e que devemos procurar compreender. Qual será, então, o sentido dessa declaração? Certamente é uma referência retrospectiva a afirmações já feitas no capítulo 6. Vejam o versículo 16, por exemplo: “Não sabeis vós”, indaga ele, “que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?” “Servos” significa “escravos”; vendidos como escravos. A seguir, no versículo 17, lemos: “Mas graças a Deus que, tendo sido escravos do pecado”, etc. O versículo 18 menciona isso novamente, em termos positivos: “E libertados do pecado, fostes feitos escravos da justiça”. Quando vocês foram tirados da escravidão do pecado, passaram a ser escravos da justiça. Notem também o versículo 20: “Porque”, diz ele, “quando éreis escravos do pecado, estáveis livres da justiça”. A idéia que sugiro é que ele continua usando aqui a mesma figura, a mesma analogia, os mesmos termos. “Eu sou carnal, escravo do pecado.”

Levantemos, pois, uma questão. Precisamos fazer perguntas como estas enquanto avançamos no estudo, para que possamos construir as nossas provas de modo que tenhamos condições de chegar a uma conclusão. A quem diz respeito tal declaração? Quem é que pode fazer tal afirmação a respeito de

si próprio? Em primeiro lugar, assevero que nenhuma pessoa não regenerada pode fazer, ou alguma vez fez, essa declaração a seu próprio respeito. Para mim, só este versículo já basta para pôr fora de questão a idéia de que esta passagem descreve uma pessoa não regenerada. Digo isso pelas seguintes razões: a pessoa não regenerada não entende a natureza da Lei. Nenhum homem não regenerado sabe que a Lei é espiritual. O apóstolo já nos dissera isso no versículo 7: “Que diremos pois? A lei é pecado? De modo nenhum: mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás”. Esse era o seu problema, como também o era de todos os fariseus. Ele não entendia a natureza e o caráter espiritual da Lei. Esse é sempre o problema do homem não regenerado. Não somente isso, o homem não regenerado não se dá conta de que é “carnal”, e “vendido sob o pecado”.

A dificuldade que há com o homem não regenerado, como o apóstolo nos diz no versículo 9, é esta: “Eu vivia sem lei”, ou “Eu estava vivo sem a lei”. Longe de se julgar carnal, ou escravo do pecado, ele afirma que estava vivo, que ia indo muito bem. Isso, como vimos, é fruto da sua completa incompreensão da Lei e da sua ênfase à cobiça; ele considera a Lei como meramente interessada em ações. Pois bem, esse é sempre o problema do homem não regenerado; ele está errado na idéia que faz da Lei, e está errado na idéia que faz de si mesmo. Ele está contente consigo mesmo e pensa que pode justificar-se por suas obras. Ele ignora totalmente a natureza pecaminosa que há nele, ignora totalmente que é carnal e que foi “vendido sob o pecado”. Por isso afirmo que este versículo é suficiente em si e por si para excluir a idéia de que o que temos na passagem em foco é uma descrição de um homem não regenerado.

Isso leva à próxima pergunta. Tratar-se-ia, então, de uma descrição do homem regenerado? Aqui de novo não hesito em asseverar com igual força que não, e que não pode ser.

Afirmo que a descrição não é, nem de um homem não regenerado, nem de um homem regenerado. Por que não o regenerado? Porque seria estragar tudo o que o apóstolo nos estivera dizendo desde o versículo 20 do capítulo 5. Na verdade, poderíamos ir até o começo do capítulo 5; porém Paulo se torna especialmente convincente no versículo 20: “Veio, porém, a lei”, diz ele. Pois bem, é disso que estamos tratando neste capítulo 7 – o lugar e a função da Lei. “Vindo o mandamento (a lei), reviveu o pecado, e eu morri.” A Lei “veio”, a Lei “entrou”. Por que veio? “Para que a ofensa abundasse.” Significaria, então, que a nossa situação é desesperadora, pior do que nunca? Não, responde Paulo, “Onde o pecado abundou, superabundou a graça”. Esse é o seu grande tema e o seu grande argumento.

Depois ele prossegue: “Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. Outrora essa era a nossa situação; o pecado “reinava” sobre nós. Desde o versículo 12 até o versículo 19 Paulo descrevera o que diz respeito a todos nós, a respeito de toda a semente de Adão. Mas o argumento de Paulo é no sentido de que não estamos mais em Adão, estamos em Cristo; não estamos mais “debaixo da lei”, porém debaixo da graça. Fizemos uma cuidadosa comparação destes dois reinos – o reino do pecado e o reino da graça – assinalando a idéia do “muito mais” utilizada diversas vezes naquela famosa parte do capítulo 5, “Muito mais”; “Mais abundantemente”. “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos.” “E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação.” Aí estão frases do apóstolo, e no versículo 17 ele empregou a palavra “abundância” – “os que recebem a abundância da graça”. É nesse elemento superabundante que o apóstolo está

interessado em todo aquele capítulo. Digo, pois, que não se pode aplicar as palavras, “eu sou carnal, vendido sob o pecado”, a um homem que não está mais “debaixo do pecado” mas “debaixo da graça”. O “muito mais” do evangelho entra onde o que interessa é o homem regenerado. Ele está sob “o reino da graça”; portanto, a declaração que estamos estudando não pode referir-se ao homem regenerado.

De fato há também uma afirmação explícita no versículo 2 do capítulo 6, onde o apóstolo trata desse ponto. Diz alguém: “Muito bem, à luz do seu ensino, o que você está realmente dizendo é que podemos pecar quanto quisermos porque a graça será muito mais abundante”. “De modo nenhum”, diz Paulo, “nós, que estamos mortos para o pecado” – já aconteceu isso, já morremos para o pecado; é o tempo aoristo – “Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” Vocês por certo se lembram da exposição que ele fez dessa verdade, e de como ele passou a defini-la, a estabelecê-la, a desenvolvê-la em detalhe, em termos da nossa “união” com o Senhor Jesus Cristo. Como, então, seria possível dizer que tal homem é “carnal” e que foi “vendido sob o pecado”? Houve tempo em que ele estava nessa situação, entretanto agora não está mais. E então chegamos à grande exortação do versículo 11 do capítulo 6: “Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor”. Essa é a nossa situação agora. “Considerai-vos” – procure aperceber-se disso, tenha constantemente a percepção disso, assegure-se disso, apegue-se firmemente a isso, continue a lembrar-se disso. Você está morto para o pecado, está vivo para Deus, toda a sua situação é completamente diferente da que era.

Depois, com base nisso, Paulo passa a fazer a sua exortação registrada no versículo 12: “Não reine portanto o pecado...”. Diz ele que devemos impedir que o pecado reine e que é preciso que não deixemos que o pecado reine em nosso corpo mortal. Mas, se o homem regenerado fosse carnal e “vendido sob o

pecado”, como se poderia conciliar isso com a exortação feita ao regenerado: “Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal”? Há depois a declaração do versículo 14 daquele capítulo: “O pecado não terá domínio sobre vós”. Por quê? Porque “não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. O pecado não tem “domínio” sobre o homem que está “debaixo da graça”, e não mais “debaixo da lei”. Na verdade, o capítulo inteiro parece estar repetindo a mesma coisa. O versículo 17 diz: “Graças a Deus que, tendo sido servos do pecado”; mas agora não sois mais, porque “obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues”. E então, no versículo 18: “Libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça”. Reitero essas declarações porque o apóstolo as repetiu, e, fazendo isso, ele preparou o caminho para o que está dizendo aqui no capítulo 7. Todavia, muitos parecem expor o capítulo 7 como se nunca tivessem lido o capítulo 6. Vejam novamente o versículo 20: “Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis livres da justiça”. Acaso vocês podem continuar dizendo isso de quem é regenerado, podem continuar dizendo que ele é escravo do pecado, “vendido sob o pecado”? E depois, finalmente, o versículo 22: “Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna”. Certamente não se pode conciliar essas declarações com a idéia de que a expressão, “sou carnal, vendido sob o pecado”, é uma descrição de um homem regenerado, em qualquer estágio do seu desenvolvimento. Parece-me que dizer isso é negar tudo o que o apóstolo tinha se disposto a estabelecer nos capítulos 5 e 6.

Mas na verdade Paulo já tinha dito a mesma coisa neste capítulo 7. Vejam a magnífica declaração que consta no versículo 4: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro (marido) daquele que ressuscitou dentre os mortos”. Por quê? “A fim de que demos fruto para Deus.” Enquanto estávamos casados com a Lei, não podíamos dar fruto para Deus. Graças a Deus

não estamos mais casados com a Lei, estamos casados com Cristo, para podermos gerar, ou “dar fruto” para Ele. Não mais estamos “debaixo do pecado”, porém estamos “debaixo da graça”, e é por isso que podemos e devemos dar fruto. Vemos também a mesma coisa no versículo 6. No versículo 5 ele se expressa negativamente, dizendo: “Quando estávamos na carne” – longe de produzir fruto para Deus – “as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam, em nossos membros para darem fruto para a morte. Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra”. A tentativa de servir na “velhice da letra” só produz fruto para a morte, e nada mais. No entanto agora a nossa situação não é essa. Estamos em “novidade de espírito” em nosso serviço, e vamos dar “fruto para Deus”. Não vejo como conciliar a idéia de que o versículo 14 é uma descrição de um homem regenerado, com os versículos 4 e 6 deste mesmo capítulo 7. Depois, quando vou ao capítulo 8, fico em dificuldade ainda maior. “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”, diz o versículo primeiro. E os versículos 2 a 4 declaram: “Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”.

Mais adiante veremos que aqueles que sustentam que na passagem que estamos estudando temos uma descrição de um homem regenerado, têm que acrescentar uma nota de rodapé na qual dizem: “Naturalmente, essa não é toda a verdade a respeito do homem regenerado; o que é dito no capítulo 8 também é verdade a respeito do homem regenerado”. A minha réplica a isso é que essas duas coisas

não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo; ou estou na condição de “vendido sob o pecado” ou não estou. Cada um de nós está numa das duas situações: ou “vendido sob o pecado” ou “vendido sob Cristo”. Ou sou escravo do pecado ou sou escravo da graça, e de Deus, e da justiça, como o apóstolo disse muitas vezes no capítulo 6. Em todo caso, ele está falando acerca de um homem completo, não meramente de uma parte de um homem. A palavra é “eu” – não “uma parte de mim”. Ele não está dizendo que essa é uma verdade parcial a meu respeito; mas, sim, “eu sou carnal, vendido sob o pecado”.

Pois bem, vamos ao versículo 15, porque ele nos ajudará a ver este ponto mais claramente. No versículo 15, como indiquei na análise geral, o apóstolo vai descrever o tipo de vida vivida pela pessoa descrita no versículo 14. “Porque” – notem a continuação – “Porque o que faço não o aprovo”. Eu, que sou carnal, vendido sob o pecado – isso é verdade a meu respeito, “eu faço o que não aprovo”. E, na verdade, mais: “O que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço”. Notem bem a descrição deste homem e observem, mais uma vez, que o apóstolo não está descrevendo apenas uma parte dele; está descrevendo o homem completo. Ele não está descrevendo só a parte pecaminosa, porque não pode dizer que a parte pecaminosa deste homem deseja cumprir a Lei, mas diz: “O que faço não o aprovo, pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço”. Ele está falando da pessoa completa, e, como eu disse, a palavra conectiva “Porque” certamente prova e estabelece o fato.

É interessante notar que aqueles que adotam a idéia de que é o homem regenerado que está sob consideração aqui procuram diluir essa declaração. É evidente que eles precisam fazer isso. Daí, o que eles dizem é o seguinte: “Claro, o apóstolo era um homem muito veemente, um homem dotado de emoções vigorosas, e uma vez ou outra ele se deixa levar e usa hipérboles, ele exagera, e é o que está fazendo nesta passagem”. “Ele não é tão mau quanto diz”, continuam eles; “ele faz uma

declaração um tanto rude, porém realmente não quer dizer que essa é a verdade a respeito do homem.” Permitam-me citar um deles, que diz o seguinte: “O que está sendo expresso aqui é a profunda tristeza do apóstolo pelo fato do seu coração e da sua vida não serem inteiramente espirituais, não estarem em perfeito acordo com a Lei divina. O que Paulo está dizendo é que ele se sentia “como se” fosse escravo de um tirano; não que era, mas “como se” fosse escravo de um tirano que o usava para um serviço que ele detestava. Seu desejo predominante” – notem a palavra “predominante” – “era estar em perfeita conformidade com uma lei santa, justa e boa; mas sentia que faltava muito, que muita coisa estava errada”. Para mim isso é o inverso do que o apóstolo diz de fato aqui. Ele não está dizendo que estava tudo bem com a sua disposição “predominante” e “que faltava muito, que muita coisa estava errada”. Vejam de novo as palavras do apóstolo: “Eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço não o aprovo, pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço”.

Que será, então, que Paulo está dizendo aqui? Qual é o sentido da palavra “aprovar”? – “O que faço não o aprovo”? O verdadeiro sentido da palavra é “saber”, como se ele estivesse dizendo: “O que eu faço, realmente não sei por que estou fazendo”. Noutras palavras, ele quer dizer: “Não entendo por que estou fazendo isso”. Na verdade significa: “Eu não aprovo o que estou fazendo; não é esse o meu entendimento destas questões, de modo que quando faço estas coisas, não me entendo, por assim dizer. Estou fazendo algo que é o oposto da idéia que eu tenho”. Esse é o sentido da palavra “aprovar” – “não sei”, “não entendo”, “não aprovo”.*

A outra palavra que devemos examinar é o verbo

* Na Versão Autorizada o verbo é “to allow”, que, entre outras coisas, significa “permitir”, “conceder”, “consentir”, “autorizar”. Nota do tradutor.

“aborrecer” (VA: “odiar”), porque essa é também uma palavra forte. Paulo está dizendo que não somente desaprova o que ele faz, mas que o odeia, abomina-o. Estas são afirmações muito significativas.

Focalizemos de perto este versículo 15. É uma declaração tremenda, uma pequena mostra de análise, um notável exemplo de “psicologia bíblica”. Devemos entender claramente que o apóstolo não está dizendo que está “sempre agindo mal” e que “nunca faz nada de bom”. Isso seria ridicularizar a posição toda. O apóstolo não está dizendo isso, mas alguns o têm interpretado desse modo, como se ele estivesse dizendo: “Tudo o que eu faço é errado, e nunca faço o que é certo”. É evidente que ele não está dizendo isso.

Em segundo lugar, embora eu afirme que Paulo não está dizendo que ele sempre faz o que é errado e que nunca faz o que é certo, ao mesmo tempo não temos o direito de inserir os termos “às vezes” ou “ocasionalmente”. Vocês verão que muitos comentaristas recorreram a essas palavras. É a sua única maneira de contornar a dificuldade que surge pelo fato deles entenderem que a passagem está descrevendo um homem regenerado. Por isso eles expressam o que Paulo diz nestes termos: “O que ocasionalmente faço não o aprovo, pois o que quero, ocasionalmente não faço, mas o que odeio, ocasionalmente faço”. Insisto em que é tanto um erro introduzir, inserir as palavras “ocasionalmente” “às vezes”, como dizer que ele “sempre” fazia o que é errado e nunca o que é certo.

Meu terceiro comentário refere-se à palavra “faço”. “O que faço.” Teríamos nós algum direito de dizer que o sentido que Paulo quer dar à palavra “faço” não se refere a ações, e sim somente a pensamento e imaginação? Vocês verão que alguns comentadores que afirmam que o homem aqui descrito é regenerado falam dessa maneira. Dizem eles: “Você não deve entender isto no sentido de que Paulo está realmente fazendo estas várias coisas. Não, não! Paulo era um homem tão espiritual que, se pensava numa ação, dizia: “Fiz isso”, ou, se imaginava

certa ação, “a tinha feito”. Naturalmente, há um sentido em que isso é verdade, como vimos na exposição da parte anterior deste capítulo, mas a minha pergunta é: teríamos o direito de confinar a palavra “faço” unicamente ao pensamento e à imaginação, e de excluir as ações?

Em quarto lugar, não seria óbvio que o que temos aqui é uma descrição, não tanto do que só é ocasional ou invariavelmente próprio deste homem, mas da vida dele em balanço, toda a sua vida, vista de maneira geral? Certamente, uma leitura despreconcebida só pode levar a essa conclusão. “Bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço não o aprovo, pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço” – não invariavelmente, nem ocasionalmente; mas, examinando a minha vida como um todo, fazendo dela um balanço, a verdade é essa.

E, sendo assim, certamente podemos dar o próximo passo. Sendo essa a verdade a respeito da minha vida, vista como um todo e posta em balanço, então esta é a descrição de uma vida de frustração, derrota e fracasso. Estou indo longe demais? Se vocês pensam assim, minha resposta é remetê-los ao versículo 24: “Miserável homem que eu sou!” etc., que, evidentemente, é uma descrição de frustração, derrota e fracasso.

Assim mais uma vez eu pergunto: quem está sendo descrito aqui, no versículo 15? É a mesma pergunta que fiz quanto ao versículo 14. Respondo imediatamente que está claro que não é o homem não regenerado, porque este não tem conhecimento do tipo de conflito descrito neste versículo; como eu já lhes tenho lembrado, o não regenerado sente-se seguro. Sei que às vezes ele tem dor de consciência; porém nunca fala dessa maneira a respeito de si mesmo. Todo o problema do homem não regenerado é que ele acha que está vivo; que é muito saudável; que está em excelente estado, em excelentes condições. Ou, como ele gosta de dizer – cito o homem moderno típico – “Não digo que sou cem por cento santo, sabe?” Mas ele dá a impressão de que possui noventa e nove por cento

de santidade! Ele está muito contente consigo mesmo, tudo parece ir bem.

Entretanto o homem retratado aqui conhece frustração e fracasso. O não regenerado nunca fala desse jeito. Não somente isso, o não regenerado nunca condena o pecado como faz este homem, que diz: “O que faço não o aprovo; não consinto nisso”. O homem não regenerado jamais emprega essa linguagem. Como também nunca declara que odeia o pecado. Às vezes fica muito contrariado consigo próprio, quando sofre as conseqüências do seu pecado; mas isso não significa que ele odeia o pecado. Ele não gosta nem um pouco das conseqüências do pecado, porém se ele pudesse só ter o pecado sem as respectivas conseqüências, ficaria feliz com o pecado. Noutras palavras, ele não compreende nada da natureza do pecado, e, portanto, não o odeia. Nos momentos de sua melhor disposição de ânimo pode ficar irritado com o pecado, às vezes, mas aqui, na passagem que estamos estudando, temos um homem que odeia o pecado – uma coisa que o não regenerado nunca fez, e jamais poderá fazer.

Ainda mais, o não regenerado nunca pode dizer, e nunca disse: “O que quero...”. Ele ignora o significado da Lei, não a entende, e por isso não tem este desejo de cumprir e honrar a Lei de Deus e de viver em conformidade com ela. Deixemos que o próprio apóstolo Paulo fale isso no próximo capítulo, versículos 7 e 8: “A inclinação da carne” (ou, VA: “a mente carnal”) “é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser”. A mente carnal – a mente do não regenerado – odeia a Lei quando realmente entende alguma coisa dela; não obstante, aqui temos um homem que nos declara que a ama, que anseia cumpri-la e estar sujeito a ela com todo o seu ser. O homem carnal, dizem-nos as Escrituras, não é nem pode ser sujeito à Lei, e não a cumpre. “Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus.” E assim eu repito que, obviamente, esta não é uma descrição do homem não regenerado.

Que dizer, então, do regenerado? Respondo cuidadosa e reservadamente. O que aqui é dito sobre a experiência deste homem é, em certa medida, verdade a respeito da experiência do regenerado. Vou mais adiante. É, em certa medida, verdade a respeito da experiência de *todas* as pessoas regeneradas. Não acredito na santificação completa, na perfeição isenta de pecado. O homem que afirma que está inteiramente livre do pecado, que nunca comete um ato de pecado, num ou noutro ponto, peca por errôneo entendimento do sentido do pecado. Não creio na completa erradicação do pecado, não creio na santificação completa. Como indicamos claramente na exposição do capítulo 6, o homem regenerado ainda tem pecado em seu corpo mortal, em seus membros. Ele ainda tem uma luta a enfrentar, razão pela qual ele é exortado, como Paulo o exorta nos versículos 11, 12 e 13 daquele capítulo.

Mas, embora eu diga que isso é verdade, em certa medida, e tão-somente em certa medida, a respeito do regenerado, certamente esta não é uma descrição do homem regenerado como ele é em geral. Não é uma descrição do homem a quem são feitas aquelas exortações, e de ninguém a quem são feitas aquelas maravilhosas declarações dos capítulos 5 e 6. Quando o homem regenerado cai em pecado, ele só pode dizer que fez algo que não acredita que se deve fazer; ele tem consciência de que ainda não é perfeito; mas não fala de si como um homem que leva uma vida frustrada e derrotada, uma vida de fracasso. Se falar assim, significa que ele não está dando ouvidos à exortação do apóstolo, que diz: “Não reine o pecado em vosso corpo mortal”. E não pode ser a descrição do Paulo que pôde escrever: “Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam” (Filipenses 3:13-21). Portanto, rejeito a idéia de que esta declaração é sobre o homem regenerado, e este considerado em suas melhores condições.

Concluo, então, declarando o seguinte: o versículo 15, podemos dizê-lo com certeza, diz respeito ao homem que

chegou a ver o caráter espiritual da Lei. E vê que deve cumpri-la. É, na verdade, a descrição de um homem que “quer” cumprir a Lei, porém que na prática vê que não pode. Ele vê que a Lei é espiritual; admira-a, deseja cumpri-la; mas, ainda que tente quanto puder e quiser, não a consegue cumprir. Sugiro-lhes que o versículo 15 não diz nada mais do que isso – que isso é tudo que o apóstolo teve a intenção de dizer neste ponto. Dito noutros termos, este versículo nada é senão um relato do que é verdade a respeito da prática real e concreta do homem descrito no versículo 14. Esta é a verdade sobre o homem “carnal, vendido sob o pecado”, e que, não obstante, vê o caráter espiritual da Lei. Ele vê essa realidade, mas não consegue atingi-la. A Lei não o habilita a cumprir a Lei. Termino fazendo uma pergunta: porventura este versículo diz mais alguma coisa?

Teremos ocasião de considerar, nos versículos 16 e 17, as duas inferências que o apóstolo extrai desta notável declaração.

16

“E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim.” – Romanos 7:16-20

Damos continuidade ao nosso estudo do argumento rigorosamente elaborado que o apóstolo desenvolve e aplica nesta parte do capítulo 7 de Romanos. Ele ainda nos fala de algumas coisas concernentes a este “homem” que está descrevendo. Já nos disse que ele é “carnal” e que foi “vendido sob o pecado”, e, conseqüentemente, que o que ele faz não o admite, não o entende, não o aprova. De fato declara que o que quer fazer não faz, mas o que odeia isso faz. Tendo dito essas coisas acerca do homem, e tendo descrito o tipo de vida que este homem vive, agora passa a considerar duas deduções concernentes à sua situação como um todo. A primeira dedução está no versículo 16; a segunda, no versículo 17.

Eis a primeira dedução: “E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa”. Temos aí tão-somente um óbvio e inevitável espécimen de lógica. O fato de que Paulo lamenta as suas ações e não as aprova significa claramente que ele concorda com o que a Lei diz a respeito delas. E, por sua vez, significa, é claro, que a sua opinião sobre a Lei é que ela é essencialmente boa e correta em todas as suas exigências e em todas as suas condenações. Essa é a primeira dedução.

A palavra “consinto” é interessante; sua raiz significa “falo (junto) com”. Aí temos algo ou alguém falando; bem, eu “falo (junto) com isso”, estou de acordo com isso, aprovo isso, elogio isso. Aqui estou eu, diz o apóstolo, fazendo coisas que não quero

fazer, que não aprovo. No entanto, a Lei igualmente não as aprova; ela as condena. Pois então, diz ele, não estaria claro que eu estou de acordo com a Lei? Acaso não estou dizendo que a Lei é boa? O simples fato de que eu condeno o que faço, e com isso estou condenando o que a Lei condena, significa que eu estou de acordo com a Lei; quer dizer, estou proclamando que a Lei de Deus é boa, é excelente. Ele já tinha dito que nós sabemos que ela é “espiritual”; diz ele agora que também sabemos que ela é “boa”.

A questão que devemos levantar nesta altura é: por que o apóstolo fala dessa maneira? Por que ele faz essa dedução? Ele deve ter algum motivo para fazer isso. Respondo: pode-se saber com que um homem está preocupado por suas deduções; e, aqui, nestes dois versículos, o apóstolo nos lembra novamente o real objetivo que ele tem em mira neste parágrafo. Vemos de novo que o seu objetivo não era meramente expor a sua experiência – não é isso que ele está interessado em fazer – seu interesse é provar algo concernente à Lei. Primeiro, ele tenciona mostrar que a Lei, propriamente dita, não é a responsável por seu fracasso na prática. “Aí está a minha situação”, diz ele virtualmente; “eu faço o que não quero”; bem, claro está que a Lei não é responsável por meu pecado. No fundo, estou de acordo com a Lei e a considero boa. É óbvio, então, que a Lei não é responsável pelo meu modo de viver.” Ele estava muito interessado em dizer isso, porque estava sendo acusado por alguns opositores de que dizia que “a Lei é pecado”. Também o acusavam de dizer que a Lei “se tornou morte” para ele. Paulo está respondendo a estas perguntas e dizendo que, seja qual for ou quem for o responsável por seu fracasso na prática, não é a Lei.

Um propósito correlato é mostrar que o seu ensino concernente à Lei não envolve crítica alguma à Lei em si, muito menos uma condenação da Lei. Essa era também uma acusação que estava sendo feita contra ele. Diversos judeus diziam que a sua pregação do que ele chamava “doutrina da graça” não

passava de um ataque à Lei, uma denúncia contra a Lei. Sua resposta é que o simples fato de que ele denuncia as coisas que ele faz, que ele faz aquilo que gostaria de não fazer, é uma prova positiva de que ele consente com a Lei, “que é boa”. A sua pregação da salvação pela graça, e da justificação pela fé somente, não é uma crítica à Lei, pois ele considera a Lei “boa”. Não há nada de errado com a Lei. Em nenhum sentido o seu fracasso se deve à Lei. E assim, mais uma vez, o apóstolo faz uma declaração que deve manter-nos nas linhas certas da nossa exposição. Ele está tratando da Lei, do que a Lei pode fazer, do que a Lei não pode fazer – do lugar da Lei na economia, no esquema e no plano de salvação.

Isso nos leva à segunda dedução, no versículo 17. “De maneira que”, diz ele, “agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim.” Como foi que ele chegou a essa dedução? Ele parece dizer: “O que acabei de dizer levanta um problema. Aqui estou eu, dizendo que o que faço não quero fazer, não é da minha vontade fazer. Não aprovo isso, e estou de acordo com a Lei, que o condena”. Surge, então, imediata e evidentemente esta questão: como acontece o pecado? Afinal, por que este homem peca? Está claro que não é a Lei que peca nisso. Pois bem, o que é que o faz? “Eis aí o meu problema”, Paulo parece dizer o seguinte: “A Lei não é responsável, e eu não quero fazer estas coisas. Eu acredito que são erradas, eu as reprovo; apesar disso, eu as pratico. Quem ou o que é responsável? Como sucede isso?” Sua resposta é uma das coisas mais ousadas e mais profundas jamais ditas; é uma das declarações mais assombrosas da Bíblia toda. É evidente que se deve manejar isso com todo o cuidado. Eis o que ele diz: “Concordo com a Lei, com o que ela diz e com o que ela proíbe. Portanto, odeio o pecado; não desejo cometê-lo”. Como será, então, que o pecado é cometido, e por quê? É a pergunta que inevitavelmente o confronta, e ele replica: “Já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim”. É uma dedução

lógica, é, mais uma vez, uma dedução inevitável.

Mas, que estaria precisamente dizendo o apóstolo aqui? Esse não é somente um pronunciamento dos mais ousados das Escrituras; é, ao mesmo tempo, um dos mais difíceis. Quem será este “eu” a que ele se refere? No versículo 16, “E se (eu) faço o que não quero – esse “eu” referir-se-ia à mesma pessoa nas duas vezes em que esse pronome é empregado? Segundo eu entendo, não pode ser isso. O primeiro “eu” refere-se à personalidade completa, ao homem que está falando, ao homem que está agindo, ao homem completo. Mas é evidente que o segundo “eu” não se refere ao homem completo. Agora não é mais a personalidade integral; agora ele está falando só de uma parte do seu ser. Que parte? Respondo: a parte dele que agora é capaz de reconhecer o caráter espiritual da Lei. Esse é o segundo “eu”. É onde a exposição fica difícil. O “eu” parece o mesmo em ambos os casos, porém não pode ser. “Eu faço” – aí está o homem, a personalidade atuando. Sim, mas “eu não quero” – aí está uma parte especial do homem, a parte que concorda com a Lei.

Noutras palavras, no versículo 16 o apóstolo introduz a divisão na personalidade do homem que ele está descrevendo. Há uma espécie de “dualidade” aqui, e o que eu afirmo é que essa dualidade é introduzida pela primeira vez neste ponto em particular, e certamente está presente aqui, no versículo 17. Por isso ele diz: “De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim”. Este “eu”, do versículo 17, certamente é o “eu” a quem a Lei é “vinda” da maneira previamente descrita, o “eu” capaz de ver que a Lei é “espiritual”.

Notamos, pois, que há uma dualidade no homem que Paulo está descrevendo. Ele pode dizer: “Agora há isso em mim” – e ele quer identificar-se com isso – “que vê o caráter espiritual da Lei e com ela concorda, e, portanto, detesta e desaprova as coisas que eu faço”. Jamais se vê essa dualidade numa pessoa não regenerada. Assim, mais uma vez, temos uma

declaração que nos ajuda a resolver o nosso problema inicial quanto à identificação da pessoa que o apóstolo está descrevendo neste parágrafo. Isso é suficiente para excluir a idéia de que este “homem” é uma pessoa não regenerada.

A pessoa não regenerada não conhece esta dualidade. A pessoa não regenerada é “uma”, é “una”, no pensamento e na ação. Contudo alguém poderá perguntar: “A consciência não perturba o homem não regenerado?” Sim, perturba, mas há toda a diferença do mundo entre o homem não regenerado que tem problema com a sua consciência, e o homem que pode dizer: “Já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim”. No caso do homem não regenerado, a personalidade total do homem “sabe” da voz da consciência, porém está unida contra a sua consciência. Ele ama o pecado, deseja o pecado, quer de fato o pecado, e gostaria de não ter consciência. *Ele* não “condena” o que faz, ele simplesmente está ciente de que a sua consciência condena o que ele faz. O homem não regenerado se inquieta por causa de alguma coisa que, digamos, é externa em relação a ele; por isso ele tenta livrar-se da voz da consciência por meio da psicologia e de tudo mais que possa conseguir. Como um todo, ele está contra a sua própria consciência. Todavia o apóstolo está descrevendo um homem dividido – “Já não sou *eu* que faço isto”. Afirmo, pois, que agora este “eu” é o aspecto da pessoa que chegou a compreender que a Lei de Deus é espiritual e boa, e que o que ela proíbe deve ser proibido. Ele concorda com isso sinceramente e sem restrições. Esse é o “eu” que o apóstolo descreve aqui.

Examinemos a seguir a segunda frase, que diz: “o pecado que habita em mim”. Aqui também temos uma declaração muito profunda sobre o pecado. Grande parte do problema que muitos têm com este parágrafo, especialmente aqueles que consideram que o homem aqui descrito é o não regenerado, é que não entendem a doutrina bíblica sobre o pecado. Aqui o apóstolo nos diz duas coisas acerca dessa doutrina. A primeira é que o pecado é algo que “habita” em nós, faz morada em

nós, tem seu lar em nós. Quer dizer que não devemos pensar no pecado como algo inteiramente alheio ou externo a nós. Muitos são os que pensam no pecado dessa maneira. Para eles o homem é mais ou menos neutro; e o pecado é que vem de fora como uma tentação. Mas nesta passagem aprendemos que o pecado está em nossa própria natureza, que o pecado é algo que “habita”, tem o seu lar em nós, faz morada em nós, faz parte de nós. Davi expressou bem essa verdade no Salmo 51, onde ele declara que nascemos “em pecado”. O pecado está em nós desde o princípio; não o “adquirimos”. É algo que herdamos; faz parte integrante da nossa estrutura. O apóstolo expusera isso extensamente, de forma clara, no capítulo 5, versículos 12-21. Adão pecou, e, posteriormente, todos os que nascem de Adão têm o pecado em sua natureza e em sua constituição. Todos nós fomos formados “em iniquidade” e nascemos “em pecado”. O pecado está em nós, faz parte da tessitura do nosso ser; ele está de fato dentro de nós, mora em nós.

A outra coisa que o apóstolo salienta é que o pecado é um poder terrível. “Agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim.” Noutras palavras, o “pecado que habita em mim” é mais poderoso que o poder da vontade humana; na verdade, é até mais poderoso do que o homem que realmente chegou a ver o caráter espiritual da Lei. Esse homem diz: “No que a mim se refere, consinto com a Lei, que é boa, concordo com tudo o que ela diz, concordo em condenar o que ela condena, não quero fazer as coisas que eu e a Lei odiamos”; só que eu as faço; pois este pecado que habita em mim é mais poderoso do que a oposição que lhe faço. Embora eu saiba que certas coisas são erradas, não apenas pela consciência, não meramente pelo consentimento comum da moralidade do mundo, mas sim como resultado da iluminação que eu recebi quando a Lei “veio” a mim, e me “achou” e me mostrou a sua natureza “espiritual” – nem mesmo esse recurso todo é o bastante para habilitar-me a resistir-lhe.

Esta é uma das declarações mais profundas sobre o pecado em toda a Bíblia. Cada vez mais eu me convenço de que todo o problema acerca da moralidade em nosso país hoje, e em todos os outros países, deve-se ao não entendimento deste ensino. Não seria totalmente ridículo sugerir que uma certa soma de ensino moral e mais educação a respeito do sexo e de certas conseqüências que podem decorrer de certas ações vão resolver o problema moral? É isso que insistem em dizer-nos. Devemos educar as pessoas quanto à liberdade, devemos educar as pessoas quanto à moralidade; isso é tudo que as pessoas precisam aprender. A resposta a isso tudo acha-se aqui. Diz o apóstolo que mesmo que você seja ou tenha sido iluminado quanto ao caráter espiritual da Lei de Deus, não é suficiente. Só o conhecimento nunca poderá resolver este problema; já fracassou nisso. O de que o homem precisa não é de conhecimento; é de poder. O problema do pecado não é um problema de conhecimento, de instrução, de informação. Eis aqui um homem consciente disso, diz o apóstolo Paulo; “eu faço o que não quero”. “Eu consinto com a Lei, que é boa” – concordo absolutamente com ela – no entanto, aqui estou eu fazendo exatamente o contrário. Como se explica isso? “Não sou eu”, garante Paulo, “é o pecado que habita em mim.” Torno a dizer que essa é uma das declarações mais profundas jamais feitas com relação à natureza do pecado e com relação a todo o problema do pecado.

Mas, para que possamos ver o assunto com ainda maior clareza, façamos um rápido exame dos versículos 18-20, porque estes versículos realmente não são nada mais, nada menos que uma extensa explicação da declaração registrada no versículo 17. No versículo 17 Paulo fez uma declaração impressionante e chegou a uma estonteante conclusão; por isso ele acha necessário ampliá-la. Ele passa a fazer isso nestes três versículos. Primeiramente – “Porque”, estabelecendo ligação com o que tinha acabado de dizer, “Porque eu sei que em mim, isto é, na

minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim”. No fim do versículo 20 ele retorna ao que tinha dito no versículo 17.

Vemos aqui a extrema dificuldade de expressar com linguagem humana a verdade com a qual o apóstolo está lutando. Digo isso mais uma vez, com o fim de animar aqueles que talvez estejam achando tudo isto muito difícil. Asseguro-lhes que eu mesmo a acho muito difícil. Esta é uma das passagens mais difíceis que alguém alguma vez recebeu a incumbência de explicar; daí as várias divergências sobre ela. Vou mais longe. Acredito que até o apóstolo Paulo a achava difícil. Talvez vocês me perguntem como posso sugerir essa idéia. Faço isso porque vejo que ele inseriu uma explicação entre parênteses (VA): “Eu sei que em mim (isto é, na minha carne) não habita bem algum”. Por que ele usa os parênteses e introduz essa particular declaração explicativa? Conforme penso, foi porque ele sabia que quando os cristãos em Roma estivessem ouvindo alguém ler esta carta – lembrem-se de que eles não tinham imprensa, como temos; alguém lia, e os demais ouviam – eles poderiam achar difícil seguir a argumentação com o repetido uso de “eu”. Por isso procura ajudá-los e esclarecer o sentido do que diz. A declaração do versículo 17 é clara, para quem se dá ao trabalho de procurar entendê-la, mas o apóstolo era um mestre prudente e amoroso. Ele não toma isso como líquido e certo, e quer ajudar-nos; assim, dada a dificuldade de expressar em palavras o caráter extraordinário e complexo deste homem em pecado, principalmente depois de iluminado pela Lei, o apóstolo agora explica brevemente o que ele quer dizer. A frase explicativa “(isto é, na minha carne)” – é inserida para prevenir mal-entendido. Ele está desenvolvendo a idéia de dualidade introduzida nos versículos 16 e 17.

Pode ser que por um momento vocês achem que Paulo está “tornando a confusão mais confusa”. Entretanto, que ninguém seja tolo o bastante para chegar ao ponto de se queixar da maneira de Paulo escrever. Este assunto é difícil porque o pecado é difícil. Uma das coisas terríveis que o pecado fez quando entrou no mundo foi introduzir complicações. A vida no Jardim do Éden, no Paraíso, era muito simples, enquanto não havia o pecado; mas, no momento em que o pecado entrou, surgiram complicações. Era preciso ocultar o primeiro pecado, e Adão e Eva se esconderam. Depois se puseram a mentir, e o processo continuou daí para cá. Não culpem a verdade, não culpem Deus, não culpem a Lei, não culpem o apóstolo Paulo; foi o torpe pecado, que está em nós, que produziu essas complicações no homem. Tudo é ilustrado com muita clareza aqui. Vejamos as frases. “Porque eu sei”, diz ele, “que em mim não habita bem algum.” Que “mim” seria esse? Obviamente é o mesmo referente àquele de quem se pode dizer: “o pecado habita em mim”. Aqui ele fala em “carne”. É a mesma coisa. Há um “mim” em quem habita o pecado. Isso, diz ele, é a “carne”, e a “carne”, como vimos muitas vezes anteriormente, é o homem como ele é sem receber a influência do Espírito Santo. Esse é o primeiro “mim”. “Porque eu sei que em mim.” O “eu” que sabe isso é, de novo, a personalidade toda. Mas o “mim” não é a personalidade toda; o “mim”, este primeiro “mim”, é apenas uma parte desta “personalidade”, deste “eu”, que sabe disso. E o que ele sabe sobre este “mim” que está nele é que nele não habita bem nenhum. O pecado habita nele, sim, porém nenhum bem habita nele. Não há bem de espécie alguma nessa parte da personalidade deste homem. Esse é o primeiro “mim”.

Vamos adiante com o apóstolo. Diz ele a seguir: “e com efeito o querer está em mim”. Será o mesmo “mim”, como o primeiro? Não pode ser. Por que não? Por esta boa razão – que sobre o primeiro “mim” ele já tinha dito que não há nada de bom nele; mas, com relação a este “mim”, ele declara

que “o querer” está presente com ele. Querer o quê? Querer guardar a Lei, fazer o bem e agradar a Deus. Por isso este “mim” e o primeiro não podem ser um só e o mesmo. “O querer está em mim”, todavia no outro “mim” não há bem algum; neste “mim” é grande a quantidade de bem. Noutras palavras, este segundo “mim” é o mesmo “eu” do versículo 17: “Agora já não sou eu que faço isto”. Este é o “eu” que consente “com a lei, que é boa”, que odeia o que é errado, e no entanto o faz, e que se deleita na Lei de Deus. Temos, pois, diferentes usos de “mim” neste versículo.

Depois Paulo diz mais: “e com efeito o querer está em mim, mas (eu) não consigo realizar o bem”. Quem é este “eu” – o primeiro “mim” ou o segundo? A resposta é: nenhum deles! Bem, quem é este “eu”? É o homem propriamente dito, a personalidade completa. Este “eu” do fim do versículo 18 é alguém que pode falar sobre os dois usos de “mim” que há nele.

Isso não só parece complicado; é a condição complicada do homem que foi iluminado pelo Espírito de Deus e que foi esclarecido acerca da Lei de Deus. É isso que ele descobre a respeito de si próprio. Já aconteceu isso com vocês? Lá estou eu, uma personalidade, um ente, um ser. Eu sou eu, sou o homem que sou. Mas posso falar sobre o “mim” (que quer o bem) e sobre o “mim” do qual não posso falar bem. Estou personalizando a situação, pondo em termos de mim mesmo a declaração feita pelo apóstolo. Estou ciente de um “mim” dentro do meu ser, um ente que, por assim dizer, não tem nenhum bem que realmente lhe pertença. Apesar disso, estou igualmente cênscio de outro “mim” que deseja fazer o bem, que quer isso, que consente com a Lei de Deus, que concorda com ela e que quer viver uma vida piedosa. Este “eu”, esta pessoa que eu sou, pode ver ambos e está ciente de ambos. Esta é a condição em que me encontro: o querer está em mim (este segundo “mim”), mas como realizar isso (na presença daquele primeiro “mim” que está em mim),

eu não sei. Aí estou eu, paralisado e tornado incapaz de ação; não sei como realizar o bem (que um “mim” deseja e quer). Quer dizer, o querer está presente com um “mim”, porém a capacidade de realização não está presente, por causa deste outro “mim”.

Essa é a declaração feita no versículo 18. Você pode submeter-se a uma prova para verificar em que situação está, fazendo a si mesmo uma pergunta. Você sabe do que o apóstolo está falando? Você acredita que isso é verdade? Se a sua resposta é não, só tenho uma coisa para dizer-lhe – você é um não regenerado. Isso se pode dizer com certeza. Quer dizer, então, que Paulo está descrevendo o regenerado? Não! Não é o que se segue. Mas, deixemos isso por ora. Entretanto, isso certamente exclui o não regenerado; e é justamente aí que a interpretação reformada deste parágrafo particular é tão essencialmente correta. É a incompreensão do caráter do pecado em todos os homens nascidos neste mundo que explica o erro de Pelágio e seus seguidores, e, num sentido, o erro dos arminianos. Ao mesmo tempo, porém, admito que a interpretação reformada força demais o argumento. Contudo, salienta muito acertadamente que a passagem não pode referir-se ao homem não regenerado, porque tal homem nada sabe do conflito aqui descrito. Ele tem o seu ocasional tormento de consciência, mas isso não é o que está sendo descrito aqui. Aqui temos um homem que está ciente do “mim” (que quer o bem) e do outro “mim” dentro dele, simultaneamente, e aí está uma paralisia que leva a isto: “Não sei como realizar o bem”.

Os versículos 19 e 20 não apresentam problema porque são apenas repetições do que Paulo já tinha dito. O versículo 19 é praticamente uma exata repetição do versículo 15: “Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço”. Ele o repete certamente porque este assunto é tão difícil de expor que é preciso repeti-lo; e, fazendo isso, as pessoas finalmente começam a captá-lo. Ele o está simplesmente expondo mais uma vez. Em consequência desta confusão

dentro da minha personalidade total, o que acontece é isto: “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço”. Não somente isso; praticamente ele diz: mas vou dizer outra vez o que eu disse no versículo 17: “De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim”. Aqui ele está se identificando com o segundo “mim” do versículo 18, e, naturalmente, podemos muito bem entender por que ele faz isso. No momento em que o homem entende o caráter espiritual da Lei e concorda com ela, ele diz: “É aí que eu estou, é isso que eu sustento”. Ele está se identificando com este novo entendimento e, portanto, afirma: “Eu”, nesse sentido, não faço estas coisas, porém, como eu já disse, é “o pecado que habita em mim” que as faz.

Então, que é que o apóstolo está interessado em dizer com tudo isso? Permitam-me colocar este ponto na forma de três conclusões. A primeira é que ele não está negando responsabilidade por suas ações, nem tampouco se escusando. São coisas que jamais devemos fazer. Mas há os que têm feito isso, e se envolveram nas mais terríveis e “condenáveis heresias”. A que isso tem levado? Levou ao antinomismo, o qual os faz dizer: “Ah, não sou eu que estou pecando, é minha carne; não sou responsável, eu não quero pecar; portanto, não sou eu quem está fazendo estas coisas”. Eles fazem uso da linguagem do apóstolo, porém de maneira diferente da dele. Eles fazem isso para escusar o pecado; continuam pecando e dizem que o que o homem faz não importa.

Na Igreja Primitiva havia um ensino chamado “dualismo”, o qual dizia que o pecado pertence unicamente ao corpo. Os seus defensores alegavam que esse era um ensino apostólico; que o homem propriamente dito é salvo, que é somente o corpo que peca, e que, como de qualquer forma o corpo vai morrer, realmente não importa se ele pecou ou não. “Eu não peço”, diziam eles, “é o meu corpo que peca.” Pela mesma razão eles diziam que o corpo do nosso Senhor não era um verdadeiro corpo. Não existe heresia mais terrível nem mais perigosa que

essa. A Igreja Primitiva a abominou. Há pouca dúvida de que o apóstolo João tenha escrito a sua Primeira Epístola em grande parte para contestar essa heresia. Há uma antiga tradição segundo a qual, certa vez, João dirigia-se a um local de banhos públicos, mas, quando soube que um dos mestres dessa torpe heresia se servia da mesma casa de banhos, não quis nem entrar no edifício. Não existe perversão do ensino cristão mais terrível do que essa. O apóstolo não está escusando o homem que ele descreve aqui, não está negando a sua responsabilidade; o que ele está fazendo é uma confissão. Ele está virtualmente dizendo: “Essa é a verdade a meu respeito, essa é a fraqueza na qual me encontro, essa é a paralisia da qual estou consciente; essa é a minha luta inútil”. Ele não diz: “Tudo está bem, e o que eu faça ou deixe de fazer não importa”. Não, ele quer sair dessa condição, como nos dirá mais adiante, nestes termos: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” É exatamente o oposto do hediondo ensino do dualismo, e da perigosa armadilha do antinomismo.

Em segundo lugar, concluímos que o que o apóstolo está interessado em fazer aqui é mostrar o terrível poder do pecado. Noutras palavras, como tenho indicado o tempo todo, esta parte do capítulo 7 é um comentário do versículo 13: “Logo, tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno”. Paulo nos está mostrando que coisa terrivelmente torpe é o pecado. Ele está em nós, reside em nós, “habita” em nós, e tem este temível poder que nos paralisa quando chegamos a ver a verdadeira natureza da Lei, e, por conseguinte, a verdadeira natureza do pecado.

A nossa terceira e última conclusão é que Paulo nos está mostrando novamente a completa incapacidade da Lei de nos libertar, mesmo quando tenhamos visto claramente o seu caráter espiritual, que ela é de Deus, que ela é santa justa e boa. Mesmo que vejamos isso com toda a clareza, ela fracassa

completamente em libertar-nos. Quer dizer, em toda esta complexa amostra de psicologia e de auto-análise, feita com o máximo de brilhantismo, o apóstolo não está realmente preocupado consigo mesmo e com a sua experiência pessoal como tal. Ele nem sequer está preocupado com este fragmento de análise psicológica. O que ele está interessado em mostrar é que a Lei nunca nos pode libertar. A nossa única esperança, como ele já tinha dito no versículo 4, é: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro (marido), daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus”. Enquanto eu estiver unido com a Lei, mesmo que eu veja o seu caráter espiritual, jamais produzirei fruto, “Não consigo realizar o bem.” É a isso que Paulo está dando ênfase. Ele nos dá a mais esmagadora demonstração da seguinte verdade: nem mesmo a “santa”, “justa” e “boa” Lei de Deus pode libertar o homem do cativo e da tirania do pecado.

Essa é uma declaração maravilhosa. Seja o que for que eu e vocês façamos com ela em detalhe, Paulo nunca esqueceu o que se havia proposto fazer. Seu propósito não era falar sobre si mesmo; era demonstrar que reverenciava a Lei de Deus. Mas, embora ela seja essencialmente boa em todos os seus aspectos, ela não poderia livrar do pecado o homem, ela nunca foi dada com esse propósito. Foi dada para que os homens pudessem chegar a ver “a excessiva malignidade do pecado”, e fossem conduzidos por ela como por uma espécie de pedagogo*, um preceptor, um mestre, a Cristo. A Lei nunca foi destinada a ser um fim, mas, sim, um meio visando a um fim. Paulo está mostrando “o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne” (Romanos 8:3).

* Tradução literal (praticamente uma transliteração) do grego *paidagogós*, que ocorre em Gálatas 3:24. O pedagogo era o escravo ou o servil contratado para guiar, proteger, instruir e treinar os meninos. Nota do tradutor.

No transcurso das suas deduções, das suas explicações, Paulo nos fica lembrando sempre o que o preocupa. Ele está tratando o tempo todo da Lei, e tudo quanto ele diz acerca deste “homem” o diz simplesmente para ilustrar a verdade sobre a Lei, e sobre como ela é tornada nula pela carne, pelo “pecado que habita em mim”.

17

“Acho então esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros.” – Romanos 7:21-23

Dessa forma o apóstolo continua o grande argumento desta parte da Epístola. Ele prossegue ponto a ponto, passo a passo. Ele faz uma declaração, e em seguida a comprova; depois apresenta outra, e de novo a demonstra e prova. Tudo isso, naturalmente, focalizado no lugar que a Lei ocupa na vida do cristão. Esse é o seu principal interesse. Ele deseja eximir-se das várias acusações trazidas contra ele; mas está muito mais interessado em mostrar a verdade sobre a Lei, em mostrar o que a Lei foi destinada a fazer, e o que com toda a certeza ela não pode fazer. Seu objetivo é provar que, mostrando tudo isso, ele não está, de modo algum, depreciando a grandeza da Lei.

Passemos, pois, a esta declaração do versículo 21: “Acho então esta lei em mim, que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo”. Obviamente, nesta declaração ele, num sentido, está resumindo o que tinha acabado de dizer. A palavra “então” nos diz isso. “Muito bem”, ele parece dizer, “é isso que eu vejo, foi isso que eu descobri”. Ao mesmo tempo, ele está repetindo uma das afirmações gerais que já tinha feito, como se vê, por exemplo, nos versículos 14 e 15: “Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado”. Mas não é só repetição. O apóstolo jamais repete meramente o que

diz. Ele o reforça, e geralmente se nota uma nuance, uma ligeira diferença, como é o caso aqui. O que ele estava interessado em mostrar nos três versículos anteriores, 18, 19 e 20, como vimos, era por que ele pratica maus atos, apesar de não querer fazer isso. Contudo, nestes versículos 21-23 ele mostra por que não consegue fazer o que deseja. Há duas coisas erradas concernentes a este homem: ele faz o que não quer, e não consegue fazer o que quer. Esse é o aspecto dual do seu problema. Nos versículos anteriores ele estava mormente interessado em mostrar por que ele faz o mal que não quer fazer, e chegou à conclusão de que não é mais ele que faz isso, mas o mal que nele habita.

Agora o apóstolo se ocupa do outro aspecto. Por que seria que ele não pode fazer o que realmente quer fazer? Ele começa: “Acho então esta lei”. (VA: “Descubro então uma lei”.) Na verdade ele escreveu: “Descubro a lei”. Não é “uma” lei. Que é que ele quer dizer aqui com a expressão “a lei”? Ele estivera falando sobre a Lei de Deus, como sabemos. Diz ele: “Bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa”. No versículo 21 estaria ele falando da mesma Lei? É evidente que não. Isso não é questão de opinião, mas é algo que de fato se pode provar. No versículo 22 ele diz: “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus”. Por que ele fala aqui em “lei de Deus”? Até agora ele vinha se referindo a ela como “a lei”, e não como “a lei de Deus”, porque até aqui ele só tratara da “lei de Deus”. Aqui, porém, no versículo 21, Paulo está falando doutra classe de lei, de alguma outra lei. Por isso, quando volta à Lei de Deus, precisa tornar claro que é da Lei de Deus que ele está falando. Pelo que ele diz: “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus” (versículo 22). Esse é seu modo de dizer-nos que no versículo 21 ele não estava falando da Lei de Deus.

É muito importante manter na lembrança este ponto, porque veremos que ele vai usar o termo “lei” ainda noutro sentido. Mas não há de ocorrer dificuldade nenhuma, se

tão-somente prestarmos cuidadosa atenção ao modo de se expressar do apóstolo. A referência aqui não é, então, à “lei de Deus”, nem tampouco ele está se referindo à “lei do pecado” que nele habita. Faço alusão a isso simplesmente porque Robert Haldane, de um modo que me parece inexplicável, afirma que é isso que a palavra “lei” significa aqui, que o homem descrito na passagem vê dentro dele a lei do pecado, que opera de tal maneira que “quando ele quer fazer o bem, o mal está com ele”. Eu afirmo que Paulo não está dizendo isso. Mais adiante ele o diz, porém aqui não.

Então, que estará ele dizendo aqui? Ele diz efetivamente: “Esta é a minha experiência. Parece que há um princípio atuando em mim; de fato é tão constante que posso dizer que é uma verdadeira lei. Parece haver uma norma de ação dentro de mim que funciona de maneira tão definida que é virtualmente uma espécie de lei; e, ao que parece, ela determina, governa e controla o que acontece dentro de mim. “Descubro a lei.” Ou podemos considerar esse ponto da seguinte maneira: Paulo diz virtualmente: “O que vejo é que, invariavelmente, quando eu quero fazer o bem, o mal está presente comigo. Isso é uma coisa que parece agir em mim como as leis da natureza atuam no mundo físico – como a noite segue ao dia, como temos com tanta regularidade a primavera o verão, o outono e o inverno. Vejo que, tão certo quanto eu quero fazer o bem, igualmente certo o mal está presente”. Isso é uma lei atuante na vida e na experiência deste homem. É tão regular, tão certa, diz ele, que parece uma lei absoluta.

Notem como ele expressa a questão – “o mal”, diz ele, “está comigo”. Quer dizer, “sempre à mão”, “sempre por perto”. “Toda vez que eu quero fazer o bem, o mal está sempre ali, sempre fazendo sua afirmação, sempre saltando à frente. No momento em que ponho em ação a minha intenção, o mal vem de um salto, persistente em sua oposição, jamais ausente. No momento em que eu quero fazer o bem, o mal está ali”. Assim parafraseio o que ele está dizendo.

Os versículos 22 e 23 são simplesmente uma exposição deste tema. Exatamente como vimos que os versículos 18, 19 e 20 são uma exposição do versículo 17, os versículos 22 e 23 são uma exposição do versículo 21. Esse é o método típico e característico do apóstolo. Não se pode imaginar melhor método. Proposição, depois prova; e assim vai, levando avante toda a argumentação.

Vejamos o que ele tem para nos dizer. “Porque”, diz ele – fazendo-nos saber que vai explicar o que tinha dito; “Porque” – é a isso que a coisa chega na prática – “segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus.” Aqui também temos uma declaração muito significativa. Vejamos primeiro a palavra “prazer”. Notem que há uma progressão nas afirmações que ele faz a respeito da Lei. Paulo começou no versículo 14, dizendo: “Bem sabemos que a lei é espiritual”. No versículo 16: “Consinto com a lei, que é boa”. Mas agora ele vai além, e diz: “Tenho prazer na lei de Deus”. Com isso ele quer dizer, não meramente que “concorda” com a Lei, ou que a Lei é espiritual e boa e tem o seu consentimento e a sua aprovação. Ele fala mais fortemente, e diz: “Eu me regozijo, eu exulto na lei de Deus”. É uma declaração bastante forte. Sem dúvida nenhuma, ele tinha em mente o que o salmista nos diz no Salmo primeiro acerca do homem cujo “prazer está na lei do Senhor”, na “lei de Deus”.

Chegamos em seguida a uma expressão sumamente significativa: “o homem interior”. Essa expressão desempenha um papel muito importante na discussão sobre a exata interpretação desta passagem. Os que sustentam a posição reformada tradicional têm que forçar muito pesadamente sobre ela em seu esforço para provar que aqui se trata do homem regenerado, e em suas melhores condições. Por isso eles dizem que o “homem interior” é o novo homem, a nova natureza que há nesta pessoa. Mas não se segue necessariamente que temos aí uma referência ao “novo homem” que há no crente, pois me parece que o próprio apóstolo nos diz no próximo versículo

o que ele quer dizer com “homem interior”. Os dois versículos dizem: “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Todavia vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento”. A segunda parte da declaração nos dá uma explicação do que significa a expressão “homem interior”, da primeira parte. “Homem interior” é sinônimo de “entendimento” ou “mente”. “Tenho prazer na lei de Deus, segundo o homem interior”, “a lei da minha mente” ou “do meu entendimento” – “a lei que está na minha mente”. Certamente essas declarações são paralelas. Assim, o homem interior, eu deduzo, é a mente, o entendimento, o lugar da razão, o lugar onde a pessoa pode captar a verdade. Não significa a mente do homem natural, porque, como vimos constantemente, e como vemos aqui, essa expressão não pode ser uma descrição do homem não regenerado. Significa a mente iluminada pelo Espírito Santo. Mas não posso ver que temos o direito de reivindicar para essa expressão nada mais que simplesmente isso. O assunto ficará mais claro quando virmos como Paulo contrasta o “homem interior” com os seus “membros”.

Que representam os “membros”? Já discutimos isso várias vezes no capítulo 6. A palavra “membros” equivale a “órgãos corporais”, a parte do homem por meio da qual ele normalmente se expressa e funciona em sua vida como esta transcorre geralmente neste mundo. Portanto, o contraste é óbvio. As partes do nosso ser com as quais costumeiramente pecamos são as que podemos ver, os olhos e diversas outras partes, normalmente denominadas órgãos do corpo. Esse é o homem exterior. Entretanto o “homem interior” é a parte que o homem não pode ver. Não se pode ver a mente do homem. É possível ver o seu cérebro, mas sua mente não. Por isso Paulo lhe chama “homem interior”, em distinção deste homem exterior, que é visível. O “homem interior” é descrito como o “homem encoberto no coração” (1 Pedro 3:4); é a parte do homem que não se pode ver. Inclui a alma, claro. Não se pode ver a alma.

Esta parte é tão real, na verdade mais real do que as coisas que se pode ver; e continua existindo quando o corpo está se decompondo no túmulo. Digo que “homem interior” expressa a parte invisível do homem, sua parte mais vital – alma, espírito, etc. – incluindo a “mente”, palavra muitas vezes empregada no sentido de “espírito”, e vice-versa. Vejam, por exemplo, como o apóstolo expõe a questão em 2 Coríntios 4:16. Ele diz: “Ainda que o nosso homem exterior se corrompa”. Aqui ele se refere ao seu corpo. Ele sofreu muito com enfermidade e doença, padeceu fadiga física, seu “homem exterior” vinha decaindo e se dissolvendo. “Ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia.” É o mesmo contraste geral e enfático. Parece-me, pois, que não temos o direito de forçar o sentido da expressão “homem interior”, indo além desta referência geral à parte do homem que pode ser iluminada pelo Espírito; devemos pensar nela em termos da mente, do entendimento, daquela parte do homem que eventualmente chega a ver a verdade como esta subsiste plenamente em Jesus Cristo. Portanto, podemos entender com essa expressão que Paulo está se referindo ao “entendimento” ou à “mente” (VA), como ele a denomina aqui, no versículo 23, e ela, iluminada pelo Espírito. Noutras palavras, o que ele está efetivamente dizendo é: “Agora cheguei a ver o verdadeiro significado da Lei”. Ele vem dizendo isso repetidamente, desde o versículo 7. Houve tempo em que ele não tinha sido iluminado, mas agora passou a ver a verdade. O Espírito Santo veio sobre ele, a Lei “veio”, e ele viu a verdade – “reviveu o pecado, e eu morri”. Ele vê que a Lei é espiritual, que é justa, reta e boa, que é santa; até “se regozija nela”.

Mais uma vez, façamos uma pausa e atentemos para a declaração apostólica: “Segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus”. É uma declaração importante pela seguinte razão: mais uma vez ela exclui definitivamente toda idéia de que esta passagem se refere ao homem não regenerado. É por isso que dou ênfase à palavra “prazer”. O homem não

regenerado é excluído pelo motivo que Paulo nos dá no próximo capítulo (versículos 6-8): “Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser”. Esse é o homem não regenerado. “Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus.” Nenhum homem não regenerado jamais disse nem jamais pode dizer que “tem *prazer* na lei de Deus, segundo o homem interior”. Basta, quanto à idéia de que o homem não regenerado é descrito aqui.

Chegamos ao seguinte: o apóstolo vê que a sua experiência diária e constante é que, no momento em que ele quer fazer o bem, este outro princípio, ou esta outra “lei”, aí está, sugerindo, sugestionando, argumentando. O fato, diz ele, é que “Eu tenho prazer na lei de Deus, segundo a minha mente, o meu entendimento, segundo o que eu realmente considero que sou eu (não os meus órgãos, não o meu corpo, não a minha carne, por assim dizer, porém esta parte superior do meu ser); eu tenho prazer na lei de Deus”. Então, por que ele não leva avante a Lei de Deus e não a vive e não a pratica? Sua resposta é: “Vejo nos meus membros outra lei”. Aqui também temos um versículo de crucial importância, como observei antes com relação ao versículo 14. Quando estávamos estudando o versículo 14, acentuei que me parece que ele controla todo o seu contexto. Digo a mesma coisa a respeito deste versículo; por isso vamos examiná-lo com todo o cuidado. Paulo diz: “Vejo outra lei”. Não “outra” no sentido numérico, como se ele quisesse dizer: “Eu já tinha achado uma lei em minha mente, mas agora achei uma segunda”. Não! O que ele quer dizer é uma “lei diferente”, não meramente adicional, porém essencialmente diversa. Ele a contrasta com a lei que está em sua mente. Há uma lei em sua “mente”, e há uma lei em seus “membros”. Obviamente esta última não é “a lei de Deus”, obviamente não é a lei que opera em sua mente, agora que ele

passou a ver o real significado da Lei de Deus. Não, esta é ainda outra lei. O que ele quer dizer é que há um poder e princípio dominante em seus membros que atua como uma lei verificável. Não é algo que está ali ocasionalmente e às vezes está ausente; está sempre ali, é uma lei, sempre presente e sempre atuante. Por isso ele a descreve como “uma lei em seus membros”.

Como vimos, a palavra “membros” tem aqui o mesmo sentido que tem em todo o capítulo 6. É aquilo que Paulo contrasta com a mente. É desse modo que ele vê o homem neste ponto. Há no homem a sua mente; e há o resto dele – seus órgãos corporais, seus apetites, e tudo mais. Pois bem, há uma “lei” na mente; e há também uma “lei” nesta outra parte. Que será que esta outra lei faz? Ele no-lo diz claramente: Em primeiro lugar, ela “batalha” ou “guerreia” contra a lei da sua mente. A palavra “guerrear” é deveras interessante. “Vejo outra lei em meus membros guerreando contra...” (VA). Seu sentido original é “prestar serviço numa campanha militar”. Ela é derivada da palavra grega da qual vem a nossa palavra “estratégia”, e essa é uma boa maneira de examiná-la.

Temos aí, então, este homem, com sua mente aprazendo-se na Lei de Deus; mas há outra lei operando em seus membros, uma lei que tem uma estratégia demoníaca, diabólica. Ela está sempre observando os movimentos da outra lei na mente dele, e está sempre se contrapondo a cada movimento. Ela tem uma estratégia definida e empreende uma espécie de campanha militar. Eis o que Paulo quer dizer: tão certo como ele tem prazer na Lei de Deus com sua mente, e quer cumpri-la, esta outra lei, que está em seus membros, começa a provocar o oposto, põe a sua oposição numa forma atraente, e luta para ditar impositivamente o que ele deveria fazer. Com a mente ele quer servir à Lei de Deus; mas este outro poder põe em ação todas as suas forças e reservas para impedi-lo de fazer isso, e para levá-lo a fazer justamente o contrário. É a isso que o apóstolo dá ênfase aqui. Neste mesmo

versículo, logo adiante, ele descreve esse poder como “lei do pecado”. A “lei em seus membros” e a “lei do pecado” são idênticas.

Esse é, pois, o quadro. A primeira coisa que a “lei em seus membros” faz é travar esta guerra contra a visão espiritual que este homem tem da Lei e contra o seu desejo de cumpri-la porque agora tem seu prazer nela. Contudo, desafortunadamente, ela não pára aí. Isso já seria suficientemente ruim, mas ela vai um estágio mais adiante. Não é apenas que a “lei em seus membros” guerreia contra a “lei da mente”, porém, Paulo acrescenta, ela “me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros”.

A expressão crucial é, “me prende”, ou “pondo-me no cativeiro” (VA). Todos os comentadores concordam que “cativeiro” é uma palavra muito forte e que o sentido é, “fazer e levar prisioneiro”. O sentido original dessa palavra nos leva a pensar em “lança”, de modo que a figura é a seguinte: dois homens estiveram lutando. Um venceu o outro e o vencedor toca com a lança o corpo do vencido. Ele o faz prisioneiro. Mas não somente o faz prisioneiro; mantém a lança com a ponta em seu corpo, e diz: “Se você tentar fugir, atravesso o seu corpo com a lança. Vá até aquela porta. Vamos!” E o acompanha, cutucando-o com a lança. O homem derrotado é um completo cativo, foi vencido, e está em absoluto desamparo, sentindo a ponta da lança. Esse é o tipo de coisa que eu vejo, diz o apóstolo Paulo. Vejo esta outra lei em meus membros guerreando contra a lei da minha mente e me pondo em cativeiro – numa situação na qual sou um prisioneiro sem esperança, sob a pressão de uma lança. Meu captor me “pegou”. Esse é o sentido da palavra “cativeiro”.

Notem que Paulo diz: “pondo-me em cativeiro”. Não vamos examinar agora nenhum dos “mins” que estivemos considerando no versículo 18; agora vamos estudar o homem propriamente dito, o “eu”. Temos aqui a personalidade total. Paulo não está meramente dizendo que esta “lei nos membros”

põe a parte pecaminosa dele em cativeiro, embora alguns expositores nos digam isso. Mas, no momento em que o dizem, caem na perigosa heresia do dualismo, através da qual declaram: “Não sou eu quem está em cativeiro, é somente a minha parte pecaminosa; é somente o meu corpo, ou alguma outra coisa que há dentro de mim”. Isso é uma errônea divisão do homem, que diz: “Eu não estou pecando; é somente o meu corpo, ou a parte pecaminosa do meu ser, ou a carne. A lei do pecado em meus membros é que está pecando”. Entretanto o apóstolo não está dizendo isso – absolutamente não. Diz ele que essa lei me põe, põe a minha personalidade total, em cativeiro. “Eu” sou posto “em cativeiro sob a lei do pecado que está em meus membros”.

Qual será, então, o real sentido e propósito desta declaração que, reitero, é tão crucial? Primeiro tratemos de entender muito bem o que Paulo não está dizendo. Marcus Rainsford, grande comentarista e piedoso pregador do fim do século dezenove, afirma que o apóstolo está “se referindo ao fato da presença, do poder e da *tendência* do pecado no crente guerreando contra a lei da sua mente”, e a nada mais. Ele destaca a palavra “tendência” com o uso do tipo itálico e declara que Paulo está afirmando com uma linguagem bem trabalhada que há esta tendência daquela parte dele de “guerrear contra a lei que está em minha mente”. A isso replico que Paulo não está dizendo tal coisa. Paulo não está meramente descrevendo uma guerra, um conflito. Ele faz isso no começo do versículo, mas ele acrescenta que essa guerra leva à derrota, ao cativeiro. Ele próprio foi feito cativo. Ele não está falando de uma tendência para pecar; está falando de um cativeiro sob o pecado.

Mas, vamos ver também a exposição feita por Robert Haldane. Vê-se claramente que Haldane teve dificuldade aqui. Diz ele: “Qual a abrangência deste cativeiro não se pode saber pela figura”. Até aqui eu concordo com ele, porém acho significativo que ele se tenha sentido no dever de fazer esse comentário. Diz ele: “Se o mau princípio da nossa natureza

prevalece provocando um mau pensamento, ele nos faz cativos. Até aqui ele venceu, e até aqui fomos derrotados e feitos prisioneiros”. Depois ele continua: “Mas isso é bastante consistente com a suposição de que, no geral, podemos ter a vitória sobre o pecado”. Nesse sentido, Paulo estaria dizendo aqui o seguinte: “Se você cometer um pecado, será levado prisioneiro e será feito cativo pelo pecado, porém no geral você ainda tem a vitória sobre o pecado”. Contudo, ouçam de novo o que diz o apóstolo: “Vejo outra lei em meus membros, guerreando contra a lei da minha mente, e me pondo no cativeiro da lei do pecado”. Como isso pode significar que “no geral, podemos ter a vitória sobre o pecado”? Certamente isso é exatamente o oposto do que Paulo está dizendo. Com toda a certeza ele não está dizendo que no geral podemos ter a vitória sobre o pecado, mas que no geral o pecado está tendo uma vitória sobre nós! É óbvio que o apóstolo não está dizendo que este homem nunca tem sucesso – certamente que não! Ele não tem necessidade de dizer isso; mas o apóstolo está dizendo que, examinando a sua vida de maneira geral, é isso que este homem “vê”, esta é a lei do seu ser, este é o estado regular da sua experiência.

Marcus Rainsford nos remete a 2 Coríntios 10:3-5, e faz bem, porque a palavra “cativeiro” é empregada ali também, onde lemos: “Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando *cativo* todo o entendimento à obediência de Cristo”. Qual é o comentário que Marcus Rainsford faz sobre isso? “Aqui”, diz ele, “em 2 Coríntios 10:3-5, estão manifestamente o alvo e a tendência da guerra, não o seu invariável sucesso, a que ele faz alusão” – e ele está certo. Paulo não está dizendo aos coríntios que todo pensamento é sempre e invariavelmente levado cativo à obediência de Cristo. Ele não poderia dizer isso, ou, de outro

modo, ele estaria sem pecado, seria perfeito. Contudo, como Marcus Rainsford assinala, ele está dizendo: “Esta é a tendência, esta é a minha situação predominante agora. Apesar de eu estar na carne, não guerreio segundo a carne. Não; eu estou guerreando segundo o Espírito, e a verdade acerca de mim agora, falando em termos gerais, é esta: eu levo todo pensamento cativo à obediência de Cristo”. Ele pode falhar ocasionalmente, mas, falando de modo geral, essa é a tendência. Marcus Rainsford parece esquecer, porém, que se você disser isso tão fortemente sobre 2 Coríntios 10:3-5, terá que dizer a mesma coisa sobre Romanos 7:23, e afirmar que a condição geral deste homem era de derrota e cativo. Noutras palavras, é “a tendência geral” em ambos os casos. Paulo está dizendo que esse é o habito geral da vida deste homem, que essa é a lei da sua existência naquele tempo. Mas isso é exatamente o contrário do que o Dr. Marcus Rainsford diz a respeito de Romanos 7:23. O que o apóstolo está asseverando aqui não é meramente que há uma luta em andamento dentro do homem (isso está na primeira parte do versículo 23); ele nos fala sobre o resultado da luta, sobre a consequência da luta. E a consequência é, como estou salientando, que ele se vê em cativo, que ele falha completamente. A lei que está em seus membros é forte demais para a outra lei. “Acho, então, esta lei em mim; que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Embora eu tenha prazer nesta lei de Deus segundo o homem interior, esta outra lei continua agindo em mim, e me leva cativo à lei do pecado que está nos meus membros.”

Uma prova de que esta exposição é correta acha-se no versículo 24. Se Paulo está dizendo aqui que no geral este homem é capaz de viver a vida cristã, e que no geral ele tem vitória sobre o pecado, em nome de tudo quanto é razão, por que ele vai gritar em angústia, “Miserável homem que eu sou!” Não teria sentido, seria um absurdo! O seu grito, “Miserável homem que eu sou!” é causado pela persistência da derrota, pelo sentimento de que ele está por baixo, não por cima, que

ele enfrenta fracasso, e não sucesso, que ele está no cativeiro do pecado. Não posso ver como qualquer outra explicação do versículo 23 tenha alguma possibilidade de levar-nos ao versículo 24. Se no versículo 23 ele está meramente descrevendo o fato de que há um conflito na vida do crente, isso não levaria ao grito: “Miserável homem que eu sou!” Não há nada que leve a esse grito, exceto a derrota, o fracasso. “Miserável” é um grito de angústia e de senso de impotência; há nesse grito um tom de desespero. A própria palavra sugere isso. Todos os léxicos dizem isso. No original a palavra significa “exausto em consequência de pesado labor”. Paulo tinha lutado até ficar exausto, na maior fadiga e choroso; por isso clama: “Miserável homem que eu sou!” E em seguida brada: “Quem me livrará?”

De maneira verdadeiramente espantosa, mais uma vez, Robert Haldane diz neste ponto que a expressão verbal no futuro refere-se inteiramente ao futuro. Ele escreve: “Em sua morte Paulo ficou inteiramente livre do mal da sua natureza. O consolo do cristão contra a corrupção da sua natureza é que, embora não fique livre dela neste mundo, posteriormente ficará totalmente livre”. Na opinião de Haldane, este é o cristão em suas melhores condições. Este cristão sabe que nunca ficará livre, enquanto estiver nesta existência e neste mundo; mas ele sabe que, no fim, na morte, Cristo finalmente o libertará do corpo e da sua escravidão, e terá um corpo glorificado. A forma verbal futura, diz ele, indica que se trata inteiramente do futuro. Essa é a situação em que você fica, inevitavelmente, se começou erradamente a sua interpretação desta passagem. Certamente esta não é uma referência a um futuro distante e remoto. Aí está um homem em angústia, sofrendo fracasso e exausto, que clama: “Quem me livrará?” “Quem pode me livrar?” Não é um homem que está expressando uma esperança quanto ao que vá ocorrer por ocasião da sua morte; ele está clamando em desespero por libertação agora.

A próxima expressão que devemos considerar é “o corpo

da morte”. Não precisamos demorar-nos nisso. É igual à expressão “a lei do pecado em meus membros, da qual Paulo tinha acabado de falar. No fim do versículo 23 ele diz: “Este é o problema: esta outra lei em meus membros está me pondo no cativeiro da lei do pecado que está em meus membros”. E então, “Quem me livrará desta lei do pecado que está em meus membros?”, que agora ele chama de “este corpo do pecado”, “este corpo da morte”. Ele quer ser libertado desta parte de si mesmo que é oposta ao “homem interior”, à “lei da mente”. *Ele* quer ser libertado. A fim de explicar bem o sentido, cito novamente Marcus Rainsford, para apresentar a exposição positiva. Diz ele “que Paulo estava realmente dizendo, “Miserável homem que eu sou!”, pois tenho em mim algo contrário ao meu Deus, contrário a Seu Cristo, contrário à Sua cruz, contrário a Seu Espírito Santo, contrário à Sua vontade”. Segundo o conceito de Rainsford, vemos aqui o homem plenamente regenerado, que acha intolerável haver nele alguma coisa contrária a Deus e a tudo o que se relaciona com Deus. A isso eu replico: será que o homem que conhece a Cristo como Salvador, que conhece a glória da cruz e que tem conhecimento acerca do Espírito Santo, simplesmente iria gritar: “Quem me livrará?” Usaria ele este indefinido “Quem”? Não, o homem de quem Paulo está falando é um homem que ainda não sabe quem pode libertá-lo. Tudo o que ele sabe é que ele não pode libertar a si mesmo. Seu conhecimento da Lei não pode ajudar; ele tem “prazer” nela, porém ela ainda não lhe é de utilidade porque esta outra “lei” é demasiadamente forte para ele. Por isso ele diz: “Quem poderá? Eu não posso”. O homem que conhece a Cristo como Salvador, e a obra e o poder do Espírito Santo como uma realidade, jamais poderá clamar vaga, indefinida e desesperadamente: “Quem poderá?” Mas este homem pergunta e clama: “Quem poderá?” Ele está em dificuldade, está num aperto desesperado. Todas estas declarações caminham juntas, são interdependentes, e procedem umas das

outras. Este homem está numa condição miserável, está consciente do seu completo fracasso, ciente de que há este outro poder em seus membros que ele não consegue dominar e que o está dominando, e sempre o está pondo em cativeiro. Ele é um completo fracasso, um caso sem esperança, pelo que, angustiado, grita: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” Ele não está lamentando que ainda há nele algo “contrário a seu Deus, a Seu Cristo, à cruz, ao Espírito”. Naquela outra exposição (de Rainsford) isso precisa ser trazido de fora, pois não está presente. Está presente no próximo capítulo em grande profusão, mas aqui não. E ainda estamos interessados no homem que é descrito aqui, o homem que está numa situação na qual só pode clamar: “Quem poderá livrar-me, quem me livrará?” Aí está ele! O que me espanta é que esses grandes homens, por se subordinarem à teoria determinante com a qual começaram, possam permitir-se recorrer a esses métodos de exposição nos quais se torce e retorce a interpretação.

Continuaremos estudando rapidamente as declarações restantes; depois vamos reunir todas estas evidências que estivemos acumulando, e vamos tentar ordená-las e juntá-las, e assim procuraremos ver o retrato resultante dessa composição que mostrará o homem aqui descrito pelo apóstolo. Uma coisa já vimos claramente, qual seja: aqui não estamos vendo um homem não regenerado. Temos mais uma coisa igualmente clara; é que essa é a descrição de um homem que passou a ver a natureza e o caráter espiritual da Lei.

18

“Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor. Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado” – Romanos 7:25.

Chegamos aqui ao último versículo, à última declaração desta exposição sumamente extraordinária e complexa. Divide-se em duas partes. A primeira declaração é: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”. Eu a descrevi antes como uma exclamação repentina. O apóstolo é subitamente arrastado por aquilo que Charles Hodge descreve com muito acerto como “uma forte e súbita emoção de gratidão”. Temos tido muitas ocasiões de observar e salientar que o grande apóstolo não era exageradamente cuidadoso na questão de estilo. Era livre, e gozava a liberdade do Espírito. Ele não era um mero escritor, um mero literato, não estava preocupado primariamente com a produção de uma obra prima da literatura. Ele se preocupava muito mais com o que dizia do que com o modo como o dizia. O apóstolo nunca cultivou “a arte pela arte”, nunca tentou ser eloquente por amor da eloquência. Ele mostra isso no uso dos chamados anacolutos, estas interrupções que nele freqüentemente tomam a forma de irrompimentos em louvor e ação de graças. Percebe-se que ele sempre acha difícil mencionar o nome do nosso Senhor sem proferir algum tipo de apóstrofe. Ele interrompe por um momento o que está dizendo quando é arrebatado pela força e pela intensidade das suas profundas emoções. E, parece-me, é isso que está acontecendo aqui.

Foi assim que ocorreu. Ele dissera: “Segundo o homem

interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Nessa altura ele não pôde conter-se, e bradou: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”. É uma explosão, um súbito irrompimento, e não constitui parte essencial do que ele está argumentando e dizendo.

Podem os provar isso com muita simplicidade examinando a parte restante do versículo, onde ele diz: “Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei do pecado”. Isso prova a minha posição desta maneira: se a expressão “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor” fosse uma parte essencial do argumento, significaria que ele está dizendo: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor pelo fato de que eu mesmo, com o meu entendimento, sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado”. Ora, isso é certamente algo que o apóstolo jamais diria. Charles Hodge está certo nesse ponto. Diz ele que seria uma “combinação antinatural” de declarações. Mas essa é de fato uma declaração fraca da parte de Hodge. Seria não somente uma “combinação antinatural”; seria uma combinação impossível. Sim, pois, se as entendêssemos como diretamente inter-relacionadas dessa forma, significaria que ele está dando graças a Deus, em nome de Jesus Cristo, pelo fato de que ele ainda está nas condições que descreve na parte restante do versículo.

É indubitável que isso é inteiramente impossível! Quanto eu saiba, o único comentador que tenta dizer que a ordem é essa é Robert Haldane. Ele é bastante coerente, do começo ao fim. Como já opinei, ele de fato errou no versículo 2 do capítulo 6, e teve que lutar para manter coerência desde aquele ponto. Como já vimos, ele interpreta “quem me livrará?”, no versículo 24, como se referindo inteiramente ao futuro. Por isso ele afirma que o apóstolo está dizendo: “Dou graças a Deus por Jesus

Cristo nosso Senhor, porque serei libertado” – não neste mundo, porém no vindouro. Enquanto ainda neste mundo, a sua situação é: “Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado”. Entretanto me parece que essa é uma interpretação impossível dessas declarações. “Assim que”, na segunda declaração, é um resumo perfeito do que o apóstolo dissera do versículo 14 ao 24; uma breve e concisa declaração acerca dessa dualidade. É a isso, então, que chegamos, diz ele: “com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado”.

Há somente uma dificuldade aqui, não vital, porém mais ou menos mecânica, na interpretação desta parte; relaciona-se com a expressão “eu mesmo”. Sem dúvida ele está se referindo a si próprio como pessoa; mas, será que esse “eu mesmo” governa ambas as declarações, as duas partes da declaração geral? Noutras palavras, estaria ele dizendo: “Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne eu mesmo sirvo à lei do pecado?” Parece-me que, à luz do versículo 23, devemos ler assim a frase. Não podemos ter certeza. Igualmente se poderia dizer que ele está se identificando, como pretendia, com o “entendimento” (ou “mente”), e esse entendimento ou mente é o real “eu” agora; como se dissesse: “O meu real desejo e querer é identificar-me com a mente, mas vejo que há esta outra lei em meus membros, e, assim, tenho que admitir que sirvo também à lei do pecado”. Dizendo diferentemente, ele não está se descartando de responsabilidade, como já vimos. É ele que peca, não a sua carne. É certo que ele nos disse: “Não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim”; todavia já vimos a explicação dessa declaração. Ele, como pessoa, é responsável por tudo o que faz, mas está ciente desses dois tipos de “mim” dentro dele, como vimos no versículo 18.

Notem que a palavra que ele emprega é o verbo “servir”. Significa “escravo”, “ser escravo”, “ser um escravo de”, como vimos repetidamente no capítulo 6. Portanto, ele está dizendo:

“Com a mente eu mesmo sou um escravo da lei de Deus”, ou “sirvo como escravo à lei de Deus”. Ele não pode dizer que é só escravo da “lei de Deus”, pois vê que é também escravo da “lei do pecado”, por causa da sua carne. Esse é o seu problema; é disso que ele nos tem falado tantas vezes.

Nesta altura surge uma questão que precisaremos considerar quando chegarmos ao nosso sumário – seria possível ao homem plenamente regenerado fazer a declaração do versículo 25 à luz do capítulo 6, versículo 17, onde ele diz: “Mas graças a Deus que, tendo sido escravos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues”? Ali o apóstolo assevera vigorosamente que os cristãos não são mais escravos do pecado. De fato, no próximo versículo ele prossegue, dizendo: “E libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça”. Consideraremos essa matéria mais adiante, pormenorizadamente.

Chegamos ao fim do nosso estudo versículo por versículo desta passagem muito interessante e difícil, que começa no versículo 14. Vamos agora examiná-la de modo global, como um todo. Primeiro, procuremos ter claro em nossa mente o principal propósito do apóstolo. Deixando de lado os detalhes, qual seria a grande declaração de Paulo concernente ao homem – seja quem for ou o que for – que está em vista desde o versículo 14 até o fim do capítulo? Já vimos claramente que ele é um homem que está cômico de uma dualidade dentro dele. O apóstolo nos diz isso muitas vezes. Ele é um homem que chegou a ver que a Lei de Deus é tanto espiritual como boa; na verdade, ele tem prazer na Lei de Deus. Contudo – e aqui está o problema – ele não consegue viver em conformidade com a Lei, quer positiva quer negativamente. Ele deseja fazer as coisas que ela manda, mas vê que não pode. Ele não quer fazer as coisas que ela proíbe, porém vê que as faz. Ele vê claramente o caráter da Lei, mas não pode cumpri-la, e a razão disso é que “a lei do pecado” que está em seus membros

é forte demais para ele.

O apóstolo expôs tudo isso com muita clareza nos seguintes versículos: no versículo 17: “Já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim”. Esse poder do pecado dentro dele é mais forte que ele, tanto que ele pode fazer esse tipo de afirmação. Também no versículo 20: “Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim”. O pecado é forte demais para ele, e o derrota. Entretanto o ponto está ainda mais explícito no versículo 23: “Vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está em meus membros”. Pois bem, essas declarações têm somente um sentido. A “lei do pecado” que está em seus membros, ou seja, o pecado que nele habita, é demasiadamente forte para ele, e o prende, coloca-o num estado de cativo.

A prova final disso é o versículo 24. Este homem é um “miserável”, e irrompe num brado: “Quem me livrará do corpo desta morte?” E, finalmente, ele resume tudo na segunda parte do versículo 25: “Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado”. Há só uma conclusão a que ele pode chegar a respeito de si mesmo; é a confissão feita por ele no início de toda esta parte do capítulo 7 – “eu sou carnal, vendido sob o pecado”. Noutras palavras, o que cabe aos versículos 15-25 é expor essa declaração. Como freqüentemente se dá com este apóstolo – e com muitos outros escritores do Novo e do Velho Testamentos – ele começa com a sua conclusão e depois a comprova e a demonstra. No começo ele disse: “eu sou carnal, vendido sob o pecado”. Essa é a única conclusão a que esse homem pode chegar a seu próprio respeito. Não somente há essa dualidade dentro dele, mas também ele foi feito cativo pela lei do pecado que está em seus membros. Ela é mais forte que ele e o está derrotando, e ele grita: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Essa é a declaração essencial, a declaração vital, que ele faz neste parágrafo sumamente fascinante.

Estaríamos agora em condições de decidir, de chegar a um veredicto, quanto à identidade da pessoa que o apóstolo está descrevendo? Uma coisa podemos dizer sem dificuldade ou hesitação – enquanto examinávamos os versículos individuais, dissemos isso muitas vezes: não é possível que seja o homem não regenerado. As declarações positivas do homem acerca do seu prazer na Lei, do seu amor pela Lei, da sua apreciação do caráter espiritual da Lei, tornam impossível essa identificação. Se fosse esse o caso, não se poderia conciliar esta passagem com os versículos 7-13, onde Paulo nos informa de que, no passado, quando ainda não tinha sido regenerado, ele não entendia a Lei, o seu sentido e o seu propósito. Esse era o problema dele na velha vida; “nalgum tempo” ele “vivia sem (a) lei”; achava que estava tudo bem porque não tinha visto o real caráter da Lei. Quando “veio” o mandamento... Ah, sim! O homem que ele descreve aqui é um homem a quem o mandamento “veio”; é por isso que ele vê que ela é espiritual e boa; e é por isso que ele tem prazer nela. Não somente isso, porém vimos que o homem não regenerado é incapaz de reconhecer esta dualidade nele, e de imaginar-se da maneira psicológica e espiritual que temos visto ser característica desta parte particular deste capítulo. Portanto, não precisamos tomar tempo para considerar a possibilidade de que, aqui, o apóstolo está descrevendo um homem não regenerado.

Resta-nos, pois, a pergunta: seria esta, então, uma descrição do homem plenamente regenerado? Seria certo dizer que o apóstolo estava escrevendo aqui sobre si como ele era na ocasião em que escreveu a Epístola aos Romanos? Mencionei previamente o argumento acerca do uso do verbo no presente. Seria certo dizer que o homem regenerado é sempre como aqui descrito, que nunca se eleva acima do que aqui é descrito, e que na verdade é o apóstolo Paulo que está escrevendo sobre si próprio no ápice da sua experiência como apóstolo do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo? Que dizer dessa exposição? É uma regra muito boa, quando você estiver estudando uma

passagem das Escrituras difícil como esta, não ficar muito ansioso para chegar a uma decisão com base única e exclusivamente na evidência ou prova que está diante de você. Sempre que você se defrontar com uma passagem desse tipo, a primeira coisa que deve perguntar a si mesmo é: existiriam passagens semelhantes a esta noutros lugares das Escrituras? Será que eu poderia encontrar alguma luz sobre este problema com que me defronto, recorrendo a outras partes das Escrituras – outras partes das Escrituras escritas por este mesmo apóstolo, ou partes das Escrituras escritas por outros escritores? Não há melhor regra do que comparar Escritura com Escritura quando se encara uma passagem difícil de interpretar. As heresias têm surgido na Igreja porque certas pessoas fundam uma doutrina completa num único versículo, ou numa porção, e deixam de consultar outras partes das Escrituras que tratam do mesmo ponto. Tratem os nós de observar essa regra. O nosso próximo passo é, pois, o seguinte:

Alega-se que existem algumas passagens das Escrituras que dizem exatamente a mesma coisa que o apóstolo está dizendo aqui no capítulo 7 de Romanos. Sendo assim, o argumento é muito importante, porque aqueles que não se dispõem a dizer que o apóstolo está descrevendo a si mesmo aqui, sustentam que esta declaração é única, sem nenhum paralelo em parte alguma das Escrituras. Portanto, vejamos algumas das passagens a que se faz referência. Podem ser divididas em dois grupos. Há passagens que parecem estar descrevendo a mesma espécie de luta descrita pelo apóstolo neste capítulo 7 de Romanos. Há, por exemplo, a declaração que se lê na Epístola aos Gálatas, capítulo 5, versículo 17: “Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro: para que não façais o que quereis.” Admitamos desde logo que, à primeira vista, fica-se tentado a dizer: “Isso é precisamente o que Paulo diz aqui em Romanos, capítulo 7”. Há estes dois lados, “a carne lutando contra o Espírito” e “o Espírito lutando contra a carne”. E estes

dois “opõem-se um ao outro”. Certamente é o mesmo que dizer que a mente por um lado, e a lei em seus membros por outro, são opostas uma à outra, resultando em que você não pode fazer o que quer. A princípio parece um paralelo perfeito, porém quando você o examina, e especialmente quando lê o contexto, logo vê que as duas declarações são na verdade quase totalmente diversas. Note-se, por exemplo, que o apóstolo introduz a declaração de Gálatas 5:17 dizendo no versículo 16: “Digo, porém: andai em (ou no) Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne”. Num sentido não temos necessidade de avançar mais neste assunto. O apóstolo lança uma proposição fundamental: “Se vós andardes no Espírito” (e eu estou ordenando que façais isso) “não cumprireis a concupiscência da carne”. Mas o que nos é dito em Romanos, capítulo 7, é que, a despeito de toda a sua resoluta disposição para cumprir a Lei de Deus, o homem permanece cativo da “lei do pecado que está em seus membros”. Note-se igualmente que na passagem de Gálatas há um fator que de modo algum está presente em Romanos, capítulo 7. É a referência ao Espírito Santo. O Espírito Santo não é mencionado em Romanos, capítulo 7. Tudo o que visa a passagem de Gálatas, capítulo 5, é salientar o Espírito e Sua obra. “Digo, porém: andai *no Espírito*, e não cumprireis a concupiscência da carne.” O objetivo do apóstolo em Gálatas, capítulo 5, é mostrar o caminho da vitória, e não somente mostrá-lo, mas garantir a vitória, por causa deste outro fator – o Espírito Santo que está em nós. No entanto, isso não é mencionado em Romanos, capítulo 7.

Há, porém, outro ponto de diferença. No versículo 18 do capítulo 5 de Gálatas, há o que à primeira vista parece uma declaração estranha. “Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei.” Esse versículo é um paralelo perfeito do que o apóstolo diz em Romanos 6:14, que, como venho salientando o tempo todo, é, por assim dizer, a chave de todo o capítulo 7 de Romanos. Há um sentido em que Romanos, capítulo 7, é uma exposição de Romanos 6:14, que diz: “O

pecado não terá domínio sobre vós”, e por esta razão: “pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. Paulo está dizendo a mesma coisa em Gálatas 5:18, embora de forma diferente. Ele está mostrando, não somente a possibilidade de vitória, porém a certeza da vitória para aqueles que compreendem esta verdade acerca de si mesmos em Cristo, e “no Espírito”. Depois, para acrescentar mais uma prova, temos a declaração de Gálatas 5:24: “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências”. Não há uma palavra sobre isso em Romanos, capítulo 7 – nem uma só palavra! Mas em Gálatas ele afirma que essa verdade diz respeito a todos os cristãos. Visto que estão em Cristo, fizeram isso; isso aconteceu, eles crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Todo o problema do homem de Romanos, capítulo 7, é que ele não tem como fazer isso. O seu problema é que a carne é demais para ele, e que ele está sendo mantido cativo o tempo todo sob “a lei do pecado que está em seus membros”.

Temos então o direito de concluir que Gálatas, capítulo 5, longe de dizer a mesma coisa que diz Romanos, capítulo 7, não somente diz exatamente o contrário, mas foi destinado a dizer exatamente o contrário. A preocupação de Romanos, capítulo 7, é mostrar o estado de fracasso deste homem que, por assim dizer, está tentando santificar-se com o uso da Lei. A finalidade de Gálatas, capítulo 5, é mostrar-nos positivamente o sucesso e a vitória que acompanham o homem que está se santificando e que está lidando com o problema em seu ser interior por meio do poder do Espírito. Este é um homem capaz de crucificar a carne com as suas paixões e concupiscências, e não tem desculpa para o fracasso. Não há uma palavra a respeito disso em Romanos, capítulo 7; mas isso virá no capítulo 8.

Vejamos agora outra declaração. Acha-se na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 9, versículos 26 e 27. O apóstolo descreve homens lutando para obter superioridade numa

corrida – “Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar. Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha dalguma maneira a ficar reprovado”. Essa passagem também é citada porque há pessoas que acham que Paulo está descrevendo nela o mesmo conflito interior que é descrito em Romanos, capítulo 7. Pois bem, não se questiona que o apóstolo estava se referindo a si mesmo e a uma presente experiência, quando escreveu 1 Coríntios 9:27; mas, isso faria paralelo com Romanos, capítulo 7? Em Romanos, capítulo 7, ele diz: “Segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros”. Contudo, em 1 Coríntios 9:27 ele diz: “Subjugo o meu corpo”, “bato e piso nele”. É o que as suas palavras significam literalmente. “Eu o surro, o esmurro, mantenho-o por baixo, ponho-o em sujeição”. Isso é também exatamente o oposto de Romanos, capítulo 7. Ele diz, e todos nós devemos dizer também, que o homem regenerado ainda não é perfeito e por força tem que travar uma guerra contra o pecado. Mas o fato de ter que travar uma guerra não significa que ele está derrotado. Já o homem de Romanos, capítulo 7, está derrotado, está em cativeiro, vendido sob o pecado. Em 1 Coríntios 9:27 o apóstolo diz: “Há uma batalha, há esta tendência, o pecado está aí; está sempre pronto para aproveitar uma oportunidade; mas” – estou pondo estas palavras na boca do apóstolo porque é o que ele realmente está dizendo – “eu não deixo que o pecado reine em meu corpo mortal”. Ele está numa condição em que não permite que o pecado reine, ele está em condições de “mantê-lo sujeito”. “Eu pessoalmente o mantenho sujeito, eu mantenho o meu corpo em sujeição, eu o mantenho na linha. Estou participando desta corrida, e não pretendo que ninguém me prive do meu prêmio; subordino o meu corpo e o mantenho em sujeição.” O homem de Romanos, capítulo 7, teria dado

de presente o mundo inteiro, se simplesmente pudesse dizer isso! Mas não podia dizê-lo; esse era o seu problema, a sua tragédia. *Ele* é que estava sendo mantido em sujeição pela lei do pecado que estava em seus membros, em seu corpo. É exatamente o oposto do que é retratado em 1 Coríntios 9:27.

Outra passagem às vezes é citada. Refiro-me a ela, apesar de não ver que haja alguma plausibilidade. Acha-se no capítulo 6 da Epístola aos Efésios, do versículo 12 em diante, onde se lê: “Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”. Os intérpretes vão logo à palavra “lutar” porque parece sugerir o que temos em Romanos, capítulo 7; a luta está em andamento! Todavia há duas respostas a isso. Em Efésios, capítulo 6, Paulo não está falando de uma luta contra aquilo que está na carne. Limitemo-nos ao que ele diz. “Não temos que lutar contra a carne e o sangue.” Isso não é a essência do problema que ele está considerando. Antes, ele diz: “O nosso problema essencial é, em última análise, não o pecado que há dentro de nós, porém estes poderes malignos, o diabo e seus exércitos, que estão fora de nós”. E ainda, com relação a isso, ele diz: “No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder” (ou, VA: “sede fortes”) (versículo 10). Como cristão você pode ser forte, pode conseguir vitória! “Sede fortes no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo”, e derrotá-lo. Que daria o homem de Romanos, capítulo 7, se soubesse disso e pudesse dizer isso?! Mas não sabia; esse era todo o seu problema. Longe de dar suporte à idéia de que o homem de Romanos, capítulo 7, é regenerado, o objetivo de Efésios, capítulo 6, é mostrar que ao homem regenerado é possível ser vitorioso e permanecer firme. “Havendo feito tudo, ficar firmes (no dia mau)”. Ele é um vencedor; não um derrotado.

São essas, pois, as passagens comumente citadas por parecerem sugerir o mesmo tipo de luta que é descrito em Romanos, capítulo 7. Espero ter provado que elas dizem exatamente o contrário.

Passemos agora a examinar outras passagens, que pertencem a um segundo grupo e que parecem semelhantes a Romanos, capítulo 7, porque falam em “lamentos” e “gemidos”. Há os que deduzem dessas passagens que o homem regenerado “geme” e “se lamenta” e, assim, afirmam categoricamente que Romanos, capítulo 7, é uma descrição de tal homem. A primeira está no capítulo 8 desta mesma Epístola aos Romanos, versículos 23 e 26 em particular: “E não só ela (toda a criação), mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito (aí está o homem plenamente regenerado), também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo”. E mais: “E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis”. Alega-se que há um perfeito paralelo entre esses versículos e “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”

Pois bem, será que essas declarações são paralelas? Para começar, notem que em Romanos 8:23 há este vital acréscimo, ausente de Romanos, capítulo 7 – “Nós mesmos, que temos as primícias do Espírito”. Nenhuma palavra sobre isso se vê em Romanos, capítulo 7! Mas o argumento não depende só disso. A resposta a essa interpretação é simplesmente que na correspondente porção de Romanos, capítulo 8, o apóstolo não está considerando a luta que o homem tem contra o pecado dentro de si, porém sua luta com o pecado que há no mundo, o pecado presente nas circunstâncias, o pecado nas provações, dificuldades e tribulações que nos sobrevêm nesta existência. Permitam-me provar isso. Retornemos ao versículo 17 do capítulo 8: “Se nós somos filhos, somos logo herdeiros também,

herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos”. “Se padecemos com Cristo!” As palavras não podem significar sofrimento pelo pecado, porque Cristo nunca sofreu desse modo. Neste contexto, de Romanos 8:17 em diante, Paulo fala de sofrermos com Ele, “para que também com ele sejamos glorificados”.

Observem o que ele diz a seguir: “Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a ardente expectativa da criatura” (a criação inferior, tudo o que tem vida, além dos homens) “espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade” – refere-se ele agora aos animais e a tudo quanto existe na criação, fora o homem – “não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou. Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção”. Essas palavras indicariam uma luta contra o pecado que há no homem? Claro que não. O que eles têm que combater é “a fera natureza, com unhas e dentes”. O apóstolo se refere à espécie de “agonia” do cosmos, o conflito presente em toda forma de vida, conflito que entrou em cena por causa da Queda, e porque, quando o homem pecou, Deus amaldiçoou a terra (Gênesis 3:17). Essa luta pertence à totalidade da natureza e da criação. “Sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo.” Noutras palavras, apesar do cristão estar redimido e regenerado, ele vive num mundo de pecado, mundo de tristezas, mundo de dores, mundo de sofrimento, num mundo em que estão presentes o mal e tudo quanto há de sórdido e torpe; e está sujeito a males e moléstias. Esse é o tema de Romanos 8:17-23. Nessa passagem o apóstolo nem sequer considera o problema que é tratado em Romanos, capítulo 7. Mas, quantas vezes se perde de vista essa distinção devido ele usar a palavra “geme”!

“Que dizer, porém, de 2 Coríntios, capítulo 5?” alguém perguntará. Nos versículos 2 e 3 lemos: “Por isso também gememos (neste tabernáculo), desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu; se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus”. Depois, no versículo 4: “Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida”. Mais uma vez se alega que este é um caso similar ao do “miserável homem” de Romanos, capítulo 7. O que se afirma é que a carga que faz gemer é o fardo do pecado, o “pecado que está em meus membros”, essa coisa que me está pondo e mantendo em cativeiro. Aqui, alega-se, o homem regenerado está falando, e o que parece é que está sendo dito que ele está “gemendo” por causa do seu fardo de pecado, e que ele anseia por sua glorificação.

Qual será a resposta? Novamente aqui, contudo, eu devo assinalar que o apóstolo não está falando do assunto de que trata em Romanos, capítulo 7. Seu tema é o mesmo de Romanos, capítulo 8, versículos 18 a 26. O contexto prova isso. Paulo começa a falar do tema de 2 Coríntios 5:1-5 no versículo 7 do capítulo 4 dessa carta: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos mas não desanimados; perseguidos...”. Ele está tratando de coisas externas em relação a ele, não internas – “perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos; e assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus”. Isso descreve o tipo de vida que Paulo vivia então externamente. “De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida.” “Tudo isto é por amor de vós... por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e

momentânea tribulação” – isto é, as coisas externas a nós – “produz para nós um peso eterno de glória muito excelente.” E para provar que se refere a coisas externas, ele diz: “Não atentando nós nas coisas que se vêem” (externas em relação a nós) “mas nas que se não vêem”. Segue-se, então, o versículo primeiro do capítulo 5: “Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer” (ou “for desfeita”) – se nos matarem, se nos martirizarem – “temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus”. Assim, nessa passagem de Coríntios, o apóstolo está falando sobre as provas, as tribulações, as perseguições e os sofrimentos dos cristãos por serem cristãos. Não é absolutamente o mesmo problema, a mesma questão, de que o apóstolo trata em Romanos, capítulo 7.

Mas eu tenho mais um motivo para falar desta maneira. Se examinarem o verbo “gemer”, em suas várias flexões, na Bíblia, e disserem que toda vez que se lê que um cristão está “gemendo” ou que está “carregado” sob o peso de um fardo, o verbo descreve, necessariamente, a luta interior contra o pecado, estarão dizendo que o nosso Senhor teve luta interior contra o pecado. A evidência disso é como veremos a seguir. Isaías, no capítulo 53 do seu livro, lembra-nos que o Salvador, quando viesse, seria um “homem de dores e experimentado no sofrimento” (VA e NVI). E, quando veio, foi o que a profecia dissera que seria. Lemos, por exemplo, em Marcos 9:19 que, quando Cristo desceu do Monte da Transfiguração e viu os Seus discípulos discutindo com o povo na presença de um homem cujo filho padecia violentas convulsões, Ele disse: “Ó geração incrédula! Até quando estarei convosco, até quando vos sofrerei ainda? Vejam também a narrativa do nosso Senhor em Betânia, junto ao sepulcro do Seu amigo Lázaro, no Evangelho Segundo João, capítulo 11, versículo 33 em diante: “Jesus pois, quando a viu chorar (Maria), e também chorando os judeus que com ela vinham, moveu-se muito” (ou: “gemeu”) “em espírito, e perturbou-se”.

E de fato lemos no versículo 35: “Jesus chorou”. Ele estava sob um fardo, Ele gemeu nas profundezas do Seu espírito, perturbou-Se em Seu espírito e chorou.

Vejam-no algum tempo depois no Jardim do Getsêmani. Eis o que vemos: “Posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão” (Lucas 22:44). Certamente o nosso Senhor “gemeu” quando esteve neste mundo. E nós, “neste tabernáculo”, diz o apóstolo Paulo, “gememos carregados”. O Senhor “gemeu em espírito” pela mesma razão. Não por causa do “pecado em seus membros”, mas porque este é um mundo de pecado, por causa de todo o mal que o pecado causou ao mundo de Deus.

Por que Cristo chorou e gemeu junto ao túmulo de Lázaro? “Ah, foi a sua compaixão empática, natural, humana”, dirá alguém. Mas isso não pode ser, porque Ele sabia que estava prestes a ressuscitar Lázaro e devolvê-lo a suas irmãs. Não, Ele chorou porque estava face a face com esta horrível realidade chamada morte, que tinha entrado neste mundo em consequência do pecado, e que dentro em pouco O levaria à Sua própria morte e à Sua separação do Pai. É isso que significa o fato de que “Jesus chorou”, foi por isso que Ele “gemeu e se perturbou em espírito”, embora soubesse que ia ressuscitar Lázaro. Ele estava vendo o pecado e suas consequências no mundo, estava vendo o pecado objetivamente, como Paulo faz em Romanos 8:18-23, e também em 2 Coríntios 5:1-5. Na verdade, o apóstolo expressa isso explicitamente na Epístola aos Colossenses, capítulo primeiro, versículo 24, onde ele diz: “Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumprio o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja”. É exatamente a mesma coisa. Paulo entrou em comunhão tão íntima com o Seu Senhor e Salvador que realmente sente algo do que o Senhor Jesus Cristo sofreu quando esteve neste mundo mau. A visão e a percepção disso tudo fizeram-no gemer. “Neste tabernáculo, gememos carregados”. Conquanto salvos, e regozijando-nos na salvação, o mundo é,

não obstante, um “vale de lágrimas”, uma “terra de infortúnio”. É isso que o apóstolo diz em Romanos, capítulo 8, e também em 2 Coríntios, capítulo 5.

Portanto, concluímos que as declarações que, por causa desta idéia de fardo, problemas, tribulações, agonias e gemidos, parecem à superfície estar dizendo o que Paulo diz em Romanos, capítulo 7, clara e definidamente não tratam do mesmo assunto, e, por isso, são irrelevantes na questão de se decidir quem precisamente é “o homem” descrito em Romanos, capítulo 7, versículos 14 a 25. Continuaremos o nosso estudo para mostrar que, se aqueles versículos forem interpretados como aplicáveis a um homem plenamente regenerado, teremos que concluir que essa interpretação é incompatível com o claro ensino deste apóstolo noutras passagens com relação ao homem regenerado. E depois mostraremos que também é incompatível com o ensino de outros escritores do Novo Testamento concernente ao homem plenamente regenerado. E mesmo depois que tivermos essa questão resolvida, ainda nos restará a sugestão de que Romanos, capítulo 7, é a descrição de um cristão imaturo que ainda não chegou a receber a “segunda bênção”. Essa é uma questão muito mais simples e da qual poderemos livrar-nos com muito maior facilidade.

19

“Logo tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno. Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço não o aprovo, pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. Acho então esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor. Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado. – Romanos 7:13-25

Estamos engajados na tarefa de resumir as nossas conclusões concernentes ao sentido exato desta famosa porção das Escrituras. Nós a percorremos em detalhe, versículo por versículo, e também resumimos a declaração essencial feita pelo apóstolo. Ao tentarmos decidir se a referência é ao homem regenerado – até mesmo o próprio Paulo quando escreveu a

carta – ou se é uma descrição de um cristão imaturo, achamos que o melhor plano que se poderia adotar era ver se poderíamos encontrar outras passagens das Escrituras que lançassem alguma luz sobre a questão. Vimos que, à superfície, passagens que parecem descrever o mesmo conflito, e outras que parecem descrever o mesmo “gemer” num mesmo estado de miséria, realmente não nos fornecem nenhum paralelo com o que vemos nesta parte do capítulo 7 de Romanos.

O próximo passo será mostrar que, se esta passagem for interpretada como uma descrição da experiência de Paulo em seu melhor e mais alto nível, quem sabe como ele era quanto escreveu esta Epístola, será incompatível com o seu claro ensino noutras passagens, na verdade com o claro ensino noutras passagens da Bíblia, não só de autoria do apóstolo Paulo, mas também de outros escritores, a respeito da natureza do homem regenerado.

Examinemos, primeiro, passagens dos escritos do apóstolo Paulo que, conforme meu parecer, excluem a possibilidade de estar ele descrevendo a sua experiência de cristão maduro em Romanos, capítulo 7. Vejamos inicialmente as outras declarações do apóstolo nesta mesma Epístola. As evidências são abundantes. Começo citando o capítulo 5, versículos 1 e 2, onde ele diz: “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes”. Nós salientamos ali o “estarem firmes” – não o encolhimento, o andar trôpego, a desistência – nós “estamos firmes” nesta graça, “e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”. Certamente o homem que pôde dizer isso não poderia gritar ao mesmo tempo: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Ademais, os versículos 12 a 21 do mesmo capítulo ressaltam “a vitória do reino da graça”. Embora o pecado tenha sido abundante, a graça foi muito mais. A vitória, o triunfo, a certeza, a segurança disso tudo! Esta é a mensagem central do apóstolo, a sua principal razão para escrever a

passagem. “Muito mais”, ele fica repetindo – a graça foi muito mais abundante, “superabundou”. É sempre “abundante” e “superabundante”. Não há compatibilidade entre salientar o “superabundante” poder e capacidade da graça e o clamor: “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” As duas coisas não se enquadram juntas na mesma pessoa.

Quando chegamos ao capítulo 6, vemos que praticamente tudo o que Paulo diz é incompatível com a interpretação à qual me oponho. No versículo 2, por exemplo, ele replica à pergunta, “Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?” dizendo: “De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” Mas aqui, na segunda parte do capítulo 7, está um homem mantido cativo “debaixo da lei do pecado que está nos seus membros”. No capítulo 6, versículo 2, porém, ele afirma que isso é impossível a um cristão. Tendo morrido para o pecado, é-lhe impossível continuar no pecado. Paulo diz a mesma coisa no versículo 6: “Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito (anulado, destruído, reduzido a nada), para que não sirvamos mais ao pecado”. Esse é o objetivo da salvação, e essa é a causa do seu regozijo. No versículo 7 ele repete a mesma verdade: “Porque aquele que está morto está justificado do pecado”. Segue-se depois a grande exortação do versículo 11: “Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor”. Que interpretação disso seria possível, se esta parte do capítulo 7 fosse uma descrição do homem regenerado em suas melhores condições? Semelhantemente, a exortação dos versículos 12 e 13 se tornaria completamente sem sentido. “Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal” – não devemos permitir que ele reine ali – “para lhe obedecerdes em suas concupiscências.” “Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade.” Não temos nenhuma *necessidade*

de fazer isso, *podemos* parar de fazê-lo; *temos que* parar de fazê-lo. Mas em Romanos, capítulo 7, o que temos é um homem que nos diz que não tem como agir, que é posto e mantido constantemente em cativeiro por este poder que é maior do que ele. Há depois a grande asseveração do versículo 14: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. É a própria antítese desta interpretação particular dos versículos 13 a 25 do capítulo 7.

Entretanto, examinemos mais uma vez o capítulo 6. Vejamos o versículo 17: “Mas graças a Deus que, tendo sido escravos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues”. E então, o versículo 18: “E, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna”. Tais palavras não são compatíveis com a declaração: “Vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros... Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço”. O homem não consegue fazer o que quer; ele faz o que não quer fazer. “Miserável homem que eu sou!” É realmente surpreendente que alguém que tenha examinado todo o capítulo 6 possa sequer pensar em dizer que, no capítulo 7, os versículos 13 a 25 descrevem o homem regenerado no apogeu da sua experiência. O apelo do versículo 19 do capítulo 6 perderia igualmente a sua razão de ser: “Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne: pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia, e à maldade para maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para santificação”. Evidentemente, esse apelo é dirigido àqueles que têm capacidade para atendê-lo, não a cativos do pecado desamparados, desanimados e derrotados.

Vejamos a seguir este próprio capítulo ao qual pertence a parte que estamos focalizando. Afirmo que os versículos 4 e 6

são completamente incompatíveis com aquela idéia que foi sugerida a respeito dos versículos 14 a 25. O versículo 4 diz: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro (marido), daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus”. No versículo 6 lemos: “Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra”. Essas grandes asserções nos impossibilitam interpretar os versículos 14 a 25 da maneira proposta.

Passemos então ao capítulo 8, versículos 1 e 2: “Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus... Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”. Mas, no versículo 3 do capítulo 8 ele diz que foi libertado. “Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado”, tinha feito justamente isso; “pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós”. Não para que continuássemos falhando, mas para que “se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Aí Paulo está descrevendo o homem regenerado; e não se pode conciliar as suas palavras com a interpretação do capítulo 7, versículos 14 a 25, à qual me oponho.

Vejam também o versículo 6 do capítulo 8: “A inclinação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz”. (A NVI, mais de acordo com a Versão Autorizada (inglesa), diz: “...a mentalidade da carne... a mentalidade do Espírito.) O homem de Romanos, capítulo 7, não tem paz. “Não”, diz ele, “eu estou sempre sendo posto no cativeiro da lei do pecado que está em meus membros. Miserável homem que eu sou! quem me livrará?” Tal homem está gozando paz? Diz, porém, o apóstolo que a grande característica do homem de mentalidade espiritual, isto é, do homem regenerado, é que ele tem “vida e paz”. É exatamente o oposto deste homem que não

consegue achar a paz e que clama em agonia: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?”

A seguir, passemos para o versículo 13 e outros do capítulo 8, nos quais o apóstolo faz um apelo. Diz ele: “Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”. O que está implícito é que nós, como cristãos, podemos fazer o que ele nos manda fazer, e por isso nos diz que o façamos. Mas todo o problema do homem de Romanos, capítulo 7, é que ele não é capaz disso. Ele havia tentado fazê-lo, mas fracassara completamente, e continuava cativo; porém no capítulo 8 vemos um homem que encontrou um caminho para a liberdade e para a vida.

Depois, continuando, vamos para os versículos 14 em diante: “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus”. “Porque não recebestes o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor”. Quem está na escravidão? O homem que está preso ou cativo “debaixo da lei” está na “escravidão”. Quem é o homem que está “em temor”? É aquele que diz: “Que será que vai me acontecer? Que é que eu posso fazer? Eu tento, eu quero fazer algo, mas não consigo”; e clama: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” Mas ao homem regenerado o apóstolo diz: “Não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados”. Se isso é verdade a meu respeito, como vou exclamar: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Essas coisas são completamente incompatíveis, não respiram o mesmo ar, na mesma atmosfera, não devem estar juntas, de modo algum. Não, este homem, o homem regenerado, o apóstolo Paulo quando estava escrevendo, não estava “sem esperança”, não era um

“miserável”; ele sabe qual é a sua situação e se “gloria na esperança da glória de Deus”.

Vamos então para os versículos 29 e 30: “Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou”. Observem agora o salto – “e aos que justificou a estes também glorificou”. O homem que entende a justificação sabe que, num sentido, já está glorificado. Pode tal homem gritar: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” É inconcebível, é impossível. “Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus.” Se eu sei que fui “conhecido” de antemão, e que fui “predestinado”, sei que irei ser “conforme à imagem de seu Filho”. Não grito em desespero: “Quem me livrará?”, porque já sei a resposta. Uma errônea interpretação do capítulo 7 torna a totalidade deste grandioso capítulo 8 completamente impossível, especialmente aquele salto da “justificação” para a “glorificação”.

No capítulo 12 há ainda outras declarações que não posso conciliar com as outras interpretações. “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” Se não tivéssemos mais nada, essa declaração seria suficiente para propiciar uma interpretação correta. No capítulo 14, versículo 17, Paulo diz: “O reino de Deus” (no qual os cristãos entraram) “não é comida nem bebida”. Não é questão de comer isto e não comer aquilo, de observar dias e outros pontos de meticuloso escrúpulo; mas o Reino é “justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo”. Isso é cristianismo; o cristão deve experimentar sempre “justiça, paz e alegria no Espírito Santo”. Pode um homem ter “alegria no Espírito Santo” e, ao mesmo

tempo, dizer: “Estou constantemente sendo posto em cativeiro pela lei do pecado que está em meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” É mais que certo que as duas condições não têm a mínima possibilidade de coexistir na mesma pessoa.

Até aqui tenho apresentado evidências da própria Epístola aos Romanos. Passemos agora às evidências de outros escritos do apóstolo Paulo. Já citei 1 Coríntios 9:27, onde ele diz: “Subjugo o meu corpo”. Mas agora vejam o que me parece a resposta final a este argumento em 2 Coríntios, capítulo 3. Essa passagem parece ter sido escrita especialmente para tratar da questão que estamos considerando. Vejam o que Paulo diz nos versículos 6 e 7, onde o seu tema é a Lei e o evangelho, a morte e a vida. Observem a sua expressão negativa – “não da letra, mas do espírito... a letra mata”. O problema do homem de Romanos, capítulo 7, é que ele estava sendo morto pela Lei. Diz ele no versículo 10 do capítulo 7: “O mandamento que era para vida, achei (vi, descobri) eu que era para morte”. Mas Paulo diz aos coríntios que “a letra mata, mas o Espírito vivifica”. Examinem depois a frase do início do versículo 7: “o ministério da morte”. Paulo está escrevendo sobre a lei de Deus, gravada “com letras em pedras”, e de fato está dizendo que a santa lei de Deus, dada por meio de Moisés, não era outra coisa senão “o ministério da morte”; e pela mesma razão que se vê em Romanos, capítulo 7 – que “o mandamento que era para vida, achei eu que era para morte”. A dificuldade enfrentada pelo homem de Romanos, capítulo 7, é que ele está sendo morto pela Lei. Ele é feito pecado por ela; é morto por ela. Por isso aqui o apóstolo usa de fato esta frase deveras surpreendente: “o ministério da morte” (ou, VA: “a ministração da morte”), quanto à Lei de Deus. Mas vejam no fim desse capítulo os versículos 17 e 18: “Onde está o Espírito do Senhor” – também se pode traduzir por: “Onde o Espírito é Senhor” – “aí há liberdade”. Noutras palavras, não estou preso “debaixo

da lei do pecado que atua em meus membros”, não estou mais na carne, o Espírito está em mim, e o Senhor é esse Espírito, e onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade.

Entretanto o apóstolo não se contenta em dizer somente isso; ele acrescenta o que diz no versículo 18: “Mas todos nós (os regenerados), com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor...”. Assim é o homem regenerado, que não clama “Quem me livrará?” mas que, “com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor...”. Que acontece? “...somos transformados de glória em glória na mesma imagem (na imagem do Senhor)”. Estamos avançando, progredindo e nos desenvolvendo; no fim da nossa vida, quando estivermos chegando ao último degrau da escada da santidade, não devemos dizer: “Miserável homem que eu sou!” Não; devemos sim dizer: “Somos transformados de glória em glória” – crescendo, desenvolvendo-nos, avançando, subindo – “como pelo Espírito do Senhor”. Não se pode igualar isso ao que é dito em Romanos 7:14-25; é certo e seguro que são opostos exatos!

Volvamos agora para Gálatas 2:20: “Já estou crucificado com Cristo”. Isso não descreve uma segunda experiência; é o que acontece com todos os regenerados. “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim.” É assim que fala o homem regenerado. Ele não diz: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” Ele diz: “Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim”. Depois, em Gálatas, capítulo 4: “Digo, pois, que todo o tempo que o herdeiro é menino, em nada difere do servo, ainda que seja senhor de tudo”. Vemos aí um homem que está “debaixo da lei”; mas, embora filho da família, parece um servo. Na verdade pode até ser tratado tiranicamente pelos servos, pode passar por um período miserável, apesar de ser o herdeiro. Ele “está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai. Assim também nós, quando éramos

meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo; mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos”.

E, porque somos filhos, gritamos dizendo, “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Não! “Porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: aba, Pai. Assim que já não és mais servo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo.” Não é possível conciliar estas palavras com a declaração de Romanos 7:14 a 25. E ainda, no capítulo 5 de Gálatas, do versículo 16 ao fim do capítulo, lemos: “Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne... Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei... Os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências”. Esse é o ensino concernente ao regenerado em Gálatas.

Em Efésios, capítulo primeiro, versículo 19, o apóstolo diz aos crentes que está orando por eles para que “os olhos do seu entendimento” sejam “iluminados”. Seu desejo é que eles conheçam “a sobreexcelente grandeza do poder de Deus sobre nós, os que cremos”, o mesmo poder, diz o apóstolo, que Deus exerceu “em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro”. E então Paulo acrescenta: “E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”. É acaso concebível que um homem que tem algum conhecimento da “sobreexcelente grandeza” do poder de Deus para com ele possa clamar: “miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” – quem me livrará dessa coisa que “me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros”?

É certo que estamos num mundo totalmente diferente, que a situação está modificada inteiramente.

No fim do capítulo 3 de Efésios o apóstolo ora novamente em favor das mesmas pessoas regeneradas, nestes termos: “Para que (Deus), segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus”. E Paulo continua: “Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre”. O homem que escreve dessa maneira diria noutro momento: “Ah, sim, mas é igualmente certo falar a meu respeito: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Sem nenhuma dúvida isso é inteiramente impossível! O mesmo se pode dizer da parte restante da Epístola aos Efésios, do capítulo 4, versículo 17 em diante.

Vamos, porém, a Filipenses, capítulo 4, versículo 4. Que classe de gente são os cristãos? Julguem isso com base nas seguintes palavras: “Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos”. Vocês poderiam “regozijar-se sempre no Senhor” se estivessem cônscios de que estão sendo constantemente postos e mantidos em cativeiro, sob “a lei do pecado que está em seus membros”, e se estivessem clamando: “miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” Estas coisas não se enquadram mutuamente.

Depois, na Primeira Epístola aos Tessalonicenses – provavelmente a primeira Epístola escrita pelo apóstolo – capítulo primeiro, versículo 5: “O nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito

Santo, e em muita certeza; como bem sabeis quais fomos entre vós, por amor de vós. E vós fostes feitos nossos imitadores, e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo; de maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia”. A seguir, no capítulo 4, versículo 3: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. Esse é o ensino do apóstolo.

Concluo este sumário do ensino de Paulo com uma referência ao próprio homem. Quando ele fala de si mesmo, esta é a sua frase favorita: “Paulo, escravo do Senhor Jesus Cristo”. Vocês poderão vê-la no princípio das suas cartas. Será possível que um homem que se descreve desse modo gritaria ao mesmo tempo: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” Ouçam-no, vendo como ele escreve aos filipenses: “Para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho” (1:21). Ou considerem as coisas assombrosas que ele diz a seu próprio respeito, na mesma Epístola: “Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (3:13,14). Ele não fica girando num círculo vicioso e clamando por libertação; ele “prosegue para o alvo”. Diz ele mais: “Pelo que, todos quantos já somos perfeitos sintamos isto mesmo; e, se sentis alguma coisa doutra maneira, também Deus vo-lo revelará. Mas, naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra, e sintamos o mesmo. Sede também meus imitadores, irmãos” (versículos 15 a 17). Poderia um homem que diz de si mesmo: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” ter a ousadia de se levantar e dizer: “Sede meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam”? Parece-me por demais incongruente. Depois, na Primeira Epístola aos Tessalonicenses: “Vós e Deus sois

testemunhas de quão santa, e justa, e irrepreensivelmente nos houvermos para convosco, os que crestes” (2:10). Não consigo conciliar isso com as condições do homem de Romanos, capítulo 7. Paulo não está se arrogando perfeição; mas certamente afirma que não está na situação e nas condições descritas em Romanos, capítulo 7.

E isso me leva à minha derradeira declaração concernente a este grande homem. Dizem que o texto de Romanos 7:14ss. descreve Paulo em seu melhor nível, em sua condição mais elevada, estando já próximo o fim da sua vida cristã. Mas nós vemos que no fim da sua vida ele podia escrever num estilo muito diferente. Em 2 Timóteo 4:6-8 ele pôde dizer: “Eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda”. Pode um homem que diz isso dizer de si mesmo, “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” É impossível, pois a condição do apóstolo era a descrita por Witsius,* autoridade sobre a doutrina das alianças, nestes termos: “A imensa abundância do Espírito habita o seu nobre coração, e as cintilantes chamas do amor de Deus incendeiam o seu peito”. O homem a respeito de quem essa descrição é verdadeira não se considera um “miserável” a gritar em desespero: “Quem me livrará?” É pura impossibilidade. Aí estão, pois, as evidências em prol da minha opinião, evidências oriundas dos escritos do apóstolo Paulo.

Mas, demos atenção agora aos escritos do apóstolo João. Toda a argumentação da sua Primeira Epístola, escrita para

* Hermann Witsius (§ 1708), autor de uma obra “*Sobre as Alianças*”. Nota do tradutor.

peessoas regeneradas, é exatamente o oposto daquilo que é exposto na passagem que estamos estudando. Por que foi que João escreveu a sua Primeira Epístola? Ele mesmo responde: “Estas coisas vos escrevemos, para que o vosso gozo se cumpra” e para que “tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo”. Ele e os demais apóstolos estavam gozando essa comunhão, e ele queria que todos os cristãos a gozassem também. É impossível conciliar isso com a declaração de Romanos, capítulo 7. Vejam a seguir o capítulo 3 da mesma Epístola de João e notem o que ele diz no versículo 9: “Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado (não vive cometendo pecado); porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar (não pode viver pecando), porque é nascido de Deus”. E o versículo 21: “Amados, se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus”. Mas o homem descrito em Romanos, capítulo 7, é completamente condenado pelo seu coração. A mesma verdade emerge no capítulo 5, versículos 4 e 5: “Todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé. Quem é que vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?” E depois, o versículo 18: “Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca (não continua tendo uma vida de pecado e de fracasso); mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca. Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno. E sabemos que já o Filho de Deus é vindo, e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro; e no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna”. Deveria eu acrescentar a isso: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Impossível!

O apóstolo Pedro ensina a mesma verdade em sua Segunda Epístola, capítulo primeiro, versículos 4 a 10: Deus “nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade”, diz-nos ele no versículo 3, “pelo conhecimento daquele que nos chamou por

sua glória e virtude; pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo”. À luz disso, diz Pedro, eis o que lhes compete fazer: “E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência (o conhecimento), e à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal; e ao amor fraternal caridade. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão nem ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo”. O problema do homem de Romanos, capítulo 7, é que lhe faltava esse conhecimento. “Pois aquele em quem não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados. Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.” Temos aí descrições do cristão, do homem regenerado.

Finalmente, para confirmar o que estou dizendo, cito o ensino pessoal do nosso Senhor. Em Mateus 11:28 Ele diz: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”. Ele dá alívio ao homem que clama: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?”, e que está sendo sempre “posto em cativeiro pela lei do pecado que está em seus membros”. A esse homem fatigado pelo trabalho, sobrecarregado e infeliz, o nosso Senhor diz: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”. Isso é exatamente o oposto de Romanos, capítulo 7. Considerem depois Lucas, capítulo 4, e a narrativa ali feita da leitura que o nosso Senhor fez das Escrituras na sinagoga de Nazaré após o Seu regresso da tentação no deserto. Ele leu Isaías, capítulo 61:

“O Espírito do Senhor está sobre mim; pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor”. Tendo lido essas palavras, fechou o livro, entregou-o ao ministro, e assentou-se. “Então começou a dizer-lhes: hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos.” Foi isso que Ele veio fazer, e afirmou que o estava fazendo. É isso que Ele faz a todos os que nEle crêem. Ele liberta os “cativos” e os “oprimidos”; Ele dá vista aos cegos. Eles deixam de ser “miseráveis”.

Há também a notável declaração que se lê em João, capítulo 7, versículos 37 a 39: “E no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé, e clamou, dizendo: se alguém tem sede” – se alguém aspira à justiça, tem sede de justiça e de poder para viver em conformidade com a Lei, se alguém se sente miserável, infeliz e cativo do pecado – “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios d’água correrão do seu ventre”. O autêntico cristão não só vai pessoalmente bem, mas também pode fazer com que essas torrentes de bênção e de frutificação se propaguem para outros. “E isto disse ele do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado.”

Vejam agora o capítulo 8, versículo 12: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida” – não diz Ele que o Seu seguidor vai ficar tateando nas trevas e clamando: “Ah, onde posso achar libertação? Quem me livrará?” – “Quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida”. Mas vejam os versículos mais maravilhosos desse mesmo capítulo 8 (34-36): “Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado” – todo aquele que leva uma vida derrotada, fracassada, sendo cativo do pecado que está em seus membros – “todo aquele que comete pecado é servo do pecado”. É precisamente

isso que o homem de Romanos, capítulo 7, diz de si mesmo. O nosso Senhor continua: “Ora, o servo não fica para sempre em casa; o Filho fica para sempre. Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”. Noutras palavras, ele nunca mais voltará a dizer: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” O nosso Senhor diz ainda no capítulo 10, versículos 9 e 10: “Eu sou a porta: se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens” – plena satisfação! “O ladrão não vem senão a roubar, a matar e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará desta servidão, deste cativeiro, do corpo desta morte?” “Vida” – e “com abundância”. Que completo contraste!

Todas as Escrituras, em suas narrativas e descrições do homem regenerado, ensinam exatamente o oposto do que vemos em Romanos, capítulo 7. Mas devemos ir mais adiante. Sugiro-lhes que interpretar Romanos, capítulo 7, em termos do homem plenamente regenerado – Paulo em seu mais alto nível – é na verdade colocar o homem regenerado, em suas melhores condições, numa situação inferior à dos santos de Deus que viveram sob o ensino do Velho Testamento. O homem de Romanos, capítulo 7, está numa situação desesperada, pior até que a de Davi no Salmo 51. Davi tinha cometido o terrível pecado de adultério e, em cima deste, o de homicídio. Ele sabia o que tinha feito e sabia que era culpado; porém não clamou em desespero: “Quem me livrará?” Ele queria ter um coração puro, e admirou-se que pudesse ter feito tais coisas. “Cria em mim, ó Deus”, ele suplica, “um coração puro, e renova em mim um espírito reto.” E ora: “Não retires de mim o teu Espírito Santo”. Ele tinha consciência de um princípio essencial de justiça. Ele caiu, mas não se desesperou; não ficou na situação do homem de Romanos, capítulo 7. O Salmo 119 também contém versículos que tornam aquela errônea explicação completamente impossível. Exemplos disso temos

nos versículos 49-65, 97-104, 121, 165-168. Cada um de nós pode desenvolver por conta própria o argumento.

Vejam, porém, a questão ainda por outro ângulo. Se Romanos, capítulo 7, fosse uma descrição do homem regenerado em suas melhores condições, eu diria que as profecias do Velho Testamento concernentes ao evangelho não foram cumpridas. Em Isaías, capítulo 35, lemos que quando o Messias viesse, quando chegasse o evangelho, aconteceriam coisas como estas: “os olhos dos cegos serão abertos”, “os coxos saltarão como cervos”. “E ali haverá um alto caminho, um caminho que se chamará o caminho santo; o imundo não passará por ele, mas será para aqueles: os caminantes, até mesmo os loucos, não errarão.” Essas palavras descrevem efeitos do evangelho, mas Romanos, capítulo 7, não nos fala nesses termos. Ou escutem o que o evangelho faz, conforme a descrição de Isaías, capítulo 61: “A ordenar acerca dos tristes de Sião que se lhes dê ornamento por cinza, óleo de gozo por tristeza, vestido de louvor por espírito angustiado; a fim de que se chamem árvores de justiça, plantação do Senhor, para que ele seja glorificado”. Com tais palavras Isaías já tinha respondido a Romanos, capítulo 7, uns oito séculos antes. Essas são as bênçãos da dispensação do evangelho – ornamento, gozo e louvor. É a própria antítese do clamor: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”

De fato não hesito em dizer que, se vocês interpretarem Romanos, capítulo 7, como se referindo ao homem regenerado, estarão realmente excluindo por completo a doutrina da santificação. Ou, se não, certamente estarão excluindo a possibilidade de qualquer crescimento do crente na santificação. O argumento é que, quanto mais a pessoa progride na vida cristã, mais consciente fica do pecado que há dentro dela, e mais ela se lamentará. Assim, chega-se a isto: “Quanto mais cristão um homem se torna, mais miserável fica, e o ponto mais alto a que ele chega marca a maior profundidade da sua miséria. Onde fica então o “crescimento na graça e no

conhecimento do Senhor”? Onde fica a santificação progressiva? Aquela interpretação realmente acaba nisto: o maior efeito do evangelho sobre o homem consiste em aumentar a sua miséria. Quanto maior for a consciência de pecado, maior será a miséria; daí, o principal efeito do evangelho é aumentar a miséria; e o homem do Novo Testamento será necessariamente mais miserável que o do Velho Testamento. Isso é totalmente ridículo; é impossível.

Em conclusão, digo o seguinte: a real pista para que se possa entender bem esta passagem de Romanos, capítulo 7, consiste em notar que não se mencionam nela o Espírito Santo e o Cristo em nós; daí a dificuldade e o problema. Como provam as citações feitas, o Espírito Santo é o grande antagonista da “carne” e do “pecado”. *Ele* dá a vitória. Contudo Ele não é mencionado aqui; e como o Cristo em nós, e o Espírito Santo, que em nós habita, não são mencionados, esta passagem não pode ser uma exposição completa sobre as condições e a experiência de Paulo na ocasião em que a redigiu. Aqui temos um homem que está fazendo uma auto-análise, e que está sondando o “mim” e o outro “mim” que há dentro dele. É uma análise completa. Mas quando Paulo se analisa, ele diz: “Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim”. Este homem não menciona Cristo. É evidente que esta não é uma análise de Paulo como ele era no tempo em que escreveu esta parte de Romanos, capítulo 7, nem do cristão em suas melhores condições. Isso é impossível, pois tal homem teria que mencionar o Cristo em nós e o Espírito Santo, que habita em nós.

No entanto, dizem que esse é simplesmente um aspecto de Paulo. Ele não está falando aqui, dizem, da totalidade dele; é preciso tomar o capítulo 8 junto com o capítulo 7 para ter-se a totalidade de Paulo. Mas este homem de Romanos, capítulo 7, está falando definida e especificamente de si próprio, e de todo o seu ser. Ele fez análise de si mesmo – o “mim”, o outro

“mim” e o “eu”. É o homem completo. Assim, aquele argumento também não pode prevalecer. Conforme vejo, dizer que Paulo está descrevendo só um aspecto de si mesmo nesta passagem a torna incompatível com o que ele diz a seu respeito como cristão nos 17 primeiros versículos do capítulo 8.

“Ah”, dirá alguém, “mas por que não os dois ao mesmo tempo?” Já dei resposta a essa objeção. Se o homem já sabe a resposta, por que ele clama, “Quem me livrará?” Isso torna absurda essa posição. Se Paulo sabe tudo o que ele diz no capítulo 8 enquanto escreve o capítulo 7, por que faz esta descrição? Por que não explica que está falando de “um aspecto da minha vida, de uma parte de mim”? Todavia ele não faz isso. Ele faz uma descrição completa de certo homem, e essa descrição é totalmente incompatível com o homem regenerado do capítulo 8. O homem do capítulo 8 não tem como usar as expressões que Paulo emprega no versículo 14 do capítulo 7, onde ele diz: “Eu sou carnal, vendido sob o pecado”. Ele não pode clamar em desespero: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Não significa que estou dizendo que o cristão é perfeito. Naturalmente não é. Ele sabe, e sabe melhor que ninguém, que ainda resta pecado nele, em seu corpo. Por conseguinte, precisa restringir-se, ter cuidado e vigiar. Ele sabe que tem que lutar, sabe que está sujeito a cair em pecado; mas, sabedor disso tudo, nunca fala de si mesmo como um miserável. Quando o cristão, o homem regenerado, cai em pecado, não diz: “Que coisa terrível! Estou desesperado! Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” Ele fala de si, como deve, em termos da Primeira Epístola de João: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça” (1 João 1:9). E mais: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados” (1 João 2:1,2). É desse modo que o cristão fala; jamais clama em desespero.

O cristão sabe que tem que lutar contra o pecado; Paulo tratara desse assunto no capítulo 6. A luta do cristão é descrita ali e na primeira parte do capítulo 8, não nesta seção do capítulo 7. Notem, porém, que a descrição do capítulo 6 não é de um homem confiante. O pecado está presente, o pecado ainda permanece no corpo e está sempre pronto a tentar obter o domínio. Mas o crente é levado a lembrar-se de que agora ele pode impedi-lo disso. Não é um lutador em desespero; ele está por cima. No cristão o pecado não é senhor, é escravo. Para o cristão o pecado é uma amolação, um estorvo; é algo que o aborrece e às vezes lhe passa uma rasteira; porém nunca o leva ao desespero. O cristão jamais deve voltar a estar “debaixo da lei”, jamais deve perder a esperança. Eu não somente afirmo que não é um homem plenamente regenerado que está falando em Romanos, capítulo 7; eu assevero que ele nunca deve falar desse jeito. Na verdade, o objetivo de Paulo ao escrever esse texto foi ensinar às pessoas que elas nunca devem falar dessa maneira. E, se o seu objetivo ao escrever isso é esse, como poderia estar escrevendo acerca de si próprio? Essa idéia chega a ser grotesca. Não, não se trata aí da experiência de Paulo nas culminâncias da sua santificação.

Bem, dirá alguém, se é assim, por que não dizer, então, que se trata da descrição do cristão incompleto? Por que não dizer que a referência é a um homem regenerado que ainda não tinha recebido a “segunda bênção”, um homem já “justificado” mas ainda não “santificado”? Noutras palavras, por que não dizer que se trata de um cristão imaturo? A simples resposta a essa questão é que não há absolutamente nenhuma indicação disso nas palavras do apóstolo. Ele não diz que está se descrevendo como era outrora, antes de “passar” a Romanos, capítulo 8. Se estivesse fazendo isso, não estaria usando os verbos no presente; estaria usando o pretérito, e estaria dizendo: “Houve tempo em que eu era assim, assim. Ele escrevera dessa maneira em Romanos 7:1-13, onde estava descrevendo uma experiência passada.

Não; não é essa a resposta. Claro, esse conceito se baseia na falácia segundo a qual o homem pode ser justificado sem ser santificado. Funda-se na falsa idéia que põe uma cerca entre ambas e que afirma que podemos ter uma sem a outra. Mas o ensino de Paulo não é esse. Ele ensina que, se fomos justificados, estamos “em Cristo”, estamos unidos a Ele, não estamos mais “debaixo da lei”, o Seu poder está agindo em nós. Esse é todo o ensino do capítulo 6 e do capítulo 7:1-6. Ele não pode retroceder ao ponto localizado no que já dissera; isso é totalmente impossível. Além disso, essa opinião se baseia em mais uma falácia. Por mais neófito que o cristão seja, por mais imaturo, é-lhe impossível proferir o clamor do versículo 24. Mesmo o homem que só teve os primeiros vislumbres de entendimento e conhecimento jamais gritará: “Quem me livrará?” Ele já veio a crer que Cristo é o seu Salvador, e assim não pergunta: “Quem?”; ele vai a Cristo. Entretanto quem tem aquela idéia, com a sua superficialidade, também imagina que, quando você passa do capítulo 7 para o capítulo 8, todos os seus problemas estão resolvidos, e você nunca mais vai ter qualquer dificuldade, nunca mais vai ter luta nenhuma; ao passo que, no capítulo 8, versículo 5, Paulo diz: “Mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”. Desenvolveremos isso em detalhe quando expusermos o capítulo 8.

Qual será, então a situação? O apóstolo não está descrevendo a sua experiência pessoal; mas, como venho repetindo continuamente, ele está interessado em dizer um bom número de coisas acerca da Lei e em mostrar-nos que a Lei não nos pode salvar em nenhum aspecto; se não nos pode justificar, não nos pode santificar. Esse é o seu único objetivo em toda esta passagem. Seu interesse está na Lei. No versículo 5 diz ele que a Lei nos faz pecar mais que nunca; no versículo 13, declara: “a lei me matou”. Ele sabia que seria criticado e mal compreendido por isso, pelo que responde às objeções. É

o que ele está fazendo; e se expressa de forma dramática. Ele personaliza o argumento. Diz ele, efetivamente: “Se você disser que o propósito da Lei é salvar, e que pode salvar, a situação em que você me deixará é esta – que eu sei que a Lei é espiritual. Sim, mas eu sou carnal; que posso fazer? Que vantagem tenho em saber que a Lei é espiritual? Eu a aprovo e quero cumpri-la, mas não consigo; estou paralisado. Essa é a minha situação; e é nessa situação que você está me deixando”.

Então, que tipo de homem Paulo está descrevendo? Ele está descrevendo um homem que está experimentando uma intensa convicção de pecado, um homem a quem foi dado, pelo Espírito, ver a santidade da Lei; e se sente inteiramente condenado. Está ciente, pela primeira vez, da sua fraqueza e do seu completo fracasso. Mas não sabe mais nada. Ele tenta cumprir a Lei por suas próprias forças, e vê que não pode. Em consequência, sente-se condenado; sente-se réu convicto. Ele não sabe, não entende a verdade acerca do evangelho, acerca da salvação no Senhor Jesus Cristo e por Seu intermédio.

Ao mesmo tempo, apresentei muitas provas do fato de que este homem não é um não regenerado. “Mas você parece estar dizendo”, dirá alguém, “que ele tampouco é um homem regenerado.”

Como resolver a dificuldade? Essa é a experiência de grande número de pessoas, às vezes de pessoas que leram um livro sobre avivamento ou a biografia de um grande santo. De repente o Espírito Santo as leva à convicção de pecado. Elas vêem que todo o seu passado foi mau e que foi pura perda. Pela primeira vez enxergam o significado da Lei. Perderam sua autoconfiança, sua justiça própria, estão “mortas”, foram “mortas” pela Lei; em vista disso, procuram se acertar, mas não conseguem. Essas pessoas podem permanecer nessas condições durante dias, semanas e até anos. Então lhes é revelada a verdade sobre Cristo e Sua obra de plena salvação, e elas encontram paz, alegria, felicidade e poder. Gloriam-se em Cristo e em Sua cruz, e a Deus elevam o seu louvor. Mas por

algum tempo ficam numa situação que, por assim dizer, se resume nisto: elas não são nem uma coisa nem outra, nem pessoas regeneradas nem não regeneradas. Tudo o que se pode dizer com certeza é que, nesse período, tinham profunda convicção de pecado. Todavia não enxergavam claramente a verdade, nem sobre a justificação, quanto mais sobre a santificação?! Este homem está sob a condenação da Lei, e sente o seu completo desespero, desamparo e morte espiritual. Ele está “debaixo” do que o apóstolo chama “lei do pecado e da morte”.

Por que será que o apóstolo escreveu tudo isso? Por dois motivos: primeiro, para responder à acusação feita contra ele de que estava dispensando a lei de Deus e dizendo que ela é má. Mas ele tinha um segundo motivo, muito mais forte, que já nos tinha dado nos seus primeiros versículos deste capítulo. Consiste em mostrar-nos que há um caminho para a segura libertação em Cristo; e isso ele já tinha mostrado no versículo 14 do capítulo 6: “O pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. O capítulo 7 é uma exposição e um desenvolvimento desse tema. “Vai tudo bem”, Paulo parece dizer; “vocês não estão mais debaixo da lei. Vocês estão como a mulher cujo marido morreu; vocês estão mortos para a lei e se casaram com outro, com aquele que ressuscitou dos mortos, que está cheio de vida e de poder, e que gerará filhos de vocês. Ele os fertilizará, porá vida em vocês, e vocês darão fruto para Deus. Vocês deixarão de procurar fazer isso “debaixo da lei”. Vocês foram libertados daquilo a que estavam presos, e doravante vão servir em novidade de espírito, e não na velhice da letra” (versículos 1 a 6).

Essa é a sua grande e gloriosa mensagem; e neste trecho, do versículo 7 até o fim do capítulo, não temos nada mais nada menos que dois parênteses nos quais o apóstolo trata de dificuldades, e de nenhum outro ponto. Ele continuará, no capítulo 8, a relatar-nos a sua experiência como homem regenerado em Cristo Jesus, afirmando que foi “libertado da

lei do pecado e da morte” e que agora pode fazer o que antes não podia por causa da fraqueza da carne.

Esta é, pois, a situação: esta parte do capítulo é apenas um parêntese que visa mostrar-nos de maneira clara e dramática o que a Lei não podia fazer porque “estava enferma (fraca) pela carne”. Graças a Deus, o retrato do homem regenerado não é esse! O homem regenerado eu estive retratando e descrevendo com as numerosas citações que fiz desta e doutras Epístolas de Paulo, dos escritos de outros apóstolos e, acima de tudo, com as palavras pessoais do Senhor da Glória, que disse: “Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”.

20

“Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.” – Romanos 8:1*

Quem faz uso de modernas traduções do Novo Testamento notarão que a última declaração deste versículo, como se vê na Versão Autorizada (inglesa, “King James” Version), de 1611, é omitida, a saber, a frase, “que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (mantida em Almeida, Versão Revista e Corrigida). A mesma frase acha-se no versículo 4, e os manuscritos mais antigos e melhores não a trazem no versículo primeiro. Portanto, com base na crítica textual – não na chamada “Alta Crítica”, mas na crítica textual – é provavelmente prudente omitir essa frase neste ponto, e ler este versículo assim: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”.

Chegamos aqui ao grande capítulo 8 desta Epístola. Há acordo geral acerca deste capítulo, não somente do ponto de vista da interpretação, mas também em considerá-lo um dos capítulos mais grandiosos da Bíblia. Há um sentido em que é uma prática odiosa traçar distinções, e, todavia, devemos aceitar o fato de que há nas Escrituras capítulos e passagens que sempre tiveram mais significação para o povo de Deus. Não há nenhum mal nisso; o que ocorre é simplesmente que existem variações. Assim como o apóstolo nos lembra que no

* Almeida, Revista e Corrigida: espírito; VA: Espírito. Nota do tradutor.

corpo há partes mais nobres que outras, assim também ocorre neste grande corpo da verdade, a que chamamos as Escrituras; e, desde que não sejamos levados a menoscar outros capítulos e passagens, não fará dano algum dizer que este capítulo se destaca proeminentemente. Concorde com os que dizem que o capítulo 8 de Romanos é uma das mais refulgentes jóias das Escrituras. Alguém disse que, em todas as Escrituras, a pedra, ou melhor, a coleção de pedras mais brilhantes e mais cintilantes e luminosas é a Epístola aos Romanos, e que, dentre essas fulgurantes pedras, a jóia mais brilhante do estojo é o capítulo 8. Pessoalmente, se fosse forçado a emitir opinião, eu diria que o capítulo mais importante desta Epístola é o capítulo 5, porém, em muitos sentidos, o mais emocionante é o capítulo 8. Eu os colocaria nessa ordem; e a razão para eu agir dessa forma irá surgindo à medida que prosseguirmos em nossa exposição.

A palavra inicial, que imediatamente prende a nossa atenção, e que é tão importante para nós, é a palavra “portanto”. Sempre que iniciamos uma nova seção, um novo capítulo, uma nova porção das Escrituras, nada é de maior importância do que entender bem a sua conexão com outras porções. As pessoas que erram em suas interpretações das Escrituras, geralmente erram por não prestarem atenção ao contexto. É muito insensato tomar um versículo, um texto, e interpretá-lo sem levar em conta o seu contexto. Desse jeito você faz as Escrituras dizerem o que você quiser que elas digam. Um meio de nos protegermos desse erro é sempre considerar o contexto. Pois bem, se acontece isso com versículos individuais, acontece igualmente com capítulos; particularmente com este capítulo 8 da Epístola aos Romanos. Qual é o seu contexto? A palavra “portanto” nos coloca imediatamente na pista certa. Esse vocábulo está fazendo uma inferência, uma dedução de algo que se passou antes, pelo que devemos procurar descobrir a exata referência do termo. “*Portanto* agora...” À luz do que o apóstolo já tinha falado, como devemos interpretar a referida palavra?

Eis aí uma questão interessante. Não precisamos gastar muito tempo para indicar que a conexão não é com o que ele tinha acabado de dizer no fim do capítulo 7. Aqui, felizmente, a maioria dos melhores comentadores está de acordo. Charles Hodge, por exemplo, diz claramente que o que Paulo diz aqui, no princípio do capítulo 8, incluindo o que continua dizendo em todo o capítulo, não é uma inferência do capítulo 7, e, menos ainda, uma inferência dos versículos 14 a 25 do capítulo 7. Do que Paulo acabara de dizer não se pode inferir que, “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Não há uma conexão natural aqui. A única ligação natural relativa a esta declaração, como me afanei em salientar anteriormente, acha-se no fim do capítulo 5. Não há conexão natural entre esta declaração e qualquer coisa que Paulo tenha dito nos capítulos 6 e 7. Mas se liga muito naturalmente com o que o apóstolo estivera dizendo no fim do capítulo 5, na verdade com todo aquele capítulo.

No começo do capítulo 5 há um outro e semelhante “Portanto”. “Sendo, pois (portanto), justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”, e mais a dedução: “Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”. Noutras palavras, tendo firmado a grande doutrina da justificação, e tendo enfrentado dificuldades e objeções, e tendo feito uso do caso de Abraão como a suprema ilustração disso tudo, diz o apóstolo: “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus”.

Pois bem, aqui, no início do capítulo 8, ele está realmente dizendo de novo a mesma coisa. “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.” Uma vez que o homem foi justificado pela fé, há um sentido em que ele já está glorificado. “E nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (versículo 2). Provações, dificuldades, tribulações não nos podem privar disso, pois a nossa justificação é resultante do amor de Deus por nós.

A seguir o apóstolo desenvolve o mesmo tema de maneira ainda mais detalhada na maravilhosa doutrina da nossa união com Cristo, tratada particularmente nos versículos 12 a 21 do capítulo 5. Aqui, no capítulo 8, versículo primeiro, reitero, ele retorna àquele tema. Por que falo nestes termos? Faço isso com o fim de lembrá-los mais uma vez de que os capítulos 6 e 7 realmente são apenas um parêntese; eles não fazem parte do grande argumento geral. Ele podia tê-los deixado de lado, completamente, sem privar-nos de nenhum aspecto vital da sua grande mensagem. Mas ele faz um desvio, como vimos naqueles capítulos, para tratar de dificuldades particulares, para responder a críticas e a objeções que estavam sendo feitas contra o seu ensino. Devemos entender bem o principal argumento, os grandes princípios. Muitos se enganam quanto a esta grande Epístola e causam grande dano a si mesmos e ao seu gozo da salvação porque não procuram entendê-los bem. Em consequência, “não vêem a floresta por causa das árvores”; por isso devemos tornar a contemplar a “floresta”. O capítulo 6 prova que a nossa santificação está garantida por causa da nossa união com Cristo, cuja doutrina ele tinha exposto no capítulo 5, versículos 12 a 21.

O capítulo 7 de fato prova exatamente o mesmo ponto, de forma diferente. Ali ele está interessado em provar que a nossa santificação está garantida porque fomos libertados da Lei e amarrados ao Senhor Jesus Cristo, unidos a Ele. Ou, para dizê-lo em termos diferentes, o que compete ao capítulo 6 é mostrar positivamente o que a nossa união com Cristo faz, realiza e realizará. O capítulo 7 se interessa mormente em mostrar o que a Lei não pode fazer; o capítulo 6, o que Cristo pode fazer. Procuramos mostrar que essa foi a única tarefa do capítulo 7, e mais nada. Foi simplesmente uma digressão, um parêntese para provar para aqueles que não entendiam bem isso, que eles realmente deviam parar de pensar na Lei e na observância da Lei, quer do ponto de vista da justificação, quer da santificação. O capítulo 7, versículos 14 a 25, faz isso em

particular, levando àquele clímax no qual ele mostra o total desespero de um homem que vê a espiritualidade da Lei, porém não vê como livrar-se dela. Comentando o fim do capítulo 7, dissemos que o quadro dos versículos 14 a 25 é o de um homem que se apercebe da condenação da Lei, e nada mais. Todo o seu raciocínio é em termos da Lei e da sua relação com ela. Afirmamos que o capítulo 7 não é senão um quadro hipotético, imaginário, pintado pelo apóstolo e que mostra um homem que vê a completa e desesperada frustração de uma salvação realizada pela Lei. Ou então podemos dizer que é o quadro descritivo de um homem que está de fato sob uma intensa e profunda convicção de pecado.

Conforme entendo, na obra escrita por João Bunyan, *Grace Abounding* (Graça Abundante), temos uma descrição que é uma verdadeira reminiscência disso. Bunyan passou dezoito meses numa agonia de convicção de pecado e de arrependimento. Ele viu a espiritualidade da Lei, mas não tinha visto a plena mensagem do evangelho. Pela obra do Espírito Santo realizada nele, ele viu o caráter da Lei e a verdade a seu próprio respeito, porém não viu coisa alguma além disso; não enxergou o meio de libertação, o meio de escape. Qual é a situação desse homem? Minha resposta, como tenho dito, é que tal homem tem vida. Ele não poderia ver que a Lei é espiritual se não tivesse vida, se fosse tão-somente um homem "natural". A regeneração não é uma experiência consciente. É algo que acontece na esfera do inconsciente. É a ação de Deus na qual Ele põe em nós a semente da vida espiritual; e a primeira indicação da presença dessa vida é a ocorrência do arrependimento. Nenhum ser humano pode arrepender-se, se não houver esse ato de Deus. O homem natural é incapaz de arrepender-se, pois estas coisas "lhe parecem loucura" (1 Coríntios 2:14). Mas o homem pode permanecer nessa condição de convicção de pecado e de senso de condenação durante algum tempo antes de enxergar o plano da salvação. Contudo, a relação exata entre o arrependimento e a fé é uma questão difícil.

Citei o exemplo de João Bunyan, e aqueles que conhecem os relatos dos diversos avivamentos da história da Igreja terão cruzado não poucas vezes com esse mesmo tipo de fato. Vejam, por exemplo, o grande evento ocorrido em Kirk-of-Shotts, na Escócia, em 1630. Como resultado do sermão pregado por John Livingstone naquela memorável manhã de segunda-feira, muitos foram os que ficaram numa agonia de convicção como a descrita perfeitamente na segunda parte do capítulo 7 de Romanos. Alguns permaneceram nesse estado durante horas, alguns durante vários dias e alguns durante semanas. Sentiam-se completamente perdidos. Viram a espiritualidade da Lei, viram o completo fracasso deles e a inutilidade de todos os seus esforços. Não conseguiam achar libertação e alívio. Eles gemiam, alguns literalmente estendidos ao lado da cerca viva, outros batiam à porta do ministro nas primeiras horas da manhã, clamando pelo alívio que não conseguiam obter. Essa é, ao que me parece, a situação descrita com perfeição pelo apóstolo Paulo em Romanos 7:13-25. É uma primeiríssima manifestação de vida espiritual; mas não é mais que isso – convicção, não conversão.*

O que o apóstolo passa a dizer agora, neste capítulo 8, parece-me provar mais que suficientemente o seguinte: o que venho sugerindo é a única maneira razoável e adequada de entender essa parte; porque, nesta passagem, ele agora vai mostrar-nos o que o cristão pensa de si mesmo, o que o cristão realmente sabe que é verdade a seu respeito. E o que ele vai salientar é que o cristão não é um homem que só fala na Lei de Deus. Quando o cristão fala em pecado e fracasso, não fala disso primariamente em termos da Lei; fala disso em termos de amor, fala sobre o seu fracasso em agradar Àquele que morreu por ele, e sobre seu fracasso em viver para a Sua glória. O cristão não fica falando em termos da Lei de Deus, como faz o homem

* Ver também o Apêndice, páginas 461-463.

de Romanos, capítulo 7. Ele não está mais “debaixo da lei”, mas está “debaixo da graça”.

Ademais, como o apóstolo nos mostrará – na verdade ele já anuncia isso logo no início – o cristão jamais deve permitir-se sentir a condenação da Lei. O cristão deveria repreender a si mesmo por tomar essa atitude. Todo o objetivo deste grandioso capítulo 8 é dar ênfase ao fato de que para o cristão “não há condenação... nem separação”. O cristão nunca deve falar de si mesmo em termos do capítulo 7, versículos 14 a 25. Isso é estar “debaixo da lei” e “debaixo de condenação”. Diz o apóstolo aqui, de maneira a mais extraordinária e convincente, que “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Essa é a glória do evangelho; Paulo escreve esta Epístola para mostrar isso. A própria palavra “portanto”, com a qual ele começa este capítulo, prova que ele está retornando e retomando o que disse no capítulo 5. Não há aí nenhuma ligação, nem direta nem por inferência, com o que lemos no fim do capítulo 7. É mais uma prova de que devemos considerar os capítulos 6 e 7 como simples parêntese da exposição de Paulo sobre o plano bíblico de salvação.

Podemos agora examinar a exposição sobre essa salvação acrescentada neste capítulo.

Tomemos preliminarmente uma vista panorâmica e geral. Há certas coisas que podemos dizer de imediato a esse respeito. Talvez a minha primeira declaração cause espanto a alguns. Há pouca novidade no capítulo 8; nada é essencialmente novo. Não se descreve nenhuma experiência nova neste capítulo, não se descreve aqui nenhuma mudança repentina do que éramos anteriormente. Como eu já disse, a conexão vincula-se com capítulo 5; portanto, a idéia de que se pode estar “no capítulo 7” e então “passar ao capítulo 8” de modo nenhum é justificada pelas declarações feitas pelo apóstolo. Não nos é apresentado aqui, subitamente, algo que não nos fora dito antes. Já fora feita alusão a tudo quanto está neste capítulo. O que temos aqui é o desdobramento, a exposição, a

elaboração do que já tinha sido declarado germinal e embriologicamente. Por isso digo mais uma vez que o capítulo 5 é o grande capítulo, o capítulo central desta Epístola. Aqui ele toma o que dissera em amplo princípio ali, e o desenvolve, expondo-o de maneira muito minuciosa. Esse é o método dele, como já vimos muitas vezes. O capítulo 5 resume tudo o que vem antes, e nos apresenta introdutoriamente tudo o que virá depois. Neste capítulo 8 veremos muitas declarações emocionantes; porém não há nele nenhuma nova verdade. É pura exposição. Procuremos fazer, então, uma análise geral do conteúdo do capítulo.

Atrevo-me a afirmar que o grande tema do capítulo 8 não é a santificação. A santificação é apenas uma parte dele. O grande tema é a segurança do cristão, a certeza absoluta da “final perseverança” dos santos e da definitiva, completa e total salvação de todo aquele que crê no Senhor Jesus Cristo. Mas encontramos essa verdade anteriormente. Acha-se no capítulo 5. Empreguei as mesmas palavras na introdução do capítulo 5, onde lemos: “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”. Já se refere ao fim, à glória por vir; dá-nos a segurança, a certeza, a garantia da final, definitiva e completa salvação do cristão; mostra que nada pode detê-la, que nada pode frustrá-la. Pois bem, esse é o tema do capítulo 8, como fora o do capítulo 5.

Em seu manuseio deste tema, o apóstolo faz novamente o que é característico dele. O grande sinal de grandeza é a simplicidade. As mentes minúsculas é que são complicadas e enroladas. O método deste homem é sempre o mesmo, e é essencialmente simples. No versículo primeiro ele enuncia o seu tema e faz uma declaração geral do que diz respeito ao cristão: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Os trinta e oito versículos restantes do

capítulo são simplesmente um desdobramento dessa asseveração inicial. Ele já tinha feito a mesma afirmação no capítulo 5: “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor” (versículos 20 e 21); e Paulo teria passado imediatamente disso para o que ele diz neste capítulo 8, não fosse o fato de que ele sabia das duas grandes dificuldades tratadas nos capítulos 6 e 7. A redação desses capítulos, porém, não foi um desperdício de tempo, porquanto eles lhe possibilitaram dizer com maior força e poder o que já tinha dito. Ele se havia libertado do problema, e assim pôde sublinhar e ressaltar a grande e central declaração concernente à segurança, fazendo-o mais vigorosamente que nunca. Por isso, damos graças a Deus pelas digressões feitas pelo apóstolo nos capítulos 6 e 7. Deixamo-las como estão, no seu lugar certo; mas agora vemos com exatidão o que foram destinadas a fazer.

A proposição fundamental é: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. O apóstolo vai desenvolver essa proposição, e vai prová-la. Nos versículos 2 a 4 ele a comprova dizendo que ela é verdadeira porque fomos libertados completamente da Lei e fomos unidos a Cristo pelo Espírito Santo. Ele vai desenvolvendo o tema degrau a degrau, como quem sobe uma escada. A primeira coisa é que “nenhuma condenação há”. Mas, alguém perguntará: “E a Lei?” “Não temos mais nada com ela”, replica o apóstolo. “A lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.” Depois ele passa a dizer que o que a Lei não pôde nem poderia fazer foi feito em Cristo Jesus. Esse é o primeiro argumento.

O segundo argumento acha-se nos versículos 5 a 13. Ele já tinha mencionado o Espírito Santo no capítulo 7, versículo 6; e agora ele vai desenvolver a sua declaração. A nossa salvação está garantida, diz ele, por causa da obra realizada pelo Espírito

Santo dentro de nós. Ele age em nós produzindo principalmente duas coisas. A primeira é a nossa santificação, libertando-nos do pecado e de todos os seus vestígios, e libertando até o corpo disso tudo. Na digressão do capítulo 6 vimos que o pecado ainda permanece no corpo. Bem, diz o apóstolo Paulo, até isto vai acontecer: “Se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita” (versículo 11).

O terceiro argumento encontra-se nos versículos 14 a 17, onde o apóstolo novamente nos lembra que a presença do Espírito dentro de nós é uma prova de que somos filhos de Deus. Não somos deixados meramente na situação na qual Deus nos perdoou, continuando a tratar-nos como sujeitos à Lei, “debaixo da lei”. Não, nesta gloriosa salvação, diz o apóstolo Paulo, somos elevados e retirados totalmente desse domínio. Há uma “adoção”. Tornamo-nos filhos de Deus, e, por isso, somos “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo”. Vemos a salvação desta maneira: temos que compreender que nos tornamos filhos; e se Deus nos fez isso e mudou toda a nossa relação e nos fez Seus filhos, com tudo o que isso envolve, como poderá falhar a nossa salvação? Esse é o argumento dos versículos 14 a 17.

O quarto argumento está nos versículos 18 a 25, onde Paulo argumenta no sentido de que, uma vez que somos filhos, fomos destinados a uma herança de glória que Deus não somente nos prometeu, mas que agora mesmo está preparando para nós, e não só para nós, porém para a criação inteira. Essa é uma tremenda declaração. O defeito radical de muitos de nós é que somos subjetivos demais e estamos sempre pensando em nosso temperamento e em nossas condições pessoais. O apóstolo nos lembra que o pecado não somente nos afeta, a nós e aos nossos semelhantes, mas afetou a totalidade da criação – os animais e até a natureza inanimada, tudo foi afetado. A obra de Deus, a

criação de Deus, foi arruinada. O pecado entrou, e o mal corrompeu tudo. Devemos ver a salvação em nós como uma parte do glorioso esquema pelo qual Deus vai renovar totalmente o cosmos. E, porque Deus vai fazer isso com o cosmos todo, Ele vai fazer isso com vocês!

Nos versículos 26 e 27 o apóstolo desce ao nosso nível, torna-se mais diretamente prático e nos lembra que enquanto estivermos neste mundo, com as suas dificuldades, os seus problemas e os seus conflitos, Deus providenciou para que não ficássemos entregues a nós mesmos. O Espírito Santo age em nós como Intercessor, orando, ensinando-nos a orar, incentivando-nos à oração, mostrando-nos a nossa necessidade, recordando-nos o suprimento que pode satisfazer à nossa necessidade, e, às vezes de maneira que não podemos entender, orando dentro de nós e nos levando a emitir sons que nem sempre podemos entender, mas que Deus entende. Nada nos pode separar dEle; estamos em Cristo Jesus; e esta comunhão vai ser mantida sempre.

Paulo prossegue então para o sexto argumento, que está nos versículos 28 a 34. Este é um dos mais grandiosos. Por que é que eu posso dizer tão confiantemente e com tanta certeza que a salvação final, definitiva e completa do cristão está garantida? A resposta é que o próprio caráter de Deus está envolvido nisso tudo; e que, se falhasse, se falhasse com relação a qualquer cristão, o caráter de Deus ruiria. Eis o que eu quero dizer: Deus nos disse com toda a clareza que Ele tem um plano, um esquema e um propósito de salvação. Ele o formulou, Ele o planejou, antes da fundação do mundo. Há nesse plano passos e estágios, e Deus nos disse quais são eles. Ele nos fez objeto do Seu amor, pôs o Seu coração em nós na eternidade, e nos predestinou. Depois, Ele nos chama, nos separa, e leva avante a Sua obra em nós mediante todos os passos e estágios, desde a justificação até à glorificação final. Esse é o plano e esquema de salvação anunciado por Deus. Deus o propôs pessoalmente antes do homem ter sido criado,

e muito mais ainda, antes dele pecar. Deus anunciou o plano e o promulgou. Não pode falhar porque Deus é Deus, e os Seus propósitos são sempre seguros.

Contudo o apóstolo nos diz algo mais nesta parte. Não somente nos diz o que Deus Se propôs, planejou e pôs em execução; particularmente acentua algumas coisas que Deus já realizou em conexão com o Seu plano. Aqui o apóstolo diz a coisa mais excepcional e mais extraordinária. Para realizar este grande plano, Deus não “poupou” nem mesmo o Seu Filho unigênito, mas “o entregou por todos nós”. Temos aí, diz o apóstolo, uma garantia absoluta de que o que falta virá. É inconcebível que este Deus imutável, eterno, santo e justo, que tem todo o poder, e que chegou a entregar o Seu próprio Filho à morte por nós e pela nossa salvação, deixe depois que alguma coisa detenha a concretização desse plano ou o frustre. É inconcebível. Não temos somente o caráter de Deus, a Palavra de Deus, o plano de Deus, mas também a ação de Deus enviando o Seu amado Filho unigênito deliberadamente a este mundo para morrer, para levar sobre Si o pecado, para ser “o Cordeiro de Deus”.

Essa morte não foi um acidente; não foi primariamente uma ação dos homens; foi “por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus”, como Pedro declarou em seu sermão em Jerusalém, no dia de Pentecoste (Atos 2:23, NVI). Deus planejou a morte do Seu Filho a fim de nos salvar. Seria concebível que Deus fizesse isso e depois permitisse que alguma coisa o fizesse falhar? Não se deve pensar ou arrazoar assim nem por um segundo. A nossa salvação é segura e certa. Como Paulo o expressa: “Os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou”. Certeza absoluta! “Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” E

assim Paulo desenvolve o seu argumento, concluindo-o no versículo 34.

Tendo sido dito isso, o apóstolo resume tudo nos versículos 35 a 39. “Quem nos separará do amor de Cristo?” Ele já havia dito no versículo primeiro que ninguém nem coisa alguma pode fazer isso, que não há nenhuma condenação, nem jamais poderá haver. Agora, ele prova isso; e então conclui, perguntando: quem nos separará, ou quem poderá separar-nos do amor de Cristo, se é que podemos sequer imaginar isso? E ele passa a mostrar, num vigoroso e comovente clímax, que nada poderá fazer isso, proclamando que “nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”. Essa é a garantia final e suprema – não a grandeza e a força e o poder de Deus, nem mesmo o Seu plano e o Seu propósito; o argumento final é o amor de Deus. O amor de Deus levou a todos os demais aspectos, pois “Deus é amor”. E Ele é imutável, de maneira que nada pode “fazê-lo renunciar ao Seu propósito”, nem malograr o Seu plano glorioso. Dessa maneira o apóstolo, nestes versículos, do versículo 2 ao 39, prova, demonstra e estabelece o que ele firma como uma proposição no versículo primeiro.

Agora nos compete elaborar isso passo a passo, declaração por declaração. O apóstolo, repito, leva-nos de volta ao grande tema do capítulo 5, a saber, a certeza absoluta da glorificação suprema e final, a plena e completa libertação, emancipação e salvação de todos os justificados pela fé. Você não pode fazer da justificação o ponto terminal, e aqueles que dizem, “peguem a sua justificação”, podendo deter-se ou parar nisso, e então, mais tarde, decidir-se a “pegar a sua santificação”, estão negando o tema central da Epístola aos Romanos. Se você está “justificado”, a sua “glorificação” final está garantida. A santificação é um dos passos, mas somente um deles. Notem o

lugar que lhe é atribuído no capítulo 8; é uma parte somente, e esta acha-se cercada pelas outras partes. Assim, em todos os aspectos, o apóstolo demonstra a tese pela qual luta, afirmando que “nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. À medida que nos ocuparmos destes temas e examinarmos as declarações particulares, será fácil mostrar que o apóstolo está apenas desenvolvendo o que já dissera em germe e em essência no capítulo 5.

21

“Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.” – Romanos 8:1,2*

Chegamos agora à consideração minuciosa deste capítulo; comecemos com o versículo primeiro, e sua retumbante declaração: “Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Esta é uma das grandes declarações das Escrituras, uma das mais importantes para a experiência cristã e para a saúde e bem-estar do autêntico cristão. É, num sentido, a grande boa nova do evangelho – de que é possível anunciar um plano de salvação no qual já não há nenhuma condenação. Esta é a notícia mais grandiosa que jamais veio ao mundo; ela desfralda e sustenta a mais estupenda possibilidade para o homem, desde a Queda. É o cerne, a essência e a alma do evangelho cristão. Não somente isso; como eu já indiquei, esse é o tema de todo este capítulo. Eu gostaria de lembrar-lhes que Paulo não está fazendo uma nova declaração aqui; ele já tinha dito isso, e particularmente no capítulo 5 desta Epístola. Mas torna a dizê-lo, de maneira diferente.

Vejam, por exemplo, o versículo 16 do capítulo 5: “E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa (de Adão), na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para

* Almeida Revista e Corrigida: *espírito*; Almeida Atualizada e NVI: *Espírito*.
Nota do tradutor.

justificação”. Vejam a seguir o versículo 18: “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida”. Paulo agora vai desenvolver estes grandes temas e vai elaborá-los em renovado detalhe. Noutras palavras, é de esperar que vamos ter no capítulo 8 uma repetição, em novos termos, da grande doutrina da “justificação pela fé somente”.

É isso que temos aqui, no princípio deste capítulo 8. Algumas Bíblias que procuram dividir a mensagem desta Epístola de maneira mecânica, em justificação, santificação etc., colocam esta parte sob o título de “santificação”. Todavia ela não pertence a essa categoria, porquanto o oposto de “condenação” é sempre “justificação”, não santificação. Isso aparece prontamente nos dois versículos que acabei de citar do capítulo 5. Os que interpretam os quatro primeiros versículos deste capítulo em termos de santificação, não somente vão contra tudo o que o apóstolo vem estabelecendo, mas, além disso, caem na heresia católica romana de considerar a santificação como a razão pela qual Deus nos aceita, isto é, como a causa da nossa justificação. Isso na verdade revela a incapacidade de entender a doutrina da justificação pela fé. Tais intérpretes foram tão dominados pelo ensino errôneo que interpreta mal Romanos 7:7-25 e que se firma num experimental “passar em seqüência direta do capítulo 7 ao capítulo 8”, que eles necessariamente consideram isso como santificação. Por este motivo, uma fiel interpretação de Romanos, capítulo 7, é importante, não somente por seu valor intrínseco, mas principalmente do ponto de vista do desenvolvimento do argumento central do apóstolo. Como o oposto de “condenação” é “justificação”, quando Paulo diz, “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”, ele está ensinando que aqueles que estão em Cristo Jesus estão justificados. Ou, invertendo os termos, os justificados estão em Cristo Jesus.

Portanto, num sentido podemos dizer que este primeiro versículo é um conciso sumário do grande argumento acerca da justificação, argumento iniciado no capítulo primeiro e exposto tão clara e dramaticamente no capítulo 3, versículos 21 a 31: “Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus...”. O tema é lançado no capítulo primeiro, versículos 16 e 17: “Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé”. Aqui, no capítulo 8, versículo primeiro, Paulo está simplesmente voltando àquele tema. Esse é o seu método; ele está sempre retornando e repetindo a grande idéia. E, naturalmente, quando você tem uma verdade como esta, que pode fazer senão repeti-la? O compositor, quando produz uma boa melodia, não se satisfaz em colocá-la uma só vez em sua composição, seja qual for a sua natureza; ele a repete diversas vezes. E não nos cansamos; ficamos agradecidos a ele por repeti-la, e esperamos que continue a repeti-la. O apóstolo faz a mesma coisa; e, portanto, ele se sente feliz em dizer mais uma vez: “Portanto, agora nenhuma condenação há”. Ele já o dissera anteriormente no versículo primeiro do capítulo 5: “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”, e tudo mais decorre disso.

“Nenhuma condenação”. “Portanto, agora nenhuma há”. Portanto, “agora”, “nenhuma” – quão importantes são essas palavras! Lembram-nos a posição que agora ocupamos como cristãos. Vejam a palavra “nenhuma” – “Nenhuma condenação”! “Nenhuma” é uma palavra singela, mas vocês têm consciência do seu pleno significado? É algo inteiro, completo, absoluto. Noutras palavras, o que Paulo diz é que o cristão é uma pessoa que foi retirada da área de toda e qualquer condenação possível ou concebível. O cristão terminou com a esfera da condenação; ele foi tomado dela completamente; não há nada mais que o ligue a ela. Não há condenação alguma

para o cristão “agora”, e nunca mais poderá haver! Vocês se haviam dado conta disso? Não somente o cristão não está num estado de condenação agora; nunca jamais poderá estar; é impossível.

Muitos são os que entendem mal isso. Parecem pensar no cristão como um homem que, se confessar o seu pecado e pedir perdão, será perdoado. Naquele momento ele não está sob condenação. Mas depois, se ele pecar, voltará a estar sob condenação. Depois ele se arrepende e confessa novamente o seu pecado e pede perdão, e é purificado mais uma vez. Assim, para eles, o cristão é um homem que passa constantemente de um estado para outro; para trás e para a frente; condenado e não condenado. Ora, segundo o apóstolo, esse conceito é totalmente errado, e revela uma completa incapacidade de entender a situação. O cristão jamais pode ser condenado; jamais poderá voltar a um estado de condenação. “Nenhuma condenação”! O apóstolo não está falando sobre a sua experiência, mas sim sobre a sua situação, a sua posição, o seu estado; ele está numa posição na qual, tendo sido justificado, nunca mais tornará a ficar sob condenação. Esse é o sentido da palavra “nenhuma”. Equivale a “nunca”.

Uma vez que isso é verdade a respeito do cristão, ele nunca deve sentir condenação; nunca deve permitir-se senti-la. O diabo procurará fazê-lo senti-la; mas ele nunca deve atender ao diabo. Se o diabo vier a você e tentar convencê-lo e fazê-lo sentir-se condenado, resista e diga a ele: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Responda-lhe com as Escrituras, e ele “fugirá” de você. Esta é uma declaração categórica; esta é a verdade acerca do cristão. Aqui o apóstolo afirma que, se somos cristãos, os meus e os seus pecados – os pecados passados, presentes e futuros – já receberam o devido tratamento, uma vez por todas! Vocês tinham compreendido isso? A causa da maioria dos nossos problemas está em não compreendermos a verdade deste versículo. A declaração, “Portanto, agora nenhuma condenação

há para os que estão em Cristo Jesus”, é muitas vezes entendida no sentido de que os pecados passados é que receberam o necessário tratamento, e nada mais. Significa isso, é certo; mas também significa os pecados presentes; e mais, significa que qualquer pecado que acaso você cometa já recebeu o competente tratamento. Você nunca, sim, você nunca mais poderá vir a estar sob condenação. É o que o apóstolo está dizendo – nada poderá jamais colocar de novo o cristão numa posição de condenação.

Posto de outra forma, já neste primeiro versículo ele está dizendo o que irá dizer no último versículo do capítulo – que não pode haver quem nos possa “separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”. Nenhuma separação! Muitos ignoram o ponto e ensinam que você começa com “nenhuma condenação” e depois, por adotar certos ensinamentos e receber certas experiências, finalmente você chega à “nenhuma separação”. No entanto a expressão “nenhuma separação” está aqui, no início; está na palavra “nenhuma”, na verdade está na completa declaração do versículo primeiro. “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Condenação e separação são uma total impossibilidade para o cristão; um “cair da graça” não pode acontecer. O cristão jamais poderá perder-se, jamais poderá vir a estar debaixo de condenação. “Nenhuma condenação” é uma expressão absoluta, e não podemos diminuí-la. Fazê-lo seria contradizer e negar as Escrituras. É dessa maneira que, nesta altura, o apóstolo ensina a doutrina da “perseverança final dos santos”.

Ora, por que o apóstolo diz isso, e com que base? Não seria perigoso dizê-lo? Isso não incitaria as pessoas a pecarem? Se dissermos aos cristãos que os seus pecados passados, presentes e futuros já foram extintos por Deus, não estaremos dizendo mais ou menos a eles que estão livres para se porem a pecar? Se vocês reagirem dessa forma às minhas declarações, ficarei muito contente, porque, obviamente, estarei sendo

um bom e fiel intérprete do apóstolo Paulo. Foi porque ele pregou estas coisas que as pessoas diziam: “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?” Essa é a acusação que faziam contra ele, e, se não pregarmos e não apresentarmos este evangelho de um modo que a princípio pareça perigoso, não o estaremos pregando fielmente. A verdadeira pregação do evangelho está sempre sujeita a ser mal entendida dessa maneira pelas pessoas. O apóstolo já nos dera a resposta nos capítulos 6 e 7, provando que não há risco algum, mas, antes, o contrário.

Permitam que lhes mostre como ele vai demonstrar isso novamente. Ele faz, de passagem, um resumo do argumento dos capítulos 6 e 7 para poder dar continuidade ao seu principal argumento. “Portanto, agora nenhuma condenação há.” Para quem? “Para os que estão em Cristo Jesus”. Aí está a explicação – “em Cristo Jesus”. Noutras palavras, que é um cristão? O cristão, dirá alguém, é o homem que se decidiu por Cristo, o cristão é o homem que decidiu seguir a vida cristã, decidiu unir-se a uma igreja; ele creu no Senhor Jesus Cristo e, assim, os seus pecados estão perdoados. Naturalmente essas afirmações, vistas corretamente, são boas e verdadeiras; porém não constituem uma verdadeira definição do cristão. Essencialmente, diz o apóstolo, o cristão é alguém que está “em Cristo Jesus”. Eis aqui outra palavra simples, um pequeno vocábulo – “em”. Com que superficialidade dizemos “em Cristo Jesus”! É a declaração mais grandiosa de todas; não há nada que vá além do estar “em Cristo Jesus”. Isso também não é novidade; já o vimos no capítulo 5, como vou logo mostrar. Paulo quer, não somente que vejamos que estamos justificados, mas também que, se estamos justificados, estamos “em” Cristo Jesus. Os termos não são idênticos. Deus “justifica o ímpio”. Ele não justifica um homem por estar em Cristo; justifica-o enquanto ainda é ímpio, como se vê exposto no capítulo 4, versículo 5. Mas Deus não somente o justifica; insere-o “em” Cristo. Uma vez que Deus tenha começado a realizar uma

obra, prossegue até completá-la. É preciso separar estas coisas em nosso pensamento e em nosso entendimento, mas não se pode falar delas em termos cronológicos, nem devemos ser dogmáticos em nossa idéia sobre qual delas vem primeiro.

O ato de justificação realizado por Deus é a base da nossa segurança final, da nossa certeza absoluta de que nunca mais estaremos sob condenação, e de que Deus continuará a realizar a Sua obra em nós até que sejamos glorificados, perfeitos e completos, “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante” (Efésios 5:27). Se você está em Cristo Jesus, permanecerá nEle, e nada poderá tirá-lo dEle, jamais. Nada! Essa é a explicação da “nenhuma separação” do fim do capítulo.

Mas, como eu disse, o apóstolo não está introduzindo aqui, pela primeira vez, um novo tema; esta não é uma nova idéia. Onde, então, ele introduz o tema? Vemo-lo no capítulo 5, versículo 10: “Porque, se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”. Essa é a tradução da Versão Autorizada (do Rei Tiago) (e de Almeida), mas já tivemos ocasião de mostrar que a tradução correta diz: “seremos salvos em sua vida” – “em sua vida”! E, como também vimos, a parte restante daquele capítulo é simplesmente uma prova do fato de que estamos “em Cristo Jesus”. Como estávamos “em Adão”, agora estamos “em Cristo”. Estávamos naquele “primeiro homem”, e o seu pecado levou a certas conseqüências; assim estamos agora no “segundo homem”, e a Sua morte e a Sua vida também levam a certas conseqüências em nós. Depois, respondendo à objeção feita a seu ensino exarado no versículo primeiro do capítulo 6, o apóstolo elaborou minuciosamente o significado da frase, “em Cristo Jesus”. Essa é a mensagem dos dez primeiros versículos do capítulo 6.

A mesma verdade reaparece no versículo 4 do capítulo 7, onde se lê: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro (marido), daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos

fruto para Deus". Nessa passagem Paulo fala da nossa união com Cristo em termos dos laços matrimoniais e da união conjugal. A frase, "em Cristo Jesus", é, em muitos aspectos, o grande tema do Novo Testamento e, particularmente, deste apóstolo. Considerem-no como ele aparece em 1 Coríntios 1:30: "Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". Vemo-lo de novo na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 5, versículo 17: "Se alguém está em Cristo". Acha-se também na Epístola aos Efésios.

"Em Cristo" significa que estamos unidos a Cristo como estávamos unidos a Adão. Estávamos "em Adão"; proviemos de Adão; e proviemos de Cristo, nascemos de Cristo da mesma maneira. O Novo Testamento nos oferece algumas ilustrações para ajudar-nos. O nosso Senhor mesmo nos deu a ilustração da videira e os ramos para mostrar esta união íntima, orgânica e mística entre Cristo e Seu povo. Mas há também a ilustração do corpo, e, obviamente, esta era a ilustração favorita do apóstolo Paulo. Cristo é a Cabeça* e nós somos "o corpo"; "Vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular"

* Importante experiência exegética: Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, cometeu o engano de "corrigir" a Corrigida em Efésios 4:15, usando a expressão: "o Cabeça", onde a Revista e Corrigida diz: "a Cabeça". Nos trabalhos da Comissão de Tradução da NVI, propus a distinção do uso do artigo masculino (o Cabeça) quando a referência é a Cristo como o Cabeça ou o Chefe universal de todas as coisas, e o artigo feminino quando a referência é a Cristo como a Cabeça da Igreja. Justificativa: a relação de Cristo com todas as coisas, universalmente, não é orgânica como o é Sua ligação com a Igreja. Em Efésios 4:15, já na primeira edição do Novo Testamento, publicada e já posta em distribuição em 1993, a NVI diz: "a cabeça". Almeida, Atualizada, na primeira edição diz: "o cabeça". Na segunda edição de Almeida, Atualizada, em 1993, isso foi corrigido. A distinção é sumamente importante. Os que estão sob a chefia de Cristo, o Cabeça, mas que não são membros do Seu corpo, do qual Ele é a Cabeça, não podem dizer que "estão em Cristo Jesus". Nota do tradutor.

(1 Coríntios 12:27). Paulo faz uso dessa ilustração em várias de suas Epístolas, e o faz com a finalidade de expor esta verdade da nossa união com Cristo, do fato de estarmos nEle, de derivarmos vida dEle da mesma maneira pela qual cada parte do meu corpo depende da minha cabeça. Essa é a nossa relação com o Senhor Jesus Cristo.

O apóstolo repete essa verdade aqui e torna a fazer que nos lembremos dela. “Portanto, agora nenhuma condenação há”, nenhuma possibilidade de condenação contra nós, porque estamos “em Cristo”. Como ele prova isso? No capítulo 6 ele tinha mostrado em detalhe como prová-lo. Se você está “em Cristo”, você está em Sua morte, você tomou parte em Sua morte, você participou da Sua morte. “Não sabeis”, diz ele, “que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados em sua morte?” Nós morremos com Ele, fomos “sepultados com ele”, mas, graças a Deus, também “ressuscitamos” com Ele. “De modo que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição.” Estas são as conseqüências inevitáveis de estarmos “em Cristo Jesus”. Se eu estou em Cristo, o que é dEle passa a ser também meu. Visto que estou “nele”, eu tenho participação no que Ele fez, exatamente da mesma maneira como tive participação em Adão e no que ele fez. Adão cometeu aquele primeiro pecado, e todos nós pecamos com ele, e a condenação sobreveio a todos nós. Graças a Deus, o outro lado é também verdadeiro – Quando Cristo morreu, eu morri; quando Cristo ressuscitou, eu ressuscitei; Cristo ascendeu ao céu, eu estou assentado com Ele nos lugares celestiais, neste momento.

No capítulo 7, nos quatro primeiros versículos, Paulo expõe a mesma verdade no contexto da relação matrimonial. O marido morreu, a mulher está livre, e pode desposar outro

homem, pode ligar-se a outro. Assim nós morremos para a Lei, na qual estávamos retidos, para podermos desposar este Outro, que morre; sim, mas que ressuscita. E nós somos ressuscitados com Ele, e tudo quanto pertence ao Noivo pertence à Noiva. O marido e a mulher compartilham tudo, têm tudo em comum, por causa desta unidade, desta relação. Na Epístola aos Efésios, capítulo 5, versículo 30, o apóstolo diz de fato: “Somos membros do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos” (VA). Isso fixa a sua relação como cristão com o Senhor Jesus Cristo; é dessa maneira que você “está nele”. Todos vocês constituem uma parte dEle, são membros do Seu corpo, “da sua carne e dos seus ossos”. Paulo declara que a união mística existente entre Cristo e Sua Igreja é comparável à que existe entre marido e mulher.

Tudo isso tem em vista mostrar-nos que estamos tão intimamente ligados a Ele que, não somente o que é dEle é nosso, porém também sempre será; não há quem ou o que possa tirar-nos dessa relação. É por isso que não há “nenhuma condenação”. O apóstolo tinha argumentado dessa forma no capítulo 6, versículos 8 e 9, onde lemos: “Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos; sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre: a morte não mais terá domínio sobre ele”. Ele tinha terminado com a morte, tinha saído do seu domínio para outro – “Pois, quanto a ter morrido, de uma vez” – uma vez por todas – “morreu para o pecado, mas, quanto a viver, vive para Deus.” A conclusão a que o apóstolo chega é a seguinte: “Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor”. “A morte não mais terá domínio sobre ele.” Ou (VA): “A morte não tem mais domínio sobre ele”, e a morte não tem mais domínio sobre nós. Não tem, não pode ter, e nunca terá.

Digo mais: assim como Cristo ressuscitou para esta nova vida com Deus, com todas as Suas perfeições, assim também a minha união com Ele garante que eu finalmente serei perfeito,

serei glorificado, e ficarei “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”; não haverá mácula nenhuma em mim. Ele me apresentará “irrepreensível, com alegria, perante a sua glória” (Judas 24,25). Posto que estou nEle, serei perfeito como Ele é perfeito; e serei glorificado, sim, neste meu próprio corpo, como Ele foi e está glorificado. Tenho certeza disso. Visto que eu estou ligado a Ele, visto que eu estou em Cristo Jesus, nada pode impedir isso. Esta é a garantia da suprema e final glorificação dos santos.

Por todas essas razões o apóstolo não hesita em fazer a sua afirmação categórica: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Não há, nunca haverá, jamais poderá haver condenação. Nada é mais tolo que a idéia de que você pode estar “em Cristo” num momento, e depois, quando pecar, você ficará “fora de” Cristo, e então, quando se arrepender, estará de novo “em Cristo”! Como se pode conciliar isso com a ilustração do corpo? Tal idéia é em si grotesca. Não, se você está nEle, você está nEle para sempre, está nEle por toda a eternidade. Foi Deus que inseriu você “nele”, e não há ninguém nem coisa alguma que possa tirar você dali – nem inferno, nem satanás, nem nenhum outro poder. Se você está nEle, está nEle. Isso é um absoluto. Não há nenhuma condenação, nem nunca haverá; é impossível.

Devemos parar de pensar em nós mesmos meramente como perdoados, meramente como crentes, meramente como adeptos de Cristo. A verdade a respeito de nós, como cristãos, é que Deus, pelo Espírito Santo, inseriu-nos “em Cristo”, “implantou-nos nele”; plantou-nos “juntamente com ele”, como vimos no capítulo 6. Portanto, você não fica num “entra e sai” disso. Você não deixa de ser cristão quando peca, você não entra em condenação quando peca, você não é lançado “fora de” Cristo quando você peca. Não, você permanece em Cristo, e continua não havendo nenhuma condenação. Você pecou, é certo, mas pecou contra o amor, não contra a Lei. Você pode e deve sentir vergonha, porém não deve sentir-se

sob condenação, porque fazer isso é colocar-se outra vez “debaixo da lei”. Se nós estamos nesta posição, isto é, “em Cristo”, estamos ali para sempre; não há condenação contra nós, nem passada, nem presente, nem futura.

Essa é, pois, a grande e fundamental declaração que Paulo faz aqui, logo no início do capítulo 8. Eu me deixei arrebatado por ela, mas não me desculpo. Se o pregador não se esquecer de si e dos seus planos e programas quando estiver pregando sobre um tema como este, não deveria ocupar um púlpito. Que é que o tempo tem a ver com isso? Se vocês captaram bem esta idéia, terão descoberto que é a verdade mais gloriosa que já conheceram em toda a sua vida. Muitos cristãos vivem miseravelmente, muitos cristãos falham e caem em pecado porque estão deprimidos, porque permitem que o diabo os deprima. “Ah”, dizem eles, “eu pequei; como posso fazer estas grandiosas declarações?” Vocês nunca ouviram a palavra “fé”? Este versículo é a resposta da fé a todos os seus problemas; é o que Deus nos diz acerca de nós mesmos; e Ele o diz de maneira absoluta, completa, certa e segura.

A próxima declaração, no versículo 2, é apenas uma elaboração, um desenvolvimento, da do versículo primeiro. Mas é o fundamento disso tudo – “em Cristo Jesus”. Ele é a Cabeça cheia de vida; e eu estou ligado a Ele; sou uma parte dEle, uma parte da Sua vida, participando da Sua crucificação, da Sua morte, do Seu sepultamento, da Sua ressurreição, da Sua ascensão à glória, e da posição que Ele ocupa assentado à mão direita de Deus. Estamos sentados com Ele nos lugares celestiais (Efésios 2:6). Se estamos nEle, tudo isso só pode ser verdade a nosso respeito; e é por isso que veremos o apóstolo, mais adiante neste capítulo, dar o grande salto da justificação para a glorificação. Isso está implícito neste versículo primeiro do capítulo 8. Ele o declara aqui para poder dar seguimento às outras declarações. Ele nos lembra novamente que devemos ter claro entendimento desta verdade básica uma vez por todas. Vocês, cristãos, mesmo quando pecarem, não

voltem a colocar-se “sob condenação”. A razão disso, como ele nos diz no próximo versículo, é que vocês terminaram com a Lei. Ele já nos dissera isso com as palavras: “Não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça” (6:14). Jamais deverão sentir-se “debaixo de condenação”.

Podemos colocar isso na forma de uma ilustração. A diferença de um incrédulo, quando peca, e um cristão, quando peca, é a mesma diferença que existe entre um homem que transgride uma das leis da Inglaterra, ou de qualquer outra nação, e um membro de família que faz algo que desagrade a outros membros da família. No primeiro caso o homem comete uma ofensa contra o Estado; no outro um marido, digamos, fez algo que não devia ter feito em relação à sua esposa. Ele não está quebrando uma lei; está ferindo o coração da sua mulher. Essa é a diferença. Não se trata mais de uma questão de lei, é matéria de relação pessoal agora, e uma relação de amor. Esse homem não deixa de ser marido dessa mulher, como tampouco ela deixa de ser sua esposa. A Lei não entra nessa questão; está fora dessa esfera. Em certo sentido, agora é uma coisa muito pior do que uma condenação judicial. Eu prefiro fazer uma ofensa contra uma lei do país, objetivamente externa em relação a mim, a ferir alguém que amo.

É por isso que não há nenhum risco na declaração do apóstolo. Estar neste estado e nesta relação como cristão dá-me um padrão muito mais alto, e, para mim, torna o pecado muito mais ofensivo, muito mais odioso, algo do que devemos fugir. Não há nenhum risco aqui. O homem que está em Cristo Jesus, e que sabe disso, é um homem que combate o pecado e o odeia e o evita muito mais do que o homem que está “debaixo da lei”. O apóstolo vai desenvolver isso nos versículos 2, 3 e 4; mas tudo isso está implícito nesta primeira declaração. Portanto, devemos agarrar-nos firmemente à grande verdade da “nenhuma condenação”, porque estamos “em Cristo Jesus”. Estamos fora do domínio da Lei, do pecado e da morte, porque Cristo foi condenado por cauda dos nossos pecados. Ele está

fora de condenação, e nós também estamos, porque estamos “nele”.

Por conseguinte, nunca se permita, nem em pensamento, colocar-se de novo “debaixo de condenação”; isso é pecar, porque é não crer na Palavra de Deus. Responda ao acusador, ao diabo, com Romanos, capítulo 8. Diga-lhe que você sabe muito bem o que fez, que entristeceu o seu Senhor e O desapontou; entretanto que você sabe também que isso nada tem a ver com a Lei, e que, portanto, não há “nenhuma condenação”. Você é como uma criança que pecou contra os seus pais, e você sabe o que fazer e a quem buscar. Contudo isso não tem nada a ver com a Lei. “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.”

22

“Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.” – Romanos 8:2

Tendo considerado o versículo primeiro, no qual o apóstolo lança o tema de todo o capítulo, particularmente o tema dos quatro primeiros versículos, estamos agora em condições de passar a considerar o desenvolvimento que ele faz desse tema básico. O tema é a certeza da salvação, a segurança final da glorificação suprema e da libertação completa, em todos os aspectos, daqueles que estão em Cristo Jesus. “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.” O apóstolo começa a expô-lo nos versículos 2, 3 e 4, que constituem a primeira seção subsidiária do capítulo. Temos aí a sua primeira razão particular para dizer que agora não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. A primeira palavra do versículo 2 esclarece isso – a palavra “porque”. Neste capítulo é particularmente importante manter os olhos postos nesta palavra “porque”. Muitas interpretações errôneas deste capítulo resultam do fato de que os intérpretes ignoram a palavra “porque”. Eles se concentram na declaração propriamente dita, mas nem notam a palavra “porque”. Se notassem que ela foi introduzida pela palavra “porque”, não teriam produzido a falsa interpretação que vamos examinar agora. O apóstolo nos diz: “Não há condenação para os que estão em Cristo Jesus porque...”. Ele nos vai dar a razão disso. Assim, o que compete ao versículo 2 é ajudar-nos a entender o versículo primeiro. Seja o que for que façamos com o versículo 2, deverá ser feito em termos de uma exposição

e explicação do versículo primeiro. A palavra “porque” lembra-nos que o versículo primeiro não é uma declaração isolada. Há uma razão para o que foi dito, há uma explicação disso.

Este é um versículo muito importante, principalmente no que se refere à questão da santificação. Na controvérsia sobre a questão da santificação, talvez não haja nenhum versículo mais importante que este. Como veremos, é por causa da falha em não interpretar este versículo em seu contexto e em seu cenário que alguns ensinamentos falsos, relativos à santificação, ganharam popularidade. A chave para entendê-lo é a frase “me livrou”; por isso começamos daí. A primeira coisa que devemos observar é o tempo do verbo. A Versão do Rei Tiago (VA) diz: “tem feito”, mas é uma tradução ruim. O que o apóstolo escreveu foi: “A lei do Espírito* de vida, em Cristo Jesus, me livrou” (como Almeida, Corrigida), ou “me fez livre”. O apóstolo emprega mais uma vez, como o faz tantas vezes, o verbo no aoristo, significando que o que aconteceu aconteceu “uma vez por todas”. Na exposição do capítulo 6 tivemos que salientar isso constantemente. No versículo 2, por exemplo, onde a Versão Autorizada diz: “Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?”, fizemos grande esforço para mostrar que essa tradução induz a erro e que deveríamos ler assim o texto: “Nós que (já) morremos para o pecado...”. E o tempo aoristo é empregado aqui também. “A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou” – “fez-me livre”. Não, “tem feito”, mas “fez”. Aconteceu “uma vez por todas”, “uma vez e para sempre”; foi consumado; pertence ao passado.

Pois bem, ainda há uma questão de tradução aqui. A Versão Autorizada diz: “tem me feito livre” (como Almeida, Corrigida, quanto ao pronome). Mas há acordo geral em que a

* Como se lê também na NVI e na Versão de Almeida, Atualizada. Nota do tradutor.

redação deve ser: “*te* tem feito” (ou “*te* fez”) (assim lemos em Almeida, Atualizada). A palavra que o apóstolo empregou deve ser traduzida por “*te*” ou por “*você*” – ou seja, qualquer cristão.

Agora podemos passar ao estudo das duas frases principais; e a primeira delas é: “da lei do pecado e da morte”. Algo “livrou” o cristão, toda e qualquer pessoa que está em Cristo, “da lei do pecado e da morte”. É justamente neste ponto que toda a questão da santificação é introduzida – erroneamente. Há quem diga que a frase “da lei do pecado e da morte” tem o mesmo sentido da expressão utilizada pelo apóstolo no capítulo 7, versículo 23, onde ele diz: “Vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros”. Dizem tais intérpretes que quando Paulo fala em “me fez livre da lei do pecado e da morte”, ele está se referindo a este princípio do mal que há em sua natureza, e que, por nascimento, há na natureza de todo ser humano, o princípio que nos leva em cativeiro e finalmente nos leva à morte. Interpretando a frase dessa maneira, eles dizem que a primeira frase, “a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus”, significa a obra que o Espírito Santo realiza no crente. Depois passam a asseverar que a operação do Espírito Santo dentro de nós tem nos libertado “da lei do pecado e da morte”, que estava operando em nossos membros. Portanto, dizem eles, o miserável e infeliz homem de Romanos, capítulo 7, vira a página e passa para Romanos, capítulo 8; o Espírito agora é vindo, o homem recebeu uma “segunda bênção”, teve uma segunda experiência, e é feito inteiramente livre daquilo que antes lhe causava tantos problemas e o estava deprimindo, fazendo-o clamar: “Miserável homem que eu sou!” Dessa forma eles sustentam que este versículo não ensina outra coisa senão a santificação, e que é o versículo chave nessa conexão. E, naturalmente, se eles estivessem certos em interpretar o sentido de “a lei do pecado e da morte” dessa maneira, seriam inteiramente

lógicos no que dizem.

Os que adotam essa exposição comum e popular do versículo 2 não hesitam em dizer, como dizem as notas da Bíblia de Scofield, por exemplo, que o apóstolo introduz aqui, pela primeira vez, o Espírito Santo. O homem de Romanos, capítulo 7, estava sem o Espírito Santo, mas agora entra o Espírito Santo. Ele tinha recebido a sua “justificação”; agora experimenta a sua “santificação” – uma segunda experiência – e ele foi libertado desta Lei “em seus membros” que batalha contra “a lei do seu entendimento” e que “o prende debaixo da lei do pecado que está em seus membros”.

Vou esforçar-me para mostrar que essa interpretação é inteiramente errada. Não vou apenas fazer uma exposição nesse sentido; pretendo arrazoar e argumentar a respeito. Devemos examinar estas frases uma por uma. Duas importantes escolas de doutrina aderem a esta exposição. Primeiro, há aqueles que ensinam a “santificação completa”, e que sustentam esta interpretação como a sua grande prova. Esta posição é apregoada também por aqueles que, embora não ensinem “santificação completa”, ensinam que ao cristão é possível uma “segunda experiência” que põe em ação um “princípio de neutralização” do elemento de pecado que ainda está nele. Este novo princípio é o Espírito Santo que habita nele e que o habilita a obter a vitória sobre o pecado. Na medida em que ele “permanece em Cristo”, desse modo o Espírito lhe dará vitória momento após momento. Este versículo é crucial para ambos esses ensinos com vistas à santificação.

Examinemos esses ensinos. O meu primeiro comentário é que, se essa exposição fosse verdadeira, o ensino deste versículo seria que o fato de estarmos “livres de condenação” é resultado da nossa santificação; na verdade, que depende dela. Notem a conexão: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”. Nenhuma condenação nos defronta porque o Espírito Santo,

operando em nós, livrou-nos daquela “lei do pecado e da morte” que estava em nossos membros, que nos vinha pondo abaixo e nos mantinha numa situação de derrota.

Noutras palavras, não mais estamos numa situação de condenação porque estamos santificados. Certamente só isso, em si e por si, já basta para mostrar a falsidade dessa exposição particular. Como vimos desde o princípio da Epístola, e como estivemos ressaltando constantemente, jamais devemos dizer que a libertação da condenação que ocorre no cristão é resultado da sua “santificação”. A libertação da condenação é sempre devida à sua “justificação”. O oposto da condenação nunca é a santificação; é, invariavelmente, a justificação. Eu gostaria de referir-me de novo aos dois versículos cruciais nesta conexão, quais sejam, os versículos 16 e 18 do capítulo 6. Não há um único exemplo em parte alguma da Bíblia em que o oposto da condenação seja a santificação. E mais, se vocês interpretarem “a lei do pecado e da morte” dessa maneira, estarão virtualmente dizendo: “Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus por causa da santificação deles”. A nossa primeira razão para rejeitar essa exposição é que Paulo ainda está tratando aqui da nossa “justificação” e de tudo o que isso envolve e implica.

Em segundo lugar, o apóstolo não está descrevendo aqui o que pode acontecer, ou o que talvez aconteça, ou o que é possível a um cristão. Menos ainda está descrevendo o que acontece só com certos cristãos que buscam e recebem uma bênção posterior. Eis o que ele diz: devido vocês serem cristãos, em Cristo Jesus, isto já aconteceu com vocês. Ele não diz: “Vocês creram em Cristo, estão justificados e perdoados; mas há outra bênção que lhes é possível. Vocês estão em luta, e estão fracassando e sendo derrotados; mas ouçam, existe mais uma experiência acessível a vocês, uma experiência que os libertará e que transformará a derrota em vitória”.

Como estive explicando, não há novidade aqui. O apóstolo se repete; ele está resumindo o que já tinha dito, porém o está

expressando de modo diferente. Isto, diz ele, é algo que já aconteceu no passado – o verbo no aoristo! – com todos os que estão em Cristo Jesus. Expresso diferentemente, se você está mesmo em Cristo Jesus, isto aconteceu com você; você foi libertado “da lei do pecado e da morte”. E então, como é que isto pode ser oferecido aos cristãos como uma experiência adicional? Como se pode dizer que isto só diz respeito a alguns cristãos que tiveram esta bênção ulterior? A causa geral que o apóstolo defende é que isto diz respeito a todos quantos estão em Cristo Jesus. Você não pode ser cristão se isto não for verdade a seu respeito.

Em terceiro lugar, é um grande erro dizer que o Espírito Santo é introduzido aqui pela primeira vez. Vimos que o Espírito Santo foi introduzido no versículo 5 do capítulo 5, onde o apóstolo dá início a este grande tema: a certeza da nossa salvação, como cristãos. “A esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” Não somente isso, mas ele mencionou a obra do Espírito Santo também no capítulo 7, versículo 6: “Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade do Espírito (VA), e não na velhice da letra”. Quando estudamos esse versículo, eu assinalei que o apóstolo estava antecipando ali o que ia assumir e elaborar no início do capítulo 8. Portanto, é incorreto dizer que o Espírito Santo foi introduzido aqui pela primeira vez. O apóstolo tinha descrito o homem cristão e a sua situação nos seis primeiros versículos do capítulo 7 e, na verdade, em todo o capítulo 6. Ele não volta a isso no capítulo 7, versículos 14 a 25. Essa parte realmente confirma, mediante contraste, a descrição anteriormente feita do cristão.

Em quarto lugar, a defeituosa explicação desta frase necessariamente nos envolve, assim me parece, numa crença na doutrina da “santificação completa”, porquanto o apóstolo diz: “A lei do Espírito de vida em Cristo Jesus te livrou da lei

do pecado e da morte”. Se “a lei do pecado e da morte” se refere ao pecado que permanece no legítimo cristão, e àquela lei em que, em meus membros, guerreia contra a lei do meu entendimento, e que me põe cativo da lei do pecado que está em meus membros, então as palavras do apóstolo significam que eu não estou mais no cativeiro da lei do pecado que está em meus membros: fui libertado inteiramente desse cativeiro. Isso aconteceu comigo; não está acontecendo progressivamente; aconteceu. Repito que o apóstolo emprega aqui o verbo no aoristo. Logo, se isso aconteceu comigo, se o pecado foi retirado de mim inteiramente, então eu estou inteiramente santificado.

Essa exposição nos obrigaria inevitavelmente a fazer esta conclusão: não somente é possível ao cristão ser santificado inteiramente, mas todo cristão já está inteiramente santificado. O fato de que é empregado o verbo no aoristo e que o texto diz respeito a todos os que estão em Cristo Jesus, torna essa interpretação inevitável. Fui libertado de tudo o que me punha abaixo, do pecado que estava em meus membros, de tudo o que me colocava e me mantinha em cativeiro. Fui libertado inteiramente. Todavia essa interpretação é impossível; porque, se fosse certa, o apóstolo não poderia ir adiante e dizer nos versículos 12 e 13 deste capítulo 8: “De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”. Se a santificação completa já tivesse acontecido, seria errado dizer isso; o apóstolo estaria caindo em contradição. Noutras palavras, em última instância, essa exposição prova demais, e contradiz a teoria que ela apresenta.

Assim é que, por essas quatro razões, sem procurar mais nenhuma, devemos rejeitar totalmente essa interpretação da frase, “a lei do pecado e da morte”, que a considera como sinônima do que ele tinha dito no capítulo 7, versículo 23, e

das outras declarações semelhantes daquela seção. Que significará, então, “lei do pecado e da morte”? Significa a Lei moral de Deus, especialmente a Lei que Deus tinha dado por meio de Moisés nos Dez Mandamentos. É “a lei” a respeito da qual Paulo escreve desde o princípio desta Epístola. Por que deve ser essa lei? Por que deve ser a lei de Deus dada aos homens, escrita no coração de todos os homens e dada explicitamente por meio de Moisés aos filhos de Israel?

A primeira resposta é que o apóstolo trata de condenação aqui; a declaração básica é: “Portanto, agora nenhuma condenação há”. Fomos libertados dessa condenação. Como? Sendo libertados da Lei, que causa a nossa condenação, “Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”. É a Lei que entra em ação e declara a nossa condenação. A Lei que promove a condenação não é “a lei do pecado que está em meus membros” (capítulo 7, versículo 23), e sim a santa Lei de Deus (capítulo 3, versículo 31). Para provar isso eu devo citar declarações que o apóstolo já tinha feito no capítulo primeiro, versículo 18 em diante. Por que ele exulta e se gloria no evangelho de Cristo? Por que não se envergonha dele? Eis a sua resposta: “Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça”. Mas onde foi revelada essa ira contra o pecado? Particularmente na Lei. Paulo demonstra isso no trecho que vai do versículo 18 do capítulo primeiro ao versículo 20 do capítulo 3, onde ele faz um sumário do argumento, dizendo: “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado”. Que é que a Lei faz? “Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus”(capítulo 3, versículo 19). Mas depois, no versículo 21, lemos: “Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas”. Que é isso? “Isto é, a justiça de Deus pela fé em

Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem... Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.” A Lei condena; ela dá “o conhecimento do pecado”, o que envolve condenação.

No entanto, o apóstolo não se satisfaz em deixar a coisa nesse pé, e continua a falar do assunto uma e outra vez. Vejam o versículo 15 do capítulo 4: “A lei opera a ira. Porque onde não há lei também não há transgressão”. A Lei sempre opera a ira, sempre produz condenação. Depois, novamente, nos versículos 20 e 21 do capítulo 5: “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse”. A Lei entrou sorrateiramente “para que a ofensa abundasse”. Nunca houve a intenção de que ela salvasse; a Lei foi a causa que fez sobressair e condenar o pecado. Essa é a função da Lei. Vemos de novo o mesmo ponto no versículo 13 do capítulo 7: “Logo tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem”. Paulo está se referindo à Lei e ao que ela faz, “a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno”. Noutras palavras, a Lei é sempre a grande causa de condenação. Portanto, quando o apóstolo se empenha em lembrar-nos e em proclamar de novo que não estamos mais debaixo de condenação, é óbvio que ele o diz desta forma – que fomos libertados da Lei que nos condena à morte.

Entretanto, vejamos as passagens paralelas ou semelhantes noutras partes das cartas do apóstolo Paulo. Ele diz a mesma coisa em 1 Coríntios 15:16, onde lemos: “O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei”. É a Lei que, em última análise, produz a morte; o pecado é causa subsidiária, secundária. Mas “a força do pecado é a lei”. A Lei sempre leva à morte. Ou vejam 2 Coríntios, capítulo 3, particularmente os versículos 7 e 9, onde Paulo fala da Lei dada por intermédio de Moisés. Diz ele: “E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, veio em glória...”. Ele está falando da lei de Deus dada a Moisés, escrita em duas tábuas de pedra que

Moisés trouxe do alto do Monte. Paulo lhe chama “ministério da morte”. É na verdade “a lei da morte”. No versículo 9 ele repete a sua declaração: “Porque, se o ministério da condenação foi glorioso...”. A lei de Deus é “a lei da morte”, a lei “da condenação”. Essa é a primeira razão pela qual sugiro que a frase “a lei do pecado e da morte” significa “a lei de Deus”.

Mas eu passo a dar uma segunda razão. No capítulo 7, do versículo 7 ao fim do capítulo, o apóstolo fez grande esforço para provar que, por causa da condição decaída do homem, a lei de Deus produz sempre e inevitavelmente dois principais resultados. O primeiro é o pecado. A lei de Deus leva ao pecado; agrava-o, inflama as “paixões do pecado que estão em seus membros”, resumindo o que ele diz no versículo 5. E desenvolve esse ponto em detalhe nos versículos 7 a 12. O segundo resultado da Lei – que ela sempre produz morte – ele desenvolve do versículo 13 ao fim do capítulo. Observem o modo como ele inicia ambas as passagens. No versículo 7: “Que diremos pois? É a lei pecado?” Depois, no versículo 13: “Logo tornou-se-me o bom em morte?” A resposta é “Sim”! Não, porém, por culpa da Lei, e sim por nossa culpa. Noutras palavras, nessas duas subdivisões do capítulo 7, do versículo 7 ao 25, Paulo provou que a Lei leva ao pecado e à morte. Por isso, não admira que aqui, no versículo 2 deste capítulo 8, ele de fato a denomine “lei do pecado e da morte”. Ele provou que é isso que ela faz e, portanto, tem direito de chamá-la assim. Na verdade, ele já tinha insinuado isso no versículo 20 do capítulo 5. Depois desenvolveu detalhadamente essa idéia no capítulo 7, em sua longa digressão, e agora a retoma. Ele faz um resumo para então prosseguir. Por isso ele afirma que é a Lei de “pecado e morte”. Graças a Deus, fomos libertados dela, fomos feitos livres dela. Foi a lei de Deus que nos condenou, sempre nos levando ao pecado e mesmo à morte.

Vamos, porém, considerar outra razão. Já vimos que a falsa interpretação dada ao versículo 2 deve ser rejeitada porque não

é uma decorrência lógica do versículo primeiro. “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.” Por quê? “Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte” (a lei de Deus), que me condenou. Se fui libertado da Lei que me condenou, então não há para mim agora “nenhuma condenação”. Assim, o versículo 2 realmente explica o versículo primeiro e me ajuda a entendê-lo.

Contudo o que é ainda mais conclusivo e que definitivamente firma o argumento é que esta exposição, e unicamente esta, leva coerentemente ao versículo 3. Ali temos de novo outro “porque” (“porquanto”). “Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma (fraca) pela carne, Deus, enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne.” Paulo nos diz o que a Lei não pode fazer. Todos concordam, e só podem concordar, que a “lei” no versículo 3 é a lei de Deus dada por meio de Moisés. Assim, se o versículo 3 deve inferir-se naturalmente do versículo 2 – no que insiste o “porquanto” – é preciso entender que se trata da mesma Lei nos dois versículos. Diz ele que fomos libertados “da lei do pecado e da morte” pela salvação que há em Cristo Jesus, porquanto aquela antiga Lei não pôde nem poderia fazer isso pelas razões apresentadas extensamente no capítulo 7. Deus nos salvou desta outra maneira. O apóstolo está se referindo à Lei de Deus e falando sobre ela o tempo todo; não está falando sobre “a lei do pecado que está em meus membros”; não se refere nem dá continuidade ao que dissera detalhadamente no capítulo 7. Aquela porção do capítulo 7, devo repeti-lo, não é mais que um parêntese, e não deve ser considerada como parte integrante da principal proclamação do evangelho. Aqui, pois, ele está falando mais uma vez que não estamos sob condenação porque fomos libertados da lei de Deus, que estava contra nós, e que nos condenou, e que é “a força do pecado” e sempre leva a “pecado e morte”. Portanto, afirmo que, se vocês interpretarem

esta frase do versículo 2 de alguma outra maneira, terão que tirar de uma vez o versículo da sua conexão com o versículo 1 e com o versículo 3, e terão que ignorar o duplo uso da palavra “porque” (“porquanto”), tão vital e crucial para o apóstolo. Vocês destruirão todo o seu argumento, e acabarão tornando impossível uma exposição clara. De qualquer forma, o apóstolo jamais mudaria o sentido da palavra “lei” nos versículos 2 e 3 sem indicar que estaria fazendo isso.

A declaração é, então, que fomos feitos inteiramente livres da nossa antiga relação com a lei de Deus. Estaria o apóstolo dizendo alguma coisa nova aqui? A resposta é que ele tinha dito a mesma coisa no capítulo 6, versículo 14, onde se lê: “O pecado não terá domínio sobre vós”. Por quê? “Pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.” Depois, novamente, no capítulo 7, versículo 4: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro (marido), daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus”. Isso vem repetido no versículo 6: “Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de Espírito, e não na velhice da letra”. Portanto, neste versículo o apóstolo está simplesmente dizendo mais uma vez, como costuma fazer depois de uma digressão, o que tinha dito anteriormente. Ele retorna ao assunto principal; ele o retoma para poder dar seguimento à sua argumentação. E, todavia, muitas vezes este versículo tem sido tirado do seu contexto e tem sido estabelecido como base de duas teorias defeituosas concernentes à santificação, as quais recordei para vocês.

Mas ainda nos resta uma questão. Que foi que me livrou da Lei? A resposta é: “A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus”. Qual será o sentido dessa estranha frase? Podemos dizer de imediato, e todos concordarão, que obviamente é o oposto da lei de Deus a que temos feito referência. Nós, cristãos, não estamos mais na situação em que nos achávamos antes de nos

tornarmos cristãos; desde que estamos “em Cristo”, toda a nossa situação mudou. Qual era a nossa situação antes? Estávamos “debaixo da lei”, estávamos subordinados a regras e ao domínio e poder da Lei. Entretanto agora, diz ele, estamos numa situação inteiramente diversa. Assim, “A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus” indica o oposto de estar “debaixo da lei”.

Que significa, então? É uma referência à ação do Espírito Santo para santificação do crente? De imediato temos que responder que não; não pode ser. Paulo não está dizendo que eu fui feito livre da lei de Deus por causa da ação do Espírito em mim; e por esta razão: em parte alguma as Escrituras nos ensinam que a ação do Espírito em nós para produzir santificação nos justifica e nos liberta da Lei. Isso seria levar-nos de volta àquele outro ensino que afirma que não estamos sob nenhuma condenação porque estamos santificados, afirmação que, como vimos, nunca é ensinada nas Escrituras. Não estamos mais sob condenação porque estamos “justificados”. É o ensino católico-romano que afirma que não estamos sob condenação porque estamos santificados. Por isso os romanistas não crêem nem pregam a certeza e a segurança da salvação, pois, de acordo com a sua teoria, enquanto não formos santificados perfeitamente, não poderemos ter certeza da salvação. Esse é um erro do catolicismo romano, que devemos rejeitar com o máximo vigor.

Qual será, então, o sentido desta frase? É simplesmente outro modo de descrever o evangelho, as boas novas da salvação. Que foi que me livrou da Lei do pecado e da morte? Foi a graça de Deus em Cristo Jesus. Acaso Paulo já não nos dissera isso nos versículos 20 e 21 do capítulo 5? “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou (por meio da lei), superabundou a graça.” O oposto da Lei é a graça. “Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por

Jesus Cristo nosso Senhor.” O apóstolo está retomando e reassumindo o argumento interrompido no fim do capítulo 5. Então, o oposto da “lei” é a “graça”, e a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, significa a “norma da graça”, o “reinado da graça”. É o caminho da fé em Cristo Jesus, como já foi explicado.

Mas por que a expressão “lei” – “a lei do Espírito de vida”? Como pode ser possível que o uso da palavra “lei” signifique que ele está falando acerca do evangelho, ou do caminho da salvação pela fé, ou contra qualquer tentativa de justificar-nos pelas obras praticadas sob a Lei? Isso pode ser respondido com muita simplicidade. Basta voltar ao capítulo 3, versículos 26 e 27, onde lemos: “Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé”. Qual é o sentido da expressão “a lei da fé”? É o novo caminho ou método de salvação em Cristo mencionado nos versículos 22 e seguintes, é “a justiça de Deus pela fé”. Notem, porém, com que cuidado ele a descreve como “a *lei* da fé”. Ele emprega o termo “lei” precisamente no contexto do evangelho, e não somente nesse contexto; ele emprega termos similares noutras passagens. Temos virtualmente a mesma idéia no capítulo 5, versículos 20 e 21, onde o oposto da “lei” é a “graça”, e “o reino da graça” é contrastado com “o reino do pecado”. Notem que ele fala em termos de um “reino” da graça, e que “reino” e “lei” são a mesma coisa. No capítulo 6, versículo 14, ele expressa a mesma idéia dizendo que não estamos “debaixo” da Lei, mas “debaixo” da graça. Aquilo “debaixo” do que você está pode ser descrito como “lei”. O princípio é o mesmo. No capítulo 7, versículos 4 e 6, a analogia tem o mesmo sentido. Enquanto o primeiro marido vivia, a mulher ali mencionada estava “sujeita” ao marido, porém, morto o marido, ela não lhe está mais sujeita; pode casar-se e ficar “sujeita” a outro.

Em 2 Coríntios, capítulo 3, esta mesma idéia é exposta de

maneira muito clara e explícita nos versículos 6 e 8. “A nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros dum novo testamento” – uma nova aliança, um novo acordo legal. Tudo o que Deus faz é de lei, é legal, é um “testamento”. “Não da letra, mas do Espírito, porque a letra mata, e o Espírito vivifica.” Notem no versículo 8 o contraste com “o ministério da morte”. “Como não será de maior glória o ministério do Espírito?” “O ministério do Espírito” é a mesma coisa que “a lei do Espírito”. Já não estamos debaixo daquela Lei chamada “letra”; agora estamos debaixo da lei do Espírito. Havia outrora o “ministério da condenação e da morte”; agora há o “ministério”, como Paulo o descreve, “do Espírito”. Assim, aqui em Romanos 8:2 ele o denomina “lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus”. Vemos que Tiago, no capítulo primeiro da sua Epístola, versículo 25, tem a mesma idéia. “Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade...” Que paradoxo! “Lei da liberdade”! Ele quer dizer “um caminho”, “um reino”; é “o reino da graça”, e esse é um reino ou uma lei – a lei “da liberdade”.

Portanto, podemos traduzir o versículo que estamos considerando desta maneira: “Porque o princípio, ou o ministério, ou a aliança do Espírito de vida, em Cristo Jesus, livrou-me da lei do pecado e da morte”. Expresso doutra forma, o apóstolo está dizendo que agora estamos debaixo de uma nova aliança, de um novo testamento; há um novo princípio ou poder reinando sobre nós e em nós. O evangelho nos livrou; estamos debaixo da “lei da liberdade”. Em vez de chamá-la “lei da fé”, como fizera no capítulo 3, versículo 27, ou “reino da graça”, como fez no capítulo 5, versículos 20 e 21, aqui a chama “lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus”. Já no versículo primeiro ele nos fizera lembrar que estamos “em Cristo”. Um dos resultados disso, ele agora diz, é que a vida de Cristo está em nós – “vida, em Cristo Jesus”. Como ele tinha afirmado no capítulo 6, nós já morremos com Ele, fomos sepultados com Ele, e também ressuscitamos com Ele. Ou, como ele diz

em Efésios, capítulo 2, fomos vivificados “juntamente com Cristo”. Em 1 Coríntios 15:45 lemos: “O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante”, espírito que dá vida. Visto que estamos em “Cristo Jesus” há uma nova vida em nós; a vida de Cristo.

Como essa vida de Cristo entra em nosso ser? A resposta é: “Pelo Espírito Santo”. O Espírito que estava em Jesus Cristo é o mesmo Espírito que está em nós. Na verdade, como ele nos diz em 1 Coríntios 12:13, é o Espírito que nos “batiza” em Cristo. “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo, quer judeus, quer gregos...”. Por este Espírito é que fomos incorporados em Cristo, inseridos em Cristo. Portanto, outra maneira de explicar tudo isso é que a vida de Cristo passa por dentro de nós por meio do Espírito. No fim de 2 Coríntios, capítulo 3, o apóstolo parece empregar as expressões “o Espírito” e “Cristo” uma pela outra. Ele chega a dizer: “Se o Espírito de Cristo habita em vós...”. Ele fará uso dessa expressão no versículo 9 deste capítulo 8. É difícil manter claras distinções nestas questões, porém essa é a melhor maneira de examinar o assunto. A vida de Cristo entra em nosso ser por meio do Espírito, e é o Espírito que nos infunde energia e que nos leva avante. Quem nos faz livres da condenação da Lei? É o Senhor Jesus Cristo, como veremos claramente nos versículos 3 e 4; mas, indiretamente, e em consequência disso, é o Espírito. É por isso que Paulo diz em 2 Coríntios 3:17: “Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade”. Os judeus estavam cegos, Paulo estivera dizendo; eles tinham as Escrituras, mas não conseguiam “enxergar” a verdade; tinham necessidade do Espírito para os iluminar.

Estas verdades não têm sentido nenhum para o não regenerado, para o homem natural, entretanto “Deus no-las revelou por seu Espírito”. É o que Paulo diz aqui. O evangelho nos livrou, e nos livrou mediante o Espírito. A obra de salvação planejada por Deus o Pai e executada pelo Filho nos é aplicada pelo Espírito Santo. Não somos justificados pelo Espírito ou

nEle, mas no Filho. Paulo resume isso numa frase, dizendo: “O Espírito de vida, (que está) em Cristo Jesus”. Antes, o “poder da lei” era o principal poder em nós, e esse poder nos levou ao pecado e ao cativeiro, à derrota e à morte. Agora, fomos feitos livres, fomos libertados disso tudo; estamos numa nova esfera, estamos em Cristo Jesus, estamos vivendo no Espírito, vitalizados, energizados, por Ele. Não estamos “debaixo da lei”; estamos “debaixo da graça”. É por isso que não há nem pode haver nenhuma condenação “para os que estão em Cristo Jesus”. Agora não temos nada a fazer com a Lei, do ponto de vista da salvação; terminamos com ela; estamos mortos para ela. “Aquilo pelo que éramos retidos” foi removido, morreu; estamos na vida de Cristo; estamos na esfera e no reinado de Cristo, e no reinado e na esfera do Espírito. O apóstolo emprega todas estas gloriosas expressões umas pelas outras, (isto é, como praticamente sinônimas).

Quero salientar novamente que o apóstolo não descreve aqui apenas alguns cristãos que receberam uma bênção adicional; ele expõe o que é verdade a respeito de cada cristão, de todos os cristãos. Todavia, por que ele menciona o Espírito dessa maneira e dá ênfase a isso? Respondo que ele já tinha deduzido, no capítulo 5, o resultado da justificação em termos da nossa relação com Deus e Seu amor. O que o preocupa e lhe interessa fazer aqui é mostrar a mesma coisa em termos do fato de estarmos “em Cristo”, e desenvolver isso. Para fazê-lo é-lhe necessário, inevitavelmente, introduzir a obra realizada pelo Espírito Santo.

Neste capítulo Paulo expõe a obra realizada pelo Espírito na santificação, na adoção e em nossa vida de oração; mas o principal tema é o fato de estarmos em Cristo. Um dos principais resultados de estarmos “em Cristo” é que o Espírito está em nós; e o Espírito faz certas coisas em nós e para nós. Contudo o apóstolo não vai tomar esse ponto enquanto não chegar ao fim do versículo 4. “A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto

o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne.” Essa declaração se refere à “cruz” e à nossa “justificação”; não à “santificação”. Mas ele continua: “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós”. Pois bem, aí ele chega à santificação – “que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. E então ele passa a desenvolver o ponto. Esse é seu método típico. Primeiro ele introduz uma idéia; depois desenvolve a primeira metade da proposição da idéia; depois assume a segunda metade, e a desenvolve. No versículo 2 ele coloca tudo junto; então, depois de desenvolver a primeira parte, sobre a expiação, passa a ocupar-se da segunda parte, que fala da operação específica do Espírito. Isso ele menciona no fim do versículo 4, e depois passa a desenvolvê-lo em termos da santificação até o versículo 13; em termos da adoção até o versículo 17; em termos da oração nos versículos 25 e 26, e então mostra que tudo isso faz parte do plano eterno de Deus, que não pode falhar nem no mínimo detalhe.

O versículo 2 é crucial. O apóstolo recapitula e resume a sua mensagem e o seu argumento. Ele quer que fiquemos absolutamente seguros da nossa salvação, quer que cada um de nós saiba que já não há “nenhuma condenação” para nós, nem jamais poderá haver; ele nos garante que fomos libertados para sempre da Lei que nos condenava e que veio a ser para nós “a lei do pecado e da morte”. Fomos libertados disso por esta nova ministração ou ministério, “o ministério da graça”, “o ministério do Espírito”, “o ministério da glória”, como também o apóstolo o denomina; e tudo isso por estarmos “em Cristo Jesus”. “A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.”

23

“Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito.” – Romanos 8:3,4

Vemos aqui uma das mais grandiosas e mais importantes declarações desta Epístola. E é importante que a entendamos, à medida que examinarmos o argumento que o apóstolo desenvolve nesta altura. Notem que tomo os dois versículos juntos, e faço isso porque eles constituem uma só declaração. Há dois elementos subsidiários na declaração, mas os dois versículos juntos constituem uma só declaração; e é impossível entender uma parte sem a outra.

Que será que exatamente diz o apóstolo nestes dois versículos? De imediato impressiona-nos a primeira palavra, “porquanto”. Encontramo-la no início do versículo 2 (“porque”), e de novo no início do versículo 3. Ela indica que o apóstolo está dando continuidade ao seu argumento, e isso nos dá uma chave para o entendimento da particular declaração do versículo 3. Ele nos dá uma explicação do que fora dito no versículo 2. Ali, como vimos, ele diz, de maneira diferente, o que já tinha dito no versículo 14 do capítulo 6, que não estamos “debaixo da lei, mas debaixo da graça”. Fomos libertados da Lei pela graça do evangelho, que aqui ele chama “lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus”. A “vida” de Cristo está em nós, “a lei do Espírito de vida”. Na qualidade de cristãos, estamos “em Cristo”, como ele dissera no versículo primeiro.

Noutras palavras, cada um destes passos decorre do anterior. A declaração fundamental é: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”, o que significa que, não somente fomos justificados e libertados da culpa dos nossos pecados, mas também que estamos “em Cristo”; e, além disso, que estamos sob a influência do Seu bendito Espírito Santo e em Sua esfera de ação. Só quando entendermos isso é que nos regozijaremos, como devemos, na certeza e na segurança da nossa salvação.

Não estou dizendo que se você não tiver certeza da salvação não é cristão. Você pode ser cristão sem ter certeza; mas, como cristão, você deve ter certeza, e desfrutá-la. Aqui o apóstolo nos mostra como ter e gozar esta bendita certeza, esta segurança. Todos nós devemos gozá-la, e a maneira de obtê-la consiste em ver que, se estamos justificados, a nossa situação final só pode estar segura. A situação final do cristão pode estar a salvo sem que ele o saiba. Muitos são os que vão para o túmulo sem terem desfrutado certeza; porém, desfrutando-a ou não, estão seguros, e o feliz fim é certo. Se você está “em Cristo”, assim será. Mas o fato de que assim será não significa necessariamente que você sabe disso e que o desfruta. Você pode estar se privando de sua alegria e felicidade por sua ignorância; e Paulo escreveu as suas Epístolas para esclarecer-nos e para nos dar a plena alegria da salvação. Como ele já tinha dito no versículo 2 do capítulo 5, devemos regozijar-nos “na esperança da glória de Deus”. Chegamos a essa posição pela percepção de que fomos libertados da Lei e de que agora vivemos esta nova vida, que se encontra em Cristo Jesus mediante o Espírito.

Mas agora o apóstolo vai adiante e nos explica por que era necessário que fôssemos libertados da Lei. Ele nos diz como fomos feitos livres, e também nos diz qual é o resultado disso em nossa experiência. É o que vemos nos versículos 3 e 4. Observem como o apóstolo é lógico. Fomos libertados da Lei, mas por que dar ênfase a isso? Ele nos dá a razão, diz-nos

como aconteceu, e indica o resultado a que isso leva.

Antes de passarmos a examinar estes versículos em detalhe, devo assinalar mais uma vez – é de vital importância do ponto de vista da exposição que vejamos isto claramente – que o apóstolo não nos vai dizer nada de novo. Ele retoma o tema deixado no fim do capítulo 5, e o faz à luz do que tinha provado e estabelecido nos capítulos 6 e 7. A proposição fundamental acha-se no capítulo 5, versículo 10, onde lemos: “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho...”. Ele torna a dizer isso aqui, no versículo 3, da seguinte maneira: “Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne”. A parte restante do versículo 10 do capítulo 5 diz: “...muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”. Aqui ele expressa essa verdade desta forma: “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito”.

O apóstolo tinha dito isso também no capítulo 5, versículos 20 e 21, e ainda no capítulo 6, versículo 14, que, em muitos aspectos, é o versículo chave: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. É o que ele diz de novo aqui – “o pecado não terá domínio sobre vós” – com as palavras “Para que a justiça da lei se cumprisse em vós”, por esta razão: não estamos mais debaixo da Lei. Fomos retirados dessa situação da maneira que ele explica, e estamos “debaixo da graça”. Não estamos mais andando “segundo a carne”, mas sim “segundo o Espírito”. Portanto, os versículos 3 e 4 do capítulo 8 são simplesmente uma exposição do capítulo 6, versículo 14.

Ao mesmo tempo, é particularmente certo dizer que estes dois versículos são uma exposição do que o apóstolo tinha dito com tanta clareza no capítulo 7, versículos 4 e 6. Diz o versículo 4: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos

fruto para Deus”. E o versículo 6: “Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de Espírito, e não na velhice da letra”. Agora vamos examinar a exposição que Paulo faz daquelas declarações, o desenvolvimento e o claro desdobramento delas.

O diligente cuidado com que o apóstolo faz a sua exposição e a sua argumentação é sumamente fascinante e emocionante. Independentemente da glória da verdade exposta, não há como não ser cativado pelo brilho do método. Deixem que lhes mostre o que quero dizer. Vejam de novo os versículos 4 e 6 do capítulo 7. Eles dizem a mesma coisa, e ambos numa dupla declaração. Há duas declarações no versículo 4, e duas no versículo 6; e constituem virtualmente a mesma declaração. Versículo 4: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo”. Vejamos agora a primeira parte do versículo 6: “Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos”. Não seria a mesma coisa? Voltemos agora para a segunda parte do versículo 4. Por que ele estava tão interessado em mostrar-lhes que eles estavam mortos para a lei pelo corpo de Cristo? “Para que sejais doutro (marido), daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.” Vejam depois a segunda parte do versículo 6. Por que ele estava tão interessado em repetir que eles estavam livres da Lei, estando mortos para aquilo em que estavam retidos? “Para que sirvamos em novidade de Espírito, e não na velhice da letra.” É a mesma verdade expressa de maneira ligeiramente diferente.

Comparem agora as duas partes daqueles versículos do capítulo 7 com os versículos 3 e 4 da capítulo 8. O versículo 3 é uma repetição da primeira parte do versículo 4, e também da primeira parte do versículo 6 do capítulo 7. Diz ele: “O que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne”. É apenas

outra maneira de dizer que “estávamos mortos para a lei pelo corpo de Cristo”. O fato é que o versículo 3 do capítulo 8 é uma repetição do capítulo 7: 4a e 6a. E o versículo 4 do capítulo 8 é uma repetição e um desenvolvimento do capítulo 7:4b e 6b (VA).

Tudo isso prova a minha tese de que os versículos 7 a 25 do capítulo 7 não são nada mais que um parêntese. A preocupação do apóstolo era fazer uma só coisa ali, a saber, lidar com as objeções que certas pessoas lhe traziam constantemente contra o que ele dissera sobre a Lei. Assim, aqui, no começo do capítulo 8, ele faz uma revisão do que afirmara nos seis primeiros versículos do capítulo 7, os quais eram, por sua vez, uma explicação do que ele tinha dito no fim do capítulo 5, versículos 20 e 21. Certamente isso há de nos convencer final e definitivamente quanto à interpretação do capítulo 7, versículos 7 a 25. Os versículos 3 e 4 do capítulo 8 repetem quase exatamente o que ele já tinha estabelecido como sua proposição fundamental no capítulo 7, versículos 4 e 6.

O apóstolo começa dizendo-nos o que a Lei “não podia fazer” (VA). Depois nos diz por que não podia. Em terceiro lugar, ele nos fala sobre como Deus fez o que a Lei não podia fazer. E, em quarto lugar, ele nos narra o resultado disso tudo em nós.

Começemos, então, com o primeiro ponto: que é exatamente o que a Lei “não podia fazer”? Diversas outras traduções têm sido sugeridas. Algumas pessoas dizem que devemos traduzir assim: “Porquanto, a coisa impossível da lei”. Outros dizem: “O que é impossível para a lei” (cf. Almeida, Revista e Corrigida). Mas, ao que me parece, elas não melhoram em nada a Versão Autorizada (inglesa; do Rei Tiago). “O que a lei não podia fazer.” Essa é a frase chave, e é crucial para qualquer exposição que se faça dessa porção bíblica, e para se poder entender o ensino do apóstolo. Que seria exatamente o que a Lei não podia fazer? Como vejo as coisas, a exposição errônea

afirma que não há nenhuma dificuldade quanto a isso, que simplesmente devemos tomar a declaração como se dissesse: “O que a lei não podia fazer, sendo que estava fraca pela carne, Deus fez”. Bem, o que é que Deus fez? Ele “condenou o pecado na carne”. Assim, os que sustentam essa idéia afirmam que o que a Lei não podia fazer era condenar o pecado na carne. Todavia Deus o fez em Cristo. E não há necessidade de dizer mais nada. Eles argumentam da seguinte maneira:

Quando ia chegando ao fim do capítulo 7, o apóstolo nos falou sobre o “miserável homem” que, em sua vida cristã, não conseguia obter vitória sobre “a lei do pecado que estava em seus membros”. Eis como eles interpretam o fim do versículo 2 do capítulo 8: “A lei do pecado e da morte”, dizem eles, é aquilo sobre o que ele falou no versículo 23 do capítulo 7: “Vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros”. Portanto, eles sustentam que o que Paulo diz aqui é, primeiro, que a Lei não podia libertar o homem – e eles são forçados a concordar, é claro, que aqui Lei significa a Lei moral de Deus, principalmente a Lei dada por meio de Moisés. Eles rejeitam essa interpretação no versículo 2, mas agora têm que mudar e dizer que aqui se trata da Lei de Moisés. A Lei, dizem eles, não podia dar ao homem a vitória sobre esta “lei em seus membros” que sempre o estava arrastando para o pecado; mas, graças a Deus, isso foi feito em Cristo. Em resumo, eles dizem que o apóstolo está fazendo uma declaração no sentido de que o Senhor Jesus Cristo, quando veio em carne, condenou o pecado na carne por Sua vida perfeita; e, portanto, os que Lhe pertencem, e que estão nEle, são habilitados a ter a mesma vitória por meio do Espírito.

Por que não podemos aceitar essa exposição? Por este motivo: nela a palavra “condenou” é empregada no sentido de “livrou de” ou “destruiu”. Mas não significa isso! “Condenou o pecado na carne” equivale à expressão “nenhuma

condenação” do versículo primeiro, e significa “punir”. Nunca significa destruir. Essa palavra nunca é utilizada nas Escrituras no sentido de “destruir” ou de “acabar com” alguma coisa; sempre significa “punir”, e nada mais. Assim, naquela interpretação a palavra é aqui empregada num sentido diferente do sentido em que é empregada no versículo primeiro; e não somente isso, porém esse modo de entender obriga o intérprete a empregá-la também num sentido diferente do seu uso em toda parte nas Escrituras. Essa é, em si mesma, uma objeção fatal.

Além disso, porém, simplesmente não é certo dizer que a Lei não podia condenar o pecado na carne, pois é precisamente isso que ela foi destinada a fazer. Esse é o argumento do apóstolo desde o começo da sua Epístola. Praticamente ele diz: a Lei não pode justificar você, e nunca foi destinada a fazê-lo. Ele expressa essa idéia no versículo 20 do capítulo 3 nestes termos: “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado”. A tarefa da lei é expor o pecado e condenar o pecado. O apóstolo diz isso ainda mais claramente no capítulo 4, versículos 14 e 15: “Porque, se os que são da lei são herdeiros, logo a fé é vã e a promessa é aniquilada, porque a lei opera a ira. Porque onde não há lei também não há transgressão”. Tudo o que compete à Lei fazer é condenar o pecado; e é exatamente isso que ela faz. E, contudo, a exposição à qual agora me oponho quer que acreditemos que a Lei não pode fazer isso.

A Lei não faz outra coisa, diz o apóstolo Paulo. Ele torna a dizer isso no capítulo 5, versículo 20: “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse”. A Lei torna a ofensa mais abundante, fixa a transgressão, assinala-a vividamente, põe-na às claras e a condena. Esse é todo o propósito da Lei. E, na verdade, no parêntese do capítulo 7, versículos 7 a 25, está a verdade que por excelência o apóstolo está provando – que a Lei não faz outra coisa senão condenar-nos, a nós e ao nosso pecado, na carne, e impelir-nos a clamar: “Miserável homem

que eu sou! Quem me livrará?” Ela opera a morte em nós, e induz ao pecado. E, todavia, pedem-nos que acreditemos que “o que a lei não podia fazer, sendo que estava fraca pela carne”, é condenar o pecado na carne! A resposta, reitero, é que essa é a única coisa que a Lei pode fazer. Faz isso total e completamente; mas não pode fazer mais nada.

Mas há um terceiro e último motivo para que rejeitemos essa exposição defeituosa. Acha-se na pequenina frase “e pelo pecado”. “O que a lei não podia fazer, sendo que estava fraca pelo pecado, Deus, enviando o seu Filho na semelhança da carne pecaminosa, e pelo pecado...” (VA). “Pelo pecado” significa como “sacrifício pelo pecado”. Não significa meramente “concernente ao pecado”, como provarei mediante o uso de numerosas evidências. A expressão “pelo pecado” traz consigo a noção de “um sacrifício pelo pecado”, o que constitui o ensino central do apóstolo em toda parte. Este é o evangelho em que ele se regozija, que Deus estabeleceu para nós este plano de salvação pelo que Ele fez no sacrifício do Seu Filho, Aquele que Ele enviou “para propiciação”, como já nos dissera no capítulo 3, versículos 25 e 26. A aludida exposição errônea não inclui essa verdade aqui, de modo nenhum; ela faz com que a frase diga que algo foi feito pela vida impecável de Cristo e o que Ele nos habilita a fazer por meio do Espírito. Essa exposição realmente deixa fora da sua explicação o verdadeiro sentido da frase “e pelo pecado”.

Então, se rejeitamos essa exposição, precisamos perguntar de novo: o que é que a Lei não podia fazer? A resposta é dada no início do versículo 4. O que a Lei “não podia fazer” era agir no sentido de que a justiça por ela exigida “se cumprisse em nós”. Noutras palavras, devemos ler a declaração desta maneira: “O que a lei não podia fazer, sendo que estava fraca pela carne, Deus fez”. E Ele realizou essa obra “enviando o seu Filho na semelhança da carne pecaminosa, e pelo pecado, e condenando o pecado na carne”. Por que Ele fez isso? “Para que (a fim de que)” – isso nos fala do propósito e do objetivo. É isso, então,

que a Lei não podia fazer, porém que Deus fez daquela maneira. O objetivo é “cumprir a justiça da lei em nós”, nos crentes. Deixem de lado, no momento, a segunda parte do versículo 4, porque é uma simples descrição do crente. Temos aqui o propósito de Deus.

Portanto, rejeitamos totalmente aquela outra explicação, ainda mais agora, ao vermos a exposição positiva. Aquela idéia equivocada surge por causa da excessiva concentração na frase, “condenou o pecado na carne”. Isso constitui apenas uma parte do que Deus realizou em Cristo, para levar ao objetivo supremo expresso no versículo 4. O objetivo supremo não é condenar o pecado na carne, mas é o cumprimento, no homem, da justiça da Lei. O apóstolo afirma que a Lei não podia fazer isso “porque estava enferma pela carne”, entretanto Deus o fez em tudo e mediante tudo o que Ele realizou no Senhor Jesus Cristo. E o que Ele realizou foi, acima de tudo, que Ele puniu o pecado. Resulta disso que a Lei é satisfeita e, portanto, é posta de lado, e somos justificados aos olhos de Deus.

Então, o que a Lei não podia fazer era assegurar que a justiça por ela exigida fosse cumprida em nós. Isso nos deixa com a pergunta: que significa isso? Aqui me vejo novamente na triste situação de precisar discordar do Dr. Charles Hodge, que mais uma vez me parece bastante lógico e coerente, mas dizendo apenas a metade do que deveria ser dito, apenas a metade do que o apóstolo diz. O Dr. Charles Hodge restringe o ponto inteira e unicamente à questão da nossa libertação da “culpa” do pecado. Diz ele que significa isto – para que a retidão, ou a justiça, da Lei fosse estabelecida, no que se refere a nós. Noutras palavras, a Lei cobrou o cumprimento da pena no concernente a nós quando a cobrou na Pessoa, no corpo do Senhor Jesus Cristo. No entanto, ele não vai além desse ponto. A Lei puniu o pecado segundo a justiça, pelo que ela foi cumprida; ela foi executada no concernente a nós que cremos em Cristo, e ele deixa a questão aí.

Mas certamente isso é inadequado. Permitam que lhes

apresente algumas razões para dizer o que digo. Isso, parece-me, é ver só um lado da justificação, ou seja, só um lado do propósito e do objetivo da Lei. O objetivo supremo da Lei não é meramente, não é somente, condenar; há outro lado. A Lei tem dois objetivos, sendo que o primeiro e o principal é prover uma representação da exigência de justiça que Deus impõe ao homem. Secundariamente, a Lei pune e condena. Como o apóstolo já nos fizera lembrar no argumento do capítulo 7, o propósito da Lei visava ao bem. Ele pergunta: “Logo tornou-se-me o bom em morte?” (versículo 13). Ele diz também, e com igual clareza, que ela “foi ordenada para vida” (versículo 10, VA). A Lei em si é boa, e é por isso que Paulo se deleita nela. “A lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom” (versículo 12). A Lei indica o caminho da vida; mas falha em apresentá-lo na prática. Jamais devemos esquecer os dois aspectos do propósito da Lei; é indicar o caminho da justiça, o caminho da vida, lembrar-nos a vida que Deus exige do homem, como também condenar. Na verdade, a nossa condenação provém da nossa incapacidade de viver de acordo com a Lei.

Tenham isso em mente, e então procurem compreender que, exatamente de igual modo, há dois aspectos da salvação. O primeiro aspecto da salvação de que temos necessidade é a necessidade de sermos libertados da condenação, da culpa, da punição. Em nossa experiência, o segundo aspecto da Lei nos confronta primeiro. A primeira coisa de que nos apercebemos é que somos culpados diante de Deus, e precisamos saber como poderemos livrar-nos da culpa e da punição. Mas a salvação não pára aí; nesse aspecto ela só me dá o perdão e me salva do inferno. Eu tenho necessidade de algo mais. Preciso de uma justiça positiva. Não posso sustentar-me na presença de Deus só por meio do perdão dos pecados; preciso de uma justiça positiva, da justiça que a Lei postula. O segundo elemento da salvação é, pois, que eu sou revestido da justiça de Jesus Cristo. E preciso do segundo elemento tanto quanto do primeiro. O

que defendo, contrariamente a Hodge, é que nesta passagem o apóstolo está salientando o fato de que as duas coisas acontecem “em Cristo”. A Lei não podia fazer nenhuma delas. A Lei não podia me livrar da culpa e me justificar; tampouco podia me dar uma justiça positiva, ou seja, não podia dar-me vida e capacidade para eu permanecer na presença de Deus. Mas o que Deus realizou em Cristo faz ambas as coisas. No versículo 3 o apóstolo nos mostra como Deus nos livra da culpa do pecado; no versículo 4, como Ele nos dá a justiça positiva, e como irá realizando isso crescentemente, por meio da obra do Espírito na santificação, até à nossa glorificação final, quando estaremos completamente livres do pecado.

Em seguida passo a aduzir mais algumas razões para dizer isso. Sustento que a palavra “em”, no versículo 4, prova a minha asserção. Diz o apóstolo Paulo: “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós”. Pois bem, se ele quisesse dizer “a nosso respeito”, como sugere o Dr. Hodge, teria empregado a palavra “peri”, e não a palavra “en”. Diz o Dr. Hodge que, ao punir o pecado, a justiça da Lei foi executada, e que foi cumprida no que diz respeito a nós, porque Cristo sofreu a punição que nos cabia e, portanto, nós a sofremos. A minha opinião é que o apóstolo não teria dito “em”, se não quisesse dizer nada mais do que o que Hodge afirma; ele teria dito: “no que é concernente a nós”, ou “com relação a nós”. Mas ele abandona o curso do seu pensamento para dizer “em nós”. Não somente isso; acredito que a parte restante do versículo 4 torna a nossa exposição absolutamente essencial. Paulo diz: “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós”. Se o Dr. Hodge estivesse certo, Paulo teria parado ali. Mas Paulo continua e diz: “em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Por que ele acrescenta isso? Porque agora ele está falando deste nosso “andar”, está falando sobre a nossa nova vida em Cristo, e vai continuar falando sobre o nosso modo de viver. Ele vai desenvolver isso, começando no princípio do versículo 5 e indo até o fim do capítulo. Ele não pensa somente

na justificação, no perdão e na libertação da culpa do pecado; ele vai adiante e passa a tratar do futuro completo do cristão.

O fato é que o que Paulo diz nesta passagem é a mesma coisa que ele dirá de maneira muito definida e explícita no versículo 29 deste capítulo, onde se lê: “Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”. Essa é a “justiça” que constitui “o cumprimento da justiça da lei”; é o cristão conformar-se à imagem do Filho de Deus. Não é somente o aspecto negativo da lei; é também o aspecto positivo. Isso acontece conosco, em toda a sua plenitude, “em Cristo”, quando “andamos no Espírito” e não “segundo a carne”. É isso que o apóstolo tem em vista.

Expresso doutra forma, a justiça da Lei é cumprida em nós de duas maneiras. A justiça de Cristo nos é “imputada”; mas, graças a Deus, a justiça de Cristo também é “infundida” em nós. Este segundo fato é o processo de santificação do qual o apóstolo começa a tratar no versículo 5. Ali vamos considerar o crescimento progressivo dos crentes “na graça e no conhecimento do Senhor”, sua crescente santificação, até quando formos “glorificados”, sem “mancha, nem ruga, nem coisa semelhante”. Finalmente seremos completamente justos, tão justos como era Adão antes da Queda, e até mesmo mais do que ele. Há, pois, a justiça infundida, bem como a justiça imputada. Devemos insistir nesta exposição, contra a explicação dada pelo Dr. Hodge, por causa do contexto imediato.

Mas, para pôr um fecho definitivo nesta questão, não seria isso que realmente o apóstolo vem dizendo desde o início desta Epístola? Vejam o versículo 17 do capítulo primeiro. Por que o apóstolo não se envergonha do evangelho de Cristo? Tendo dito no versículo 16 que é porque “é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”, continua a dizer no versículo 17 (VA): “Porque nele é revelada a justiça de Deus de fé em fé”. É revelado o quê? Não meramente perdão, não meramente

libertação da culpa. A grande bênção do evangelho, diz o apóstolo, é que ele revela a maneira pela qual o homem pode ser justo diante de Deus. Essa é a grande mensagem do evangelho; e Paulo se gloria nele. Ele repete esse assunto no capítulo 3, versículos 20 e seguintes, dizendo: “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado. Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus” – um modo de justiça, um meio de tornar os homens justos – “tendo o testemunho da lei e dos profetas”. Qual seria essa justiça? “Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença.” É exatamente a mesma coisa. Depois ele retorna mais uma vez a isso no capítulo 5. Vejam, por exemplo, o versículo 17: “Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e o dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo”. Também o versículo 18: “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida”. Todavia notem particularmente o versículo 19: “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela a obediência de um muitos serão feitos justos”.

É a mesma coisa em toda parte. No versículo 21 lemos: “Para que, assim como o pecado reinou para morte, também a graça reinasse”. Como isso é feito? “Pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. Igualmente no capítulo 6, versículo 13: “Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade, mas apresentai-vos a Deus como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça”. Isso significa um viver positivo, reto, santo; não só perdão. No versículo 18 do capítulo 6, lemos: “E libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça”. Isso não é só ser libertado da culpa, é algo

positivo – “servos da justiça”; significa vida justa e santa, da maneira como a Lei define a justiça. Agora somos servos da justiça da Lei, mas de uma nova maneira. No versículo 19 do capítulo 6 Paulo diz novamente isso tudo: “Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne: pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia, e à maldade, para a maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para santificação”. Isso igualmente é positivo. Depois, no versículo 20 do capítulo 6 e também no capítulo 7, versículos 4b e 6b, é nisto que o apóstolo se gloria: “Morremos para a lei”. Por quê? “Para que sejamos doutro (marido), daquele que ressuscitou dentre os mortos.” Por que seria tão importante estarmos casados com Cristo? Por esta razão: “A fim de que demos fruto para Deus”. Não meramente para que não mais tenhamos culpa, como o Dr. Hodge sugere. O apóstolo regozija-se no fato de que agora podemos produzir fruto para Deus – isto é, o que temos aí é justiça positiva. E no capítulo 7, versículo 6b: “Para que sirvamos em novidade de espírito”. “Servir”. Servir a quê? Servir a esta justiça de Deus, e servir a Deus, porém “em novidade de espírito, e não na velhice da letra”.

Esse é, de fato, o argumento de Paulo em toda parte. Vejam a grande declaração registrada em 1 Coríntios 1:30: “Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”. É tudo nEle. Vejam também em Gálatas, capítulo 3, antes de tudo nos versículos 13 e 14: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro”. É igual ao que temos no versículo 3 de Romanos, capítulo 8: “...pelo pecado condenou o pecado na carne”. Mas observem agora o versículo 14 de Gálatas, capítulo 3: “Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo, e para que pela fé nós recebamos a promessa do Espírito”. Temos aí o aspecto positivo. Não é só que não estamos mais debaixo de maldição;

há em acréscimo um fator positivo: fomos feitos beneficiários e herdeiros.

Tudo isso, porém, está num só versículo – no versículo 21 do capítulo 3 de Gálatas: “Logo, a lei é contra as promessas de Deus? De maneira nenhuma; porque, se dada fosse uma lei que pudesse vivificar...”. O quê? Perdão, libertação da maldição, tão-somente o aspecto negativo da justificação? Não! “Se dada fosse uma lei que pudesse vivificar...”; é isso que a Lei não podia fazer; não podia “vivificar”, “dar vida”. Se a Lei pudesse dar vida, “a justiça, na verdade, teria sido pela lei”.

Justiça e vida são termos intercambiáveis. Portanto, não devemos confinar a justiça, restringindo-a apenas à questão da libertação da culpa. Inclui libertação da culpa; mas “a justiça da lei” é, em última instância, “vida”. É a única coisa que pode habilitar-nos a viver eternamente com Deus. A “justiça da lei” significa “vida eterna”, cuja posse é essencial para que o homem possa viver com Deus. Por isso eu afirmo que nesta passagem o apóstolo está dizendo que a Lei não somente não podia livrar-me da culpa e da condenação que ela declarou contra mim; mas, ainda mais importante, que ela não podia dar-me a justiça positiva, não podia dar-me “vida”. Mas, graças a Deus, “a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus,” deu-me vida. Eu estou “em Cristo” e, visto que estou em Cristo, não ando “segundo a carne”, mas “segundo o Espírito”. Não estou mais andando debaixo da Lei, não estou mais “debaixo da lei”. Estou “debaixo da graça”.

Até aqui tentamos lidar somente com a primeira questão – sobre o que a Lei não podia fazer. Iremos considerar as demais questões envolvidas – por que é que a Lei não podia fazer isso? Como foi que Deus fez o que a Lei não podia fazer? E, em terceiro lugar, qual o resultado disso em nós? Foi essencial nos dedicarmos a esse puro fiapo de exposição e à elaboração destes argumentos. Tendo feito isso, agora temos condições de estudar as gloriosas declarações positivas que o apóstolo faz aqui, quando ele nos mostra tudo o que nos foi

feito possível por Deus em Jesus Cristo. Vamos observar diretamente o evangelho, e vamos gloriar-nos e regozijar-nos nele. Lembrem-se de que o apóstolo argumenta como faz a fim de poder estabelecer as verdades fundamentais do evangelho, e dar segurança, certeza e alegria a todos os que estão em Cristo Jesus.

24

“Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.” – Romanos 8:3,4

Conforme prosseguirmos em nosso estudo destes versículos, será bom manter em mente alguns outros versículos. Um deles é o versículo 2 do capítulo 6: “Nós que estamos mortos (ou que morremos) para o pecado, como viveremos ainda nele?” É impossível que continuemos no pecado, porque estamos “em Cristo” e debaixo da graça. Ou vejam o que Paulo diz no versículo 6 desse capítulo, onde ele é ainda mais explícito: “Sabendo isto, que o nosso velho homem foi com ele crucificado” – Por quê? “Para que o corpo do pecado seja desfeito”, seja destruído. Esse é o grande objetivo do nosso morrer com Cristo; é isso que resulta do nosso velho homem ser crucificado com Ele – “Para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado”. O cristão não deve “servir” ao pecado. O objetivo da sua redenção é produzir esse resultado. Por isso me parece muito errado excluir aquela idéia da interpretação que aplicamos à frase, “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós”. Vemos a mesma coisa nos versículos 4 e 6 do capítulo 7. O apóstolo se regozija nesta nova situação porque agora estamos unidos a outro marido, “aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus”. Não é meramente que somos perdoados e declarados justos, mas damos fruto e vamos continuar dando

fruto, diz ele no versículo 6, “em novidade de Espírito, e não na velhice da letra”.

Isso é importante por esta razão – que constitui a grande tese do apóstolo nesta parte da Epístola. Obviamente, ele estava sendo acusado de ensinar exatamente o contrário, e de ensinar antinomismo. Sua pregação da justificação pela fé, alegava-se, dizia às pessoas que não importava quanto elas pecavam – estava tudo bem. Paulo se ressentia com essa acusação e a rejeita, mostrando que a salvação em Cristo leva a uma “novidade de vida” e põe para fora “o corpo do pecado”, para que não sirvamos mais ao pecado. Em Cristo agora vivemos “segundo o Espírito”, uma nova vida na qual triunfamos sobre o pecado. Esse é o argumento. Portanto, se essa verdade não for uma parte vital da nossa interpretação desta importante frase do início do versículo 4, estaremos deixando de salientar precisamente aquilo que o apóstolo teve a preocupação de ressaltar nos capítulos 6 e 7 e no sumário desse argumento nos quatro primeiros versículos deste capítulo 8.

Isso também é uma parte essencial da sua prova do fato de que agora não há nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus. Sua prova baseia-se na afirmação de que fomos libertados da Lei e da esfera, do reinado e do domínio do pecado, “para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. Noutras palavras, chega-se a isto – no momento em que nos tornamos cristãos, ficamos sob o governo, o reinado e o poder da graça e vivemos uma nova vida, em Cristo, “no Espírito”. Portanto, no momento em que nos tornamos cristãos, este processo de santificação, a infusão da justiça de Cristo, começa em nós. Esse é um dos pontos essenciais defendidos por Paulo nestes quatro versículos. Vocês podem estar certos, diz ele, de que não há nenhuma condenação, nunca haverá, nem poderá haver, porque agora estamos sob este governo e domínio da graça. “O pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas

debaixo da graça.” A graça faz o que “a lei não podia fazer”.

Mas, por que a Lei não podia fazer isso? A resposta do apóstolo é: porque “estava enferma (fraca) pela carne”. Aí está outra frase que pode ser mal compreendida. Notem que ele não diz que “a lei” estava fraca. Lida a frase superficialmente, parece dizer isso; porém o apóstolo não está dizendo que a Lei, em si, estava fraca; mas que, uma vez que a Lei, necessariamente, tinha que agir por nossa causa, em nós e por meio de nós, estava fadada a falhar. A Lei não opera automaticamente; para cumprir o seu propósito de executar a sua justiça, depende de nós e dos nossos esforços. Por conseguinte, a fraqueza não estava na Lei, a fraqueza estava em nós – “visto como estava enferma pela carne”. Dizendo de outra maneira, o fracasso da Lei era devido ao fato de que lhe era necessário agir por meio da nossa carne.

Certa vez ouvi um velho pregador usar uma excelente ilustração para esclarecer este ponto. Ele estava pregando numa região rural e falava a pessoas que tinham jardins e hortas. Ele disse: “Na primavera você sai e vai cuidar do seu jardim e da sua horta. Você vai com sua pá e com sua enxada e se põe a cavar. Mas de repente você topa com uma parte dura do terreno; você põe mais força na pá, e acaba quebrando o cabo. O cabo da pá é de madeira; a pá é de ferro. O problema foi que o cabo não era suficientemente forte por ser feito de madeira. Não significa que havia alguma coisa errada com a pá, mas significa que havia algo errado com o cabo. É uma boa ilustração. A fraqueza não estava na pá propriamente dita, que era de ferro; estava no cabo – “visto como estava fraca pela carne”. Só que não se pode usar a pá (de ferro) sem o cabo de madeira. Pois essa era a situação da Lei. A Lei tinha que ser executada por nós; e, por causa da nossa fraqueza, a Lei não podia produzir a justiça requerida. A Lei depende de nós.

Devemos desenvolver essa idéia. O apóstolo já tinha feito

isso por nós no capítulo 7; esse era o propósito daquele capítulo, como devo lembrar-lhes mais uma vez. No versículo 5 daquele capítulo ele diz: “Quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte”. Depois, nos versículos 7 a 25, ele só tem um objetivo em vista, qual seja, mostrar o que a Lei não podia fazer. Esse é o tema de toda aquela seção – o que a Lei não podia fazer. Agora, aqui, ele faz um resumo disso. É pura repetição, recapitulação, relembrando-nos o que “a lei não podia fazer, visto que estava fraca pela carne”. Noutras palavras, a Lei nunca nos poderia fazer justos; na verdade, pelas razões dadas, ela até aumenta o nosso problema.

Qual seria, então, a nossa grande necessidade? A nossa necessidade fundamental é de sermos libertados do pecado. Mas, à luz de tudo o que o apóstolo tinha dito, necessitamos primeiro ser libertados da Lei. E agora ele nos diz como aconteceu isso. Ele já se regozijara, como se vê no versículo 2: “A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”. Isso deve acontecer primeiro. Precisamos ser libertados da Lei, não somente no que nos condena e nos culpa, mas também no que nos afeta, aumentando o poder do pecado dentro de nós. Um versículo que lança grande luz sobre este ponto é 1 Coríntios 15:56, que citamos anteriormente: “O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei”. Esse texto mostra claramente que se vocês tencionarem lidar com o problema do pecado, terão que começar com a Lei, porque a Lei é a “força do pecado”.

O problema da redenção, o problema do homem em pecado, pode ser exposto da seguinte maneira: o homem precisa ser libertado da tirania, do governo, do reinado e da servidão do pecado, condição que a Lei mantém. O apóstolo emprega intercambiavelmente as expressões – “mortos para o pecado”, “mortos para a lei”. Podemos empregá-los intercambiavelmente porque “a lei” é “a força do pecado”. Estar

“debaixo do pecado” e estar “debaixo da lei” são a mesma coisa, e precisamos ser libertados do pecado como precisamos ser libertados da Lei. Por isso a Lei não pode ajudar-nos; ela nos mantém por baixo, nesta posição terrível, condenados e em escravidão; na verdade, sob a Lei a situação se agrava. Vemos, pois, claramente que a nossa primeira necessidade, do ponto de vista prático, é que sejamos libertados da Lei.

Isso nos leva ao nosso terceiro assunto: como Deus fez por nós o que a Lei não podia fazer? Aqui é introduzido o glorioso tema do evangelho de salvação e de redenção. Deus fez por nós algo que nem nós nem a Lei jamais poderíamos fazer. Esse é o cerne do evangelho; é o que fazia Paulo regozijar-se, como ele diz no capítulo primeiro, versículos 16 e 17: “Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê... Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, com está escrito: mas o justo viverá da fé”. Este é o grande tema da Epístola. Contudo, vamos acompanhá-lo conforme ele nos vai contando aqui como foi que Deus realizou esta obra. “O que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho...”. Pode-se traduzir assim: “Deus, tendo enviado o seu Filho...”.

Devemos salientar primeiro a grandiosa palavra “Deus”. A salvação é salvação que vem de Deus; é resultado da ação de Deus. A salvação vem inteira e completamente de Deus. É o que Deus fez, não o homem. “Mas Deus”. “Deus, enviando o seu Filho.” É Seu plano, é Seu propósito. O homem estava no mais absoluto desamparo. A Bíblia está repleta desse ensino, como dele estão repletos os nossos melhores hinos. “Quando tudo era pecado e vergonha”, diz um deles. Essa era a condição do homem – pecado e vergonha; fracasso; o homem estava no mais completo desamparo, era totalmente incapaz de fazer coisa alguma. “Deus enviou o seu Filho.” E a Bíblia deixa bem claro que não se trata de uma “idéia posterior”. Foi planejada “antes da fundação do mundo”. É-nos dito que os

nossos nomes estão escritos “no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13:8). Se isso significa que os nomes foram escritos no livro antes da fundação do mundo, ou se, num sentido místico, o Cordeiro foi morto antes da fundação do mundo, não importa. O que importa é que todo o plano e propósito foi concebido “antes da fundação do mundo”. Deus não foi pego de surpresa quando o homem pecou; a salvação foi planejada antes do homem e do mundo terem sido trazidos à existência.

Notem que aqui, como em toda parte, o apóstolo menciona os nomes das três Pessoas da santa e bendita Trindade. “Deus, enviando o seu Filho”, e no fim da declaração: “Não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” – O Pai e o Filho e o Espírito Santo*. A real explicação do problema da vida cristã de muitos é o fato de que em geral os crentes começam a pensar na salvação em termos deles próprios, e não de Deus, a Santíssima Trindade, e do que Deus, antes do início do tempo, planejou e se propôs fazer. Começam olhando para si mesmos, e passam o resto da vida fazendo isso. Se tão-somente olhassem para Ele, observassem e vissem tudo ali, então se humilhariam e passariam a viver cheios de louvor a Deus por Ele tê-los inserido no Seu grande e glorioso plano. Eis como se deve ver a salvação: “Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que...”. Ponham isso em ação, digo eu! Passemos o resto da nossa vida contemplando essa maravilha, e pondo-a em ação.

Toda a argumentação do apóstolo aqui, e em todo este capítulo, firma-se na verdade que estou salientando precisamente neste ponto. Ele começa com a declaração triunfal:

* Tomo a liberdade de empregar aqui a expressão *Deus o Pai e o Filho e o Espírito Santo* fazendo uso da copulativa, sem o corte feito por vírgulas, como uma forma de salientar graficamente a unidade da santa e bendita Trindade. Nota do tradutor.

“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” – esse grande absoluto que afirma que estamos seguros e salvos por toda a eternidade. Como é que o apóstolo pode ter tanta certeza disso? A resposta é que nós estamos incluídos numa salvação que é salvação vinda de Deus, que é ação de Deus do princípio ao fim. Se esta salvação dependesse nalgum ponto de nós, o apóstolo nunca poderia dizer que “portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”, porque, em qualquer ponto em que ela nos deixasse, nós falharíamos. Com toda a certeza cairíamos, quer em consequência de atos de pecado, quer do pecado em nossa mente. Se a salvação nalgum sentido dependesse de nós, seria um fiasco. Mas não depende de nós. É tudo de Deus. O homem não pode salvar-se, e a Lei não pode salvá-lo, porque ela é fraca por causa da carne, da nossa carne. E certo é que se a salvação planejada e preparada pessoalmente por Deus tivesse que depender da nossa carne – da minha fé, do meu apego a ela, da minha perseverança, ou de qualquer outra coisa – fracassaria. No entanto, graças a Deus, não depende de nós em nenhum aspecto; procede totalmente de Deus: é ação de Deus do começo ao fim. O Deus que salva é o Deus que guarda. Ele nos guarda, estamos em Suas mãos, é ação de Deus.

Isso é vitalmente importante para todos os aspectos do argumento do apóstolo. Você não pode ter segurança da sua salvação, não pode ter certeza da sua glorificação final, se não compreender que a salvação é totalmente obra de Deus. Por isso veremos, à medida que avançarmos neste capítulo, que o apóstolo fica repetindo esta mesma verdade; refiro-me a declarações como, “Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus... porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também

justificou; e aos que justificou a estes também glorificou. Que diremos pois a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (versículos 28 a 31). Tudo se baseia em, “Deus, enviando o seu Filho”. É inteiramente de Deus. É por isso que todo ensino sobre justificação ou santificação que dê ênfase ao homem ou à sua “decisão” ou à sua “perseverança” nisto ou naquilo é uma negação do ensino do apóstolo. Não somos salvos porque decidimos candidatar-nos à salvação, quer pela justificação quer pela santificação; é Deus que justifica e santifica; é Seu propósito, Seu poder, Sua ação – é Seu plano grandioso e eterno.

Mas, vamos para a segunda frase – “Deus, enviando o seu Filho”. Que frase! A salvação é exclusivamente no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. Não há salvação fora do “seu Filho”. Muitas pessoas falam em crer em Deus e em servir a Deus, e não mencionam o Senhor Jesus Cristo. Elas estão apenas se enganando. Sem Cristo não há conhecimento de Deus, não há reconciliação com Deus senão por meio dEle. Tudo é feito por meio dEle. É dessa maneira que Deus dá salvação; e se o Filho não estiver no centro, não é salvação – é um produto da imaginação, é uma ilusão criada por satanás. O cristianismo é total e inteiramente concernente ao Senhor Jesus Cristo e ao que Deus realizou e realiza nEle e por meio dEle. Escrevendo a Segunda Epístola aos Coríntios, diz o apóstolo, no capítulo 5: “Somos embaixadores da parte de Cristo”. Qual é a nossa mensagem? É que “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo”. Foi “em Cristo” que Deus realizou essa obra de reconciliação.

Contudo, examinemos mais acuradamente a frase, porque é uma declaração que não apreciaremos plenamente se deslizarmos de maneira superficial por sobre ela. Por que Paulo se preocupa em dizer, “Deus, enviando o seu próprio Filho” (VA)? Por que não disse simplesmente, “Deus, enviando o seu Filho”? Respondo: porque ele quis definir bem quem é este Filho. Há outros que são descritos como “filhos de Deus”

nas Escrituras. Há declarações sobre anjos nas quais é feita referência a eles como “filhos de Deus”. Mas Cristo não é um “filho de Deus” no sentido em que os anjos são filhos de Deus. Eles são seres criados; não foram gerados pelo Pai; foram criados por Ele; não são “o seu Filho”.

A expressão sugere uma geração, uma procedência do Pai, uma reprodução do Pai. Há outros que podem ser chamados “filhos”, mas “filho” é tão-somente um título que lhes é dado; eles são apenas seres criados. Entretanto Cristo é “o seu próprio Filho”. Às vezes se faz referência a nós, cristãos, como “filhos de Deus”. Mas Aquele de quem Paulo fala neste versículo não é um filho no sentido em que eu e vocês somos filhos de Deus. Eu e vocês não somos “os seus próprios” filhos; somos filhos por “adoção”; houve tempo em que não éramos filhos. Todavia de Cristo não se pode dizer isso. Ele é “o próprio Filho de Deus”. Ele sempre foi e sempre será, eternamente, o Filho de Deus, não adotado. Assim, fazendo uso da expressão, “o seu próprio Filho”, o apóstolo faz sobressair a singularidade dessa relação. Um dos credos fala do Filho como “gerado, não criado”. A verdade foi expressa com palavras cuidadosamente escolhidas porque havia na Igreja pessoas que ensinavam que Jesus Cristo foi criado como todas as demais criaturas humanas. Na Igreja Primitiva havia uma heresia que ensinava que o Senhor Jesus Cristo era um ser criado. Chamava-se arianismo. A resposta a essa heresia é: “gerado, não criado”; “o seu próprio Filho”. Devemos lutar por esta verdade, se necessário até à morte.

Considerem a maneira pela qual o apóstolo João coloca a questão no prólogo do capítulo primeiro do seu evangelho, versículo 18: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer”. Com que leviana facilidade repetimos João 3:16: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna”. Nunca se esqueçam de que Deus “deu o seu Filho unigênito”.

Essa é a medida do amor de Deus. Depois, no início da Epístola aos Hebreus o autor se esforça para salientar a mesma coisa. Faz isso porque as pessoas às quais ele escreveu estavam sendo combalidas em sua fé em Cristo. Diz ele: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho” – ou, como deveria ser, “no Filho” – “a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também os mundos”. A seguir o escritor acrescenta: “O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa...”. Não há linguagem que possa exceder esses termos. Essa é outra maneira de dizer “gerado do Pai”, procedente do Pai, a geração eterna do Filho de Deus o Pai.

“O seu próprio Filho” neste sentido único! Essa expressão é um modo de ressaltar a grande doutrina da “geração eterna do Filho”, fato que O habilitou a dizer: “Eu e o Pai somos um”. É uma afirmação de que eles são um só na essência, um só em glória, co-iguais, co-eternos. Mas essa declaração tem por objeto também salientar que o Senhor Jesus Cristo não “se tornou” o Filho de Deus quando nasceu neste mundo. Essa é outra heresia que se tem ensinado. Ele sempre foi “o Filho”. Como é importante dar atenção a cada palavra das Escrituras! Ele não “se tornou” o Filho quando nasceu como bebê em Belém. Não, o que aconteceu ali foi que Ele “se fez carne”, tornou-Se homem. O unigênito do Pai, o próprio Filho de Deus, que sempre foi o Filho, o Filho eterno, tornou-Se homem. A Sua filiação sempre existiu, desde toda a eternidade.

Tampouco Cristo tornou-Se o Filho por ocasião da Sua ressurreição, como alguns têm pensado. Lemos no versículo 4 do capítulo primeiro desta Epístola: “Declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos”. Há quem diga que foi ali que Ele Se tornou o Filho. Todavia não é isso que o apóstolo diz. O que ele nos diz é que esse fato foi declarado pela ressurreição;

foi anunciado, foi feito perfeitamente simples e claro, foi promulgado que isso é a verdade a respeito dEle. Mas isso foi uma declaração de algo que já tinha sido verdade a Seu respeito, e desde toda a eternidade. A mesma verdade é exposta por este apóstolo de outra forma na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 15, versículo 47, onde lemos: “O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu”. O primeiro homem, Adão, foi criado e foi formado à imagem e semelhança de Deus; todavia ele era “da terra, terreno”. O segundo homem não foi criado à imagem e semelhança de Deus; Ele é Deus o Filho, o Filho eterno e sempiterno, gerado, não criado; Ele é “o Senhor, do céu”. Essa é a diferença; e é isso que o apóstolo nos lembra aqui – “Deus, enviando o seu próprio Filho”.

Tudo isso é de imensa importância para nós por esta razão: é isso que, acima de tudo mais, habilita-nos a discernir o amor de Deus. Vocês têm interesse na salvação? Bem, lembrem-se disto – somos salvos por causa do amor de Deus. Como sei disso? Porque essa é a única explicação. Eis aí o homem, rebelde, um pecador, uma pessoa vil, num mundo caracterizado pelo pecado; mas tão grande é o amor de Deus que Ele enviou o Seu próprio Filho ao mundo – “Deus, enviando o seu próprio Filho”. Essa é a medida do amor de Deus por você. Ele o amou tanto que enviou o Seu próprio Filho, o Seu Filho unigênito, ao mundo por você.

Há uma segunda coisa que eu desejo acentuar. Como lembro a vocês, o apóstolo trata aqui do grande problema da segurança e da certeza da salvação. Pois bem, a filiação de Cristo é uma das mais maravilhosas garantias disso. Não é apenas que é Deus que está fazendo tudo isso para você; olhe para esta Pessoa em quem Ele está fazendo isso. Ele não nos salva por meio de qualquer mero homem; Ele não nos salva criando um segundo homem como Adão. Agora Deus comprometeu-Se a ponto de enviar “o seu próprio Filho”. Noutras palavras, Deus envolveu-Se pessoalmente em nossa

salvação. E é por essa razão que podemos estar seguros e certos de que não haverá fracasso, de que jamais será uma repetição do que aconteceu no caso do primeiro homem, Adão. O primeiro homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, era perfeito, e tudo era “muito bom”. Mas ele pecou e arrastou consigo a sua posteridade e o mundo inteiro, como já vimos no capítulo 5 desta Epístola. Isso não vai acontecer de novo. Agora há um segundo homem, uma segunda humanidade, uma nova raça de homens. Mas, perguntará alguém, que garantia temos de que não haverá fracasso na segunda vez como houve na primeira? A resposta é – foi “o seu próprio Filho” que Deus enviou desta vez. Não um ser criado, nem mesmo um ser criado perfeito, mas “o seu próprio Filho”! Quer dizer, a nossa salvação é tão segura assim porque é garantida pelo caráter e pela glória de Deus. Há uma garantia dupla: é plano de Deus; e está sendo levado a efeito nAquele e por Aquele que é o “próprio Filho de Deus”, o Seu Filho eterno. Não pode falhar, e, com a mais absoluta certeza, não falhará.

Estas verdades que estivemos considerando são absolutamente essenciais para que possamos entender a obra que Deus realizou e realiza por nós e em nós. A salvação é no Senhor da glória, o Filho sempiterno; nEle e por intermédio dEle. O que Deus fez foi enviá-LO para nos salvar. Ele deu a Lei, mas nunca deu a Lei para salvar o homem. Havia somente um meio pelo qual o homem poderia ser salvo, e esse era que o Filho eterno de Deus Se tornasse homem. E Ele Se tornou homem, e foi como homem que Ele combateu o inimigo, sofreu a morte, ressurgiu no poder da ressurreição, ascendeu ao céu e tomou o assento que Lhe pertence à destra de Deus. Era o único meio. Esse foi o meio que Deus idealizou e planejou em Sua infinita e eterna sabedoria e em Seu infinito e eterno amor. Meditemos, e continuemos a meditar, nesta estonteante declaração. Portanto, nossa salvação está seguro e garantida até sermos finalmente glorificados e apresentados

por Cristo a Seu Pai “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”. Estamos “em Cristo”, e Cristo é “o próprio Filho de Deus”, “o unigênito do Pai”, eternamente gerado, sempre com Deus, desde toda a eternidade, co-igual, co-eterno. Foi porque Deus O enviou do céu a este mundo como o bebê de Belém e o homem Jesus que a minha salvação e a de vocês é certa e segura. É segura, a despeito de nós mesmos, a despeito do homem, a despeito do “mundo, da carne e do diabo”, a despeito do inferno. É Deus em carne, o Deus-homem, que assumiu pessoalmente a natureza humana e que, nessa natureza humana, agora faz intercessão por nós na presença de Deus – é Deus em Cristo que garante isso tudo. Tudo é realizado por meio do “próprio Filho” de Deus o Pai, e mediante Deus o Espírito Santo.

25

“Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.” – Romanos 8:3,4

Prossigamos agora para considerar o próximo aspecto do que Deus fez para efetuar a nossa salvação. Ele enviou Seu Filho ao mundo, e o apóstolo nos diz que o Filho veio “em semelhança da carne do pecado” (VA: “na semelhança da carne pecaminosa”).

Essa declaração é de extrema importância com relação a toda a doutrina da Pessoa do Senhor Jesus Cristo, e com relação à encarnação. O bebê de Belém é o Filho de Deus; Jesus de Nazaré é o Filho eterno de Deus. Ele veio viver neste mundo, muito embora sendo eternamente o único Filho de Deus. É óbvio que não há nada mais importante que compreendermos a verdade concernente a Ele e à Sua Pessoa; e a frase que estamos estudando é uma das mais importantes de todas as Escrituras precisamente quanto a essa questão da encarnação da Pessoa do nosso Senhor. Isso porque ela (a frase) define a Pessoa do nosso Senhor mais de perto e em mais detalhe talvez do que qualquer outra. Há algumas declarações gerais acerca da encarnação e da Pessoa do Senhor Jesus Cristo, como, por exemplo, João 1:14, onde lemos: “O Verbo (a Palavra) se fez carne, e habitou entre nós”. Mas é mais ampla do que a que estamos estudando, pois aqui lemos que Ele veio “na semelhança da carne pecaminosa”. Esta é mais restrita. Ou vejam

outra declaração geral, como a de Gálatas 4:4: “Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei”. Essa passagem também, não diz tanto como a de Romanos. Vejam ainda Filipenses 2:7, onde se diz: “(Jesus Cristo) aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens”. Mesmo aí a declaração não é tão específica e tão detalhada como a frase que estamos examinando.

Há depois a declaração que lemos na Primeira Epístola a Timóteo, capítulo 3, versículo 16: “Grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória”. Deus “se manifestou” em carne. Aí também a declaração é geral, e não é tão particular e tão detalhada como a que temos em Romanos. Ou vejam Hebreus 2:14: “Visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas”. Uma declaração sumamente maravilhosa, mas de novo não tão detalhada como aqui. Ou vejam, finalmente, Hebreus, capítulo 10, versículo 5: “Pelo que, entrando no mundo, diz: sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste”. Pois bem, todas essas declarações lembram-nos o fato da encarnação, que o Filho eterno de Deus esteve neste mundo como homem; porém evidentemente isso não é suficiente, e esta frase de Romanos 8:3 diz-nos algo mais sobre isso, e define ainda mais e esclarece aquelas declarações mais gerais.

A primeira coisa que a frase em estudo faz é lembrar-nos que a encarnação foi um fato; foi uma verdadeira encarnação. O Filho de Deus não assumiu apenas uma “aparência” de corpo; Ele não veio tão-somente com uma aparência de carne. Não, Ele teve literalmente um corpo humano e uma alma humana. A encarnação é um fato e uma realidade. Damos ênfase a isso porque logo nos primeiros dias da Igreja Cristã esse assunto levou a muita confusão. Surgiram na Igreja Cristã alguns falsos mestres que ensinavam que Jesus de Nazaré, o

Filho de Deus, não tinha um corpo verdadeiro – era apenas uma aparência, era um corpo irreal, como um fantasma; para eles a encarnação não foi real. Ele “parecia” homem, mas nunca foi realmente homem; a Palavra não “se fez” verdadeiramente carne. Essa é uma heresia terrível; e o Novo Testamento se empenha e se afana em nos dizer isso. Na verdade se pode dizer que a Primeira Epístola de João provavelmente foi escrita com o objetivo principal de se contrapor a esse ensino gravemente errôneo. Notem que João começa essa Epístola dizendo: “O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da Vida”. Ele está lidando com pessoas que diziam que, num sentido, não se pode “ver” nem “tocar” (o Filho de Deus); ele está demolindo a heresia que dizia que o corpo do nosso Senhor era mera aparência. Aqueles falsos mestres saíam dizendo que Cristo entrou neste corpo no batismo e saiu dele na cruz; de modo que, segundo essa heresia, o Filho de Deus realmente não morreu; Ele saiu desse corpo-fantasma, e tudo o que havia na cruz era simplesmente um fantasma. A Primeira Epístola de João combate essa heresia.

João estava tão preocupado com essa questão que nos três primeiros versículos do capítulo 4 da sua Primeira Epístola ele diz: “Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir; e eis que está já no mundo”. Pois bem, esse é o teste supremo pelo qual podemos verificar se temos a verdadeira doutrina concernente ao nosso Senhor. Havia pregadores que andavam por toda parte e que pareciam ter grandes poderes espirituais. Eles não devem ser julgados por suas realizações, diz João, porém por sua doutrina. A prova

é: confessam eles que Jesus Cristo veio realmente em carne? Embora pareçam realizar obras maravilhosas, se eles negam a realidade da encarnação não são “de Deus”, mas são anticristos. Pondo em outras palavras, a pedra de toque pela qual sempre devemos avaliar qualquer pregador ou qualquer pessoa que se arrogue poder e autoridade espiritual é o seu conceito sobre o Senhor Jesus Cristo – a Sua Pessoa, e, especialmente, a realidade da encarnação.

Vemos um tratamento similar deste assunto em muitos outros lugares. Por exemplo, o apóstolo Pedro escreve: “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pedro 2:24). Ele estava verdadeiramente no corpo, e nesse corpo levou os nossos pecados sobre o madeiro. Mas, talvez, de todos os argumentos o mais conclusivo seja que o nome que o nosso Senhor aplicou a Si mesmo mais vezes é: “o Filho do homem”. Ele usava esse nome para salientar o fato de que Ele era verdadeiramente homem e não apenas parecia homem. Ele não era uma teofania – um aparecimento de Deus em forma humana – era verdadeiramente homem, e tinha literalmente um corpo físico como nós temos; não era uma aparição, não era um fantasma.

Em segundo lugar, o apóstolo não diz aqui meramente que Deus enviou o Seu Filho “em carne”. Isso não é suficiente. Aquelas outras declarações dizem isso; todavia esta diz mais. Notem outro ponto: o apóstolo se empenha para dizer, não que Cristo veio “em carne pecaminosa”, mas sim “na semelhança de carne pecaminosa”. Este é um ponto importante porque corrige outra heresia. O corpo, a carne, do Senhor Jesus Cristo era pecaminosa ou não? Havia gente na Igreja Primitiva, como há na Igreja hoje, que dizia que a natureza humana do nosso Senhor era pecaminosa, como a nossa, que ele nasceu “de mulher” e, portanto, herdou dela a natureza pecaminosa. O ensino dessas pessoas é que, apesar de Sua natureza humana ser pecaminosa, Ele não podia pecar; Ele elevou-Se acima da Sua natureza humana, venceu-a, dominou-a; porém a Sua

natureza, a Sua natureza humana era de fato pecaminosa. Os que têm essa opinião consideram o poder de realizar a Sua obra salvífica como uma consequência do fato de que Ele sobrepujou o pecado que está presente em toda a humanidade; e que, se olharmos para Ele e buscarmos o Seu socorro, o Seu auxílio, Ele nos capacitará a fazer o mesmo. É assim que Ele nos salva, dizem eles.

É sumamente importante que entendamos bem isso, pois esse erro está sendo comumente ensinado nos dias atuais. O mais famoso teólogo do século vinte é, provavelmente, Karl Barth. Sua idéia sobre a natureza humana do nosso Senhor é que era pecaminosa; e a sua idéia é defendida por seus seguidores neste país e em todos os outros países. Se esse ensino fosse verdadeiro, o apóstolo teria dito aqui: “Deus, enviando o seu Filho em carne pecaminosa, pelo pecado condenou o pecado na carne”. Mas ele se empenha, não só para dizer isso, como também para dizer: “na semelhança da carne pecaminosa”. Evidentemente ele quer que compreendamos que a natureza humana do nosso Senhor não era pecaminosa.

E esta não é uma declaração isolada! Há outras semelhantes. Vejam o relato do arcanjo Gabriel anunciando a Maria o nascimento do nosso Senhor. Chamo a atenção particularmente para Lucas 1:35. O contexto inteiro é importante. Tendo Maria recebido a comunicação sobre o maravilhoso Filho que ia ter, não pôde entender o que lhe fora dito, e perguntou ao anjo: “Como se fará isso, visto que não conheço varão?” Isso é impossível, disse Maria; sou virgem, como posso ter um filho? Jamais conheci varão. Então vem o versículo 35: “E, respondendo o anjo, disse-lhe: descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude (o poder) do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus”. Que descrição do nosso Senhor! O arcanjo O descreve como um ente santo. Visto que não havia pecado nEle, Ele é diferente de todas as outras crianças nascidas neste mundo. Aí está o único bebê de quem se pode dizer que

é santo. “O Santo” – inteiramente isento de pecado, completamente diferente de todos os demais. Outras declarações bíblicas confirmam isso.

Naturalmente, a doutrina do nascimento virginal também está envolvida neste ponto. O Seu nascimento foi único, e nos é revelado que a Sua concepção foi única. Apesar de Maria nunca ter conhecido um homem, vai ter um filho. Como foi concebida a criança? “O poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra”, é a resposta. Isso não está registrado só no Evangelho Segundo Lucas; também está no Evangelho Segundo Mateus, capítulo primeiro, versículo 18, onde lemos: “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se juntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo”. José não é o pai; o casal não tinha consumado a união conjugal; Maria achou-se ter concebido do Espírito Santo. No versículo 20 há uma reprimenda a José. Planejou deixá-la secretamente, mas lhe foi dito: “José, filho de Davi, não temas receber Maria tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo”. Nesses dois versículos nos é revelado especificamente que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo – o Espírito Santo supriu o germe da vida. Isso é uma coisa que jamais havia acontecido, e nunca mais aconteceu depois. O que temos aí é um nascimento singular, único, algo de categoria própria, *sui generis*.

As Escrituras não se dariam ao trabalho de suprir-nos dessas duas declarações se não tivessem grande importância doutrinária. Para confirmação adicional, vejam a declaração do apóstolo Paulo em 2 Coríntios 5:21: “Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”. Cristo “não conheceu pecado”. Ele não somente não cometeu pecado; não havia pecado em Sua natureza. Ele não somente jamais conheceu pecado no sentido experimental; jamais o conheceu no sentido de tê-lo em Sua natureza como uma contaminação, como corrupção. Também em Hebreus 4.15: “Não temos um sumo sacerdote que

não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”. Essa tradução e a da Versão Autorizada (inglesa) podem induzir a algum erro. Deveria ser: “Tentado em todas as coisas conforme a nossa semelhança, mas sem pecado”. Em Romanos 8:3 lemos: “Na semelhança da carne pecaminosa”, isto é, “conforme a nossa semelhança, mas sem pecado”, o que significa que Ele é semelhante a nós, porém sem pecado; noutras palavras: Ele veio e viveu “na *semelhança* da carne pecaminosa”. Sua carne não era pecaminosa, era “sem pecado”; mas na semelhança da carne pecaminosa.

Há depois outra exposição da questão em Hebreus 7:26: “Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus”. Isto é, Ele é perfeito, é sem pecado, não há mácula nEle em nenhum aspecto. E também no capítulo 9 de Hebreus, versículo 14, lemos: “Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado” – imaculado” – “a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?” Isso se relaciona com o que Pedro diz em sua Primeira Epístola, capítulo primeiro, versículo 19: Diz ele que somos salvos, não com ouro ou prata, “mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado”. E no Velho Testamento vocês encontrarão os regulamentos baixados sobre o cordeiro que devia ser selecionado e oferecido em sacrifício; e sempre se insiste em que ele devia ser imaculado, sem mancha. Por que isso dizia respeito ao tipo? Porque diz respeito ao grande Antítipo, “o Cordeiro de Deus”. Eles não podiam fazer uso de um cordeiro que tivesse alguma mancha; tinha que ser um cordeiro que, tanto quanto os israelitas pudessem julgar, era perfeito, sem absolutamente nenhuma mancha. Com isso era prenunciada a verdade de que, quando “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”, aparecesse, não teria mancha alguma. Natureza pecaminosa implica mácula e corrupção.

Todas essas declarações combinam-se para consubstanciar a tese defendida em Romanos 8:3 de que a natureza humana do nosso Senhor não era pecaminosa, mas era “semelhante” à nossa natureza pecaminosa.

Qual seria, então, a doutrina? É a seguinte: na encarnação, o nosso Senhor “tomou” a natureza humana, que fora tornada livre de pecado. Os católicos romanos estão certos sobre este ponto, mas, em seu desejo de acertarem, vão tão longe que dizem algo que é errado. Em seu grande desejo de salvaguardar o fato de que a natureza humana do nosso Senhor não era pecaminosa, eles exageram e dizem que a natureza da virgem, Maria, também não era pecaminosa. Vemos isso naquilo que eles denominam doutrina da “imaculada concepção”. Em geral as pessoas pensam que a doutrina da “imaculada concepção” simplesmente declara que a natureza do nosso Senhor era isenta de pecado.* Mas não é esse o ensino deles. O dogma da “imaculada concepção” ensinado pela igreja católica romana afirma que a natureza humana de Maria foi sem pecado. Todavia, não há um iota de evidência nas Escrituras que dê suporte a essa pretensão. Maria foi humana como todos os demais seres humanos; sua natureza humana era terminantemente pecaminosa. Ela era descendente de Adão como todos os outros membros da raça humana, e herdou a natureza humana decaída e corrompida que todos os que nascem neste mundo recebem em consequência da transgressão de Adão. O apóstolo já tinha provado isso no capítulo 5 desta Epístola.

O que as Escrituras ensinam não é que Maria tinha nascido ou tinha sido tornada sem pecado, mas que aquela porção de

* Constatei essa mesma interpretação errônea em todos os testes informais que fiz com protestantes e católicos romanos no Brasil e no Chile. Em geral é, no mínimo, falta de atenção. Na fachada de um templo católico romano da cidade costeira de San Antonio, Chile, está inscrita em grandes letras esta frase latina: “*Maria sine labe concepta*” (Maria concebida sem mácula). Nota do tradutor.

Maria, aquela célula de Maria que se desenvolveu e veio a ser o corpo do Filho de Deus fora purificada, ficando livre de pecado; e somente isso. Portanto, Maria permaneceu pecadora, porém aquela porção transmitida por ela a seu Filho fora libertada, fora posta livre de pecado; e foi a essa parte que o Filho de Deus foi ligado. Essa é a natureza humana assumida por Ele. É um milagre, é claro; e nos é especificamente revelado que é um milagre. Foi porque Maria não compreendeu que se tratava de um milagre que ela tropeçou no anúncio feito pelo arcanjo Gabriel, e a resposta dele a ela foi: “Não tentes entender isto; o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, o Espírito Santo virá sobre ti, e conceberás “do Espírito Santo”, que tem poder para fazer a necessária purificação para que o corpo da natureza humana do Filho de Deus, que vai nascer de ti, fique inteiramente isento de pecado”. Rejeitamos, pois, o chamado dogma da “imaculada concepção”; mas asseveramos com todas as nossas forças que a doutrina que declara que a natureza humana do Filho de Deus era inteiramente isenta de pecado.

No entanto, por que deveria alguém duvidar disso? Por que dizem alguns mestres que a natureza humana do Senhor era pecaminosa? Sua réplica é que eles não podem ver como Ele poderia ser verdadeiramente tentado se isso fosse verdade. Eles acham que é essencial que a natureza de Cristo tenha sido pecaminosa para que Ele fosse exposto e estivesse sujeito à tentação “como nós”. A resposta a isso está em Hebreus 4:15: “Em tudo foi tentado, mas sem pecado”. Ele foi tentado a pecar; mas não havia nenhum pecado nEle. Não somente isso; é uma falácia total dizer que não podemos ser tentados se não há em nós nada que responda à tentação. Afinal de contas, quando Adão foi tentado sua natureza não era pecaminosa. Quando Adão foi tentado ele tinha uma natureza humana perfeita; Adão e Eva foram tentados quando estavam num estado de perfeição. Logo, obviamente, a tentação pode ter força e poder conquanto a natureza do ser tentado não seja má.

Realmente, essa resposta é em si suficiente. Eu não hesito em asseverar que o nosso Senhor conheceu o poder da tentação de um modo que nenhum ser humano jamais conheceu. O diabo pôs em jogo todas as suas reservas, toda a sua astúcia, contra Ele. Vemos isso nas três tentações que Jesus Cristo sofreu no deserto; porém, indubitavelmente, o diabo voltou à carga muitas vezes, pondo em ação contra Cristo todo o seu poder de iludir. Apesar do nosso Senhor não cair, Ele sentiu o poder da tentação. Ele experimentou a astúcia e o poder do diabo, do pecado, do mal e da tentação num grau que eu e vocês jamais conhecemos nem conheceremos.

Mas há mais uma resposta à idéia de que a natureza humana do nosso Senhor era pecaminosa. Vocês conseguem conceber a Deidade combinando-Se numa mesma pessoa com o pecado, com uma natureza humana pecaminosa? É inconcebível. Como pode a natureza divina e eterna combinar-se numa pessoa com uma natureza humana pecaminosa? E então, acrescentem a esse o seguinte argumento final: conforme o ensino das Escrituras, o nosso Senhor não veio a este mundo simplesmente para purificar aquela primeira humanidade que tinha sido criada em Adão; Ele veio introduzir uma nova humanidade. Por isso, em 1 Coríntios, capítulo 15, Paulo expõe a matéria desta maneira: “O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu”. O que Deus realizou em “seu próprio Filho” foi começar uma nova raça, uma nova humanidade. Esta tem seu elo de ligação com a velha humanidade naquela porção que foi tomada de Maria e que foi purificada, tornando-se essa parte isenta de pecado. Nesse sentido se pode dizer que ainda há a velha humanidade; entretanto ela foi purificada de tal modo que pode constituir a semente de uma nova humanidade. Portanto, Jesus Cristo é o “Segundo homem”. Adão foi o primeiro homem, foi o chefe ou a cabeça da raça humana. Jesus Cristo é o Chefe ou a Cabeça de uma raça humana, é o Segundo homem. Ele é “o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29). Em Cristo Deus

começa um novo modelo, uma nova raça, uma nova humanidade. Ela tem aquele elo de ligação com a velha raça, e só pode ter, porque pertencemos a ela; mas é uma coisa essencialmente nova. Quando temos isso em mente, vemos quão tremendamente importante é que compreendamos que a natureza humana de Jesus Cristo não era pecaminosa.

Quando Deus fez o primeiro homem, Ele o fez perfeito. A natureza humana de Adão não era pecaminosa. O primeiro homem que Deus trouxe à existência era inteiramente isento de pecado, em todos os aspectos. Assim também se dá com o segundo. Se vocês disserem que a natureza humana de Cristo era pecaminosa, num sentido O estarão fazendo inferior ao primeiro homem – menos perfeito, menos completo – coisa que não dá nem para imaginar. Não somente isso, também é preciso que vocês examinem este assunto em sua relação com o seguinte: o que torna a nossa salvação certa e segura é, como já vimos, que ela não pode falhar; e não pode falhar porque o pecado não se mete em nenhum estágio. Cristo nasceu com uma natureza sem pecado, e o pecado não entra aí, porque Cristo é o Filho eterno de Deus. Ele permaneceu sem mancha e perfeito, sem nunca falhar e sem nenhum sinal de pecado, sem nenhum ponto de ligação com o pecado, até o fim.

Por isso o apóstolo salienta nesta passagem que Cristo não veio em carne pecaminosa, e prossegue para enfatizar que Ele veio “na *semelhança* da carne pecaminosa”. Há um elemento positivo nessa afirmação, e esse elemento positivo é de grande valor. Ele tinha carne verdadeira, era verdadeiramente humano. Sua natureza humana não era uma aparência, era uma realidade; Ele tinha uma alma racional como cada um de nós, mas não era pecador de forma alguma. Contudo, havia uma “*semelhança*” com a nossa natureza humana pecaminosa em certos aspectos.

Em que aspectos Cristo veio “na *semelhança* da carne pecaminosa”? Parece que a resposta é que, inevitavelmente, apesar da Sua natureza humana não ser pecaminosa em si,

tinha algumas das características que pertencem à nossa natureza humana em consequência do pecado. O pecado não somente corrompeu a natureza humana, mas também introduziu nela algumas fraquezas. Antes da Queda, Adão não tinha fraquezas, era perfeito, não conhecia a fadiga, não adoecia, era inocente e era sem pecado. Todavia, em consequência do seu pecado e da sua queda, ele não somente se tornou pecaminoso e pervertido em sua natureza, mas também algumas fraquezas passaram a fazer parte da sua vida; e dali em diante foram transmitidas à sua progênie. O Novo Testamento mostra claramente que o nosso Senhor tinha algumas dessas fraquezas. Mas as fraquezas não são pecaminosas em si mesmas. Pensem na fadiga, no cansaço, no tédio, na dor, na tristeza, na mágoa, no desapontamento, na capacidade de chorar. Viam-se todas essas coisas na vida terrena do nosso Senhor. Examinemos as evidências disso.

Lemos em Lucas 2:40: “E o menino crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele”. No versículo 52: “E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens”. Como já vimos em Hebreus 4:15, Ele agora estava sujeito à tentação. Tiago nos diz em sua Epístola que Deus não somente não tenta, mas também não pode ser tentado; logo, se o nosso Senhor não se tivesse tornado verdadeiramente humano, se Ele não Se tivesse tornado realmente homem, não poderia ser tentado. Mas Ele estava sujeito à tentação porque veio “na semelhança da carne pecaminosa”. Vejam a seguir várias outras notáveis declarações concernentes a Ele na Epístola aos Hebreus 5:1, 2; “Todo sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados; e possa compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados; pois também ele mesmo está rodeado de fraqueza”. Isso é verdade com respeito a Jesus o Filho de Deus. “Não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas”, pois Ele

experimentou as nossas fraquezas pessoalmente; Ele sabia o que é estar rodeado delas. Vejam, por exemplo, o que nos é dito acerca de Cristo em relação ao incidente da figueira estéril. É óbvio que Ele não sabia que não havia fruto nela. Acerca do dia exato da Sua segunda vinda Ele nos diz que não sabe quando será (Marcos 13:32). Todos esses fatos são indicações de fraqueza. Ele parecia fraco. Às vezes sentia cansaço e fadiga. No contexto do incidente relacionado com a mulher samaritana, lemos que enquanto os discípulos foram buscar provisões, Ele, “cansado do caminho”, assentou-Se junto à fonte de Jacó (João 4:6). Dá a impressão de que Ele estava mais cansado que os Seus discípulos. Pois bem, isso é fraqueza. Ele veio “na semelhança da carne pecaminosa”. Sua carne não era pecaminosa, mas era semelhante à carne pecaminosa nesses aspectos particulares.

No entanto, por que isso era essencial? Por que Ele teve que vir dessa maneira particular? Por que teria Deus enviado o Seu Filho ao mundo “na semelhança da carne pecaminosa”? A resposta é que Deus enviou o Seu Filho para salvar o homem. E, para poder salvar o homem, o Filho tinha que Se fazer homem. Isso é dito de maneira bastante clara no capítulo 2 da Epístola aos Hebreus, primeiro os versículos 8 e 9: “Agora ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas; vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos”. E o versículo 11: “Porque, assim o que santifica, como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos”. Depois, voltando ao versículo 10: “Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas, e mediante quem tudo existe, trazendo muitos filhos à glória, consagrasse pelas aflições o príncipe da salvação deles” – o Líder da salvação deles, Jesus Cristo. Aí aprendemos que Cristo precisava ter a mesma natureza do Seu povo. Passemos agora ao versículo 14: “E, visto como os filhos participam da carne e

do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo”. Uma vez que eu e vocês temos carne e sangue, foi necessário que Ele assumisse “carne e sangue”, a fim de nos salvar. Esse é o argumento. Depois, nos versículos 16 a 18, lemos: “Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão. Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados”.

Devo explicar essas palavras. Por que Cristo teve que vir na semelhança da carne pecaminosa? Primeiro, porque Ele tinha que cumprir e honrar a Lei. O homem está “debaixo da lei”; ele a infringiu e, portanto, a Lei o condena. Antes de poder ser reconciliado com Deus o homem precisa cumprir a Lei – deve sofrer a sua punição, e deve obedecê-la ativamente. Jesus Cristo veio ao mundo para ser o nosso representante, para fazer essas coisas por nós. O homem não pode fazê-las; o homem tinha fracassado nisso – “Não há um justo, nem um sequer. Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. “Todo o mundo é culpado diante de Deus.” Portanto, o homem é incapaz de prestar esta obediência essencial; tampouco a Lei pode habilitá-lo a fazer isso – “O que era impossível à lei”! Por isso Deus “enviou o seu próprio Filho” para ser o nosso representante. Como nosso representante, era preciso que Ele honrasse a Lei. Portanto, ele teve que nascer “debaixo da lei”. Isso significa que Ele teve que Se tornar homem, que Ele teve que assumir a natureza humana. Não poderia cumprir e honrar a Lei em nosso lugar, se não fizesse isso.

Em segundo lugar, a nossa culpa tem que ser punida; e como poderia Cristo sofrer a punição por essa culpa, se não fosse “semelhante a nós”? Assim, a fim de levar sobre Si os nossos pecados e a nossa culpa, e de sofrer a respectiva punição, Ele teve que assumir a natureza humana. Ele teve que Se

encarnar, teve que ser participante de carne e sangue, como nós somos; foi preciso fazer-Se homem para ser representante do homem, e para ser o ponto de partida de uma “nova humanidade”. Como o pecado tinha sido cometido no corpo, tinha que ser punido no corpo. Essa é a próxima frase do texto que estamos estudando: “na semelhança da carne pecaminosa, e pelo pecado condenou o pecado na carne”. O pecado não foi condenado só em teoria, mas no corpo do próprio Filho de Deus.

Em terceiro lugar, antes de Cristo poder salvar-nos era preciso, não somente que Ele fizesse todas as coisas que mencionei, mas também que nos desse uma nova natureza. Era preciso que fôssemos feitos “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4); e a única maneira pela que isso seria possível era que Ele assumisse pessoalmente a natureza humana e depois no-la desse. Se Ele não Se encarnasse, nunca poderíamos ser feitos “participantes da natureza divina” e tornar-nos “filhos de Deus”.

Em quarto lugar, como se expõe tão maravilhosamente em Hebreus, capítulos 4 e 5, o ato de Cristo assumir a nossa natureza era o único meio dEle Se tornar o sumo sacerdote capaz de “compadecer-se das nossas fraquezas”. Se Ele não tivesse feito isso, não poderíamos nem orar. Quem somos nós para subir ao monte de Deus? Quem somos nós para ir à presença do Deus eterno, que é um “fogo consumidor”? Há somente um caminho pelo qual eu posso orar e ir à presença de Deus confiantemente; esse caminho é revelado pelas palavras “Não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas”. Não; Ele veio “na semelhança da carne pecaminosa”. Ele “se fez carne”, foi verdadeiramente homem, viveu neste mundo, conhece o mal do mundo e a força da tentação; Ele pode tolerar-nos, pode simpatizar empaticamente conosco, pode fortalecer-nos; Ele é um sumo sacerdote compassivo. Uma vez que veio “na semelhança da carne pecaminosa”, Ele sabe o que é estar

cansado, fatigado, faminto e sedento. Ele sabe o que é ficar decepcionado com os amigos, o que é sentir mágoa e tristeza, Ele sabe o que é chorar.

Graças a Deus, Ele veio “na semelhança da carne pecaminosa”, pois isso fez dEle o nosso “sumo sacerdote compassivo”. Ainda mais, se não tivesse vindo dessa maneira, nunca poderia ter vencido a morte por nós. Para que a natureza humana vencesse a morte, era preciso que passasse pela morte e saísse ilesa do outro lado. Cristo fez isso! Ele é “o primogênito entre muitos irmãos”, ou, como o apóstolo Paulo se expressou na pregação que fez diante de Agripa e de Festo, Ele foi “o primeiro da ressurreição dos mortos” (Atos 26:23). Eis aqui um homem que venceu a morte e a deixou para trás para sempre. Ele “já não morre”, não morre mais, como nos dissera Paulo no capítulo 6, versículo 9, desta Epístola. Sim, e, devido Ele ter feito isso, podemos estar seguros da nossa ressurreição. Em 1 Coríntios 15:21 ele expõe a verdade nestes termos: “Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem”. Se é o homem que desce à morte, é um homem que deve ressurgir; portanto, era preciso que o Filho de Deus Se tornasse homem. Esse é o argumento.

O nosso último argumento afirma que este é o único meio de silenciar o diabo, por toda a eternidade. Desde a queda do homem o diabo tem insultado e criticado a Deus dizendo: “Fizeste o homem à tua imagem; mas, olha para ele; eu o dominei. Que podes fazer a respeito? Teu grande plano deu errado”. Agora, se Deus salvasse o homem por algum outro meio ou método a não ser o que Ele adotou, o diabo nunca seria silenciado. Se um grande poder tivesse agido do céu, o diabo diria: “Isso não é justo: não é o homem. Se um salvador descesse à terra, não poderia resistir; eu o tentaria e o derrotaria como derrotei Adão”.

Assim Deus enviou o Seu próprio Filho “na semelhança da carne pecaminosa”; Ele O fez estar “debaixo da lei” –

“nascido de mulher, nascido sob a lei”. Ele foi sujeito à tentação; ao diabo foi dada plena oportunidade; mas ele falhou. Ali esteve diante dele Aquele que ele considerava apenas como homem; porém “não pôde achar nada nele”. Fracassou em sua tentativa de pegá-IO, de fazê-IO cair em armadilha, de pô-IO abaixo. O diabo foi derrotado completamente. Por isso se afirma em Hebreus, capítulo 2: “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo”. O diabo foi silenciado uma vez por todas. O homem “em Cristo” foi restaurado à imagem de Deus e será feito finalmente perfeito e completo. Paulo já tinha argumentado nesse sentido no capítulo 3, versículos 25 e 26, desta Epístola, dizendo: “Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”. Significa que o diabo não tem mais nada a dizer. Foi o homem que pecou; é o homem que deve ser punido. O homem pecou na carne; portanto, o pecado deve ser punido “na carne”. E foi o que Deus fez. Jesus Cristo era verdadeiramente homem; os nossos pecados foram lançados sobre Ele e receberam o devido tratamento em Seu corpo. O diabo foi silenciado, e não tem mais nada a dizer. Deus foi vindicado; Deus é justo, mas, ao mesmo tempo, Ele pode agora “justificar os que crêem em Jesus”. Todavia se isso fosse realizado por outro meio que não este – que Cristo foi enviado “na semelhança da carne pecaminosa” – o diabo poderia continuar objetando que o que foi feito não foi feito na carne, na natureza humana. Mas agora ele não pode dizer isso; porque o pecado recebeu o devido tratamento na natureza humana. Portanto, nenhuma condenação há para o crente, e o diabo foi silenciado.

Assim é que mais adiante, neste capítulo, Paulo pode perguntar triunfantemente: “Quem intentará acusação contra os

escolhidos de Deus?” Quem poderá fazer alguma acusação contra nós? Ninguém! Não há ninguém em parte alguma, nem no céu, nem no inferno, nem em nenhum outro lugar, que possa fazer alguma acusação contra nós. Pois esta obra é de Deus. “É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (versículos 33 e 34). Deus enviou “o seu próprio Filho na semelhança da carne pecaminosa” pelas razões acima dadas. E a maior de todas é a última – a glória de Deus é vindicada, a honra de Deus, a retidão de Deus, a justiça de Deus são reveladas, manifestadas, glorificadas por toda a eternidade. Porque o Seu Filho veio “na semelhança da carne pecaminosa”, como homem e pelo homem, Ele realizou a obra, e a realizou perfeitamente, e Deus é “justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”. Aleluia!

26

“Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.” – Romanos 8:3,4

Estamos estudando esta grande declaração frase por frase por causa das extraordinárias riquezas que ela nos apresenta. Fazemos isso também porque é só quando entendemos estas doutrinas que podemos esperar viver a vida cristã. Há uma associação indissolúvel entre a doutrina e a vida. São muitos os que dizem tolamente que o que eles querem é viver a vida, e que não estão interessados em doutrina. A isso a resposta pura e simples é que só as pessoas que realmente conhecem e entendem a doutrina é que podem viver a vida. É desse modo que Deus nos santifica. O nosso Senhor orou ao Pai: “Santificai-os na (ou pela) verdade; a tua palavra é a verdade” (João 17:17). Não existe atalho para a santidade. A santidade é desenvolvida em nós principalmente como resultado do nosso entendimento destas grandes verdades. Por isso o apóstolo as fica repetindo, e o faz porque só quando captarmos estas doutrinas é que poderemos vir a ser pessoas santificadas, “separadas para boas obras”, e para Deus.

Vamos examinar, pois, o próximo passo desta declaração. Por que foi que o Senhor Jesus Cristo veio a este mundo “na semelhança da carne pecaminosa”? Foi “pelo pecado”. Estas duas palavras constituem uma parte vital do ensino do apóstolo. Há quem diga que essa expressão significa apenas “concernente

ao pecado”, ou “com respeito ao pecado”, ou “em conexão com o pecado”. E o certo é que não significa isso; estas duas palavras, “pelo pecado”, nos dizem muito mais. A maneira mais simples de abordar esta questão é consultar as várias traduções que se nos oferecem. Citei a Versão Autorizada (inglesa), mas em suas referências marginais há uma tradução alternativa, que diz – “por um sacrifício pelo pecado”. Na Versão Revista (“Revised Version”) encontramos esta: “na semelhança da carne pecaminosa, e como uma oferta pelo pecado”. Na Versão Revista Padrão (“Revised Standard Version”) está como na Versão Autorizada – “pelo pecado”. Contudo traz uma nota de rodapé que diz: “Ou, como uma oferta por pecado”. As citadas versões dão a alternativa. A “Bíblia de Scofield” igualmente coloca a alternativa na margem, indicando que a expressão significa realmente uma oferta por pecado – “como uma oferta pelo pecado”.

Como foi que esses tradutores chegaram a essa conclusão? Não é difícil encontrar a resposta. Se vocês consultarem a Septuaginta – a tradução grega do Velho Testamento – que era de uso corrente no tempo em que o nosso Senhor e o apóstolo Paulo estavam neste mundo, verão este fato interessante: quando aqueles setenta tradutores cruzavam com a expressão “oferta por pecado” no Velho Testamento em hebraico, muitas vezes a traduziam por estas duas palavras, “pelo pecado”, e nada mais. Bastam alguns poucos exemplos. Eis um deles: no livro de Levítico, capítulo 4, versículo 3, temos: “Se o sacerdote ungido pecar para escândalo do povo, oferecerá pelo seu pecado, que pecou, um novilho sem mancha, ao Senhor, por expiação do pecado” (VA, na parte final: “por uma oferta pelo pecado”). Mas na tradução da Septuaginta não se vê “por uma oferta pelo pecado”, mas simplesmente “pelo pecado”.

Vemos a mesma coisa no livro de Números, capítulo 8, versículo 8; e ainda no Salmo 39, versículo 6. Há outros exemplos mais. Eles costumavam usar as duas palavras, “pelo pecado”, para transmitir a idéia de “como oferta por

pecado”, ou “como uma oferta pelo pecado”. Outra interessante amostra de evidência acha-se no capítulo 10 da Epístola aos Hebreus, versículo 6. Na Versão Autorizada lemos: “Nas ofertas queimadas e nos sacrifícios pelo pecado não tiveste prazer”. Vocês notarão que a palavra “sacrifícios” (em Almeida, Revista e Corrigida, “oblações”) está em *itálicos*, indicando que não estava presente no original, mas foi acrescentada pelos tradutores. Quer dizer que o que eles encontraram no texto grego foi: “nas ofertas queimadas e pelo pecado não tiveste prazer”, porém eles acertadamente traduziram por “sacrifícios pelo pecado”. Mas foram incoerentes, pois deviam ter feito a mesma coisa neste versículo 3 do capítulo 8 da Epístola aos Romanos, porque ali se defrontaram com as mesmas palavras. A mesma coisa se aplica ao versículo 8 do capítulo 10 da Epístola aos Hebreus, “Acima, quando ele disse: sacrifício e oferta, ofertas queimadas e oferta pelo pecado” – também foi feito acréscimo. Em vez de dizerem apenas “pelo pecado”, com razão introduziram a palavra “oferta”, que nos ajuda a entender o que exatamente eles queriam dizer. Portanto, Romanos 8:3 significa: “Deus, enviando o seu próprio Filho na semelhança da carne pecaminosa e como uma oferta pelo pecado...”.

O Novo Testamento em toda parte ensina que o principal propósito da vinda do nosso Senhor a este mundo foi libertar-nos do pecado e da condenação tornando-Se Ele uma “oferta” por nós – “uma oferta pelo pecado”. Todo o Velho Testamento ensina a mesma verdade. Todos os tipos do Velho Testamento, todas as ofertas queimadas e sacrifícios, a imolação de animais e a apresentação do sangue – todas essas práticas eram figuras que prenunciavam a vinda do Filho de Deus a este mundo. Por que Ele deveria vir a este mundo? Para ser “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”.

Este ensino encontra-se em toda parte no Novo Testamento. Vejamos Gálatas 1:4: “O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau”, diz o

apóstolo. Em 2 Coríntios 5:21 ele diz: “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”. “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (versículo 19). Como Ele realizou isso? Fazendo Cristo, “que não conheceu pecado, pecado por nós”. Vejamos ainda o que nos é dito na Epístola aos Hebreus, capítulo 2, versículos 8 e 9: “Ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas; vemos, porém, cercado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos”. O propósito da vinda do nosso Senhor a este mundo foi para que Ele “provasse a morte”; noutras palavras, para que Ele Se tornasse “uma oferta pelo pecado”. A mesma verdade é declarada pelo apóstolo Pedro em sua Primeira Epístola, capítulo primeiro, versículos 18 e 19: “Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado. É precisamente isso que o apóstolo está dizendo na passagem que estamos focalizando. O Filho de Deus não veio ao mundo primariamente para nos ensinar; veio para nos salvar. E, para fazer isso, Ele teve que fazer expiação e teve que ser uma “propiciação” pelos nossos pecados.

Como já vimos, a maior preocupação do apóstolo é mostrar que não há “nenhuma condenação” para aqueles que estão em Cristo Jesus. Por isso ele tem necessidade de nos explicar como isso acontece. Não há nenhuma condenação porque Cristo fez uma “oferta pelo pecado” a nosso favor. Ele já o dissera no capítulo 3, versículos 24 a 26: “Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue”. Propiciação e expiação! É justamente isso que Paulo diz aqui. Portanto, as duas palavras, “pelo pecado”, nos relembram e resumem mais uma vez tudo o que ele vinha dizendo acerca do meio de salvação que Deus providenciou, lançando os nossos pecados sobre o Seu Filho e

punindo-os nEle, a fim de que fôssemos perdoados. “Pelo pecado.” “Como uma oferta pelo pecado.” Isso explica por que Deus O enviou ao mundo “na semelhança da carne pecaminosa”.

Isso é vitalmente importante porque vocês não terão possibilidade de entender a frase subsequente, a saber, “condenou o pecado na carne”, se não entenderem bem o sentido de “pelo pecado”. A Lei não podia fazer isso, mas Deus o fez. Como? Enviando o Seu Filho na semelhança da carne pecaminosa, e pelo pecado condenou o pecado na carne.

Que significa isso? Aqui também muitos se extraviaram. Eles dizem que significa simplesmente que o nosso Senhor, por viver uma vida perfeita e sem pecado, condenou o pecado; que desse modo Ele mostrou quão errado é o pecado, quão vil, quão mau. Mostrou a Sua desaprovação, mostrou a desaprovação de Deus quanto ao pecado. Daí eles afirmam que significa nada mais que o fato de que Cristo expressou essa desaprovação vivendo uma vida santa na carne, “na semelhança da carne pecaminosa”. Outros são perfeccionistas e não hesitam em dizer que significa que Cristo destruiu o pecado na carne. Eles ensinam que o apóstolo está asseverando que o pecado é inteiramente erradicado de nós. Tendo tomado essa idéia errônea da expressão “a lei do pecado e da morte”, no versículo 2, eles são bem coerentes quando dizem que, aqui, Paulo está dizendo que o pecado foi destruído na carne pelo nosso Senhor, e que, se tão-somente crermos nEle e tivermos a experiência do batismo com o Espírito, o pecado será inteiramente destruído em nós, arrancado de nós, de modo que ficaremos sem pecado e perfeitos.

Que dizer dessas sugestões e interpretações? Respondo: elas não são verdadeiras, não são corretas, pelas seguintes razões: se Paulo simplesmente quisesse dizer que o nosso Senhor, por viver essa vida perfeita, expressou a Sua desaprovação do pecado – a Sua desaprovação e a de Deus – eu diria que o Filho de Deus não teria feito nada que já não tivesse sido feito. A

Lei já tinha sido dada por Deus para fazer justamente isso. A Lei foi dada para expressar desaprovação do pecado, para condená-lo, nesse sentido, completamente; para mostrar o que Deus pensava dele e para revelar a Sua santidade. Não havia necessidade do Filho de Deus vir ao mundo para nos contar que Deus reprova o pecado. Paulo já nos dissera no capítulo 5, versículo 20, que a Lei foi dada a fim de fazer precisamente isso – “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse”. Na verdade ele já o tinha dito no capítulo 4, versículo 15. Ao que me parece, só estes versículos já bastam para pôr fim a essa interpretação.

Quando chegamos à questão da “destruição” do pecado, todos os argumentos contra o perfeccionismo tornam a entrar em cena. Permitam-me mostrar-lhes um que julgo suficiente. Se o pecado é “destruído” em nós, por que o apóstolo se vê na necessidade de dizer mais adiante, nos versículos 12 e 13: “De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”. Essa exortação não teria sentido, se o pecado já estivesse destruído em nós. Os perfeccionistas que eu conheço estão prontos a admitir que eles não podem responder a esse argumento; não entendem a declaração de Paulo e não conseguem explicá-la. Mas vou aduzir mais algumas razões. É óbvio que o pecado não foi destruído em nós. Vemos isso exposto no capítulo 6, versículo 12: “Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal”. Não devemos permitir que o pecado reine, temos que “mortificar” os restos, as reminiscências e as atividades do pecado que ainda permanecem em nosso corpo mortal.

Há de fato mais um argumento sobre este assunto, e este é deveras conclusivo. Considerem a palavra “condenou” – “condenou o pecado na carne”. É exatamente a mesma palavra empregada pelo apóstolo no versículo primeiro, onde ele diz: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão

em Cristo Jesus”. Logo, se “condenação” significa “destruir” no versículo 3, significa destruir no versículo primeiro também, e assim deveria ser lido: “Portanto, agora nenhuma destruição há para os que estão em Cristo Jesus” – o que seria ridículo. Paulo quer dizer condenação – e condenação significa a mesma coisa no versículo 3 e no versículo primeiro. Significa “passar julgamento sobre”, “punir”. Pois bem, a Lei não podia punir, nesse sentido. A Lei expressou a sua desaprovação, porém ao expressar desaprovação não “puniu” finalmente o pecado, no sentido de passar um julgamento final sobre o pecado, de molde a colocá-lo inteiramente fora de cogitação, no que se refere ao crente. Assim, o que nos é dito aqui é o seguinte: “Deus, enviando o seu próprio Filho na semelhança da carne pecaminosa, e pelo pecado, puniu, passou julgamento sobre o pecado na carne”.

O que Deus fez foi condenar e punir os nossos pecados em Seu próprio Filho, que estava neste mundo “na semelhança da carne pecaminosa”, no corpo. O apóstolo está dizendo que este é o método pelo qual Deus trata deste problema. Ele enviou o Seu Filho ao mundo na carne, e no mundo puniu, condenou o pecado em Sua carne. Devemos salientar, pois, a expressão “na carne”, que, como já vimos, significa “em nossa natureza”. O pecado foi condenado em Cristo como homem. Como o apóstolo Pedro o expressa em sua Primeira Epístola, capítulo 2, versículo 24: “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados”. É o que nos é dito na passagem que estamos estudando. Deus condenou o pecado no corpo do Seu próprio Filho. Ele estava na carne quando os nossos pecados foram lançados sobre Ele; e estes foram punidos nEle. O homem pecou “na carne”; o pecado foi punido “na carne”. Cristo veio à terra para que o pecado fosse punido e condenado dessa maneira. O julgamento do pecado foi feito sobre Ele, e foi aplicado a Ele. É evidente que este é o cerne do evangelho, o

centro por excelência, a glória do evangelho. Deus, ao punir os nossos pecados em Seu Filho encarnado, permanece justo, mas, não obstante, pode ser “o justificador daquele que tem fé em Jesus”. O apóstolo tinha dito isso daquela forma no capítulo 3, versículos 24 a 26, e torna a dizê-lo desta forma aqui.

O próximo passo consiste em perguntar: por que aconteceu dessa maneira? Por que foi necessário que Deus enviasse o Seu Filho na semelhança da carne pecaminosa, e para fazê-lo uma oferta pelo pecado? A resposta, como previamente observamos, acha-se justamente na próxima frase, no início do versículo 4: “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Portanto, precisamos examinar isso mais uma vez. “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós.” O primeiro sentido dessa declaração é que a Lei não pode fazer mais nenhuma reivindicação de nós. As justas exigências da Lei foram satisfeitas na Pessoa do Senhor Jesus Cristo. A Lei exige obediência. Ele a prestou perfeitamente. A Lei insiste em punir o pecado. Ele sofreu a punição. As justas exigências da Lei foram todas cumpridas em Cristo.

Primeiramente e acima de tudo, isso significa a nossa justificação, e que estamos “revestidos da justiça de Jesus Cristo”. Todavia, de novo insisto em que não devemos parar neste ponto, como fazem alguns dos grandes comentadores. Há algo mais envolvido aqui, e quero lembrar-lhes o motivo pelo qual devemos insistir nisso. Voltemos ao capítulo 7, versículos 4 e 6: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo”. “Pelo corpo de Cristo.” Essa é uma outra forma de lembrar-nos que Deus O enviou como uma oferta pelo pecado, para que “o pecado fosse condenado na carne”. Por causa disso morremos para a Lei pelo corpo de Cristo. Mas isso é “para que” – o mesmo argumento que temos aqui, no versículo 4 deste capítulo 8 – “sejamos doutro (marido), daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus”. A bênção não

pára na justificação. Não é apenas uma afirmação declaratória no sentido de que somos justos e estamos revestidos da justiça de Cristo. Há algo mais; devemos dar “fruto para Deus”. Paulo já tinha dito isso; por que será, então, que ele solta isso aqui de repente? Mas, vamos rever o versículo 6 do capítulo 7: “Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra”. “Sirvamos”, notem; e que “sirvamos” de uma nova maneira! Noutras palavras, o apóstolo não pára na justificação, no fato de que somos declarados justos pela justiça de Cristo. Não. Temos aqui mais que justiça “imputada”; temos também esta justiça “infundida”. É nosso dever dar fruto nesta vida, devemos servir desta nova maneira – “não na velhice da letra, mas em novidade do Espírito”.

A seguir devo mostrar – pois esta é a questão passível de ser levantada neste ponto – por que foi necessário que o Filho de Deus fosse feito “uma oferta pelo pecado” para podermos servir desta nova maneira e dar fruto para Deus. A resposta é que, antes de termos qualquer possibilidade de viver desta nova maneira e de dar “fruto para Deus”, temos que ser libertados da Lei. Não poderemos dar “fruto para Deus” enquanto estivermos “debaixo da lei”; primeiro precisamos ser libertados da Lei. E é exatamente isso que diz o versículo 2: “Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”; e os versículos 3 e 4 nada mais são que uma explicação da declaração do versículo 2.

Assim o apóstolo passa agora a mostrar por que era essencial que fôssemos libertados da Lei, e que isso foi realmente concretizado sendo o nosso Senhor Jesus Cristo “feito uma oferta pelo pecado”, e sendo “condenado” dessa maneira em Sua carne. Vejam tudo isso em termos da seguinte questão: como é que a morte de Cristo, como o nosso Substituto, como quem levou sobre Si os nossos pecados, como uma “oferta pelo pecado”, como “o Cordeiro de Deus” – como é que essa morte

possibilita que “a justiça da lei” se cumpra em nós? Todos nós estamos por natureza debaixo do reinado, do domínio e do poder do pecado. Não preciso provar essa verdade de novo, pois tudo isso está nos capítulos 5 e 7.

Como então podemos ser libertados do pecado? Essa é a questão. É óbvio que, à luz desse ensino, a primeira coisa que precisa ser feita é que o aguilhão seja tirado do pecado. O aguilhão do pecado, a força e o poder do pecado, é a Lei. Portanto, se eu quiser ser libertado do poder do pecado, devo descobrir o que é que pode tirar esse poder dele. O meu problema é, pois, o seguinte: como posso me livrar da Lei, que injeta poder no pecado? Há só uma solução para esse problema: a solução que Deus realizou. É a morte do “seu próprio Filho” pelo pecado. “O fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê” (Romanos 10:4).

Como Ele faz isso? Cristo satisfaz plenamente às exigências da Lei, tanto no cumprimento dos seus preceitos como em sofrer a punição por ela sentenciada e em se responsabilizar pelas exigências por ela impostas ao pecado e ao pecador. E visto que tudo isso aconteceu em Cristo e por meio dEle, não há mais nada que a Lei nos possa fazer, a nós que estamos “em Cristo”. Portanto, podemos dizer com o apóstolo que estamos “mortos para a lei”. Cristo esgotou todas as possibilidades da Lei com respeito a nós; Ele é “o fim da lei”. Assim é que a Lei não pode me dizer nada, e, no que se refere ao crente, ela está sem forças.

Mas, em acréscimo, como a Lei é a força do pecado, quando a Lei é eliminada, o pecado é despojado do seu poder. Daí, o apóstolo não hesita em dizer, como vemos no capítulo 6, versículo 2: “Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” Ele diz, “estou morto para a lei”, e também, “estou morto para o pecado”. Por isso Cristo trata da Lei, e, tratando da Lei, inclui nesse tratamento o pecado, porque “a força do pecado é a lei”. O resultado é que somos retirados do “domínio”, do “reinado”, do “governo” e do

“poder” do pecado. Isso está no capítulo 5, versículo 21, mais uma vez: “Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. O processo efetua-se desta maneira: o pecado condena o homem natural pela Lei; porém, pela morte de Cristo ele próprio foi condenado. Essa é a primeira coisa. Contudo, há algo mais. Desde que foi a Lei que agravou e inflamou o pecado dentro de mim, quando a Lei é removida, como o é pela morte de Cristo, o agravamento do pecado também é removido. O poder que agia em mim para agravar e inflamar “as paixões dos pecados em meus membros” desapareceu; estou morto para aquele poder, e, no que me concerne, aquele poder não existe mais. Estamos livres desse governo, desse reinado e dessa tirania do pecado, não somente em geral, mas também neste sentido bastante prático.

Vem então o terceiro passo, e, nalguns aspectos, o passo mais maravilhoso de todos. A minha posição como cristão não é somente que eu não estou mais condenado, nem que, em acréscimo, o agravamento do pecado que a Lei produzia em mim foi eliminado; algo ainda mais maravilhoso aconteceu, algo positivo. O apóstolo já o tinha mencionado, primeiro no capítulo 5, mas bastante explicitamente no capítulo 7, versículo 4, onde ele declara que “estamos casados com outro” (VA), com Cristo – que estamos unidos a Cristo. Neste capítulo 8 ele o diz de novo no versículo primeiro ao declarar que estamos “em Cristo Jesus”. A nossa posição em Cristo não é só negativa; também é positiva. Estou agora positivamente unido a Cristo. Ele é a Cabeça, e eu sou uma parte do Seu corpo; o Seu poder e a Sua vida estão em mim; e Ele colocou em mim o Seu Espírito. No entanto, você não pode unir-se a Cristo enquanto ainda estiver unido à Lei e a Adão. A primeira coisa que devo fazer antes de estar casado com Cristo é que eu devo deixar de estar casado com a Lei. Esse é o argumento do começo do capítulo 7.

Assim o apóstolo tinha que introduzir novamente a morte

de Cristo, tinha que dizer que Cristo foi enviado “na semelhança da carne pecaminosa, e pelo pecado” – como uma oferta pelo pecado – para que o pecado fosse condenado “na carne”, porque se isso não acontecesse, a Lei continuaria a subsistir; e enquanto existir a Lei, eu não poderei unir-me a Cristo. Mas, tendo sido removida a Lei, Cristo tendo-a cumprido em todos os aspectos, estou livre para casar-me com *outro*; estou casado com Cristo. Seu poder agora está em mim, libertando-me e possibilitando que “a justiça da lei se cumpra” em mim. Esse é o argumento; é isso que Paulo está dizendo. A vida e o poder de Cristo – o reino da graça – estão agora em nós como cristãos, e estão operando ativamente em nós. Desse modo se me torna possível dar “fruto para Deus”, “servir” de uma nova maneira, “na novidade do Espírito, e não na velhice da letra”. Assim se cumpre a justiça da Lei em mim. Não ficamos parados na justificação; vamos adiante. No momento em que o cristão está “em Cristo” a santificação já começou.

Os doutos comentaristas de quem discordo fazem um tremendo esforço, noutras passagens, para dizer que não devemos separar justificação e santificação; todavia, eles mesmos as separam aqui, ao dizerem que o tema desta passagem é a justificação. Mas você não pode ser justificado sem estar colocado “em Cristo”, e, no momento em que você está nEle, a santificação já começou dentro de você. De fato, é uma coisa simples provar que todas as declarações mais grandiosas do Novo Testamento acerca do objetivo da morte do nosso Senhor na cruz incluem mais esta, mais este segundo elemento. Permitam-me citar algumas delas. Vejamos outra vez 1 Pedro 2:24: “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça”. Nas partes iniciais desse capítulo Pedro tinha escrito àqueles cristãos como fazer isso. “Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnavais que combatem contra

a alma” (versículo 11). Ele lhes escreve também sobre como considerar os reis e as autoridades em geral, e lhes diz o que deverão fazer quando forem ameaçados e passarem por sofrimentos. Isso faz parte do ensino sobre a santificação. Vejam, igualmente, a grande declaração que se lê em Tito 2:14: “O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar” – não depois que morrermos, mas aqui e agora; começa aqui e continua, e finalmente seremos perfeitos – “purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras”. Essas obras não dizem respeito a todo e qualquer pecador, porém dizem respeito a todos os cristãos – “seu povo especial, zeloso de boas obras”. Por isso Cristo morreu, por isso Ele “se deu a si mesmo por nós”. “Esta é a vontade de Deus”, diz o apóstolo Paulo em 1 Tessalonicenses 4:3, “a vossa santificação.” A santificação começa neste mundo, no aqui e agora, e prossegue, avança; começa no momento em que estamos “em Cristo”.

Este ensino não implica nenhuma questão de perfeição nesta vida. O Dr. Hodge e outros parecem alarmados face ao perigo de entrar aí a idéia de perfeição. Eles contestam que, se dissermos que isto significa algo mais que justificação, estaremos dizendo que significa que nos tornamos inteiramente santificados. Contudo não é essa a inferência. Tudo o que significa é que o processo de santificação se inicia e que será levado adiante até finalmente sermos perfeitos no céu, “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”, sem restar nenhum resíduo ou vestígio do pecado, e isso em nossos corpos, que serão glorificados. “Esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:23). O apóstolo assevera que, no momento em que somos inseridos em Cristo, esse processo começa. O cristão começa a dar fruto neste mundo, fruto em santidade e justiça, para a santidade e a justiça. Paulo tinha argumentado justamente sobre esse ponto no capítulo 6, concitando-nos a tornar os nossos membros “servos da justiça” para “servirem à justiça para santificação” (versículos 18 e 19).

Por conseguinte, a nossa santificação avança progressivamente. O objetivo que Deus tinha em vista ao enviar “o seu próprio Filho” ao mundo “na semelhança da carne pecaminosa” e “pelo pecado”, e condenando o pecado na carne foi – qual? Paulo já nos dissera qual no capítulo 6, versículo 6: “Sabendo isto, que o nosso velho homem foi com ele crucificado” – por quê? – “para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado”; noutras palavras: “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Tendo a Lei sido posta de lado – ou tendo nós morrido para ela e tendo sido separados dela – o pecado fica privado do seu poder de reinar sobre nós e de nos governar. Embora continue a nos perturbar no corpo, não é mais o nosso mestre e senhor, não estamos mais sob o seu governo e domínio. Ele nos aborrece e nos inquieta, porém não reina sobre nós, pois estamos nesta nova esfera; estamos ligados a Cristo, estamos unidos a Ele, e o Seu poder está em nós. Podemos agora começar a “operar a nossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em nós” (Filipenses 2:12,13). Ele faz isso agora, “segundo a sua boa vontade”.

Na próxima frase o apóstolo consubstanciará e provará de maneira mais conclusiva ainda o que eu disse, o que, por sua vez, levará aos versículos subseqüentes, os quais não são nada mais nada menos que uma exposição e explicação disso. O grande e central princípio que devemos captar é, graças a Deus, o seguinte: a Lei nunca pôde nem poderia salvar-nos. Ela falhou completamente nisso, e nunca houve o propósito de que ela nos salvasse. De fato, em vista do que é verdade a nosso respeito, estando nós “em pecado”, estamos numa situação em que temos que ser libertados da Lei. Esse é o primeiro problema – como podemos ser libertados “da lei do pecado e da morte”. Só havia um meio. Este era que o Filho de Deus teria que retirar-Se das mansões celestiais, nascer “na semelhança da carne pecaminosa”, e viver neste mundo. Sua alma teria que ser feita “uma oferta pelo pecado”, e os nossos pecados teriam

que ser lançados sobre Ele e punidos nEle. Ele teria que ser ferido, teria que ser “entregue por todos nós” por Seu Pai, a fim de que o pecado fosse condenado “nele”. Como tudo isso foi feito, podemos estar unidos a Ele e ao poder da Sua vida. E o Espírito que estava nEle está em nós, e assim a justiça da Lei é cumprida em nós.

27

“Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito.” – Romanos 8:3,4

Com essas palavras o apóstolo passa a dar-nos mais uma descrição e elaboração da vida cristã. É uma daquelas declarações férteis que contêm os elementos essenciais e fundamentais da fé cristã. Deus fez algo que “a lei não podia fazer porque estava fraca pela carne” (VA). E o que Ele fez foi tornar possível à justiça da Lei cumprir-se em nós; e agora estamos no processo de ver como isso foi feito. O objetivo supremo disso tudo é que “a justiça da lei se cumpra em nós”.

Surge a questão: quais são as pessoas nas quais se realiza essa obra? A resposta é: “em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”.¹ Aqui temos outra das frases-chaves de Paulo, e em particular do ponto de vista da doutrina da santificação. As duas escolas de pensamento mais conhecidas e mais proeminentes sobre a santificação divergem essencialmente neste ponto, na interpretação que fazem desta expressão particular; portanto, devemos examiná-la cuidadosamente. Afortunadamente, estamos em condições de

¹ Nesta passagem e noutras semelhantes, sigo a VA, a ARA, a NVI, a Tradução Brasileira e outras versões que dizem “Espírito”, não “espírito”. Nota do tradutor.

fazê-lo, porque, do versículo 5 em diante, até o fim do versículo 13, especialmente até o fim do versículo 11, o próprio apóstolo nos diz o que ele quer dizer com essa expressão.

Começemos observando o que o apóstolo diz acerca daqueles que ele descreve. A primeira palavra que prende a nossa atenção é “andamos” – “que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Esse é um dos pontos cruciais, como veremos, e sugiro-lhes que temos aí uma descrição do modo de vida geral do cristão. Saliento o aspecto “geral”. O verbo andar é empregado no Novo Testamento para descrever o teor geral da vida de alguém. Noutras palavras, ele nos diz algo sobre o que governa e regula a vida de um homem, tanto em seu pensamento como em sua prática. O homem anda desta ou daquela maneira, é o que se diz; e isso significa que ele é governado por certos princípios que controlam a sua vida – o seu pensar, o seu julgar e as suas emoções; os objetos que o interessam, os seus propósitos, tudo.

Pode-se encontrar muitas ilustrações disso nas Escrituras. Por exemplo, em Atos dos Apóstolos, capítulo 21, versículo 21, lemos: “E já acerca de ti (Paulo) foram informados de que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem circuncidar seus filhos, nem andar segundo o costume da lei”. Era uma acusação feita contra o apóstolo de que ele estava ensinando os judeus que viviam entre os gentios a abandonarem o ensino do Velho Testamento, da Lei Moral, da lei levítica, dizendo que não deviam circuncidar seus filhos nem continuar a observar os velhos costumes. Isso obviamente significa que o seu modo e maneira de viver, de cultivar, e de tudo mais, não devia ser governado e controlado pelos costumes ensinados na Lei Mosaica. Ou vejam o começo do capítulo 2 da Epístola aos Efésios: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo”. O apóstolo descreve ali o teor geral da vida deles. Ao dizer que eles “viviam” conforme o curso deste mundo comunicaria

exatamente a mesma idéia. Outra palavra interessante é empregada no versículo 3 da citada passagem. Diz o apóstolo: “Entre os quais também todos nós tínhamos a nossa conversação no passado” (VA). Pois bem, como utilizada na tradução que se vê na Versão do Rei Tiago (VA), a palavra não tem ali o sentido que tem hoje. O sentido atual é o de conversar, falar com alguém, mas em Efésios, capítulo 2, “conversação” significa a maneira geral de viver. Significa virtualmente a mesma coisa que “andar”. Não é um termo específico; é um termo geral. A mesma idéia se vê no fim do capítulo 3 da Epístola de Paulo aos Filipenses, versículo 20: “A nossa conversação está no céu” (VA). Significa que o nosso “contrato social político”, o nosso “lar”, a nossa “comunidade” está no céu; é a realidade à qual pertencemos, é onde realmente estamos vivendo. Uma expressão sumamente interessante empregada com alusão ao povo cristão em Atos dos Apóstolos é que eram pessoas “do Caminho” (Atos 9:2, VA, ARA, NVI). Eram pessoas que andavam por um dado caminho, que seguiam pelo “caminho estreito”, não mais pelo “caminho largo”. O termo “andar” é, pois, uma descrição da totalidade da vida, não apenas da prática, mas também do pensamento, dos desejos e de tudo mais. Portanto, o apóstolo está dizendo que “a justiça da lei” deve ser cumprida naqueles dos quais se pode dizer que o teor geral da sua vida consiste em que eles “não andam segundo a carne”.

A segunda palavra é “carne”. Já examinamos o seu significado de maneira um tanto minuciosa em nosso estudo do versículo 5 do capítulo 7, e observamos que essa palavra é empregada em diferentes sentidos no Novo Testamento. Lembro a vocês que descobrimos três principais usos do termo “carne” – no sentido de “humanidade” em geral, também no sentido de “corpo”, e ainda como equivalente à expressão “natureza humana não renovada”. Neste último sentido equivale à natureza humana resultante da Queda, a natureza humana como é antes de o Espírito de Deus começar a agir

nela. Diz o apóstolo Paulo que houve tempo em que todos nós estávamos nessas condições, que todos nós estávamos “na carne”; então fomos vivificados pelo Espírito em nossa regeneração. Por certo está claro que o sentido que essa palavra tem neste versículo 4 deste capítulo 8 é o último mencionado acima. Paulo está descrevendo a “natureza humana não renovada” em geral – “que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Noutras palavras, a melhor maneira de descrever este uso da palavra “carne” talvez seja dizer que, neste sentido, ela é sempre empregada em contraste com “vida no Espírito”. Logo, é o mesmo que dizer vida à parte ou fora das influências e da obra do Espírito Santo de Deus. Os cristãos, diz ele, não andam mais “segundo a carne”; agora andam “segundo o Espírito”; eles são as pessoas nas quais “se cumpre” a justiça da Lei.

Precisamos pôr em ação grande cuidado neste ponto. Quando dizemos que as pessoas “andam na carne” não significa necessariamente que estão levando uma vida muito pecaminosa; a expressão não se refere necessariamente a imoralidade flagrante, a grosseiras práticas do mal. Pessoas muito respeitáveis que nunca são culpadas do que chamamos “pecados da carne”, não obstante podem estar andando “na carne” ou “segundo a carne”. O apóstolo já fizera uso do termo nesse sentido no capítulo 7, versículo 5. “Porque”, diz ele, “quando estávamos na carne” – quer dizer, todos nós, toda a humanidade ainda não regenerada – “as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte.” Paulo não quer dizer com isso que ele e todos os demais eram bêbados, adúlteros, assassinos e culpados de todos os sórdidos pecados da carne. O que ele quer dizer é que estávamos num estado e numa condição em que o Espírito Santo não nos conduzia e não nos guiava. Assim, pode-se dizer do pecador mais grosseiro e mais patente e do homem de moral mais respeitável que ambos “andam segundo a carne”. O que acontece é que nenhum deles é cristão; o

Espírito Santo não os influencia. Um está em trapos, por assim dizer, o outro está vestido com muita decência; mas ambos estão “andando segundo a carne”. Essa é uma distinção da maior importância.

Mais um exemplo da mesma coisa nos ajudará a estabelecer o ponto. Vejamos a Epístola aos Gálatas, capítulo 3, versículo 3: “Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis pela carne?”. É evidente que a palavra “carne”, como aqui empregada, não tem o sentido de cair em tipos grosseiros de pecado, porque mesmo os insensatos gálatas, no auge da sua estultícia, jamais imaginaram que alguém poderia melhorar a sua posição cristã e a sua vida cristã por afundar-se no pecado. Não. O que eles estavam fazendo era retornar à circuncisão e voltar a colocar-se “debaixo da lei”. Então, quando Paulo diz: “Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis pela carne”, ele quer dizer: “Tendo começado pelo Espírito, agora estão tentando aperfeiçoar a vossa vida cristã voltando a colocar-vos debaixo da lei e retornando à circuncisão?” “Carne”, aí, não pode significar pecado grosseiro e patente, mas o regresso à sua velha perspectiva e à sua antiga relação com Deus.

Há, no entanto, um exemplo ainda mais claro na Epístola aos Filipenses, capítulo 3, versículos 1 a 3: “Resta, irmãos, que... guardai-vos da circuncisão; porque a circuncisão somos nós”. Quem somos nós? A resposta dada é que somos os que “servimos a Deus em espírito (não na velha lei cerimonial, mas no espírito), e nos gloriamos em Jesus Cristo (não em nossas obras), e não confiamos na carne”. É evidente que carne, aqui, também significa o teor geral da vida de alguém. Paulo não está pensando em pecados grosseiros cometidos na carne, porque ele diz a seguir: “Ainda que também (eu) podia confiar na carne”. Por quê? Porque tenho sido um grande beerrão e um adúltero? Absolutamente não. “Se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel,

da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus...”.

Isso deve ser suficiente para estabelecer que quando o apóstolo declara que a justiça da Lei se cumpre em nós “que não andamos segundo a carne”, não está dizendo que a justiça da Lei se cumpre em nós, “que não somos mais culpados dos terríveis pecados que cometíamos outrora”. Não é nada disso que ele está dizendo. “Andar segundo a carne” significa você ver a si próprio e a sua relação com Deus de uma maneira inteiramente oposta ao plano divino de salvação em Jesus Cristo, mediante o Espírito Santo; que você é como aquele judeu que pensa que está em boas relações com Deus porque é judeu, porque foi circuncidado, porque é um homem de boa moral, porque estuda a Lei, porque não faz certas coisas – noutras palavras, porque é um fariseu. Todos os fariseus eram homens que andavam “segundo a carne”. Não andavam “segundo o Espírito”. Por isso tinham aversão pelo nosso Senhor, e por isso finalmente O crucificaram. Ele os convenceu e os tornou réus convictos de que “andavam segundo a carne”; e eles não quiseram dar ouvidos à Sua mensagem espiritual.

A expressão “a carne” não é primariamente descritiva de maus atos ou de ações pecaminosas; é descritiva de uma perspectiva da salvação que constitui uma completa antítese da que é ensinada no evangelho do Novo Testamento. É um modo de ver a salvação do ponto de vista terreno e carnal; não é “o glorioso evangelho do Deus bendito”. Expresso doutra forma, é a perspectiva e a atitude típicas do homem não regenerado, seja ele um “homem de boa moral”, seja o pecador mais desregrado e torpe. Ambos estão na mesma categoria; ambos estão “andando segundo a carne”. Eles não entendem a necessidade que têm da obra do Espírito, da regeneração e da continuada operação do Espírito Santo neles. É isso que o apóstolo quer dizer com “andar segundo a carne”. Não se deve pensar nisso primariamente em termos de conduta e comportamento, ou de ações particulares. O andar inclui a

perspectiva geral.

Mas, o andar “segundo a carne” é contrastado com o andar “segundo o Espírito”. Devemos examinar com muita atenção esta segunda expressão. Naturalmente é uma referência ao Espírito Santo, a Quem o apóstolo já se referira no versículo 2: “A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”. Ele diz isso de novo, e se refere a pessoas que agora estão na esfera do Espírito. Estas foram iluminadas pelo Espírito, vivificadas pelo Espírito, regeneradas pela operação do Espírito; e a sua vida, o seu andar, é tal que elas são conduzidas e guiadas pelo Espírito Santo de Deus. Como previamente lembrei a vocês, Paulo com de fato havia dito isso no versículo 6 do capítulo 7: “Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade do Espírito (do Espírito Santo), e não na velhice da letra”. Ele tinha combinado “a lei” e “a carne” no capítulo 7, e agora combina “o Espírito” e “vida”. Portanto, a justiça da Lei é para ser cumprida em nós, “que não andamos segundo a carne”, e que não tentamos servir a Deus na velhice da letra, porém em novidade do Espírito. Somos as pessoas que foram libertadas pelo Espírito de vida, em Cristo Jesus; estamos “em Cristo” e somos guiados pelo “Espírito”.

Tendo examinado as expressões empregadas, passemos agora à crucial questão da identidade das pessoas que o apóstolo descreve nesta passagem. “A justiça da lei” deve ser cumprida nas pessoas a respeito das quais se pode dizer verdadeiramente que já não “andam segundo a carne”, mas “segundo o Espírito”. Quem são elas? Como eu disse, existem duas principais idéias sobre isso. Uma escola, muito popular e bem conhecida, ensina que essa verdade se aplica unicamente a certos cristãos. Os defensores dessa escola dividem os cristãos em dois principais grupos – os que eles chamam de cristãos “carnais”, e os que eles chamam de cristãos “espirituais”. Eis aí o cristão, dizem eles, que certamente “foi salvo”, mas que ainda “anda segundo

a carne". É-lhe possível, porém, ter outra experiência que o colocará na posição na qual deixará de andar "segundo a carne" para andar "segundo o Espírito". O cristão que "anda segundo a carne", dizem eles, é o homem descrito no capítulo 7 desta Epístola. Todavia, insistem eles, você pode sair do capítulo 7 e passar para o capítulo 8; você pode ter outra, isto é, uma "segunda experiência", uma "segunda bênção". Então deixará de ser um cristão que anda "segundo a carne" para ser um cristão que anda "segundo o Espírito". Portanto, conforme essa teoria, "andar segundo o Espírito" é uma coisa opcional. Você pode ser um cristão que prefere não andar desta nova maneira, ou pode preferir fazer isso. Uma vez que você tenha ouvido falar desta nova possibilidade e tenha gostado da idéia, tudo o que terá que fazer é render-se e receber essa bênção, e então se tornará um cristão que agora anda "segundo o Espírito". Tudo depende da sua decisão e da sua escolha.

Ao meu ver, essa interpretação contradiz frontalmente o que o apóstolo diz de fato nestes quatro versículos deste capítulo 8. Ele está falando de pessoas das quais é certo dizer que "nenhuma condenação há" para elas. Ele nos disse isso no versículo primeiro: "Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus". Mas estes são os que "a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, livrou da lei do pecado e da morte". Eles são as pessoas pelas quais Deus enviou o Seu Filho a este mundo "na semelhança da carne pecaminosa" e "como uma oferta pelo pecado", a fim de que o pecado delas "fosse condenado na carne", para que "a justiça da lei se cumprisse nelas". Estas pessoas são cristãs, todas pessoas cristãs (o mesmo povo o tempo todo). A respeito de todos os cristãos, sem exceção, é certo dizer que para eles não há "nenhuma condenação". Aqui não há nenhuma indicação de que o apóstolo reconhece dois tipos de cristãos; o tempo todo ele está falando das mesmas pessoas. Ele não diz: "Bem, há alguns cristãos que só ficam na justificação". Não; ele está fazendo uma exposição sobre todos os que estão "em Cristo Jesus", e o

fato é que todos os cristão estão “em Cristo Jesus”. Como ele vai mostrar extensamente nos versículos seguintes, você não poderá ser cristão se não tiver o Espírito, porquanto, “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (versículo 9). Todos os que estão “em Cristo Jesus”, isto é, todo cristão é alguém que “não anda segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Não há aqui nenhuma indicação da existência de dois grupos distintos em parte alguma.

Deixem que me expresse positivamente sobre isso e que lhes ofereça outras razões mais para asseverar que nesta passagem o apóstolo descreve todo e qualquer cristão, e não meramente alguns cristãos que por sua escolha decidiram avançar mais na vida cristã. Vejam, por exemplo, o que o nosso Senhor disse a Nicodemos. Vocês verão ali precisamente o mesmo contraste que temos aqui nestes versículos. Em João, capítulo 3, versículo 4, lemos: “Disse-lhe Nicodemos: como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?” Aí vocês têm um homem que pensa “segundo a carne”. Mas “Jesus respondeu: na verdade, na verdade, te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”. E então: “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: necessário vos é nascer de novo” (João 3:4-7). Vocês têm aí o contraste estabelecido uma vez por todas. É o contraste entre “a carne” e “o Espírito”, entre andar segundo a carne e andar segundo o Espírito. De acordo com o nosso Senhor, Nicodemos ao procurar entender o ensino sobre o novo nascimento, traiu-se, mostrando que andava “segundo a carne”; toda a sua perspectiva era “carnal”. O nosso Senhor estava falando sobre algo espiritual e dizendo que a pessoa tem que “nascer de novo” e ser “batizada com água e com o Espírito” antes de poder entrar nessa esfera espiritual. O nosso Senhor mostra a Nicodemos que toda a sua maneira de ver é errada, que ele está “na carne” e que está pensando segundo a carne. Ele

necessita do “Espírito”, precisa “nascer da água e do Espírito”, antes de poder entrar nesse reino espiritual – “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.” Essa é a genuína distinção que temos aqui, entre quem anda “segundo a carne”, e quem anda “segundo o Espírito”. Andar “segundo o Espírito” é próprio de todo aquele que foi regenerado.

Para que tenham uma prova final da minha tese, vocês devem passar a examinar os versículos subseqüentes. Já indiquei que do versículo 5 ao fim do versículo 11 o apóstolo nos apresenta uma exposição explicativa desta frase. Esperamos examiná-la em detalhe mais adiante, porém devemos dar uma olhadela em algumas das declarações agora. Vejam o versículo 5: “Os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito”. Foi exatamente isso que o nosso Senhor disse a Nicodemos. Nicodemos era um homem não regenerado, entretanto todo homem que é “segundo o Espírito” e que se inclina “para as coisas do Espírito” foi regenerado. Essa verdade diz respeito a todos os regenerados, a todos os cristãos. Seguir a “inclinação da carne” ou ter “mentalidade carnal” – é o mesmo que ser “segundo a carne” – “é morte” (versículo 6). Notem que não é apenas um cristianismo pobre, mas “morte”. “Mas a inclinação do Espírito é vida e paz.” Depois, no versículo 7: “Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus”. Isso não se pode dizer com justiça de nenhum cristão. Você não pode ser cristão e estar em “inimizade contra Deus”. Todavia o apóstolo prossegue: “pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus” (versículo 8). Noutras palavras, estão sob a ira de Deus. “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.” Este não é cristão (versículo 9). Seguramente isso deve ser suficiente. A frase que estamos estudando não é, pois, uma descrição de

certos cristãos apenas, cristãos que quiseram e decidiram ir adiante em busca de uma vida cristã mais elevada; ela diz respeito a todo aquele que realmente é cristão. Paulo está descrevendo toda e qualquer pessoa que nasceu de novo, que foi regenerada, que está “em Cristo”.

Resumo a questão da seguinte maneira: por natureza, todos nós estamos “na carne” e “andamos segundo a carne”. Essa é a esfera do “homem natural”. Mas agora, como cristãos, estamos numa esfera inteiramente diferente, estamos na esfera do Espírito. Pertencemos a essa esfera, na qual fomos introduzidos, e é aí que vivemos e onde andamos. E isso é verdade a respeito de todo e qualquer indivíduo cristão, seja qual for o seu comportamento e a sua conduta na prática. Vejam como o apóstolo expõe essa questão no capítulo 2 da Epístola aos Efésios: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados” (versículo primeiro). Diz ele também: “E nos ressuscitou juntamente com ele”, com Cristo – nos vivificou e nos ressuscitou. Não somente isso; Paulo continua e afirma que nós, cristãos, estamos assentados “nos lugares celestiais, em Cristo Jesus” (versículo 6). De quem ele está falando? Só de certos cristãos? Não. Ele está falando de todos os cristãos; não se fala em dois grupos de cristãos em Efésios, capítulo 2; e não se fala em dois grupos de cristãos em Romanos, capítulo 8. Essa verdade diz respeito a todo cristão; a todo e qualquer cristão, não importa quão indigna seja a vida que está levando; porque ele está “em Cristo”, está assentado com Ele “nos lugares celestiais”. Isso não diz respeito só aos cristãos que supostamente “passaram de Romanos, capítulo 7 para Romanos, capítulo 8”. Não há nada disso aqui. Todos os cristãos estão “em Romanos, capítulo 8”; você não pode ser cristão sem estar “em Romanos, capítulo 8”.

Repito minha tese. Isso de cristão “só justificado” não existe, cristão que meramente creu no Senhor para receber perdão e ser salvo do inferno, mas que continua vivendo “na carne”. Nada desse tipo é descrito no Novo Testamento. A

regeneração, o estar “em Cristo” e o fato de termos “o Espírito de Cristo” em nós tornam isso completamente impossível. Você não pode ser simplesmente um cristão perdoado; se você é cristão, você foi regenerado, está “em Cristo”, está “no Espírito” e o Espírito está em você. Essa é a verdade a respeito de todo e qualquer cristão. Não existe isso de cristão meramente justificado e que ainda não “tomou a sua santificação”. Jesus Cristo “para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1 Coríntios 1:30). Nesse capítulo primeiro da Primeira Epístola aos Coríntios Paulo se dirige a todos os cristãos – até aos cristãos coríntios!

Mas, talvez, a exposição mais clara a respeito deste assunto é a que se acha na Primeira Epístola de João, capítulo 3, versículos 8 a 10, onde lemos: “Quem comete pecado é do diabo”. Pertence ao diabo, o diabo é seu pai, é progênie do diabo. “Quem comete pecado é do diabo; porque o diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo. Qualquer que é nascido de Deus” – eis aí o contraste – “não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus. Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo.” Aí estão os contrastes, mais uma vez. “Qualquer que não pratica a justiça, e não ama a seu irmão, não é de Deus.” Pois bem, só se pode conceber uma interpretação de todas essas declarações. “Quem comete pecado” significa aquele que “peca continuamente”, que vive em pecado, que “anda” nele e cujo teor geral da vida está nele. “Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado.” João não pode estar se referindo aí a atos individuais de pecado, porque, se estivesse, não existiria nenhum cristão, jamais existiria sequer um cristão. Todo cristão cai em pecado uma vez ou outra; porém João diz: “Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado”. Obviamente ele quer dizer: “não vive em pecado”, “não anda nele”, não passa a sua vida pecando; não é esse o teor geral da vida de quem é nascido de Deus. O cristão pode cair em

pecado, mas isso não significa que ele está então “andando segundo a carne”. Ele continua “andando segundo o Espírito”, todavia caiu em pecado. Ele ainda não mudou de esfera ou de condição pessoal; ainda está “em Cristo”, apesar de ter caído em pecado. Ele não deixa de estar em Cristo por causa de um ato pecaminoso. Ele pode cair em pecado, mas não permanece nele, não retrocede, não volta para a esfera do pecado, não se torna outra vez filho do diabo. Não. Ele foi transportado do reino das trevas para “o reino do Filho do Seu amor” (Colossenses 1:13).

O apóstolo, torno a dizê-lo, descreve aqui, em geral, a esfera na qual vivem todos os cristãos. Quando o apóstolo quer falar sobre a maneira peculiar como vivemos em detalhe, em nossas ações, como cristãos, ele emprega uma palavra que também é traduzida por “andar” na Versão Autorizada (“K.J.”) (também em Almeida), mas que no grego é diferente. Em Gálatas 5:25 temos esta declaração interessante: “Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito”. Temos aí uma injunção específica quanto ao que devemos fazer e ao que não devemos fazer. Paulo não descreve o teor geral aí; particulariza mais, e é interessante notar que, quando ele escreveu isso, não empregou a mesma palavra utilizada em Romanos 8:4; fez uso de uma palavra diferente e mais específica, que significa “andar ordenadamente”. A figura é de certo número de soldados em linha, com alguém treinando-os a andar ordenadamente (mantendo a “ordem unida”). O propósito é que todos andem juntos, em linha. Não seria interessante que, quando ele chega a esse aspecto, deliberadamente escolhe e emprega uma palavra diferente? Vê-se isso também em Gálatas 6:16: “E a todos quantos andarem conforme esta regra...”. Ele está outra vez escrevendo sobre ações detalhadas, e emprega a mesma palavra empregada em Gálatas 5:25, não a que utiliza em Romanos 8:4. Há mais um exemplo disso em Filipenses 3:16: “Mas, naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra, e sintamos o mesmo”. Aí também a

palavra é a que ele tinha empregado em Gálatas 5:25 e 6:16, não a que ele emprega aqui, em Romanos 8:4.

A mim me parece que esse argumento é final e conclusivo. Aqui, em Romanos 8:4, o apóstolo escolheu deliberadamente uma palavra que não descreve nada mais que o teor geral da vida cristã, uma palavra que denota que o cristão não está mais na esfera do pecado, da lei e da morte; que não é mais governado pelo pecado, não é mais conduzido pelo pecado e pela carne. Ao contrário, ele agora está “vivo para Deus”, está “em Cristo”, na esfera e sob o império da graça. Ele é governado, é conduzido pelo “Espírito” – como o apóstolo nos dirá mais adiante, neste mesmo capítulo, no versículo 14: “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus”. Em suma, eis o que com justiça se pode dizer de todo cristão: ele agora é controlado por um novo poder, e esse poder não é outro senão o Espírito Santo, que habita em nós e opera em nós. O Espírito Santo está em todo e qualquer cristão; o Espírito Santo age em todo e qualquer cristão. Por isso é certo dizer de todo cristão que ele anda “segundo o Espírito, e não segundo a carne”.

Surge, porém, mais um ponto. Por que motivo o apóstolo acrescenta esta descrição do cristão à declaração, “para que a justiça da lei se cumprisse em nós”? Creio que são três os motivos. Ele a acrescenta com a finalidade de nos mostrar como “a justiça da lei” pode e será cumprida em nós; é obra do Espírito Santo. Segundo, ele estava desejoso de mostrar a certeza disso tudo. Quando fizemos a análise geral do capítulo todo eu disse que o seu tema é segurança, certeza. “Portanto, agora nenhuma condenação há” – não pode haver jamais, nunca haverá. Se você está “em Cristo”, você será feito perfeito e completo, “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”. Dizendo de outra maneira, não é suficiente compreendermos que estamos perdoados e que estamos livres da Lei. Antes de podermos gozar os benefícios da salvação, necessitamos de uma justiça positiva, precisamos ser santos. “Sem a santificação,

ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14). Como posso estar seguro de que isso vai ser uma realidade quanto a mim? A resposta é: “O Espírito Santo o fará certo e seguro”. Foi necessário que Cristo viesse, que levasse sobre Si os nossos pecados, como uma oferta pelo pecado, e que recebesse a punição e a condenação merecidas por nossos pecados, não somente para nos livrar do inferno, justificar-nos e tornar-nos justos, mas igualmente para que o Espírito Santo também viesse e realizasse a Sua obra em nós; e é Ele que nos levará àquela glória e perfeição final. Oh, a certeza disso tudo! O apóstolo introduziu a frase em apreço para mostrar quão certa e seguramente isso vai sendo aperfeiçoado pela continuidade da obra do Espírito Santo. Temos uma nova vida em nosso ser, diz ele; estamos vivendo na esfera do Espírito; fomos “transportados” de um reino para outro; não vivemos mais “segundo a carne”, mas “segundo o Espírito”. Paulo está provando a certeza disso tudo.

O terceiro motivo do apóstolo é que esta descrição do cristão é muito boa e a devemos aplicar a nós mesmos. Ele quer certificar-se de que ninguém se ligue a este ensino tão-somente de maneira intelectual. Ele visa admoestar e desiludir a mente do tipo de homem que diz levemente: “Eu creio no Senhor; está tudo bem comigo”. Se você realmente crê no Senhor, há algumas provas que mostram que está tudo bem com você. Se você realmente crê no Senhor, você está na esfera do Espírito, está andando “no Espírito”; a sua mente e a sua maneira de ver as coisas, os seus desejos, toda a sua conduta – tudo é diferente. O apóstolo repete isso constantemente.

O apóstolo João sustenta a mesma verdade com muita franqueza e clareza em sua Primeira Epístola, capítulo 3, versículos 22 a 24, onde lemos: “Qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos; porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos o que é agradável à sua vista. E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu

mandamento". O homem meramente intelectual pode dizer: "Eu creio", porém, se ele não ama seu irmão, não é cristão; ele ainda está "na carne". Contudo João diz mais: "E aquele que guarda os seus mandamentos nele está, e ele nele. E nisto conhecemos que ele está em nós: pelo Espírito que nos tem dado".

O homem que não está mais "debaixo de condenação", o homem que está "em Cristo", o homem que foi libertado "da lei do pecado e da morte" pelo "Espírito de vida, em Cristo Jesus", é um homem que tem em si mesmo as provas de que é um novo homem. Se nos faltam essas provas, melhor será que reexaminemos a nossa suposta fé. A simples crença nestas doutrinas não tem nenhum valor para nós. Se realmente crermos, teremos prova disso em nós; e será manifesto também a outras pessoas. Essa é a resposta ao sandemanismo, ou, para chamá-lo por seu nome moderno, "fideísmo". Esse foi o erro ensinado por Sandeman no século 18, e há muitas evidências do seu reaparecimento no presente. O versículo favorito do ensino sandemanista era a declaração registrada no capítulo 10 desta Epístola, no versículo 9: "Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo". Eis como os sandemanistas o expressam: "Você está pronto a dizer com a sua boca, a fazer confissão com a sua boca, que você crê que Jesus Cristo é o Filho de Deus e que Ele morreu por seus pecados? Se está, você está salvo. Não se preocupe com os seus sentimentos, não se preocupe com coisa alguma; se você está disposto a fazer esta declaração, você está salvo".

Essa doutrina é exatamente o oposto do que o apóstolo diz, não somente no capítulo 10, como também aqui, no capítulo 8. Notem a ênfase dada a "coração". "Se... em teu coração creres". Se em seu coração você crer, a sua vida será afetada, e você saberá que está na esfera do Espírito, que "a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus" o libertou. Você saberá que é um novo homem. Não descansemos contentes com uma

crença que não dá prova nenhuma, dentro ou fora de nós, de que “a lei do Espírito de vida” está atuando em nós e que estamos andando “segundo o Espírito”, e não “segundo a carne”. Por mais que você queira fazer isso, não pare na justificação, não pare no que chamam “salvação”. Você não pode ser justificado sem que imediatamente comece a obra de santificação. No momento em que um homem é regenerado, o processo de santificação já começou; “o Espírito de Cristo” está nele, e Ele é um Espírito santificador.

A razão suprema pela qual Deus enviou o “seu próprio Filho na semelhança da carne pecaminosa, e pelo pecado” e “condenou o pecado na carne”, foi “para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. E se você não está “andando segundo o Espírito”, a justiça da Lei não está sendo cumprida em você; você continua “em seus pecados”, você ainda está “sob condenação”. Nisso está a importância da frase, “que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”.

Graças a Deus, essa frase não foi acrescentada para nos deprimir, mas para nos proteger contra uma perigosa heresia, e, acima de tudo, para nos dar a absoluta segurança e certeza de que “aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo” (Filipenses 1:6). A justiça da lei será cumprida em nós porque foi Deus que enviou o Seu próprio Filho a este mundo para viver, morrer e ressuscitar, a fim de podermos nascer de novo e ser Seus filhos, e a fim de que o Seu Espírito habitasse em nós e agisse em nós até sermos finalmente glorificados. O plano é de Deus, e a obra é realizada por Deus em cada fase e em cada detalhe.

*A obra que a Sua bondade iniciou bem,
O braço de Sua força inteirará;
A promessa de Deus é Sim e Amém,
E ainda não falhou, nem falhará.*

*Coisas de agora ou que ainda vão se dar,
Embaixo ou nas alturas, o que for,
Não podem Seu propósito frustrar
Nem minha alma cortar do Seu amor!*

APÊNDICE

Em acréscimo ao caso de Bunyan* e de muitos outros, está claro que a espécie de experiência descrita nos capítulos 19 e 20 (deste livro) era muito comum. De fato, toda a questão dos passos e estágios da conversão tinha recebido muita atenção por parte dos puritanos na última parte do século 16 e no início do século 17; e houve muita discussão sobre se a conversão é repentina ou gradativa. Muitos escritores, como Richard Rogers, Richard Greenham, Arthur Hildersan e William Ames trataram disso. Talvez o relato mais claro seja o que se acha nos escritos de William Perkins, que trata dessa questão em vários dos seus tratados. De particular interesse é o que ele diz em seu *First Book of Cases of Conscience* (Primeiro Livro de Casos de Consciência) – *Perkins' Works*, Vol. 2, pág. 13, onde ele escreve:

“Na produção e na concretização da salvação do homem, normalmente há três ações especiais de Deus: a dádiva da primeira graça e, depois disso, a dádiva da segunda graça. A primeira dessas duas obras tem dez ações diversas.

1. Deus dá ao homem os meios externos de salvação, especialmente o ministério da Palavra; e, com esses meios, Ele envia alguma cruz externa ou interna, para romper e subjugar a obstinação da nossa natureza, para que se torne flexível sob a vontade de Deus. Podemos ver isso no exemplo do carcereiro, Atos, capítulo 16, e dos judeus que foram convertidos ao ouvirem o sermão de Pedro, Atos, capítulo 2.

* Ver página 340.

2. Feito isso, Deus leva a mente do homem a considerar a Lei e a ver nela, de maneira geral, o que é bom e o que é mau, o que é pecado e o que não é.

3. Com base numa séria consideração da Lei, Deus faz com que o homem veja e conheça particularmente os seus pecados peculiares, os seus próprios pecados, pelos quais ele ofende a Deus.

4. Com essa visão do pecado, Ele fere o coração com o temor da Lei e, com isso, quando o homem vê os seus pecados, Ele o faz temer o castigo e o inferno, e a desesperar-se da salvação, quanto a qualquer coisa que haja nele.

Pois bem, essas quatro ações na verdade não são frutos da graça, pois o réprobo pode chegar até aí; são apenas obras de preparação, que precedem a graça; as outras ações que se seguem são efeitos da graça.

5. A quinta ação da graça é, pois, concitar a mente a uma séria consideração da promessa de salvação, proposta e proclamada no evangelho.

6. Depois disso, a sexta, é acender no coração algumas sementes ou centelhas de fé, isto é, uma vontade e um desejo de crer, e graça para lutar contra a dúvida e o desespero. Com efeito, no mesmo instante em que Deus começa a acender no coração algumas centelhas de fé, ele também justifica o pecador e, além disso, começa a obra de santificação.

7. A seguir, tão logo a fé é colocada no coração, há imediatamente um combate, pois a fé luta contra a dúvida, o desespero e a desconfiança. E nesse combate a fé se manifesta, por uma fervorosa, constante e zelosa invocação por perdão; e, após a invocação, segue-se uma força e o predomínio desse desejo.

8. Ademais, Deus, em Sua misericórdia, tranqüiliza e firma a consciência no tocante à salvação da alma e à promessa da vida, e nisso firmada ela repousa confiante.

9. Em seguida, tendo sido estabelecida a segurança, bem como a persuasão da misericórdia, segue-se um despertar do

coração para a tristeza evangélica, segundo Deus, isto é, o pesar causado pelo pecado, porque é pecado e porque Deus foi ofendido; e então o Senhor produz o arrependimento, pelo qual o coração santificado volta-se para Ele. E, apesar deste arrependimento ser o último, cronologicamente, é o que se manifesta primeiro. É como quando se leva uma vela acesa a uma sala; primeiro se vê a luz, depois a vela. Contudo, é preciso que a vela ali esteja, para que se veja a sua luz.

10. Finalmente, Deus dá graça ao homem para capacitá-lo a obedecer aos Seus mandamentos com uma nova obediência. E, mediante estes passos, Deus dá a primeira graça.

Perkins passa então a tratar da *segunda obra de Deus que leva à salvação*, que ele intitula *Dádiva da Segunda Graça* e que, diz ele, “não é outra coisa senão a continuação da graça que foi dada primeiro”.

Os quatro primeiros passos descritos por Perkins parecem-me uma descrição exata daquilo que Paulo ensina em Romanos, capítulo 7, e, como diz o referido escritor, esses passos “na verdade não são frutos da graça” e “o réprobo pode chegar até aí”. O que me surpreende é que Perkins e outros puritanos, apesar disso, quando comentam diretamente Romanos, capítulo 7, consideram esse capítulo como uma descrição do homem regenerado. Muitas vezes a teologia pastoral deles parece superior à sua factual exegese das Escrituras.

Romanos

Este volume trata do que indubitavelmente é um dos capítulos mais controvertidos da Bíblia. Como eu vejo a questão, a maior causa de dificuldade é a pessoa ficar obcecada pelo chamado “homem do capítulo 7 de Romanos” e, conseqüentemente, abordar o capítulo inteiro do ponto de vista da experiência cristã. Fazer isso é não captar o tema e objetivo do capítulo e o propósito da Lei. Este capítulo é, sem dúvida, o “locus classicus” do conceito cristão sobre a Lei, especialmente do conceito de Paulo. Esse ponto era crucial no sentido evangelístico, no tempo do apóstolo, e também do ponto de vista da necessidade de resolver a tensão entre judeu e gentio na Igreja Primitiva. Também é

vitalmente importante para o entendimento de como a Bíblia veio a existir, e quanto à razão pela qual uma igreja mormente gentílica incorporou a sua nova literatura no Velho Testamento.

A exposição mostrará claramente que o tema deste volume não é um simples e fascinante problema teológico ou intelectual, e sim, uma questão de vital importância para a experiência cristã e para a saúde, o bem-estar e o vigor da Igreja.

Nascido no sul do país de Gales, o Dr. Lloyd-Jones estudou no hospital São Bartolomeu (Londres) e posteriormente praticou a medicina como assistente do famoso Lorde Horder. Depois de deixar a medicina em 1927, ele se tornou o ministro de uma igreja presbiteriana em Aberávon, no sul de Gales. Permaneceu ali até 1938, quando então mudou-se para Londres a fim de participar do ministério na Capela de Westminster, junto com o Dr. G. Campbell Morgan. Esse ministério durou por 30 anos, até Dr. Lloyd-Jones aposentar-se em 1968. A partir daí ele passou a exercer um ministério de pregação mais amplo e a escrever livros até pouco antes da sua morte em 1981.



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de maio, 116 – 3º andar – salas 14-17

01041-000 – São Paulo – SP